



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**HOMEM MATA A MULHER OU MULHER É MORTA PELO MARIDO?
UMA ANÁLISE VARIACIONISTA DAS VOZES VERBAIS EM NOTÍCIAS DE
FEMINICÍDIO**

ANNA CLÉA DE SOUZA MADURO

Brasília
2025

ANNA CLÉA DE SOUZA MADURO

**HOMEM MATA A MULHER OU MULHER É MORTA PELO MARIDO? – UMA
ANÁLISE VARIACIONISTA DAS VOZES VERBAIS EM NOTÍCIAS DE
FEMINICÍDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguagem e Sociedade.
Linha de pesquisa: Língua, Interação Sociocultural e Letramento.

Orientadora: Profa. Dra. Cíntia da Silva Pacheco.

Brasília
2025

M183h Maduro, Anna Cléa de Souza
Homem mata a mulher ou mulher é morta pelo marido? - Uma
análise variacionista das vozes verbais em notícias de
feminicídio / Anna Cléa de Souza Maduro; orientador Cíntia
da Silva Pacheco. Brasília, 2025.
188 p.

Dissertação(Mestrado em Linguística) Universidade de
Brasília, 2025.

1. Vozes verbais. 2. Voz Ativa. 3. Voz Passiva. 4.
Feminicídio. 5. Notícia. I. Pacheco, Cíntia da Silva,
orient. II. Título.

Às Milenas, Marcelles, Tatianas e Noélias –
cujas mortes foram anunciadas nas manchetes
dos jornais.

*Quando a mulher boquiaberta engolia a bala que lhe
arrebentou o último fio de desamparo, o homem, o seu,
aliás, título inverso de propriedade, pois era ele que lhe
considerava como coisa de pertença, pegou a segunda
arma decepando-lhe o corpo, enquanto calmamente dizia:
“quem come a carne, corta os ossos”.*

Conceição Evaristo
(Coisa de Pertença, 2017).

*No dia 25 de dezembro, na noite em que nasceu o menino
Jesus, morreu Edonê Maria dos Santos. No chão. Sozinha.
Após uma pancada na cabeça. Mais uma vítima de
feminicídio. Mais um número para as estatísticas
brasileiras. Mais uma lápide. Quem a matou foi um
covarde que jamais teve a identidade revelada. Ela, no
entanto, saiu morta na capa do jornal. Morre a deusa do
prazer. No quartinho minúsculo. No colchão velho e
amarelado. Gozo. Sangue. Lágrima.*

Anna Maduro
(Deusa do Prazer, 2020).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, com o coração em prece, à espiritualidade amiga que, por tantas vezes, me envolveu em coragem e serenidade.

À minha mãe, professora Clea Maduro, a qual renunciou a tantos sonhos particulares para que os nossos fossem possíveis. O que carrego hoje, em cada conquista, é fruto de sua força silenciosa e de sua coragem pulsante.

Ao meu pai, Tadeu Maduro, pelos incontáveis cafezinhos e pelas mensagens de apoio que acompanharam esta dissertação.

À minha avó Edione, por tudo que ela representa nesta minha existência.

Ao Thiago Alves, meu companheiro de vida, por sonhar junto comigo.

À Thaís Maduro e à Isabela Colepicollo, pelo amor e pela cumplicidade.

À Cíntia Pacheco, minha orientadora do Mestrado, que me apresentou à Sociolinguística Variacionista há sete anos. Agora, nós três, somos inseparáveis.

À coordenadora do Curso de Letras Português – Inglês do Centro Universitário UDF, cuja confiança em meu trabalho abriu caminhos inimagináveis. Tornei-me docente antes do título de mestra chegar e, com o acompanhamento e o incentivo da Professora Tatianne Gomes, assumi essa missão com responsabilidade e amor.

À professora Carolina Andrade, pelo apoio incondicional durante o processo seletivo do mestrado e pelo olhar generoso para esta pesquisa.

Ao professor Marcus Lunguinho, pela escuta atenta e pelas contribuições valiosas na banca de qualificação.

Ao professor Rodrigo Albuquerque, pelo incentivo e pela disponibilidade constantes.

À professora Janete Cardoso, por me mostrar que o ensino é, também, um exercício diário de afeto e transformação.

Ao professor Joadir Foresti, pelos ensinamentos teórico-metodológicos que me instigaram quando eu ainda era uma jovem pesquisadora.

Ao deputado distrital Max Maciel, que me ajudou a extrapolar os muros da universidade.

À jornalista Millena Lopes, a qual acreditou neste trabalho para além do gênero acadêmico.

À professora Ione Goulart, pela presteza e amizade.

À professora Erika Ferreira, por ter me incentivado a ingressar no mestrado.

Aos colegas de mestrado e futuros mestres – Alicia Carvalho, Diego dos Anjos, Júlia Bandeira, Luísa de Moura e Pedro Simões – que tornaram esta caminhada mais leve.

À Universidade de Brasília, que me (re)lembra, a cada passo pelos corredores do ICC Sul, a força e a potência que habitam em mim.

Agradeço a todas as mulheres que resistiram – e resistem. Às que gritaram e às que foram silenciadas. Às que sobreviveram e às que tiveram suas travessias interrompidas pela violência. Cada linha dessa pesquisa é, também, memória e denúncia.

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma análise sobre o uso das vozes verbais (voz passiva e voz ativa) em textos jornalísticos. O marco teórico da pesquisa é a proposta laboviana (2008 [1972]) e a Teoria da Mudança Linguística (1968), as quais propõem a análise quantitativa de fenômenos linguísticos variáveis. A autora, enquanto jornalista, percebeu algumas características no que se refere à abordagem linguística do feminicídio em notícias publicadas na imprensa, sobretudo, quanto ao predomínio da voz passiva em textos que narram crimes de violência contra a mulher. A partir dessa hipótese, questiona-se: *as matérias de feminicídio privilegiam a voz passiva? Qual significado sociodiscursivo e ideológico estaria inerente à voz passiva no contexto jornalístico?* O objetivo geral desta dissertação é compreender o modo como o discurso jornalístico atua na construção de sentidos sobre a violência contra mulheres, especialmente por meio de estratégias linguísticas que naturalizam ou atenuam a responsabilização dos agressores. Nossos objetivos específicos com esse estudo são: i) analisar a voz ativa e a voz passiva em matérias sobre feminicídio cujas sentenças evocam uma semântica de evento violento; ii) avaliar as variáveis linguísticas e sociais que estão condicionando a escolha das vozes verbais e iii) identificar os papéis e os enquadres dos sujeitos posicionados nos textos (vítima e agressor), além dos efeitos das formas de representação. O *corpus* é composto de 140 notícias de feminicídio, retiradas de 33 portais jornalísticos brasileiros entre os anos 2000 e 2024. Após a coleta dos 376 dados, foi realizada a análise do fenômeno linguístico a partir do programa GoldVarb-X, uma das ferramentas estatísticas da Sociolinguística Variacionista. Para a análise quantitativa, foram codificados 363 em função das 3 variantes estabelecidas: voz passiva com agente, voz passiva sem agente e voz ativa com sujeito manifesto. Além disso, sete variáveis independentes linguísticas/sociais foram monitoradas: *sexo do repórter, veículo, ano de publicação, localização do fenômeno na estrutura da notícia, papéis sintáticos das preposições por e após, propriedades semânticas do verbo e tempo verbal*. Os resultados revelaram que, na primeira rodada de análise, que contrapôs a voz passiva (com e sem agente) e a voz ativa, a passiva foi privilegiada em 70,8% dos casos, ao passo que a ativa apareceu em 29,2% dos dados. Quando a análise foi refinada na segunda rodada (voz passiva sem agente *versus* voz ativa), constatou-se que essa variante representava 63,7% dos dados, contra 36,3% de voz ativa. Já na terceira rodada (voz passiva com agente *versus* voz ativa), a voz ativa tornou-se majoritária, com 59,9%, em oposição à voz passiva com agente, que somou 40,1%. Tais resultados confirmam que a construção mais produtiva no *corpus* foi a voz passiva sem agente, estratégia gramatical que opera discursivamente para o apagamento do autor da ação violenta. Esse fenômeno chama a nossa atenção, uma vez que o uso da estrutura passiva, no meio jornalístico, não é recomendado nos manuais de redação. Os fatores que favoreceram a voz passiva na rodada de peso relativo na rodada mais significativa (voz passiva sem agente *versus* voz ativa) foram os veículos *g1* (.61) e *UOL* (.72), as *fotolegendas* (.71), os *subtítulos* (.61) e os *lides* (.56) – com destaque para os textos que compõem as fotografias. Com a variável *verbo*, foi possível perceber que *assassinar* é o verbo que mais privilegia a voz passiva sem agente (.84). Os dados também indicaram que a violência contra a mulher é minimizada nos textos com ênfase para o apagamento do agente. Em 63,7% das notícias, há a omissão do autor do crime. Identifica-se ainda uma sexualização feminina nas *fotolegendas* a partir de representações femininas estereotipadas que não têm qualquer relação com o foco do texto, isto é, há padrões linguísticos que (re)produzem desigualdades de gênero nas notícias sobre feminicídio. Por fim, essa pesquisa apontou que, das 140 matérias analisadas, apenas 5,71% continham informações sobre o Ligue 180, serviço que recebe denúncias de violência contra as mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Vozes verbais. Voz Ativa. Voz Passiva. Feminicídio. Notícia.

ABSTRACT

This dissertation presents an analysis of the use of verbal voices (passive voice and active voice) in journalistic texts. The theoretical framework of the study is grounded in the Labovian approach (2008 [1972]) and the Theory of Linguistic Change (1968), which propose the quantitative analysis of variable linguistic phenomena. The author, as a journalist, observed certain characteristics in the linguistic treatment of femicide in news reports published in the press, particularly the predominance of the passive voice in texts that narrate crimes of violence against women. Based on this hypothesis, the study asks: do femicide news reports favor the passive voice? What sociodiscursive and ideological meanings are inherent in the passive voice in the journalistic context? The general objective of this dissertation is to understand how journalistic discourse participates in the construction of meanings about violence against women, especially through linguistic strategies that naturalize or mitigate the accountability of aggressors. The specific objectives of this study are: (i) to analyze the active and passive voices in femicide news reports whose sentences evoke the semantics of a violent event; (ii) to assess the linguistic and social variables that condition the choice of verbal voice; and (iii) to identify the roles and frames assigned to the subjects positioned in the texts (victim and aggressor), as well as the effects of representational forms. The corpus consists of 140 femicide news reports collected from 33 Brazilian news portals between 2000 and 2024. After collecting 376 tokens, the linguistic phenomenon was analyzed using the GoldVarb-X program, one of the statistical tools of Variationist Sociolinguistics. For the quantitative analysis, 363 tokens were coded according to three established variants: passive voice with agent, passive voice without agent, and active voice with overt subject. In addition, seven independent linguistic/social variables were monitored: reporter's gender, news outlet, year of publication, location of the phenomenon within the news structure, syntactic roles of the prepositions *por* and *após*, semantic properties of the verb, and verbal tense. The results revealed that, in the first round of analysis, which contrasted the passive voice (with and without agent) and the active voice, the passive was favored in 70.8% of the cases, whereas the active voice accounted for 29.2% of the data. When the analysis was refined in the second round (passive voice without agent versus active voice), this variant represented 63.7% of the data, compared to 36.3% for the active voice. In the third round (passive voice with agent versus active voice), the active voice became predominant, with 59.9%, as opposed to the passive voice with agent, which totaled 40.1%. These results confirm that the most productive construction in the corpus was the agentless passive voice, a grammatical strategy that operates discursively to erase the author of the violent action. This phenomenon is noteworthy, given that the use of passive structures is not recommended in journalistic style manuals. The factors that favored the passive voice in the most significant round (agentless passive versus active voice) were the outlets *g1* (.61) and *UOL* (.72), photo captions (.71), subheadings (.61), and leads (.56)—with particular emphasis on texts accompanying photographs. Regarding the verb variable, it was observed that *assassinar* (“to murder”) most strongly favored the agentless passive voice (.84). The data also indicated that violence against women is minimized in texts that emphasize the erasure of the agent: in 63.7% of the news reports, the perpetrator of the crime is omitted. Female sexualization is also identified in photo captions through stereotyped representations of women that bear no relation to the focus of the text; that is, there are linguistic patterns that (re)produce gender inequalities in news reports on femicide. Finally, the study showed that, of the 140 reports analyzed, only 5.71% included information about Ligue 180, the service that receives reports of violence against women.

KEYWORDS: Verbal voice. Active voice. Passive voice. Femicide. News reporting.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Casos de feminicídio no Brasil por ano	22
Figura 2 - Percentual de voz ativa e voz passiva em função do sexo das vítimas (mulheres) .	31
Figura 3 - Percentual de voz ativa e voz passiva em função do sexo das vítimas (homens)....	31
Figura 4 - Representação da voz passiva.....	42
Figura 5 - Continuum das relações semântico-discursivas do <i>após</i>	79
Figura 6 - Reunião com a assessora Raiane Paulino e o deputado Max Maciel	101
Figura 7 - Matéria jornalística divulgada no Jornal de Brasília (JBr)	104
Figura 8 - Painéis da exposição	105
Figura 9 - Abertura da exposição	106
Figura 10 - Mesa redonda com estudantes	106
Figura 11 - Matéria publicada no Correio Braziliense.	107

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Domínios funcionais de Givón.....	45
Quadro 2 - Panorama das vozes verbais a partir de gramáticas tradicionais.....	48
Quadro 3 - Panorama das vozes verbais a partir de gramáticas descritivas	51
Quadro 4 - Quantidade de notícias por ano de publicação	72
Quadro 5 - Quadro das variáveis sociais codificadas	73
Quadro 6 - Hipóteses e exemplos da variável linguística <i>papéis sintáticos das preposições</i> ..	76
Quadro 7 - Quadro das variáveis linguísticas codificadas.....	81
Quadro 8 - Classificação dos verbos	90
Quadro 9 - Ordem de significância das variáveis linguísticas e sociais.....	100

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Efeito das variáveis linguísticas e sociais em relação à voz passiva com e sem agente e à voz ativa	86
Tabela 2 - Efeito da variável linguística <i>papéis sintáticos das preposições</i> em relação à voz passiva com e sem agente e à voz ativa	89
Tabela 3 - Efeito das variáveis linguísticas e sociais em relação à voz passiva sem agente e à voz ativa.....	93
Tabela 4 - Efeito da variável linguística <i>papéis sintáticos das preposições</i> em relação à voz passiva sem agente e à voz ativa	95
Tabela 5 - Efeito das variáveis linguísticas e sociais em relação à voz passiva com agente e à voz ativa.....	96
Tabela 6 - Efeito da variável linguística <i>papéis sintáticos das preposições</i> em relação à voz passiva com agente e à voz ativa	97

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
<i>Eu, pesquisadora</i>	<i>17</i>
<i>Notícia jornalística</i>	<i>20</i>
CAPÍTULO 1	24
<i>Introdução</i>	<i>24</i>
1.1 Variação e Mudança Linguística: cultura, língua e sociedade	24
1.2 A voz passiva e a abordagem quantitativa	28
1.2.1 Os limites da Teoria Variacionista	32
1.3 Da correlação estatística à construção social do significado	33
CAPÍTULO 2	39
<i>Introdução</i>	<i>39</i>
2.1 A construção das vozes verbais nos estudos linguísticos	39
2.2 Panorama das vozes verbais a partir de uma gramaticografia	46
CAPÍTULO 3	54
<i>Introdução</i>	<i>54</i>
3.1 Notícia, um gênero discursivo	54
3.2 O discurso midiático sob uma perspectiva crítica	58
3.3 Gênero, mídia e construção discursiva da violência	59
CAPÍTULO 4	62
<i>Introdução</i>	<i>62</i>
4.1 A constituição do <i>corpus</i>	62
4.2 A constituição da variável dependente e das variáveis independentes	65
4.3 Hipóteses e fatores das variáveis sociais	68
4.3.1 Sexo do repórter	68
4.3.2 Veículo	70
4.3.3 Ano de publicação	71
4.3.4 Localização do fenômeno na estrutura da notícia	72
4.4 Hipóteses e exemplos das variáveis linguísticas	74
4.4.1 Papéis sintáticos das preposições <i>por</i> e <i>após</i>	74
4.4.2 Seleção dos verbos	76
4.5 A relevância do quali-quantitativo na pesquisa (socio)linguística	79

CAPÍTULO 5	80
<i>Introdução</i>	<i>80</i>
5.1 Da variável dependente eneária à binária	80
5.2 Rodada 1: voz passiva (COM e SEM agente) x ativa	82
5.3 Rodada 2: voz passiva SEM agente x ativa.....	89
5.4 Rodada 3: voz passiva COM agente x ativa.....	93
5.4.1 Tempo verbal (variável retirada da análise quantitativa)	95
5.5 Análise contrastiva das três rodadas.....	95
CAPÍTULO 6.....	99
<i>Introdução</i>	<i>99</i>
6.1 Da pesquisa à proposição legislativa.....	99
6.2 Impacto social e midiático.....	102
CONTRIBUIÇÕES E REFLEXÕES	106
<i>Perspectivas futuras</i>	<i>109</i>
REFERÊNCIAS.....	111
APÊNDICE A - DADOS DO <i>CORPUS</i>	118
APÊNDICE B - PREPOSIÇÃO APÓS.....	132
APÊNDICE C - LISTA DE VEÍCULOS ONLINE QUE COMPÕEM O <i>CORPUS</i>	134
APÊNDICE D - RODADA DE FREQUÊNCIA COM VARIÁVEL ENEÁRIA	135
APÊNDICE E - RODADA 1 (PASSIVA COM/SEM AGENTE X ATIVA)	141
APÊNDICE F - RODADA 2 (PASSIVA SEM AGENTE X ATIVA).....	151
APÊNDICE G - RODADA 3 (PASSIVA COM AGENTE X ATIVA)	162
APÊNDICE H - PÔSTERES.....	172
ANEXO A - <i>CLIPPING</i>	177
ANEXO B - OFÍCIO-CONVITE	178
ANEXO C - PROJETO DE LEI 1817/2025	179
ANEXO D - PROJETO DE LEI 1818/2025	181
ANEXO E - PROJETO DE LEI 1819/2025.....	183
ANEXO F - CONVITE DA EXPOSIÇÃO	186
ANEXO G - CONVITE CLDF	187

INTRODUÇÃO

DE ONDE PARTIMOS

O feminicídio é um crime de ódio ao gênero e, de acordo com a legislação brasileira, é configurado quando uma mulher é morta em contexto de violência doméstica e/ou por “menosprezo ou discriminação à condição da mulher” (Brasil, 2015).

Apesar de o termo ter se popularizado após a promulgação da Lei 13.104/2015 (Lei do Feminicídio), a palavra apenas foi incorporada ao Vocabulário Ortográfico da Academia Brasileira de Letras (Volp)¹ em julho de 2021². Em 2018, quando iniciamos essa pesquisa, o verbete não era sequer reconhecido como vocábulo da Língua Portuguesa nos diversos editores de texto, inclusive no Microsoft Word.

Além dessa peculiaridade no âmbito lexical, percebemos algumas características no que se refere à abordagem linguística do feminicídio em textos noticiosos e em reportagens publicadas na imprensa, sobretudo quanto ao uso da voz passiva em *títulos*, em *subtítulos*, em *fotolegendas* e em outras estruturas do gênero jornalístico notícia.

Sabe-se que existe uma *agenda-setting*³ e que os meios de comunicação têm publicado a temática da violência contra a mulher com mais frequência. Por isso, é preciso analisar de que forma o feminicídio vem sendo retratado pelos profissionais da comunicação. É importante identificar os papéis, perceber em quais enquadres os participantes estão posicionados nos textos e os efeitos das formas de representação.

Se lermos uma matéria jornalística, identificaremos rapidamente duas estruturas sintáticas comuns ao gênero e aos textos noticiosos que narram crimes de feminicídio. São elas: a) *Uma mulher de 53 anos **foi morta** a tiros pelo marido*; b) *Marido **mata** mulher de 53 anos a tiros*. Esse fenômeno chama a nossa atenção, uma vez que o uso da estrutura passiva, no meio jornalístico, não é recomendado nos manuais de redação. O motivo é que “os manuais de redação jornalística sugerem que as informações sejam apresentadas na voz ativa por uma

¹ O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, elaborado pela Academia Brasileira, contém 381.000 verbetes, as respectivas classificações gramaticais e outras informações conforme descrito no Acordo Ortográfico (Academia Brasileira de Letras, 2025).

² Academia Brasileira de Letras inclui 'feminicídio', 'sororidade' e 'home office' em vocabulário atualizado da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/07/23/academia-brasileira-de-letas-vocabulario-atualizado-lingua-portuguesa.ghtml>. Acesso em: 23 jul. 2021.

³ O termo *agenda-setting* ou Teoria do Agendamento foi criado pelos pesquisadores Maxwell McCombs e Donald Shaw (1972) para explicar a capacidade de influência da mídia na projeção dos acontecimentos na opinião pública. Segundo Clóvis de Barros Filho (2001, p. 169), é “(...) um tipo de efeito social da mídia. É a hipótese segundo a qual a mídia, pela seleção, disposição e incidência de suas notícias, vem determinar os temas sobre os quais o público falará e discutirá”.

questão de economia e de melhor compreensão do Estado de Coisas, do evento no mundo, por parte do leitor-consumidor” (Bertoque; Galvão, 2010, p. 54).

Baseado nessa premissa, proponho um exercício. Nas manchetes apresentadas anteriormente (a e b), existem diferenças entre as duas sentenças? Sintaticamente, é possível dizer que existem divergências quanto às vozes verbais, ou seja, há variação. No âmbito discursivo e ideológico, os títulos possuem o mesmo valor de verdade?

No primeiro exemplo, identificamos a voz passiva analítica “foi morta”, utilizada para caracterizar sentenças em que o sujeito paciente da ação verbal ocupa a função de sujeito. Sabemos disso, uma vez que a passiva é caracterizada, no nível morfossintático, por uma locução verbal formada pelo verbo auxiliar *ser* (*foi*) e pelo particípio do verbo principal (*morta*). Já no segundo exemplo, tem-se uma oração na voz ativa com sujeito manifesto, uma vez que o verbo (*matar*) atribuiu o papel de agente ao “marido”.

A partir dessas reflexões, questiona-se: *as matérias de feminicídio privilegiam a voz passiva nas orações com verbos que apresentam propriedade semântica de agressão? Quais significados sociodiscursivos e ideológicos estariam inerentes à voz passiva no contexto jornalístico?* Como hipótese acredita-se que a voz verbal passiva predominaria nas matérias jornalísticas acerca de crimes de feminicídio. Além disso, partimos do pressuposto de que o estilo é, em sua essência, ideológico (Eckert, 2012). Por isso, a voz ativa e a voz passiva não devem corresponder ao mesmo valor de verdade, afinal a forma estilística das construções verbais faz parte constitutiva de seus significados.

O objetivo geral desta dissertação é compreender o modo como o discurso jornalístico atua na construção de sentidos sobre a violência contra mulheres, especialmente por meio de estratégias linguísticas que naturalizam ou atenuam a responsabilização dos agressores. Nossos objetivos específicos com esse estudo são: i) analisar a voz ativa e a voz passiva em matérias sobre feminicídio cujas sentenças apresentem verbos que evocam uma semântica de agressão, ii) avaliar as variáveis linguísticas e sociais que estão condicionando a escolha das vozes verbais e iii) identificar os papéis e os enquadres dos sujeitos posicionados nos textos (vítima e agressor), além dos efeitos das formas de representação.

Do ponto de vista epistemológico, o trabalho aqui desenvolvido está localizado no campo da Sociolinguística Variacionista. A chegada dessa área representou uma mudança paradigmática nos estudos da linguagem. A partir do trabalho do americano William Labov, iniciado na década de 1960, passou-se a observar os aspectos da língua em uso em diferentes contextos de comunicação. Segundo Mollica (2020), a Sociolinguística estuda

a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo (Mollica, 2020, p. 9).

A metodologia escolhida foi baseada inicialmente na construção de um arcabouço teórico-metodológico da abordagem laboviana (2008 [1972]) e da Teoria da Mudança Linguística (1968), as quais propõem a análise quantitativa de fenômenos linguísticos variáveis. A segunda parte, exploratória e quantitativa, contou com a seleção de um *corpus* a partir de portais jornalísticos brasileiros e, posteriormente, a codificação e a análise dos dados obtidos.

A escolha dessa temática se justifica pela minha relação com os textos noticiosos, uma vez que sou jornalista há mais de dez anos. Enquanto mulher e profissional da área, observo que o gênero jornalístico privilegia a figura feminina nas matérias que envolvem assassinatos, sejam as mulheres vítimas ou agentes do crime. Além disso, outra motivação para essa pesquisa é a escassez de trabalhos que analisem o fenômeno linguístico da voz passiva dentro da perspectiva variacionista.

Ao todo foram selecionadas 140 notícias de feminicídio, oriundas de 33 portais de notícias nacionais, veiculadas entre os anos 2000 e 2024⁴ e assinadas por jornalistas de ambos os sexos. Após a coleta dos dados, foi realizada uma análise das vozes verbais a partir dos dados inseridos no programa estatístico GoldVarb-X (2005).

Em um total de 376 dados, fizemos três rodadas em função das 3 variantes estabelecidas: **voz passiva com agente, voz passiva sem agente e voz ativa com sujeito manifesto**. Além disso, foram codificadas e analisadas sete variáveis independentes linguísticas/sociais: *sexo do repórter, veículo, ano de publicação, localização do fenômeno na estrutura da notícia, papéis sintáticos das preposições por e após, propriedades semânticas do verbo e tempo verbal*.

Esta dissertação está organizada em seis capítulos. Na introdução, além das informações expostas anteriormente, características do gênero, apresentarei a minha trajetória acadêmica e o motivo pelo qual escolhi a área da Sociolinguística Variacionista. Em seguida, com o objetivo de apresentar a temática ao leitor por meio do gênero jornalístico, trarei uma reportagem a qual escrevi especialmente para compor esse estudo.

No capítulo 1, discutiremos questões importantes acerca dos conceitos de linguagem e sociedade, bem como apresentaremos alguns pressupostos teóricos a fim de relacioná-los com a Teoria da Variação e da Mudança Linguística. Além disso, falaremos das vozes verbais a

⁴ A justificativa para a seleção deste *continuum* foi a busca por um relativo equilíbrio temporal antes e depois da sanção da Lei do Feminicídio em 2015.

partir de teorias e pesquisas linguísticas que têm como objeto de estudo a voz ativa e a voz passiva.

No capítulo 2, apresentaremos uma análise das vozes verbais a partir de conceitos oriundos de dez gramáticas, entre tradicionais e de cunho linguístico, a fim de analisar os contrapontos em relação à voz ativa e à voz passiva.

No capítulo 3, conceituaremos o gênero e a notícia à luz de teorias linguísticas e jornalísticas, além de discutirmos o discurso a partir da Análise do Discurso Crítica (ADC). Apresentaremos também algumas pesquisas com foco em violência contra a mulher, ideologia e discurso midiático.

No capítulo 4, compartilharemos os procedimentos metodológicos da pesquisa.

No capítulo 5, apresentaremos as tabelas criadas a partir das quatro variáveis linguísticas/sociais selecionadas, as quais contemplam o número de dados, a frequência e o peso relativo.

No capítulo 6, serão apresentados os desdobramentos da presente pesquisa, os quais incluem três projetos de lei, originados a partir desta dissertação, uma exposição e quatro mesas redondas acerca da temática do feminicídio.

Em seguida, traremos as considerações finais, as referências bibliográficas, os apêndices e os anexos.

Eu, pesquisadora

A minha relação com a Sociolinguística iniciou-se em 2006, quando saí do interior de São Paulo e cheguei a Brasília – eu só não havia me dado conta disso. Saí de uma região cujo *r retroflexo* era utilizado por todo mundo, inclusive o meu “saía da boca” com mais força e naturalidade, uma vez que sou mineira, e esse é um traço linguístico dos falantes de Minas Gerais.

Nas aulas de redação, quando a professora pedia que eu lesse (eu amava ler em voz alta), as risadas aumentavam e o meu sentimento de pertença diminuía. Era como se eu não fizesse parte daquele grupo de estudantes, daquela comunidade linguística. Era como se eu não fosse filha de Brasília.

Engoli o *r*, assim como minha identidade linguística. Adaptei-me rapidamente às normas da variedade local, afinal fui exposta a inúmeras situações vexatórias em função do meu sotaque. Camacho (2013, p. 18) diz que essa situação, quando um recém-chegado passa a fazer

parte de uma comunidade linguística diferente da sua própria, “não tem outro significado social senão o de obrigá-lo a curvar-se às preferências locais”.

Nessa perspectiva, Alkmim (2005, p. 42) argumenta que “a intolerância linguística é um dos comportamentos sociais mais facilmente observáveis, seja na mídia, nas relações sociais cotidianas, nos espaços institucionais”. A autora confirma que existe uma rejeição a certas variedades linguísticas, observada na desqualificação de pronúncias, de construções gramaticais e de usos vocabulares.

Hoje, após quase vinte anos, com a maturidade e o estudo, ressignifiquei esse acontecimento, mas não o esqueci. O meu sentimento de impotência diante daquela situação fez com que eu me interessasse pela Sociolinguística, afinal é uma área que investiga a língua em uso e caracteriza as variações, os falares e discute todas as implicações sociais, políticas e econômicas desses fenômenos dentro de uma sociedade.

Além dessa experiência, a proposta dessa pesquisa vai ao encontro da minha trajetória acadêmica e das minhas escolhas enquanto pesquisadora. Sou formada em Jornalismo e, ainda durante a graduação, decidi ingressar no curso de Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura na Universidade de Brasília (UnB). Apesar de trabalhar na área jornalística há mais de dez anos e parte da minha produção acadêmica estar vinculada à área da Comunicação Social, meu objetivo sempre foi ingressar no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília (PPGL) e trabalhar com essas interfaces.

Entre os anos de 2010 e 2014, durante a minha primeira graduação na Universidade Católica de Brasília (UCB), participei de três projetos de iniciação científica e um projeto de extensão. Ao longo desse período, tive a oportunidade de apresentar alguns artigos e resumos expandidos em eventos, fruto de pesquisas acadêmicas, bem como escrever dois capítulos do livro *Educomunicação - Sua imagem está na tela* (Maduro; Santos, 2018; Maduro; Foresti, 2018). Ainda como aluna dessa instituição, fui premiada em congressos promovidos pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) durante dois anos seguidos (2013 e 2014). Em ambos, recebi o prêmio de primeiro lugar na Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação (Expocom).

Em 2019, durante a graduação em Letras, fiz o curso de extensão universitária *Análise quantitativa de textos orais e escritos*, promovido pelas Profas. Dras. Cíntia Pacheco e Carolina Andrade, e oferecido pelo Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP). A partir da proposta de trabalharmos com a análise de um fenômeno variável dentro da abordagem laboviana (Labov, 2008 [1972]) e da Teoria da Mudança Linguística (Weinreich;

Labov; Herzog, 2006 [1968]), iniciei um estudo das vozes verbais (ativa e passiva) em matérias de feminicídio publicadas em portais jornalísticos brasileiros, utilizando os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista apresentados no curso.

Essa pesquisa foi continuada em 2020, durante minha participação como aluna do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC⁵ (Edital 2020-2021), sendo indicada ao Prêmio Destaque no 27º Congresso de Iniciação Científica da UnB e no 18º Congresso de Iniciação Científica do DF. O trabalho também foi indicado, pela equipe do Programa de Iniciação Científica da Universidade de Brasília (ProIC/UnB), para representar a instituição na 74ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e para concorrer a uma premiação na Jornada Nacional de Iniciação Científica (JNIC), a qual congrega alunos vencedores das mostras e das jornadas de todas as instituições de ensino brasileiras. A pesquisa foi a única da área da Linguística da Universidade de Brasília a participar do JNIC.

É importante mencionar que este objeto de estudo teve como inspiração e ponto de partida o PIBIC da estudante da Universidade de Brasília e jornalista Letícia Mouhamad de Pádua: *Feminicídio em pauta: critérios de textualidade em títulos de notícias sobre violência de gênero*. A pesquisa, desenvolvida entre 2018 e 2019, analisou os critérios de textualidade *intencionalidade* e *aceitabilidade* em títulos de notícias sobre feminicídio, publicados no jornal Correio Braziliense, entre 2015 e 2019⁶.

Em 2021, ingressei no projeto Variação Linguística no Centro-Oeste como pesquisadora externa e participei da idealização do novo portal do VALCO (2021)⁷ com a elaboração de matérias jornalísticas e o *upload* de textos acadêmicos, de reportagens e de *links* úteis. Dois anos depois, participei do processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília (UnB) e fui aprovada em segundo lugar.

Cinco meses antes da defesa desta dissertação, ingressei como docente no ensino superior no Centro Universitário UDF. O aperfeiçoamento teórico-didático, proporcionado pelo mestrado, mostrou-se fundamental para minha formação docente e para o fortalecimento da decisão de dar continuidade à trajetória acadêmica, com a perspectiva de futura participação no processo seletivo para o Doutorado em Linguística na Universidade de Brasília.

⁵ Programa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que oferece bolsas de estudo para estudantes de graduação. O PIBIC tem como objetivo incentivar o interesse dos estudantes pela pesquisa científica e prepará-los para a Pós-Graduação.

⁶ Além do PIBIC, a estudante, sob a orientação da Profa. Cíntia Pacheco, esteve à frente do Projeto de Extensão *Oficinas de leitura e escrita: leitura crítica de textos jornalísticos e escrita criativa*, desenvolvido, entre 2018 e 2019, na Universidade de Brasília (UnB).

⁷ Site do portal Variação Linguística no Centro-Oeste (VALCO). Disponível em www.unbvalco.com.br.

Em 2024, todos os dias, ao menos quatro mulheres morreram vítimas de feminicídio no Brasil.

Por Anna Maduro

Carolina Pasquin Nicoletti tinha 24 anos quando morreu, após levar um tiro do ex-padrasto, em 2021, dentro do seu próprio apartamento⁸. Dois anos depois, o marido de Anna Carolyne Bernardo da Silva, 27 anos, matou a esposa com uma faca de cozinha. Anna Beatriz Nogueira também morreu ao levar um tiro do próprio companheiro, em maio de 2023, quando tinha apenas 22 anos. Meninas-mulheres que compartilham, além do primeiro nome, a mesma sentença: Três vítimas do feminicídio no Brasil. Três vidas interrompidas. Três fotografias estampadas nas páginas dos jornais.

De 2015 até 2023, o Brasil registrou a morte de 10,6 mil mulheres vítimas de feminicídio, segundo uma pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Só em 2023, o número corresponde a 1.467. Ou seja, quatro assassinatos por dia no país. A cada seis horas, um feminicida matava uma mulher no Brasil.

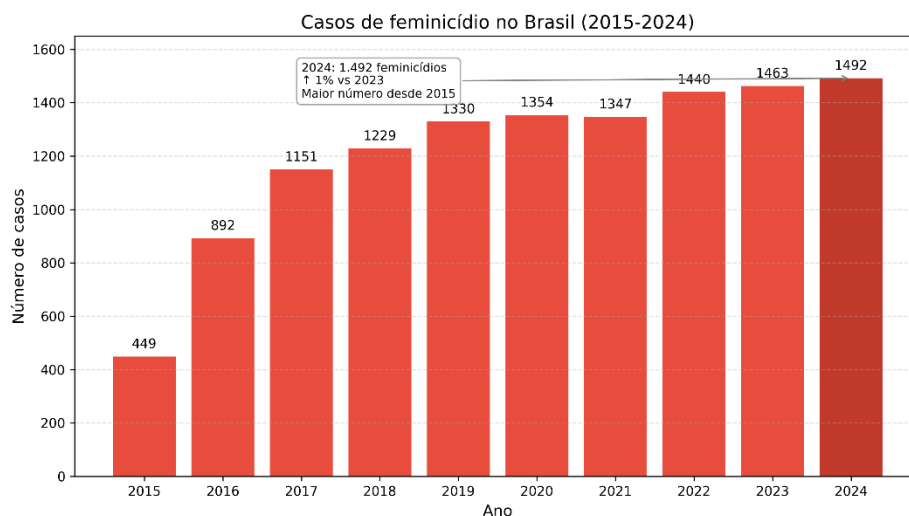
De 2013 a 2023, **47.463**
mulheres foram
assassinadas no
Brasil.

Em 2024, os dados alarmantes se mantiveram. Segundo o Sistema Nacional de Informações de Segurança Pública do Ministério da Justiça e Segurança Pública (Sinesp), 1.387 mulheres foram assassinadas

por razões relacionadas ao gênero, uma média de quatro feminicídios por dia. Os estados com o maior número de registros absolutos foram São Paulo, seguido de Minas Gerais e Bahia.

⁸ Reportagem e arte elaboradas pela autora com o objetivo de apresentar a temática ao leitor por meio do gênero jornalístico.

Figura 1 – Casos de feminicídio no Brasil por ano



Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Dados de 2015-2023: relatório "Feminicídios em 2023"; dados de 2024: Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2024.

Fonte: Elaborado pela autora com dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

O feminicídio é um crime de ódio ao gênero e, de acordo com a legislação brasileira, é configurado quando uma mulher é morta em contexto de violência doméstica e/ou por menosprezo ou discriminação à condição de mulher. A lei, sancionada em 2015 (13.104/2015), tipificou o crime – conforme explicam os juristas –, mas é preciso lembrar que as histórias de mulheres assassinadas são narradas e mostradas ao vivo pela imprensa brasileira há décadas.

Em 1977, em Cabo Frio, o advogado de defesa do namorado e assassino confesso da socialite Ângela Diniz justificou o crime cometido por Raul Fernando do Amaral Street, conhecido como Doca Street. Ele alegou, durante o julgamento, que se tratava de um assassinato cometido por “legítima defesa da honra”, afinal “Ângela teria supostamente traído o companheiro”. Essa tese era largamente utilizada para reduções de pena e só foi declarada inconstitucional (ou seja, incompatível com as regras e os princípios da Constituição) em 1º de agosto de 2023 pelo Supremo Tribunal Federal.

O ator global Guilherme de Pádua, em 1992, matou a protagonista da novela “De Corpo e Alma”, Daniella Perez. Ela morreu, após ser atingida com 28 punhaladas e foi culpabilizada pelo crime nas capas das revistas de fofoca. Mais uma vez a mídia colaborou para gerar questionamentos a partir de uma narrativa de uma suposta traição por parte da mulher. A roteirista Gloria Perez, mãe de Daniella, reuniu 1,3 milhão de assinaturas em um abaixo-assinado que aprovou a primeira emenda popular da história do Brasil, tornando, assim, o homicídio qualificado como crime hediondo.

O feminicida Lindemberg Alves, em 2008, assassinou a ex-namorada Eloá Cristina, após mantê-la refém por mais de cem horas. O sequestro foi televisionado por todas as emissoras brasileiras abertas, as quais romperam com todos os princípios éticos do Jornalismo em troca de audiência. Vários programas intitularam o caso de “crime de amor” ou “crime passionai” e descreveram o assassino como um *jovem trabalhador de 22 anos que teve uma crise de ciúmes*.

As expressões “crime de amor” ou “crime passionai” eram largamente utilizadas pela imprensa em casos como o de Angela Diniz, Eloá e crimes de feminicídio que antecederam o ano da publicação da lei de 2015. Essa prerrogativa vem de um histórico social marcado pelo preconceito de gênero no Brasil. Afinal, na fase colonial, era permitido que o marido matasse a esposa diante da traição dela, por exemplo. No Código Penal de 1890, quando um homem cometia um homicídio contra mulher sob estado de fúria e descontrole emocional, por exemplo, havia grandes chances de ele receber perdão judicial. É por isso que um crime motivado por adultério era justificado como “legítima defesa da honra”.

Em 2021, o Supremo Tribunal Federal (STF) aprovou por unanimidade o pedido de revisão da “tese jurídica da legítima defesa da honra”. Por unanimidade, os ministros firmaram o entendimento de que a tese da legítima defesa da honra é inconstitucional, já que ela “viola os princípios constitucionais da dignidade da pessoa humana, da proteção à vida e da igualdade de gênero”. Segundo o ministro Dias Toffoli, “aquele que pratica feminicídio ou usa de violência, com a justificativa de reprimir um adultério, não está a se defender, mas a atacar uma mulher de forma desproporcional, covarde e criminoso”, afirmou.

O magistrado garantiu, em sua arguição, que o argumento da prática de um crime em razão da legítima defesa da honra constituiu, por décadas, recurso argumentativo/retórico “odioso, desumano e cruel, utilizado pelas defesas de acusados de feminicídio ou agressões contra mulher para imputar às vítimas a causa de suas próprias mortes ou lesões, contribuindo imensamente para a naturalização e a perpetuação da cultura de violência contra as mulheres no Brasil”.

Para a roteirista e diretora do documentário “Quem Matou Eloá?”, Livia Perez, o jornalismo é um dos pilares que mantém os altos índices de feminicídio no país. A cineasta acredita que o Brasil vem passando por avanços “porque o público, por meio da internet, tomou certa consciência do problema de concentração de mídia no país e já não aceita mais alguns tipos de abordagens”, destaca Perez.

Apesar disso, sabe-se que ainda há muita exploração da violência contra mulheres, pessoas negras e pessoas de classes sociais mais baixas nas manchetes dos jornais. Embora presenciemos avanços, a cobertura jornalística de crimes contra mulheres ainda reforça estereótipos e legitima preconceitos. Títulos como “Homem afirma que matou mulher após descobrir traição” (UOL, 2020) e “Mulher é morta por marido desconfiado” (Alagoas 24h, 2008) responsabilizam as vítimas e reforçam o discurso de que a mulher é um objeto ou “coisa de pertença” do homem (Evaristo, 2016). O discurso midiático traz para o imaginário coletivo que devemos ser submissas e seguir práticas normalizadas socialmente.

Além da banalização da violência, o discurso midiático nega às mulheres o direito à memória e à dignidade após a morte. É abrir as notícias de feminicídio e comprovar a sexualização das vítimas, as quais são retratadas sem consentimento e estereotipadas como adúlteras, inconsequentes e merecedoras de suas sentenças. A imprensa perpetua a objetificação feminina e contribui para um Brasil que normaliza a violência de gênero, até mesmo após a morte brutal de quatro mulheres por dia, sem quaisquer preocupações, muitas vezes, com a ética e a função social jornalísticas.

Diante de um cenário que insiste em silenciar e culpabilizar as vítimas, é fundamental reforçarmos os caminhos que possibilitam o rompimento do ciclo da violência. O *Disque 180*⁹ – Central de Atendimento à Mulher – funciona 24 horas por dia, de forma gratuita, inclusive aos domingos e feriados. Por meio desse canal, é possível denunciar casos de violência, buscar orientações jurídicas e/ou psicológicas, além de receber encaminhamento para a rede de proteção disponível em todo o país.

⁹ Se você teve acesso a este trabalho e sofre ou presenciou algum tipo de violência contra as mulheres, existe uma central de atendimento que recebe denúncias 24h por dia: o **Ligue 180**. Caso prefira fazer contato via WhatsApp, há também essa possibilidade por meio do número (61) 9610-0180. A **Central de Atendimento à Mulher** funciona de forma gratuita e sigilosa, 24 horas por dia, incluindo finais de semana e feriados. O serviço oferece orientação, acolhimento e encaminhamento em todo o território nacional.

CAPÍTULO 1

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: A TEORIA VARIACIONISTA E A INTERFACE COM AS PESQUISAS LINGÜÍSTICAS SOBRE VOZES VERBAIS

*“As línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes”
(Calvet, 2002, p.12).*

Considerações iniciais

A Sociolinguística considera a variação como principal objeto de estudo. Assim, os processos de mudança que ocorrem nas comunidades de fala e nas comunidades de prática são fundamentais nessa área, por isso, é também conhecida como Teoria da Variação e da Mudança Linguística. Neste capítulo, serão apresentados os pontos fundamentais dessa teoria, os quais são relevantes para a presente pesquisa. Na primeira seção, apresentaremos uma breve revisão bibliográfica acerca dos conceitos de linguagem e sociedade e alguns dos pressupostos teóricos a fim de relacioná-los com a Teoria da Variação e da Mudança Linguística. Na segunda seção, apresentaremos uma interface entre os estudos labovianos e as vozes verbais.

1.1 Variação e Mudança Linguística: cultura, língua e sociedade

Somos seres sociais, segundo Aristóteles. O filósofo postulou essa tese para sugerir que o homem, para sobreviver, não pode ficar isolado (Cotrim; Fernandes, 2010). Na visão aristotélica, a busca pela vida em sociedade é uma condição intrínseca. Junto a essa tendência à sociabilidade, surge também a necessidade de o ser humano se comunicar, uma vez que “sem a comunicação, de fato, o homem não pode existir como pessoa humana” (Bordenave, 1983, p. 26).

Esse processo surge, mas sem uma resposta concreta de como os indivíduos começaram a se comunicar entre si. Há hipóteses que envolvem gritos, grunhidos, gestos, sons a partir de objetos da natureza ou a combinação de todas essas formas de interação, por exemplo.

A fala humana primitiva, por muito tempo, passou a ser discutida por estudiosos e pesquisadores. No entanto, apesar das inúmeras conjecturas, é consensual a ideia de que a fala surgiu de forma espontânea, e o homem passou a utilizá-la como forma de expressão. “A história da humanidade é a de seres organizados em sociedades e detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja, de uma língua” (Alkmim, 2005, p. 25).

À medida que o indivíduo e a sociedade evoluem, surgem as línguas, as quais podemos considerar instrumentos privilegiados de construção da identidade e da cultura de um povo. Segundo Silva e Sousa (2017, p. 263), “a língua não se realiza num vácuo social. Ela não existe

fora da sociedade, da mesma forma que a sociedade não existe sem ela”. Apesar disso, no âmbito dos estudos linguísticos, nem sempre a relação entre linguagem e sociedade foi determinante.

Sabe-se que, na publicação da obra *Curso de Linguística Geral* (Saussure, 1995 [1916]), marco para o surgimento e a consolidação da Linguística Moderna, Saussure identifica a língua como um sistema constituído por elementos inter-relacionados que funcionam a partir de um conjunto de regras.

As primeiras teorias estruturalistas inauguraram a tese de que ela deveria ser “considerada em si mesma e por si mesma” (Saussure, 1995 [1916], p. 271), tendo em vista que era preciso descrever a estrutura da língua a partir de suas relações internas. Aspectos extralinguísticos (sociais, culturais, geográficos), portanto, ficariam excluídos. Ao distinguir a língua da fala, separa-se o que é geral e social do que é particular e exclusivamente individual.

Em *Padrões Sociolinguísticos*, Labov (2008 [1972], p. 217) marca um posicionamento contrário à abordagem saussuriana e aponta um “paradoxo”:

(...) a Escola de Genebra saussuriana é frequentemente mencionada como a escola “social” da linguística. (...) No entanto, de modo bastante curioso, os linguistas que trabalham dentro da tradição saussuriana (e isso inclui a grande maioria) não levam em conta de modo nenhum a vida social: trabalham com um ou dois informantes em seus escritórios, ou examinam seu próprio conhecimento de langue. Além disso, insistem em que as explicações dos fatos linguísticos sejam derivadas de outros fatos linguísticos, não de quaisquer dados “externos” sobre o comportamento social.

Na concepção laboviana (2008 [1972], p. 218), o “paradoxo saussuriano” consiste na ideia de que o aspecto social da língua é estudado pela observação de qualquer indivíduo. Contudo, o aspecto individual somente deve ser levado em consideração por meio da observação da língua em seu contexto social.

Labov (2008 [1972], p. 219) questiona a exclusão do estudo do comportamento social ou o estudo da fala das teorias gerativistas clássicas, argumentando ter sido uma decisão conveniente por parte dos linguistas, os quais “preferiram trabalhar com seu próprio conhecimento, com informantes individuais ou com materiais secundários”. Nessa perspectiva, o teórico sugere uma desvinculação da “estrutura linguística padrão” para que outras opções de análise ganhem “consistência científica” (Araújo, 2015, p. 93).

Em contraposição às ideias estruturalistas e gerativistas, Labov (2008 [1972], p. 298) propõe uma outra perspectiva para o “uso cotidiano da língua na comunidade” e não o descarte dos modelos linguísticos existentes:

Labov (2008) não vem promover a substituição do paradigma linguístico ao promover o desenvolvimento da Sociolinguística, mas, sim, tomar os Estudos Linguísticos sob um novo prisma, mais voltado para um método de trabalho diferente daqueles até

então utilizados pela Linguística padrão. Ou seja, sua proposta é de relativizar os limites dos paradigmas aceitos em Linguística, pensando em outras possibilidades que o campo pode permitir, se o olharmos sob um paradigma funcional (Araújo, 2015, p. 92-93).

Dentro desse contexto, em 1960, surge a Sociolinguística Variacionista a partir dos estudos de William Labov sobre mudanças em progresso no inglês na ilha de Martha's Vineyard (1963) e na cidade de Nova York (1966). Quatro anos depois, a Sociolinguística passa a ser reconhecida como área de estudo da Linguística. William Bright (1974), em uma compilação de trabalhos de estudiosos em um Congresso na Universidade da Califórnia (UCLA), redige a introdução “As dimensões da Sociolinguística” e cunha o termo *Sociolinguistics*.

A proposta da área, caracterizada no texto de Bright (1974), é a demonstração da “covariação sistemática das variações linguística e social. Ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade” (Alkmim, 2005, p. 33-34). Isso porque “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (Labov, 2008 [1972], p. 21).

Segundo Camacho (2010, p. 148), a proposta teórica trazida com os estudos labovianos para resolver os problemas da estrutura linguística partiu da concepção de que “o sistema linguístico, inerentemente variável, é constituído pelo conjunto das formas manifestadas na situação social por falantes em processo real de comunicação”. Assim, a análise da língua passa a englobar fatores linguísticos e, sobretudo, extralinguísticos, como os de natureza social.

Na perspectiva laboviana, a Sociolinguística é dotada de heterogeneidade sistemática (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]), ligada à identificação dos grupos sociais e das comunidades de fala, e pode ser explicada pelo dinamismo inerente das línguas, sobretudo no português brasileiro (PB). Existem, por exemplo, “formas distintas que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e da morfossintaxe (...)” compartilhadas por pessoas do mesmo grupo as quais carregam os mesmos traços linguísticos (Mollica, 2020, p. 9).

O domínio de estruturas heterogêneas é parte da competência linguística dos indivíduos. Nesse sentido, a ausência de heterogeneidade estruturada na língua seria tida como disfuncional (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p.101). Não é que a heterogeneidade nunca tivesse sido reconhecida, mas, segundo Labov (2008), aceitar que a língua era homogênea seria uma justificativa dos teóricos para trabalharem com seus próprios conhecimentos das regras sistêmicas de uma linguagem abstrata, autônoma e categórica.

Para Labov (2008 [1972]), a heterogeneidade refere-se à variação. Dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas e possuem o mesmo valor de verdade constituem-se como variantes de uma mesma variável. Ele defende que as variantes concorrentes possuem o mesmo valor semântico e são os fatores sociais e linguísticos, relacionados à variável dependente, os quais determinam a escolha do falante acerca da variante a ser utilizada. A variação sistemática pode, portanto, ser explicada como uma forma de dizer a mesma coisa de maneiras diferentes, sendo elas portadoras de um mesmo significado. A unidade linguística de qualquer nível de análise, que até então tinha sido invariável, discreta e qualitativa, passa a ser variável, contínua e quantitativa:

É variável porque é realizada diferentemente em diferentes circunstâncias; é contínua porque certas alternativas recebem significação social conforme a distância ou a diferenciação fonética em relação à forma padrão; é quantitativa porque a variável é determinada pela frequência relativa de suas variantes (Camacho, 2010, p. 149).

Para entendermos melhor esses conceitos, discutiremos, a partir dos pressupostos labovianos, a noção de variável e de variante na perspectiva variacionista. Na visão de Mollica (2020, p. 10), “a variação constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes”. As vozes verbais, por exemplo, correspondem a um fenômeno variável, pois se realizam por meio das variantes ativa e passiva – duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes.

O termo variável pode se referir ao fenômeno em variação, o qual denominamos **variável dependente**, e aos grupos de fatores que podem condicionar a variação: **as variáveis independentes**. “As regras variáveis aplicam-se sempre quando duas formas estão em concorrência num mesmo contexto e a escolha de uma depende de uma série de fatores, tanto de ordem interna ou estrutural como de ordem externa ou social” (Monteiro, 2000, p. 58).

Dentro de um estudo variacionista, por exemplo, cabe a nós, pesquisadores, definirmos a variável dependente, que pode ser binária (composta por duas variantes) ou eneária (composta de três ou mais variantes). Nessa pesquisa, a variável dependente é eneária, pois consideramos três variantes: voz passiva com agente, voz passiva sem agente e voz ativa.

1.2 A voz passiva e a abordagem quantitativa

Em 1989, em um capítulo do livro *Fotografias Sociolinguísticas*, a professora Ruth Lopes enfatizou a escassez de trabalhos sobre a voz passiva dentro de uma perspectiva quantitativa, principalmente em português, e afirmou que havia “um grande vazio” nesse campo (Lopes, 1989, p. 39). Esse é um fator motivador para a continuidade dessa pesquisa, embora

seja um desafio trabalhar com um fenômeno pouco analisado e debatido na Sociolinguística Variacionista.

O estudo mais importante dentro dessa área foi publicado por Labov e Weiner (1977), os quais foram os primeiros a trabalhar com uma variável sintática dentro da perspectiva variacionista. Até então os estudos se concentravam no campo da fonologia e, por esse motivo, Labov recebeu vários questionamentos metodológicos, pois se acreditava que era impossível pensar em uma real equivalência semântica entre duas variantes sintáticas.

No âmbito da sintaxe, no artigo *Constraints on the Agentless Passive*, Judith Weiner e William Labov (1983 [1977]) investigaram quantitativamente os condicionamentos do uso variável das construções passiva sem agente e ativa com sujeito pronominal genérico no inglês (*The closet was broken into/Somebody broke into the closet*¹⁰). O foco da investigação estava em selecionar os contextos em que as vozes verbais eram variantes, a fim de entender se, nessas construções, havia equivalência de significado.

O objetivo do estudo era analisar os fatores sintáticos responsáveis pela escolha entre uma forma ativa ou passiva quando o falante não expressava o agente. Além disso, durante a análise, os autores também chamaram a atenção para os fatores sociais que determinavam o uso da passiva:

Este artigo é um estudo quantitativo dos fatores que determinam a seleção de construções passivas em detrimento das ativas por falantes de inglês. Ao examinar um grande conjunto de passivas usadas na fala espontânea, juntamente com as sentenças que mostram uma escolha oposta, podemos esclarecer a questão crucial de quais características sintáticas e semânticas do ambiente agem para restringir a escolha e se os fatores sintáticos ou semânticos predominam nesse caso.¹¹ (Weiner; Labov, 1983 [1977], p. 29, tradução nossa).

Nas conclusões do artigo, Weiner e Labov (1983 [1977]) defendem não haver sinonímia absoluta em construções como *O armário foi arrombado/Arrombaram o armário*, explicando que, na maioria das vezes, a diferença entre as orações na voz ativa e na voz passiva diz respeito ao foco ou à ênfase, o que é uma característica comum da reorganização dos elementos da sentença.

Além disso, Weiner e Labov (1983 [1977]) argumentam que as diferenças identificadas entre passivas agentivas e ativas com sujeitos pronominais genéricos não afetam o significado representacional, isto é, não alteram a informação transmitida. Na maioria das vezes, são modos

¹⁰*O armário foi arrombado/Arrombaram o armário* (tradução livre feita pela própria autora).

¹¹*This paper is a quantitative study of the factors that determine the selection of passive constructions over active ones by English speakers. By examining a large body of passives used in spontaneous speech, together with the sentences that show an opposing choice, we are able to throw light on the crucial question of which syntactic and which semantic features of the environment act to constrain the choice and whether syntactic or semantic factors predominate in this case* (Weiner; Labov, 1983 [1977], p.29).

alternativos de se dizer a mesma coisa, visto que as vozes ativa e passiva são condicionadas, sobretudo, por fatores de ordem sintática: “há ampla evidência de que as duas formas são usadas de maneira intercambiável para se referirem aos mesmos estados de coisas, mas isso não elimina a possibilidade de que haja contextos que não sejam assim¹²” (Weiner; Labov, 1983 [1977], p. 30).

Furtado da Cunha (1994, p. 25-26), no artigo *Motivações Discursivas para o Uso da Passiva*, reforça a ideia de que o estudo feito por Weiner e Labov (1983 [1977]) é focado em um subconjunto de sentenças do inglês em que as construções ativas e passivas podem ser usadas com o mesmo valor de verdade, mas “o fato de cada uma dessas construções aparecer em ambientes específicos indica que sua distribuição não pode ser predita com base em considerações sintáticas apenas”, afinal:

a possibilidade de codificação sintática de uma oração semanticamente transmitida como uma forma ativa ou passiva depende do contexto discursivo em que essa oração será usada. A escolha entre ativa e passiva está relacionada ao grau de topicidade dos argumentos agente e paciente de uma oração transitiva (Furtado da Cunha, 1994, p. 25-26).

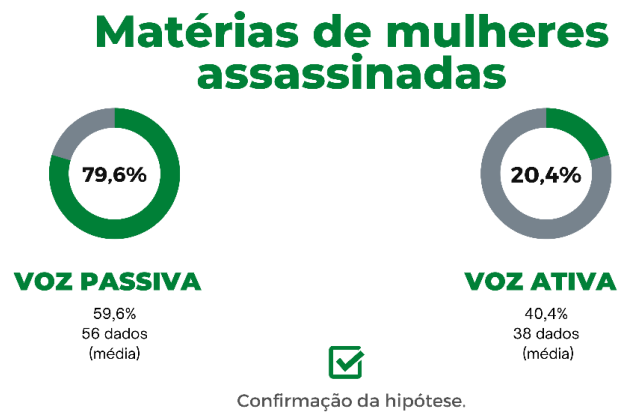
Partindo do mesmo argumento, Maduro (2022) propõe um estudo¹³ comparativo entre notícias publicadas na mídia que retratam crimes de feminicídio e de homicídio – cometidos por mulheres contra homens. A pesquisa é pioneira, visto que o estudo das vozes verbais no discurso midiático dentro de uma perspectiva variacionista é percebida com pouca frequência dentro do campo de estudo.

A hipótese era de que a voz verbal passiva predominaria nas matérias jornalísticas de feminicídio e a voz ativa, no entanto, seria privilegiada nos textos acerca de homicídios (mulheres contra namorados, esposos ou companheiros). Os dados da pesquisa variacionista confirmaram a hipótese inicial de Maduro (2022), conforme Figura 2, afinal o uso da passiva em matérias de feminicídio apareceu em 79,6% dos dados, o que significa 20% a mais do que a média (59,6%):

¹²Tradução livre feita pela autora a partir do excerto “*there is ample evidence that the two forms are used interchangeably to refer to the same states of affairs*” (Weiner; Labov, 1983 [1977], p. 30).

¹³ Pesquisa iniciada no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), em 2020, durante o curso de graduação da pesquisadora, sob a orientação da Profa. Dra. Cíntia da Silva Pacheco, e publicada em resumo expandido na 74ª Reunião Anual da SBPC.

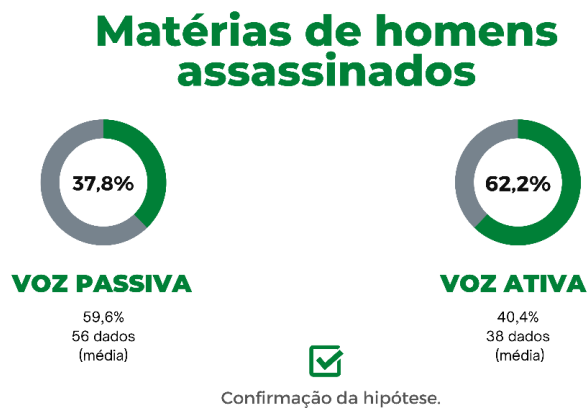
Figura 2 - Percentual de voz ativa e voz passiva em função do sexo das vítimas (mulheres)



Fonte: Elaborado por Maduro (2025).

Nos textos noticiosos em que o homem era a vítima, a voz verbal ativa foi privilegiada em 62,2%, sendo a média 59,6%. Já a passiva apareceu em apenas 37,8% dos dados, conforme Figura 3:

Figura 3 - Percentual de voz ativa e voz passiva em função do sexo das vítimas (homens)



Fonte: Elaborado por Maduro (2025).

Na conclusão do trabalho, a pesquisadora pontuou que “a mulher é topicalizada com mais frequência nas *fotolegendas* e, muitas vezes, o feminicídio é acompanhado de evidências linguísticas colocadas como ‘justificativas’ para o crime” (Maduro, 2022, p. 4). Na manchete “Para polícia, Noélia FOI MORTA *após* tentar romper com suspeito”, por exemplo, as informações que sucedem a preposição *após* estariam agindo discursivamente na tentativa de

minimizar a agressão. O assassino, nesse caso, teria matado a vítima “movido por extrema emoção”, visto que não aceitava que o relacionamento de ambos terminasse. Essa justificativa, intitulada “tese de legítima defesa da honra”, inclusive, era prevista no Código Penal Brasileiro (Brasil, 1940), mas foi considerada inconstitucional em 2021¹⁴.

No próximo tópico, daremos continuidade às discussões teórico-metodológicas. Dessa vez, com ênfase na polêmica entre Lavandera (1978) e Labov (1978), a qual se resume à questão da real equivalência semântica entre duas variantes sintáticas.

1.2.1 Os limites da Teoria Variacionista

Com o avanço dos estudos variacionistas, passou-se a querer analisar a morfologia e a sintaxe à luz da teoria de Labov (2008 [1972]). Contudo, ao se tentar a adaptação do construto laboviano para estruturas sintáticas, pesquisadores surgiram algumas dificuldades metodológicas no tratamento de variáveis não fonológicas e criticaram a não existência de uma teoria sólida e organizada dos significados.

Uma delas foi Beatriz Lavandera (1978) que, no artigo *Where does the sociolinguistic variable stop?*, afirmou ser “inadequado estender a outros níveis de análise de variação a noção de variável sociolinguística originalmente desenvolvida com base em dados fonológicos¹⁵”. A autora apontava para algumas dificuldades metodológicas no tratamento de variáveis não fonológicas e criticava a inexistência de uma teoria sólida e organizada dos significados. Na concepção da linguista, a ideia da Sociolinguística em manter o princípio de que duas formas alternativas são variantes – se representarem o mesmo significado em um contexto de ocorrência comum – implicaria uma redução muito grande na ideia de significado referencial:

Beatriz Lavandera critica a análise da variável sociolinguística em dados não fonológicos, argumentando que a análise fora do âmbito da fonologia tem diferentes status, uma vez que os dados não se distinguem por si só, ou seja, é preciso buscar outras variáveis. Lavandera alega que, por não terem significado referencial, as variáveis fonológicas podem ser explicadas por fatores sociais e estilísticos. Variáveis não-fonológicas, por outro lado, apresentam significado referencial; dessa forma, nem sempre é simples afirmar que duas variantes são socialmente diferentes, mas equivalentes em significado (Oliveira, 2009, p. 24).

¹⁴ Em 2021, o ministro Dias Toffoli, do Supremo Tribunal Federal (STF) concedeu parcialmente medida cautelar na Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 779 para firmar o entendimento de que a tese da legítima defesa da honra é inconstitucional, por contrariar os princípios constitucionais da dignidade da pessoa humana, da proteção à vida e da igualdade de gênero. A decisão do ministro pode ser lida na íntegra em:

<http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/ADPF779.pdf>

¹⁵ Tradução livre feita pela autora a partir do trecho “*resulta inadecuado extender a otros niveles de analisis de la variación, la noción de variable sociolinguística desarrollada originalmente sobre la base de datos fonológicos*”.

Lavandera (1978) propõe então a substituição do conceito de equivalência semântica pelo de “comparabilidade funcional”, o que implica que as estruturas apresentariam a mesma função comunicativa, mas não necessariamente o mesmo significado.

No mesmo ano da publicação do artigo da autora, em resposta à crítica dela, Labov publica o trabalho *Where does the linguistic variable stop? A reponse to Beatriz Lavandera* (1978), no qual Labov propõe estreitar a noção de significado a partir da junção do valor representacional e das diferenças estilísticas: “Dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas têm o mesmo valor de verdade¹⁶” (Labov, 1978, p. 2). Por fim, ele argumenta que não há qualquer problema em estabelecer igualdade de significado também na variável sintática.

No processo da variação, embora tenham o mesmo valor de verdade ou representacional, às formas linguísticas diferentes podem ser atribuídas avaliações ou valorações sociais igualmente diferentes, o que se dá em decorrência das pressões sociais que operam constantemente sobre a língua, “não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo” (Labov, 2008 [1972], p. 21).

Essas discussões metodológicas e teóricas marcaram os primeiros estudos variacionistas. Modesto (2004) reconhece que o modelo laboviano trazido nas pesquisas pioneiras, as quais foram registradas por Labov, Weiner, entre outros sociolinguistas, foi ajustado para atender algumas exigências e demandas linguísticas e sociais que apareceram nas últimas décadas:

Pode-se perceber claramente que houve ajustes no modelo laboviano para que este se adaptasse às exigências de pesquisa que foram surgindo. Assim, ainda que há um longo caminho a ser percorrido até que os ajustes epistêmicos mais sutis sejam feitos; não há como negar que o modelo se expandiu, demonstrando ser capaz de dar conta das mais diversas exigências, e se enriquecendo sobremaneira com as uniões estabelecidas com outras teorias (Modesto, 2004, p. 59).

Com base nessa evolução dos estudos labovianos, aprofundaremos as discussões sobre a terceira onda da Sociolinguística Variacionista. “Enquanto as duas primeiras ondas entendiam o significado da variação como consequência incidental do espaço social, a terceira onda entende-o como um traço essencial da língua” (Eckert, 2022, p. 279). Esse movimento situa a ideologia no próprio sistema linguístico e, portanto, na construção do significado.

¹⁶ Tradução livre feita pela autora a partir do trecho *Two utterances that refer to the same state of affairs have the same truth-value*.

1.3 Da correlação estatística à construção social do significado

Penelope Eckert (2012), no artigo *Three Waves of Variation Study: The Emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation*¹⁷, defende que as pesquisas sociolinguísticas podem ser distinguidas em três ondas de análise, que refletem modos distintos de abordagem quanto à variação.

Os estudos sociolinguísticos de primeira onda identificaram uma distribuição sistemática da variação linguística no âmbito da estratificação social e evidenciaram que a frequência de uso de formas socialmente estigmatizadas concentrava-se entre os falantes pertencentes a classes socioeconômicas inferiores.

O modelo de investigação inaugurado por Labov na década de 1960 focaliza a identidade linguística a partir da estratificação social, considerando categorias sociológicas ou demográficas, como região, idade, sexo, profissão, classe social e raça. As primeiras pesquisas do linguista instituíram um paradigma para pesquisas de variação em larga escala, cujo propósito era identificar, de modo estatístico, correlações relevantes entre variáveis dependentes (isto é, a realização de uma variante linguística) e variáveis independentes.

É na teoria laboviana e nos estudos sociolinguísticos que envolvem o uso de variantes “inovadoras” e “conservadoras” na cidade de Nova York e no dialeto inglês na ilha de Martha’s Vineyard, em que ele analisa o efeito da identidade linguística provocada pela pronúncia dos moradores locais, em que encontramos as primeiras explicações sobre a relação das categorias sociais e estilísticas com os fenômenos linguísticos.

No ano de 1963, em uma pesquisa sobre a comunidade de Martha’s Vineyard, litoral de Massachusetts (EUA), Labov investiga a relação dos fatores sociais em paralelo com a variação fonética do inglês. Na obra *Padrões Sociolinguísticos*, ele questiona: “de que modo as pressões sociais e atitudes sociais incidem sobre as estruturas linguísticas?” (Labov, 2008 [1972], p. 60). Nessa perspectiva, o linguista conclui que a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ constitui traço linguístico e social vineyardense.

Labov já tratava, portanto, a questão da identidade em 1963, quando estudou com profundidade a comunidade linguística dessa ilha. Por meio da pesquisa, ele conseguiu monitorar o que era aceito localmente e o que era visto como traço não pertence à região: os falantes que planejavam ficar na ilha exibiam maior centralização no uso dos ditongos /ay/ e /aw/ do que os falantes que planejavam deixar a ilha.

¹⁷ *Três ondas dos estudos de variação: A emergência do significado no estudo da variação sociolinguística* (tradução livre feita pela autora).

Ainda na obra *Padrões Sociolinguísticos*, Labov (2008 [1972]) sistematiza os princípios da abordagem sociolinguística, enfatizando que a variação linguística não é aleatória, mas sim estruturada socialmente:

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (Labov, 2008 [1972], p. 21).

Labov (2008 [1972]) postula, pois, que o comportamento linguístico pode ser previsto estatisticamente a partir da estratificação da comunidade de fala, considerando variáveis como classe social, idade e gênero. Essa constatação rompeu com a visão estruturalista anterior, que tratava a língua como um sistema homogêneo, e introduziu a noção de que a heterogeneidade é parte constitutiva da estrutura linguística.

Outro exemplo é a análise das variantes de /r/ pós-vocálico em Nova York, em que Labov (1966) identifica correlações sistemáticas entre o uso da forma com mais prestígio e o nível socioeconômico dos falantes. Em *A estratificação social do (r) nas lojas de departamentos na cidade de Nova York*¹⁸, o autor analisa as variações fonológicas surgidas a partir da consoante (r) em posição pós-vocálica, observando as condições sociais dos falantes de Nova York (EUA). A fim de investigar a questão da estratificação social, Labov comparou três lojas departamento, categorizando-as da seguinte forma: Saks (classe média alta); Macy's (classe média baixa) e Klein (classe operária).

Ao investigar diferentes grupos, o linguista demonstrou que a frequência de uso da variante conservadora aumentava em situações de maior monitoramento da fala, o que evidenciava não apenas a estratificação social da linguagem, mas também a sua dimensão estilística. Nessa perspectiva, Labov trouxe uma das contribuições mais duradouras da sociolinguística variacionista: a articulação entre a dimensão social e a estilística, mostrando que as escolhas linguísticas são, ao mesmo tempo, condicionadas pelas categorias sociais e moduladas pelo contexto interacional.

A relevância desses achados vai além da descrição empírica, pois estabelece uma metodologia de análise variacionista baseada na correlação entre variáveis dependentes (ocorrência de uma variante linguística) e variáveis independentes (categorias sociais e fatores estilísticos). Tal proposta metodológica abriu caminho para a aplicação de modelos estatísticos, como o VARBRUL, e, posteriormente, o Goldvarb-X e a Plataforma R, que permitem calcular

¹⁸ Capítulo 2 da obra: LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

o peso relativo de cada fator social ou linguístico na determinação de uma variante. Em síntese, o legado laboviano é justamente o de oferecer aparato teórico-metodológico para compreender como a linguagem, em sua heterogeneidade, se relaciona com as estruturas sociais.

O deslocamento teórico da primeira e da segunda ondas para a terceira onda abriu espaço para novas formas de compreender a relação entre linguagem, identidade e sociedade. Nesse contexto, ganha relevância o conceito de comunidade de prática, formulado inicialmente por Lave e Wenger (1991), posteriormente desenvolvido por Wenger (1998) e incorporado à Sociolinguística por Eckert (2012).

A noção laboviana de “comunidade de fala” foi central na consolidação da Sociolinguística Variacionista. Para Labov (2008 [1972], p. 228), uma comunidade de fala se caracteriza pelo compartilhamento de normas avaliativas em relação ao uso linguístico, ainda que os falantes apresentem diferentes variantes. Essa concepção foi crucial para mostrar que a heterogeneidade linguística é sistemática e socialmente estruturada:

A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas, sobretudo, pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Essas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos, e pela uniformidade de seus termos abstratos de variação, que são invariáveis com relação aos níveis particulares de uso (Labov, 2008 [1972], p. 120).

É nesse contexto que a terceira onda propõe o conceito de “comunidade de práticas” (Eckert, 2000) como alternativa analítica. Aplicado ao campo jornalístico, esse deslocamento é particularmente frutífero. A comunidade jornalística pode ser compreendida como uma comunidade de prática, cujos membros compartilham objetivos profissionais, rotinas produtivas e convenções discursivas que orientam a escrita noticiosa. Tais convenções, legitimadas pela prática, incluem a valorização da objetividade, a padronização estilística e o predomínio da impessoalidade.

Assim, enquanto a noção de comunidade de fala permite descrever padrões de variação associados a categorias sociais mais amplas, o conceito de comunidade de práticas possibilita compreender como escolhas linguísticas específicas são mobilizadas para sustentar valores profissionais, legitimar narrativas e naturalizar ideologias no interior de grupos sociais situados, como é o caso do jornalismo. Segundo Eckert (2000), nesse contexto, é possível observar como falantes mobilizam recursos linguísticos na construção de estilos, de valores e de identidades.

Diferente da noção de comunidade de fala de Labov, que pressupõe um conjunto relativamente estável de normas linguísticas partilhadas, a comunidade de prática é entendida

como um grupo social constituído pela participação conjunta em atividades cotidianas, pelo engajamento mútuo e pela negociação contínua de significados.

Nesse sentido, a comunidade jornalística pode ser concebida como uma comunidade de prática, pois seus membros compartilham objetivos, rotinas, modos de produção textual e um repertório de valores profissionais (noticiabilidade, imparcialidade e ética, por exemplo) que orientam as escolhas discursivas. Assim, a escolha da voz passiva, que tende a atenuar a responsabilidade do agressor e deslocar o foco para a vítima, pode ser interpretada como uma estratégia discursiva legitimada e reiterada no interior da própria comunidade jornalística. A linguagem jornalística, ao mesmo tempo em que informa, contribui para a produção e a (re)produção de violências de gênero.

Como observa Pagotto (2004, p. 21-23), a variação é parte constitutiva das práticas sociais e, portanto, da construção das identidades. No caso da comunidade jornalística, compreender a variação no uso das vozes verbais não significa apenas correlacioná-la a fatores externos, mas também interpretar como tais escolhas se inserem em uma prática coletiva que busca legitimar certos modos de narrar os acontecimentos, reiterando ideologias de objetividade e impessoalidade.

É possível afirmar, pois, que as escolhas linguísticas observadas nas matérias de feminicídio funcionam como marcas identitárias dessa comunidade de prática: ao privilegiar a voz passiva **sem** agente, os jornalistas não apenas silenciam o agressor, mas também reafirmam valores profissionais e discursivos compartilhados, naturalizando padrões que se reproduzem socialmente.

Na transição dos estudos da primeira para a terceira onda, Eckert (2012, p. 97) concebe ter havido uma mudança na concepção sobre língua e sociedade. A ênfase na prática estilística, característica da terceira onda, posiciona os falantes “não mais como portadores passivos e estáveis de um dialeto, mas como agentes estilísticos” (Eckert (2012, p. 98). O estilo é, em sua essência, ideológico, e a forma estilística das proposições é parte constitutiva de seu significado. A terceira onda, nesse sentido, focaliza a ideologia na própria linguagem dentro do processo de construção de sentido.

Dentro desse panorama, reconhecemos que os estudos de terceira onda não apenas corroboram e reforçam as premissas desta pesquisa, mas também ampliam a nossa visão acerca da necessidade de compreendermos a variação como prática social e ideologicamente situada, isto é, “quando falamos, movemo-nos num espaço sociolinguístico multidimensional e usamos

os recursos da variação linguística para expressar esta ampla e complexa gama de identidades distintas” (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 176).

Os estudos de terceira onda passaram a observar a dinamicidade da estrutura, o que, por extensão, significa buscar entender de que forma os condicionamentos sociais impostos e as relações de poder estabelecidas se inter-relacionam no cotidiano. Dentre as bases teóricas, surgiram os seguintes argumentos:

a) A variação constitui um sistema semiótico social robusto, com potencial para expressar todo o espectro de preocupações sociais de uma comunidade; b) Os significados das variáveis são subespecificados, adquirindo sentidos mais precisos no contexto dos estilos sociais; c) A variação não apenas reflete as categorias sociais, mas também constrói o significado social, tornando-se, assim, um agente de mudança social (Eckert, 2012, p. 87, tradução nossa).¹⁹

Ao olharmos para os estudos de terceira onda, fica evidente que a prática estilística é, antes de tudo, uma prática social, ideologicamente orientada, em que as escolhas linguísticas assumem papel ativo na produção e na negociação de identidades sociais. Por esse motivo, atualmente, o estudo do estilo está diretamente ligado ao estudo da identidade, uma vez que a concepção estrita de estilo como sendo a adequação a situações de maior ou menor formalidade por meio de variáveis individuais, segundo Freitag, Martins e Tavares (2012, p. 923), tem se mostrado arcaica:

A face renovada de estilo o identifica com o modo como os falantes combinam variáveis para criar modos distintivos de fala, que fornecem a chave para a construção da identidade. A identidade consiste, por sua vez, em tipos particulares explicitamente localizados na ordem social. Continuamente, os falantes atribuem significado social à variação de um modo consequente, situação que implica certo grau de agentividade.

Apesar do espaço que a terceira onda tem ocupado, os estudos de primeira onda – sobretudo baseados em bancos de dados sociolinguísticos – possuem, além do pioneirismo, um papel ainda de suma importante na área da sociolinguística, sobretudo no reconhecimento das variedades linguísticas do português brasileiro. Por isso, nós, enquanto pesquisadores da área, reconhecemos as contribuições trazidas por todos os autores, oriundos de diferentes fases e ondas, os quais sustentam nossos argumentos e embasam nossas análises variacionistas.

Considerações finais

Nesse capítulo discorreremos sobre os conceitos de cultura, língua e sociedade, atrelando-

¹⁹Tradução livre feita pela autora do excerto: *(a) variation constitutes a robust social semiotic system, potentially expressing the full range of social concerns in a given community; (b) the meanings of variables are underspecified, gaining more specific meanings in the context of styles, and (c) variation does not simply reflect, but also constructs, social meaning and hence is a force in social change* (Eckert, 2012, p. 87).

os à Teoria Variação e Mudança Linguística. Explicamos o surgimento e o percurso histórico da Sociolinguística Laboviana, bem como os pressupostos teóricos da área, tais como a heterogeneidade sistemática e as variantes linguísticas. Aprofundamos a discussão acerca da variação sintática a partir do artigo de Weiner e Labov e da polêmica de Labov e Lavandera.

Por fim, demos ênfase aos estudos variacionistas de terceira onda e os interrelacionamos ao nosso objeto de estudo. No próximo capítulo, apresentaremos um estudo comparativo entre gramáticas acerca da voz ativa e da voz passiva, variável dependente dessa pesquisa variacionista.

CAPÍTULO 2

CONSTRUÇÕES DE VOZ EM PORTUGUÊS: UMA RETROSPECTIVA

“A responsabilidade dos homens por sua violência contra as mulheres pode ser minimizada pelo uso da voz passiva tanto na mídia como nos autos dos tribunais ou outros discursos jurídicos” (Van Dijk, 2012 [1992], p. 230).

Considerações iniciais

Ao iniciar esse estudo, comecei paralelamente uma seleção de compêndios gramaticais e de trabalhos científicos com foco em vozes verbais. A ideia era compreender, por meio de pesquisas e de teorias linguísticas, como a questão da voz ativa e da voz passiva vinha sendo tratada pelos linguistas e pelos gramáticos. Neste capítulo, apresentaremos definições e discussões, divulgadas em artigos e livros, sobre as construções de voz em português do ponto de vista da linguística. Além disso, será apresentado um estudo comparativo entre gramáticas tradicionais e descritivas acerca da voz ativa e da voz passiva.

2.1 A construção das vozes verbais nos estudos linguísticos

A definição de vozes verbais é milenar, e o responsável por essa conceituação foi Dionísio o Trácio, considerado o primeiro gramático do ocidente. A definição dada por ele, no século II a.C., teve “pouquíssimas variações” e aparece “praticamente inalterada” hoje nas gramáticas de Língua Portuguesa (Rocha, 2013, p. 57). Luft (2001, p. 178) conceitua voz como “a forma que toma o verbo para exprimir as relações de atividade e passividade entre sujeito e verbo”. Já Lima (2008, p. 123) chama voz o acidente que “expressa a relação entre o processo verbal e o comportamento do sujeito”.

Na concepção de Castilho e Elias (2012), por meio da voz verbal, indicamos o tipo de participação do sujeito sentencial no estado das coisas. Azeredo (2000, p. 200) explica que o verbo pode atribuir diferentes papéis semânticos a um sujeito – agente, paciente, experienciador, lugar, por exemplo – “em virtude da natureza da sua significação”. No entanto, em alguns casos, esses papéis são indicados pelo predicado:

*Em Os policiais retiraram Antônio da sala, a voz se chama **ativa**, visto que o sujeito os policiais tem o papel de agente; já em Antônio foi retirado da sala pelos policiais a voz se chama **passiva**, visto que o sujeito Antônio tem o papel de paciente por força da construção “ser + participio” (foi retirado) [...] A voz ativa corresponde à forma não marcada desse subsistema, ao passo que a voz passiva é marcada pela combinação de “ser + adjetivo participial” (Azeredo, 2000, p. 201).*

Bechara (2004, p. 222) diz que a voz ativa é a forma em que o verbo se apresenta para normalmente “indicar que a pessoa a que se refere é o agente da ação”. Nas questões relativas à possibilidade de formação da voz passiva, percebe-se que ela só pode ocorrer quando o sujeito da sentença tem controle sobre a ação expressa pelo verbo” (Negrão *et al.*, 2003, p. 106).

No excerto, retirado do *corpus* desta pesquisa, “homem ASSASSINA esposa e se mata com tiro na cabeça em Delmiro Gouveia, AL”, o “homem” é o agente. Já a voz passiva analítica é utilizada, em nível sintático-semântico, para caracterizar sentenças em que o sujeito paciente da ação verbal ocupa a função de sujeito. No nível morfosintático, ela é caracterizada por uma locução verbal formada pelo particípio do verbo principal e, tipicamente, pelo verbo auxiliar *ser*: No trecho “uma mulher FOI ASSASSINADA na QR 217 de Santa Maria, na tarde desta quinta-feira”, considera-se “a mulher” como “paciente”.

No âmbito das construções de voz, tem-se ainda a passiva sintética ou impessoal – que, apesar de não ter sido escolhida como foco desse estudo, merece ser caracterizada para que o leitor tenha uma compreensão maior acerca da voz passiva que será destacada na presente pesquisa:

é constituída pela fórmula: verbo na 3ª pessoa da forma ativa combinada com o pronome *se*, na chamada função de apassivador, que é como tradicionalmente se qualifica o clítico, quando se reporta a um sujeito de 3ª pessoa que, na representação linguística, não figura como Sujeito ativo (Camacho, 2000, p. 217).

Mioto *et al.* (2004, p. 164), no capítulo sobre Teoria Temática em *O Novo Manual da Sintaxe*, postula que “a maioria dos verbos que selecionam um argumento externo (agente) e um interno “tema/paciente” podem, no Português, ser transformados em voz passiva”. Os linguistas chamam a atenção para a possibilidade de o agente não ser expresso como argumento, conforme exemplo (2):

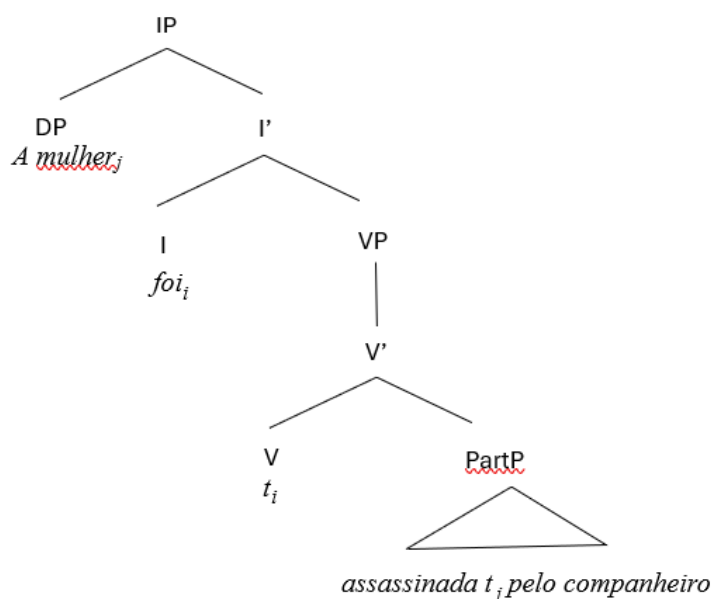
(1) *A mulher foi assassinada pelo companheiro.*

(2) *A mulher foi assassinada.*

Segundo Mioto *et al.* (2004, p. 164), caso o agente (o companheiro) esteja presente na sentença, ele será realizado como complemento da preposição *por*, dentro de um adjunto, de quem receberá seu papel temático. “Isso mostra que tal elemento não pode ser, então, argumento externo do verbo”, isto é, “a flexão passiva tem capacidade de ‘inacusativizar’ o verbo” e, não tendo argumento externo, o interno torna-se sujeito.

Nas construções ativa e passiva, apenas a segunda promove explicitamente o tópico/participante afetado e permite suprimir a entidade agentiva (Figura 4), que se manifesta no interior de um Sintagma Preposicionado (pelo companheiro): *A mulher foi assassinada pelo companheiro*.

Figura 4 - Representação da voz passiva



Fonte: Elaborado por Maduro (2025).

O agente nem sempre será mencionado e enunciá-lo é uma escolha do jornalista, no caso das notícias, o que reflete o ponto de vista do produtor do texto em relação ao evento. Não é, portanto, uma restrição sintático-semântica. “De fato, não é obrigatória a supressão da identidade do Agente, o predicado não mantém traços de transitividade e não é admissível que qualquer argumento não-Sujeito da ativa venha a se constituir como Sujeito/Tópico da passiva” (Camacho, 2000, p. 231).

O autor, de um ponto de vista funcional, defende que as vozes verbais “exercem uma diversidade de valores semântico-oracionais e pragmático-discursivos, codificados na sintaxe por diferentes tipos de configurações estruturais”. Ao explicar as construções de voz passiva, o autor argumenta que as gramáticas escolares e os livros didáticos postulam que o único tipo de verbo que fornece as condições estruturais da passiva é o chamado transitivo direto. Nesse caso, “o conceito de transitividade é entendido sintática e não semanticamente, ainda que as definições de passiva tenham em geral uma base nocional” (Camacho, 2006, p.171).

O autor também caracteriza as construções de voz como gramaticalmente complexas e explica que, por esse motivo, a literatura tem definido voz como um “domínio multifatorial, tendo por base alguma caracterização prototípica a partir da qual outros tipos de construção ganham contorno próprio” (Camacho, 2000, p. 215), o que significa afirmar que a voz verbal apresenta inúmeros valores e possibilidades.

Retomamos, pois, o questionamento feito na introdução desse trabalho. Existe equivalência sintática e/ou semântica nas sentenças a seguir?

- a) “Homem ASSASSINA esposa e se mata com tiro na cabeça em Delmiro Gouveia”;
- b) “Estudante de enfermagem FOI ASSASSINADA a facadas na frente do filho de 8 anos”.

Beth Levin (2015, p. 66), no artigo *Semantics and Pragmatics of Argument Alternations*, pontua que, se as construções sintáticas (exemplificadas anteriormente) fossem apenas paráfrases, por exemplo, o fenômeno se resumiria à sintaxe; entretanto, se as variantes forem associadas a significados distintos, “a realização alternativa dos argumentos pode ser uma consequência dessa diferença”.

Dentro desta perspectiva, Lima (2023, p. 19), em seu estudo sobre a emergência de construções resultativas de verbos sobre violência no português brasileiro, defende que o “contexto discursivo revela um nível de complexidade mais amplo” o qual envolve “fatores para além da sintaxe”: semânticos, pragmáticos e cognitivos.

Se observarmos novamente os dados “a” e “b”, por exemplo, conseguiremos identificar que a primeira (a) enfatiza o agente, embora não saibamos o nome do assassino. A segunda (b), no entanto, desloca o foco para a vítima e apaga o agente. É por isso que não se pode olhar para as alternâncias argumentais apenas pelo viés sintático, afinal a seleção de determinada forma pode refletir estratégias discursivas articuladas a efeitos ideológicos próprios de certos domínios, como o jornalístico.

Lambrecht (1994) defende que a escolha entre formas alternativas para expressar um mesmo conteúdo proposicional está diretamente condicionada às pressuposições do falante e ao estado de conhecimento e de consciência do ouvinte no momento da enunciação. Essa relação entre pressuposições do falante e estrutura formal da sentença é governada por regras e convenções gramaticais as quais o autor intitula de “estrutura informacional”, que se

manifesta formalmente em aspectos da prosódia, em marcadores gramaticais específicos, na forma de constituintes sintáticos (em particular, nominais), na posição e na ordenação desses constituintes na sentença, na forma de construções gramaticais complexas e em certas escolhas entre itens lexicais relacionados. A estrutura informacional, portanto, intervém em todos os níveis da gramática responsáveis pela expressão de significado. A análise da estrutura informacional centra-se na

comparação de pares de sentenças que são semanticamente equivalentes, mas formal e pragmaticamente divergentes, como, por exemplo: ativa vs. passiva, canônica vs. topicalizada, canônica vs. clivada ou deslocada, sentença com acento no sujeito vs. sentença com acento no predicado etc (Lambrecht, 1994, p. 6, tradução nossa).²⁰

Dentro deste contexto, Micheline Tomazi, no artigo *A agentividade nas manchetes sobre violência de homens contra mulheres* (2020), argumenta que as diferentes formas sintáticas carregam uma variedade de significados e desempenham múltiplas funções, exigindo, portanto, análises que considerem aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos.

Em um estudo sobre a representação de minorias étnicas na imprensa, Van Dijk (1991) mostra a relevância da agentividade atribuída aos atores sociais e sugere que os papéis e as ações destinadas a esses sujeitos têm implicações ideológicas. A pesquisa sugere que as minorias sociais costumam ganhar visibilidade midiática, sobretudo quando estão envolvidas em ações negativas. Em contrapartida, membros das “elites simbólicas” aparecem frequentemente como meros receptores das ações praticadas, muitas vezes, por essas mesmas minorias.

Tomazi (2020) corrobora a ideia de Van Dijk (2012 [1992]) de que os estereótipos são construídos e reproduzidos nas manchetes por meio de escolhas sintático-semânticas do discurso, afinal elas,

quando combinadas, têm implicações sociais ou políticas e isso “é relevante para uma análise crítica do contexto se, por exemplo, os homens usam orações passivas sem agente para negar ou minimizar seu próprio envolvimento ativo na violência ou na discriminação contra mulheres” (Van Dijk, 2012, p. 230). Isso significa que a escolha de um estilo sintático em uma manchete de relato sobre violência de homens contra mulheres contribui para reforçar crenças machistas, patriarcais e preconceituosas contra mulheres (Tomazi, 2020, p. 829).

Ambos defendem que a escolha entre a voz passiva ou a voz ativa, por exemplo, possibilita diferentes perspectivas de determinado evento: “A responsabilidade dos homens por sua violência contra as mulheres pode ser minimizada pelo uso da voz passiva tanto na mídia como nos autos dos tribunais ou outros discursos jurídicos” (Van Dijk, 2012 [1992], p. 230).

²⁰ Tradução livre feita pela autora do trecho: “Information structure is formally manifested in aspects of prosody, in special grammatical markers, in the form of syntactic (in particular nominal) constituents, in the position and ordering of such constituents in the sentence, in the form of complex grammatical constructions, and in certain choices between related lexical items. Information structure thus intervenes at all meaning-bearing levels of the grammatical system. Information-structure analysis is centered on the comparison of semantically equivalent but formally and pragmatically divergent sentence pairs, such as active vs. passive, canonical vs. topicalized, canonical vs. clefted or dislocated, subject-accented vs. predicate-accented sentences, etc. Using a term introduced by Danes (1966), I will refer to such sentence pairs as pairs of allosentences. Differences in the information structure of sentences are always understood in terms of contrasts between allosentences, i.e. against the background of available but unused grammatical alternatives for expressing a given proposition.” (Lambrecht, 1994, p. 6).

Uma das estratégias para atenuação dessa ação agressora é a topicalidade, conceito trazido por Givón (1994) e repercutido nos trabalhos de Camacho (2000), de Tomazi (2000) e de Teixeira (2023) dentro dos intitulados “domínios funcionais”, conforme quadro 1:

Quadro 1 - Domínios funcionais de Givón

Topicalidade	Atribui-se a função de Tópico a um argumento não-Agente; esse comportamento é oposto ao da sentença ativa correspondente, em que o Tópico é comumente o Sujeito/Agente.
Impessoalidade	Suprime-se a identidade/presença do argumento Agente, geralmente o Sujeito expreso da sentença ativa.
Detransitividade	A construção de voz é semanticamente menos "ativa", menos transitiva, mais estativa que a construção "ativa" correspondente.

Fonte: Elaborado por Maduro (2025) com conceitos de Givón (1994).

De acordo com Camacho (2000, p. 215), considerando a complexidade gramatical da voz verbal e a “diversidade de seus valores semântico-oracionais e pragmático-discursivos”, os estudos funcionalistas têm priorizado a definição da voz como um “domínio multifatorial”. Isso significa que a voz verbal não se reduz a uma simples alternância entre ativa e passiva, mas representa um conjunto amplo de valores, cuja manifestação linguística está relacionada a escolhas de estrutura e de uso. Assim, a definição funcionalista se ancora em uma caracterização própria, a fim de que as construções verbais ganhem contornos próprios: “Ser um conceito multifatorial significa que a voz verbal representa um grande número de valores e de possibilidades correspondentes de expressão que, segundo Givón (1981, 1994), envolvem três domínios funcionais (Camacho, 2000, p. 216).

Dentre esses três domínios, destaca-se, no presente *corpus*, a dimensão da topicalidade. A topicalização de argumentos não agentes (neste caso, as vítimas) é uma escolha recorrente em notícias sobre feminicídios. Como observa Givón (1994), essa topicalização pode ser consequência direta da supressão do agente, funcionando, assim, como estratégia linguística de organização da informação que, ao mesmo tempo, visibiliza a vítima e invisibiliza o agressor. O autor destaca que o fato de um argumento “não agente” ser topicalizado é uma consequência da supressão do agente. Percebe-se, portanto, que a omissão do responsável pelo crime é uma estratégia linguística, conforme observamos nos exemplos a seguir, provenientes do *corpus*:

(1) Após descobrir que era casado com uma mulher contaminada pelo vírus HIV, a AIDS, **um homem** MATOU a sua esposa [...] (Hoje em dia, 2013).

(2) Tamires Ramos Nascimento, que se mudou da Bahia para São Paulo, FOI MORTA **pelo marido** (UOL, 2023).

(3) Mariza Rocha Santana FOI ASSASSINADA em Santa Cruz das Palmeiras (*g1*, 2023).

Nos exemplos (2) e (3), observa-se uma estratégia discursiva que enfatiza o nome da mulher assassinada, tornando-a o centro temático da oração, ao passo que o agente da ação violenta é omitido (exemplo 3) ou secundarizado por meio do agente da passiva “pelo marido” (exemplo 2). Já no exemplo 1, embora o agressor seja mencionado genericamente (“um homem”), a ação violenta aparece condicionada a um fator externo (a esposa ser HIV positiva), o que enfraquece a responsabilização do agente e oferece um “atenuante” para o crime. Essa construção contribui, pois, para a naturalização da violência.

Além da topicalidade, os exemplos analisados também evidenciam traços de impessoalidade, especialmente quando se observa a escolha por construções que suprimem o agente da ação. Esse recurso aparece de forma explícita nas sentenças (3) e (4), em que não há qualquer referência ao autor da agressão ou do assassinato. Segundo Givón (1994), a impessoalidade está relacionada à omissão do argumento-agente, geralmente o sujeito de uma construção ativa.

Tal omissão, em contextos de violência de gênero, pode ser interpretada como uma estratégia linguística de apagamento da responsabilidade, que contribui para o enfraquecimento da autoria do crime. Esse tipo de construção transfere o foco para a vítima ou para o evento em si (“foi assassinada”, “foi vítima de agressão”), enquanto o agressor permanece ausente do enunciado e, simbolicamente, do processo de responsabilização:

Ao menos como tendência estatística, a passiva também é, como vimos, marcada pela impessoalidade, cujo indício mais evidente é a impossibilidade de se recuperar a identidade referencial do SN agentivo não manifesto formalmente. De qualquer modo, essa condição não é obrigatória, ficando ao arbítrio do enunciadador selecionar a construção com ou sem SN agentivo, conforme as exigências discursivas (Camacho, 2000, p. 229).

É assim que o redator, diante da necessidade de desviar a atenção do leitor para o agente do crime, encontra na voz passiva a possibilidade de apagar o agente “porque ele é desconhecido, já conhecido, julgado irrelevante, ou talvez para deixar vaga a agência e, consequentemente, a responsabilidade (Fairclough, 2016, p. 109).

A detransitividade, por sua vez, também é uma operação funcional presente nas construções analisadas. No enunciado “O *assassinato* aconteceu dentro da casa da vítima”²¹, por exemplo, observa-se não só a ausência do agressor, mas também a preferência por uma nominalização, a qual suaviza a violência do ato por meio da troca do verbo “*assassinar*” pelo substantivo “*assassinato*”. Margarida Basilio (2013, p. 31) define a forma nominalizada como uma estrutura “crucial para a continuidade do tópico na construção do texto”. Caso optássemos

²¹ Exemplo construído pela autora.

pelo uso da voz ativa com sujeito manifesto, por exemplo, a estrutura textual exigiria a presença do agente: “Homem assassinou a namorada dentro da casa da vítima”.

Esses conceitos são de grande relevância para esse estudo e serão revisitados no capítulo 5. Na seção seguinte, daremos continuidade às discussões acerca das vozes verbais a partir de conceitos de gramáticas tradicionais e de cunho linguístico.

2.2 Panorama das vozes verbais a partir de uma gramaticografia

Com o objetivo de obtermos uma visão geral das vozes verbais, criamos um quadro comparativo o qual registra os conceitos acerca dessa temática em cinco gramáticas tradicionais: *Moderna Gramática Portuguesa* (Bechara, 2004), *Pequena Gramática do Português Brasileiro* (Castilho; Elias, 2012), *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (Cunha; Cintra, 2017), *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (Lima, 2008), e *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* (Said Ali, 1931); além de seis gramáticas de cunho descritivo: *Fundamentos de Gramática do Português* (Azeredo, 2000), *Gramática pedagógica do Português Brasileiro* (Bagno, 2012), *Pequena Gramática do Português Brasileiro* (Castilho; Elias, 2012), *Gramática Resumida* (Luft, 2001), *A Gramática de Usos do Português* (Neves, 2000) e *Gramática Descritiva do Português Brasileiro* (Perini, 2016).

A análise das vozes verbais em notícias jornalísticas sobre feminicídio exige uma abordagem que vá além da descrição morfossintática tradicional. É fundamental compreender como as escolhas de voz verbal, no interior das estruturas sintáticas, projetam efeitos discursivos de apagamento, de responsabilização ou de focalização da vítima, elementos que dialogam diretamente com as dimensões ideológicas do discurso midiático, tendo em vista que “muitas variantes sintáticas têm uma pluralidade de significados ou de funções e diferentes, portanto, precisam ser explicadas em termos semânticos, pragmáticos e discursivos” (Van Dijk, 2012 [1992], p. 230).

Na obra *Discurso e Poder*, Van Dijk (2012 [1992], p. 233) enfatiza que a variação sintática possui “não só funções contextuais pragmáticas, mas também funções contextuais semânticas”, o que justifica que, para ligar os traços linguísticos (sobretudo, sintáticos), “precisamos relacioná-los a tipos de textos (gêneros discursivos)”. No caso deste estudo, a notícia.

Para subsidiar esta reflexão, foi elaborado um panorama a partir de gramáticas tradicionais e gramáticas descritivas (Quadros 2 e 3), o qual permite evidenciar de que forma os diferentes modelos teóricos tratam a categoria da voz verbal e como essas conceituações

impactam na leitura analítica dos enunciados presentes no *corpus*, coletado e codificado nesta pesquisa.

Quadro 2 - Panorama das vozes verbais a partir de gramáticas tradicionais

Vozes verbais	Localização no compêndio gramatical	Vozes verbais
Bechara (2004, p. 222-223)	Verbo > As vozes do verbo	Ativa: Forma que o verbo se apresenta para normalmente indicar que a pessoa a que se refere é o agente da ação. A pessoa, neste caso, diz-se agente da ação verbal: <i>Eu escrevo a carta; Tu visitaste o primo; Nós plantaremos a árvore.</i> Passiva: Forma verbal que indica que a pessoa é o objeto da ação verbal. A pessoa, neste caso, diz-se paciente da ação verbal: <i>A carta foi escrita por mim; O primo foi visitado por ti; A árvore será plantada por nós.</i>
Cunha e Cintra (2017, p. 398-400)	Verbo > Vozes	O fato expresso pelo verbo pode ser: a) praticado pelo sujeito: <i>João feriu Pedro; Não vejo rosas neste jardim.</i> b) sofrido pelo sujeito: <i>Pedro foi ferido por João. Não se veem [= são vistas] rosas neste jardim.</i> Exprime-se a voz passiva: a) com o verbo auxiliar ser e o particípio do verbo que se quer conjugar: <i>Pedro foi ferido por João.</i> Como se verifica dos exemplos acima, o objeto direto da voz ativa corresponde ao sujeito da voz passiva. Logo, para que um verbo admita transformação de voz, é necessário que ele seja transitivo.
Lima (2008, p.123-134)	Formas compostas > Verbos	Ativa: aquela em que o sujeito é o agente do processo indicado pelo verbo: <i>O prisioneiro fugiu. Um incêndio destruiu o velho casarão.</i> Passiva sintética: aquela em que o sujeito é o paciente do processo verbal: <i>Destruuiu-se o velho casarão.</i> Passiva analítica: aquela que é realizada também, paralelamente, por uma locução de ser + particípio passado do verbo principal: <i>Foi destruído o velho casarão.</i>
Luft (2001, p. 105-106)	Verbo > Flexão verbal > As vozes	Quando o sujeito é agente, ou pelo menos ponto de partida da afirmação (sujeito formal, gramatical): <i>O lobo ataca, o lobo morre, o lobo recebe um tiro.</i> Quando o sujeito sofre a ação verbal: <i>O lobo foi ferido; feriu-se o lobo.</i> A voz passiva se apresenta de duas maneiras: com verbo auxiliar [Auxiliar + Particípio] – passiva analítica : Ele é abraçado, Ele ficou rodeado por/de curiosos. Com pronome apassivador se – passiva sintética : <i>Consertam-se calçados.</i>
Said Ali, (1931, p.199-207)	Verbos > Voz ativa, passiva e média	<i>Andar, fugir, ir, voar</i> e outros intransitivos representam atividade em que o sujeito é, como nos transitivos ativos, verdadeiro agente; porém em <i>padecer, adoecer, morrer, envelhecer, durar</i> não se revela nenhuma atividade da parte do sujeito. São atos que nele se consumam estados pelos quais passa. A condição do sujeito aqui é a de paciente. Os intransitivos, ainda que tenham forma ativa, aproximam-se, pois, quanto à significação, antes dos transitivos passivos que dos transitivos ativos.

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir de informações das gramáticas de Bechara (2004, p. 222-223); Cunha e Cintra (2017, p. 398-400); Lima (2008, p.170), Luft (2001, p. 105-106) e Said Ali (1931, p.199-207).

O quadro comparativo das gramáticas brasileiras tradicionais, conforme apresentado no Quadro 2, apresenta alguma estabilidade, uma vez que os autores analisados mantêm a classificação tripartite das vozes verbais e definem as vozes verbais ativa e passiva de maneira quase unívoca. São elas: voz ativa, voz passiva e voz reflexiva.

Entre os conceitos oriundos das gramáticas tradicionais, Bechara (2004, p. 222-223) distingue a voz ativa como aquela em que “o verbo se apresenta para normalmente indicar que a pessoa a que se refere é o agente da ação”, ao passo que a voz passiva seria a forma verbal que “indica que a pessoa é o objeto da ação verbal”. Em sua exemplificação, *A carta foi escrita*

por mim, “a pessoa, neste caso, diz-se paciente da ação verbal”. Essa categorização enfatiza a relação sintática entre os constituintes e a transitividade como condição para a formação da passiva.

Outro tópico que merece destaque é o conceito de passividade. Bechara (2004) chama a atenção para essa noção, visto que a passividade não pode ser confundida com a voz passiva: “voz é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que a pessoa recebe a ação [...]. Passividade é o fato de a pessoa receber a ação verbal. A passividade pode traduzir-se, além da voz passiva, pela voz ativa, se o verbo tiver sentido passivo” (Bechara, 2004, p. 222). Em *os criminosos receberam merecido castigo*, por exemplo, a passividade não corresponde à voz passiva.

Cunha e Cintra (2017, p. 398) mantêm essa divisão binária, mas acrescentam que a voz passiva pode ser expressa de dois modos: com a forma analítica, por meio de verbo auxiliar + particípio (*Pedro foi ferido por João*), e com a forma sintética, por meio do uso da partícula “se”, em construções como *Não se veem rosas neste jardim*. Os autores postulam que a expressão “não se veem”, nesse caso, é interpretada como “são vistas”.

Exprime-se, portanto, a voz passiva com o verbo auxiliar *ser* e o particípio do verbo que se quer conjugar: *Pedro foi ferido por João*. Como se verifica no exemplo anterior, o objeto direto da voz ativa corresponde ao sujeito da voz passiva. Logo, “para que um objeto direto da voz ativa corresponda ao sujeito da voz passiva [...], é necessário que ele seja transitivo” (Cunha; Cintra, 2017, p. 399), de modo que a possibilidade de alternância entre vozes dependa do predicado verbal.

Lima (2008, p. 123-134) insere o conceito de voz verbal dentro do capítulo *formas compostas* e define a voz ativa como “aquela em que o sujeito é o agente do processo indicado pelo verbo” (*O prisioneiro fugiu*), enquanto a passiva é a que apresenta o sujeito como paciente do processo verbal. A passiva é subdividida entre sintética (*Destruiu-se o velho casarão*) e analítica (*Foi destruído o velho casarão*), destacando-se que ambas são igualmente legítimas na Língua Portuguesa e que, mesmo formalmente distintas, compartilham o efeito de deslocar o foco para o paciente do evento. Embora Lima (2003, p. 27) se exima de definir a voz verbal, “essa categoria parece ser considerada mórfica, ou antes, morfo-semântica, que não encontra nos intransitivos uma concordância forma/sentido como encontra nos transitivos”.

Já Luft (2001, p. 105), ao tratar da flexão verbal, aborda a voz como escolha que expressa o “ponto de partida da afirmação (sujeito formal, gramatical)”. O autor exemplifica com *O lobo ataca, o lobo morre, o lobo recebe um tiro* e enfatiza a centralidade do sujeito. A

voz passiva, por sua vez, é expressa de duas formas: analítica (*Ele é abraçado, foi rodeado por/ de curiosos*) e sintética (*Consertam-se calçados*), sendo esta última marcada pela presença do pronome apassivador “se”.

Manuel Said Ali foi incluído neste panorama, apesar de ser um filólogo do período pré-NGB (1930-1960), em virtude dos relevantes princípios teóricos incorporados à gramaticografia brasileira durante o período entre 1930 e 1960. O autor desenvolveu análises sobre a voz verbal, as quais influenciaram a NGB e tornam-se, por conseguinte, significativas para esse estudo.

Na *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Said Ali (1963) não define o que é voz, mas classifica as vozes verbais em três: ativa; passiva, formada pelo participípio do pretérito com o auxiliar *ser*; e média. O gramático (1963, p. 199) postula que a classificação das vozes facilita o estudo das formas,

mas nem por isso se harmoniza sempre com a significação do verbo. Andar, fugir, ir, voar e outros intransitivos representam atividade em que o sujeito é, como nos transitivos ativos, verdadeiro agente; porém em padecer, adoecer, morrer, envelhecer, durar, não se revela nenhuma atividade da parte do sujeito. São atos que nele se consomem, estados pelos quais passa (...). A condição do sujeito aqui é a de paciente. Os intransitivos, ainda que tenham forma ativa, aproximam-se, pois, quanto à significação, antes dos transitivos passivos que dos transitivos ativos.

Sacconi (2006, p. 154), por sua vez, apesar de não ter sido contemplado no quadro síntese, aponta que “com os verbos neutros (*nascer, viver, morrer, dormir, acordar, sonhar etc.*), não se pode ter voz ativa, passiva e nem reflexiva, porque o sujeito não é nem agente nem paciente”. Além disso, ao discutir o uso de verbos do tipo “levar”, Sacconi (2006, p. 154) observa que se trata de um verbo de sentido passivo, embora a voz seja ativa, “porque o sujeito está no lugar do paciente e não pode ter voz ativa nem reflexiva”, como no exemplo *Ele levou uma surra*. Para fins de comparação, traremos agora os conceitos e os exemplos oriundos das gramáticas descritivas, apresentados no Quadro 3:

Quadro 3 - Panorama das vozes verbais a partir de gramáticas descritivas

Vozes verbais	Localização no compêndio gramatical	Vozes verbais
Azeredo (2000, p. 200-201)	Verbo > Funções Semânticas do Sujeito / Vozes do Verbo	A voz ativa corresponde à forma não marcada desse subsistema. Em <i>Os policiais retiraram Antônio da sala</i>, a voz se chama ativa, visto que o sujeito <i>os policiais</i> tem o papel de agente. A voz passiva é marcada pela combinação de “ser + adjetivo participial”. Em <i>Antônio foi retirado da sala pelos policiais</i>, a voz se chama passiva, visto que o sujeito <i>Antônio</i> tem o papel de paciente por força da construção “ser + participípio” (foi retirado).

Bagno (2012, p. 580-581)	No princípio era... o verbo > Voz	Na maioria das ocorrências da voz ativa, ocorre a coincidência de sujeito/agente e objeto direto/paciente. Por essa razão, [...] ela é a forma não marcada quando o assunto é voz do verbo. Ex: <i>O gato apanhou do rato</i> [gato = sujeito/agente; rato = objeto/paciente]. No PB, a voz passiva se exprime de modo analítico – não existe voz passiva sintética ou pronominal no português brasileiro. O que existe, sim, são construções ativas em que o clítico se exerce o papel sintático de sujeito e o papel semântico [indeterminado] contemporâneo. Na passiva, os papéis sintáticos se invertem, mas os papéis semânticos permanecem os mesmos, ou seja, gramaticalmente ocorre uma mudança, na organização do enunciado, mas no plano da realidade do mundo (ou seja, no nível semântico) não ocorre inversão nenhuma: <i>O rato foi apanhado pelo gato</i> [gato = sujeito/paciente; rato = agente da passiva]. O rato, mesmo ocupando o lugar sintático de sujeito, continua sofrendo - literalmente - nas garras do gato, que ocupa agora o lugar de agente da passiva.
Castilho e Elias (2012, p. 174-175)	Categorias semânticas do verbo	É expressa por uma forma verbal simples. Como a voz ativa depende de um sujeito e de um objeto direto, ela é privativa dos verbos bitransitivos diretos. Na voz ativa, o verbo atribui ao sujeito da sentença o papel de agente e ao objeto direto o papel de paciente. Ex: <i>O moleque espetou o gato da vizinha</i> . É expressa por uma forma verbal composta, constituída por <i>ser</i> + particípio. Na voz passiva, o verbo atribui ao sujeito da sentença o papel de paciente e ao complemento o papel de agente. Ex: <i>O gato da vizinha foi espetado pelo moleque</i> .
Neves (2000, p.65)	O verbo > Verbos auxiliares de voz	A locução verbal de voz passiva é formada com o verbo SER e o particípio do outro verbo: <i>FOI MORTO com um tiro na nuca</i> . A voz passiva pode ser indicada com o pronome se diretamente ligado ao verbo transitivo. Ex: <i>DÁ-SE manteiga e leite [...]</i> Na prática, porém, <i>VIRAM-SE</i> cenas como os dois rapazes palestinos amarrados sobre o capo dos jipes militares [...].
Perini (2016, p. 271-273)	Contando orações > Os particípios > Consequências para a análise da construção passiva	[...] muitos casos de passiva não têm ativa correspondente. Por exemplo: <i>Essa dona é antipatizada por todos os moradores do prédio</i> ; <i>*Todos os moradores do prédio antipatizam essa dona</i> . Existem mesmo certas passivas cujo particípio não corresponde a verbo nenhum [...]. Exemplos: <i>O Zé matou o pernilongo</i> ; <i>O pernilongo foi morto por Zé</i> ; <i>O Zé matou a questão</i> ; <i>*A questão foi morta por Zé</i> . Morto não tem a mesma polissemia de matar: parece ter uma semântica própria, o que é normal se analisarmos matar e morto como lexemas distintos. “Morto” significa algo como “que sofreu o processo de perder a vida”, mas não “que sofreu o processo de ser entendido”. Isso mostra com bastante clareza que morto e matar não podem pertencer ao mesmo lexema; e, conseqüentemente, que a passiva não é uma diátese do verbo matar.

Fonte: Quando elaborado pela autora a partir de informações das gramáticas de Azeredo (2000, p. 200-201); Bagno (2012, p. 812); Castilho e Elias (2012, p. 174); Perini (2016, p. 271-273); Neves, 2000, p.65).

No campo das gramáticas descritivas, Azeredo (2000, p. 200) associa a voz verbal às funções semânticas do sujeito e do verbo, identificando que a voz ativa “corresponde à forma não marcada dessas subsistências”, ao passo que a voz passiva se caracteriza por construções do tipo *ser* + particípio (*Antônio foi retirado da sala pelos policiais*), nas quais “o sujeito Antônio tem o papel de paciente por força da construção ‘*ser* + particípio’”.

Castilho e Elias (2012, p. 174) lembram que “as regras de transformação da voz ativa na passiva habitam nossas gramáticas desde sempre” por meio de uma receita:

- i) mover o objeto direto da ativa para antes do verbo, transformando-o em sujeito, (ii) mover o sujeito para depois do verbo, fazendo-o preceder da preposição **por** ou **de**, transformando-o em complemento da passiva, (iii) alterar a morfologia do verbo, que passa de forma simples a composta.

A definição das vozes ativa e passiva é comumente encontrada nas gramáticas comparadas, ao contrário da voz reflexiva e de suas derivações (como a voz dinâmica), que possuem diferenciação entre autores. Bechara, por exemplo, não apresenta subdivisões no que se refere à voz reflexiva. Já Luft (2001, p.105-106) aborda quatro categorias dentro dessa construção: “reflexiva propriamente dita”, “recíproca”, “dinâmica” e “pronominal”.

Bagno (2012, p. 580) reinterpreta o conceito de voz a partir de um viés sociolinguístico, afirmando que, no português brasileiro, “a voz passiva se exprime de modo analítico, ou seja, não existe voz passiva sintética ou pronominal”. Ainda que essa afirmação se oponha à tradição normativa, o autor esclarece que as construções com “se” como marca passiva refletem uma mudança de base: “o sujeito sofre a ação verbal”, mas, semanticamente, os papéis de agente e paciente permanecem os mesmos. Ele exemplifica com *O rato foi apanhado pelo gato*, destacando que “o rato ocupa o lugar sintático de sujeito, [mas], semanticamente, continua a ser o paciente da ação”.

Outra característica importante é que Castilho e Elias (2012, p.174) não distinguem os dois tipos de voz passiva – analítica e sintética –, conforme as gramáticas tradicionais. Eles consideram o verbo uma “passiva pronominal”, visto que ele vem antes do sujeito e omite o “complemento paciente”:

Em construções assim, o sujeito vem posposto ao verbo, e durante um bom tempo na história da língua, concordou com ele obrigatoriamente: Cortaram-se os meninos (= os meninos foram cortados); o pronome reflexivo se foi denominado pronome apassivador. Atualmente, com as alterações do pronome se, essa estrutura é interpretada como um caso de voz ativa, e o pronome se indica que não se sabe quem é o sujeito, desaparecendo a concordância do substantivo com o verbo: Cortou-se os meninos (Castilho e Elias, 2012, p. 174).

Para os autores (2012, p. 174), a voz ativa é aquela em que “o sujeito do enunciado é agente e o objeto direto é o paciente”, enquanto a voz passiva reconfigura esse arranjo: “o sujeito da sentença é o agente do verbo e o objeto direto é o papel de paciente”. Essa perspectiva se aplica diretamente às estruturas observadas no *corpus*, coletado e codificado nessa dissertação, como *Homem mata mulher* (voz ativa com sujeito manifesto) e *Mulher é morta com três tiros* (voz passiva, com apagamento do agente).

Perini (2016, p. 271) contesta a centralidade da forma na definição da voz verbal quando diz que “muitos casos de passiva não têm ativa correspondente”, tais como o exemplo: *Essa dona é antipatizada por todos os moradores do prédio*. Nesses casos, há uma passiva sem agente possível, uma vez que *Todos os moradores do prédio antipatizam essa dona* seria considerada uma sentença agramatical.

Por fim, Neves (2000, p. 65) aponta que “a voz passiva pode ser indicada com o pronome de 3ª pessoa diretamente ligado ao verbo transitivo”, como em *Dá-se manteiga e leite*. A autora observa que, em muitos casos, “as estruturas passivas com o ‘se’ trazem como sujeito um sintagma não-agente” e argumenta que as categorias tradicionais nem sempre dão conta da realidade textual da língua.

Considerações finais

Pôde-se perceber, a partir de um paralelo entre a gramaticografia e os verbos encontrados no *corpus*, que a estrutura de passiva que é utilizada é predominantemente a de passiva analítica, não havendo ocorrência de passiva sintética em nenhum dado.

Considerando os exemplos “Mulher é morta em casa”, “Vítima é assassinada a facadas”; “Esposa é encontrada morta”, nota-se que a voz passiva analítica tem sido amplamente utilizada para tematizar a figura da vítima, enquanto o agente da ação violenta é frequentemente omitido. Tal apagamento discursivo, já identificado por autores como Bagno (2012), Castilho e Elias (2012), evidencia o uso estratégico das vozes verbais na construção de efeitos de sentido relacionados ao silenciamento do agressor e à naturalização da violência.

Segundo Gonçalves e Rodrigues (2011, p. 799), “Devido a essa necessidade humana de ler notícias sobre violência e à constante presença do recurso narrativo na estruturação delas, pode-se constatar no caderno policial e no caderno mundo grandes acervos da voz passiva”.

Assim, a gramaticografia das vozes, ao ser aplicada ao discurso midiático, ultrapassa o plano estrutural e insere-se no campo das práticas ideológicas, funcionando como mecanismo de controle do foco informativo e da responsabilidade discursiva.

Diante desse panorama, ao mobilizar as categorias gramaticais à luz das gramáticas, a presente pesquisa busca reunir as propriedades sintático-semânticas das sentenças nas vozes ativa e passiva e entender de que forma elas podem ser empregadas levando em consideração os seus potenciais pragmáticos e discursivos. Avançando, conceituaremos gênero e discurso com foco na notícia jornalística e na mídia.

CAPÍTULO 3

GÊNERO NOTÍCIA E DISCURSO MIDIÁTICO

Quando um cão morde um homem, isso não é notícia; mas quando um homem morde um cão, isso, sim, é notícia” (Williams, 1899. p.223).²²

Considerações iniciais

Nas próximas linhas, conceituaremos gênero na perspectiva de Marcuschi (2002), Rojo (2005) e Bakhtin (2003). A seguir, discutiremos o gênero notícia e, posteriormente, falaremos sobre o discurso midiático sob a luz da Análise do Discurso Crítica (Van Dijk, 2012 [1992]; Fairclough, 2016) a partir de teorias e pesquisas linguísticas. Por fim, apresentaremos algumas pesquisas linguísticas que têm como objeto de estudo a voz ativa e a voz passiva.

3.1 Notícia, um gênero discursivo

Os gêneros discursivos se realizam em diferentes espécies de texto. Diariamente nos comunicamos por meio desses artefatos sem nos darmos conta. Ao escrevermos um e-mail, redigirmos uma solicitação ou darmos uma aula de Português, por exemplo, estamos diante de textos orais e escritos os quais foram/são construídos coletivamente para organizar e estabilizar as atividades comunicativas do cotidiano. Os gêneros são:

entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa (Marcuschi, 2002, p. 19).

Conforme pontua Marcuschi (2002, p.19), os gêneros “caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos” e, por isso, vão sendo alterados à medida que as inovações tecnológicas vão aparecendo, “o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita” (Marcuschi, 2002, p. 19). Um exemplo disso é a mensagem eletrônica, gênero que surgiu no século XXI a partir do momento que o acesso à internet ficou mais acessível e rápido.

Rojo (2005) faz uma diferenciação entre gênero textual e gênero do discurso – conceitos teoricamente diferentes, contudo, ambos provenientes da herança bakhtiniana. Segundo a autora, “a teoria de gêneros textuais está centrada na descrição da composição e da

²²Tradução livre feita pela autora do excerto “‘Dog Bites a Man’ Is Not News. ‘Man Bites a Dog’ Is News” retirado do livro *The Stolen Story and Other Newspaper Stories*.

materialidade linguística dos textos no gênero. Já a teoria de gêneros discursivos é focada na descrição das situações de produção dos enunciados ou textos em seus aspectos sócio-históricos” (Rojo, 2005, p. 185-186).

Os pesquisadores e teóricos que usam o conceito *gênero textual* recorrem a um plano descritivo a respeito da estrutura ou da forma composicional dos textos; já os que tratam do *gênero discursivo* preocupam-se com as marcas linguísticas que produzem significações dentro do discurso.

Diante disso, é preciso frisar que esse estudo segue a concepção de Bakhtin (2003) e de Marcuschi (2002) acerca de gênero, afinal não é possível compreender, produzir ou conhecer textos/enunciados sem que se haja uma referência a sua situação de produção. A teoria bakhtiniana privilegia o caráter social dos fatos da linguagem. Ela define o texto como fruto da interação social e postula que as palavras são entendidas como produtos de trocas sociais, ligadas a uma situação material concreta que define as condições de vida de uma comunidade linguística.

Utilizaremos, pois, nesta dissertação, a expressão “domínio discursivo para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses domínios não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos” (Marcuschi, 2002, p.23). Os domínios são práticas discursivas dentro das quais se pode identificar um conjunto de gêneros textuais. Pode-se falar em discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso, discurso didático, entre outros.

A partir dessa contextualização, discutiremos as caracterizações da notícia, domínio discursivo escolhido como objeto de estudo dessa dissertação. Antes da popularização da internet e, conseqüentemente, do aumento de notícias veiculadas no meio digital, era possível identificar com facilidade as partes que compõem um relato noticioso²³.

No entanto, hoje, com o jornalismo digital, muitas mudanças emergiram e a estrutura canônica da notícia foi sendo adaptada em decorrência da brevidade; da facilidade de apuração²⁴; da possibilidade de inserção de *hyperlinks*, de mapas e de gráficos dinâmicos; e da possibilidade de atualização do texto em tempo real. Sem contar na quantidade de conteúdos disseminados diariamente, não só por empresas de comunicação, mas também por autores

²³ Nessa dissertação utilizaremos os termos “texto noticioso” ou “relato noticioso” como sinônimo de notícia, conforme se observa nas referências bibliográficas de Jorge (2010) e Lage (1985).

²⁴ Segundo Bahia (1990, p. 40) “a apuração é o mais importante para a notícia, da mesma forma como a notícia é o mais importante para o jornalismo”. Ela é um elemento essencial no processo da informação e quer dizer em jornalismo o completo levantamento dos dados de um acontecimento que servem de substrato para se escrever a notícia. “É o processo que antecede a notícia e que leva à formulação final do texto”.

independentes (influenciadores, produtores de conteúdo ou simplesmente pessoas que compartilham ideias nas redes sociais). Acerca dessa mudança de paradigma, Santi (2010) traz um ponto de vista sobre o processo de apuração jornalística com a chegada do jornalismo digital:

[...] ao longo do tempo o jornalismo se tornou uma atividade coletiva, organizacional e industrial, que exige do repórter uma operacionalidade nos seus atos e objetivos, expressa em uma pauta pré-definida, balizada por parâmetros de avaliação da noticiabilidade dos eventos e cuja execução é controlada por outros jornalistas. Nessa lógica, **a produção com poucos recursos em períodos exíguos de tempo para uma publicação cada vez mais acelerada conduz a uma simplificação do método de trabalho jornalístico e por vezes acaba por limitar a capacidade de captar e verificar informações.** É a partir desta crítica ao “positivismo” presente numa proposta de um jornalismo de precisão de base quantitativa, que pesquisadores sociais de matriz qualitativa consideraram necessário rever tanto os modos tradicionais de reportagem jornalística, quanto as contribuições que as ciências sociais quantitativas poderiam trazer à atividade (Santi, 2010, p. 9-10, grifo nosso).

São inúmeros os conceitos de notícia encontrados em livros e manuais de jornalismo. Segundo Muniz Sodré (1982), a notícia é todo um fato social destacado em função de sua atualidade, do seu interesse e da sua comunicabilidade. Para Samir (1975), é um texto que se preocupa em dizer a verdade e tenta evitar opiniões/interpretações do autor. Jorge (2010, p. 24) elucida que “notícia é comunicação”, argumentando que quanto mais pessoas forem atingidas por essa comunicação, melhor – inclusive com relação à linguagem acessível, já que “a qualquer momento um novato pode se interessar pelas matérias”.

Embora alguns autores diferenciem notícia de reportagem, eu, enquanto profissional da área comunicacional, considero que a reportagem também é uma notícia, porém mais extensa e bem apurada. Elas não são sinônimos, uma vez que a reportagem, partindo da própria notícia, “desenvolve uma sequência investigativa que não cabe na notícia. Assim, apura não somente as origens do fato, mas suas razões e efeitos” (Martins Filho, 1997, p. 67). Coimbra (1993, p. 9) traz a mesma visão do Manual da Folha quando diz que “o que distingue a notícia da grande reportagem é o tratamento do fato jornalístico, no tempo de ação e no processo de narrar”.

Na estrutura composicional da notícia, percebe-se o predomínio do tipo narrativo, já que o relato de um evento se dá por meio do narrar, embora a narração possa conter descrição, argumentação, exposição e injunção. O primeiro parágrafo deve fornecer a maior parte das respostas às seis perguntas básicas: **o quê, quem, quando, onde, como e por quê?** – as quais compõem o *lide*, tradicionalmente posicionado no primeiro parágrafo da notícia:

Palavra portuguesa do inglês *to lead* (liderar, conduzir, comandar), o *lide* constitui uma unidade de pensamento em si; introduz, resume e fornece explicações ao leitor; procura situá-lo diante dos fatos, cativando-o para que continue a leitura ou buscando satisfazer a curiosidade rapidamente (Jorge, 2010, p. 132).

Caso as informações não possam ser esclarecidas no parágrafo introdutório, deverão ser incluídas, no máximo, no segundo parágrafo, para que o leitor possa ter uma ideia geral do que aconteceu nas primeiras linhas do texto.

Quanto ao estilo verbal, os manuais de redação²⁵ produzidos pelos jornais trazem várias instruções para a produção do texto jornalístico, tais como: escrever de forma clara, concisa, na ordem direta e com **predomínio da voz ativa**, conforme os trechos a seguir, oriundos das Instruções Gerais do Manual de Redação e Estilo do Estado de S. Paulo para a produção de qualquer texto jornalístico:

1 – Seja claro, preciso, direto, objetivo e conciso. Use frases curtas e evite intercalações excessivas ou ordens inversas desnecessárias.

3 – A simplicidade é condição essencial do texto jornalístico. Lembre-se de que você escreve para todos os tipos de leitor e todos, sem exceção, têm o direito de entender qualquer texto, seja ele político, econômico, internacional ou urbanístico.

4 – Adote como norma a ordem direta, por ser aquela que conduz mais facilmente o leitor à essência da notícia. Dispense os detalhes irrelevantes e vá diretamente ao que interessa, sem rodeios.

20 – Faça textos imparciais e objetivos. Não exponha opiniões, mas fatos, para que o leitor tire deles as próprias conclusões.

43 – Trate de forma impessoal o personagem da notícia, por mais popular que ele seja... (Martins Filho, 1997, p. 16-20).

O Departamento de Jornalismo da Paraná Educativa, emissora pública de rádios e televisão do Estado do Paraná, em virtude do “compromisso ético, transparente e plural” (Rede Paraná, s/d, p. 8), abre uma seção no Manual de Redação Jornalística da Rede Paraná Educativa para tratar da escolha das vozes verbais na produção do domínio jornalístico.

Segundo o documento, “no caso da escolha entre a voz ativa e a voz passiva, o diferencial está na “ênfase de um elemento específico da frase”, inclusive há uma forte tendência entre os jornalistas de privilegiarem a voz passiva, apesar de “as vozes se equivalerem do ponto de vista semântico” (Rede Paraná, s/d, p.13-14).

O manual prevê que é de **responsabilidade do jornalista** definir o elemento a ser destacado na frase e, consequentemente, **a voz mais adequada para as “intenções do texto”**:

Voz ativa: a empresa apresentou uma proposta – **a ênfase recai em empresa**. **Voz passiva:** uma proposta foi apresentada pela empresa – **a ênfase aqui está em proposta**. É responsabilidade do jornalista eleger o elemento a ser destacado na frase e é esta escolha que irá definir qual voz é a mais adequada para as intenções do texto (Rede Paraná, s/d, p. 13-14, grifo nosso).

Orientações como essa aparecem em documentos, em cartilhas e em manuais escritos por pesquisadores. O professor Mário Erbolato (2004), por exemplo, sugere, sempre que possível, eliminar os verbos auxiliares e dar preferência à voz ativa. Contudo, apesar dessa

²⁵ Compilado de normas e recomendações que norteiam o trabalho dos jornalistas de um veículo.

orientação, essa pesquisa tem como hipótese o favorecimento da voz passiva em matérias de feminicídio e, para aprofundarmos nossa conjectura, apresentaremos pesquisas cujo objeto de estudo é o discurso midiático. A intenção é reunir estudos quali e quantitativos, oriundos de diversas áreas, acerca da violência a partir de uma perspectiva crítica.

3.2 O discurso midiático sob uma perspectiva crítica

A partir da noção da natureza constitutiva dos discursos e de sua importância na construção dos sentidos para a compreensão do fenômeno da violência contra a mulher, buscaremos, a partir da seleção de procedimentos para o controle dos discursos, delineada por Foucault, aprofundar essa discussão por meio das ideias de Norman Fairclough.

A ADC é uma área atenta às práticas sociais da contemporaneidade e às relações dialéticas estabelecidas na construção de sentidos. Por isso, queremos destacar a relevância de aspectos semióticos para esse estudo, que focaliza a representação da mulher a partir do discurso jornalístico. Nesse sentido, as práticas sociais, uma vez inter-relacionadas, conformam uma ordem social dotada de significados (semiose), as quais constituem a ordem do discurso, isto é, a maneira com que os “diversos gêneros e discursos se inter-relacionam entre si” (Fairclough; Melo, 2012, p. 309-310).

Partiremos, portanto, do pressuposto de que a semiose é reconhecida nas práticas sociais (Fairclough, 2016 [1992]) e dá sentido às representações e às construções das identidades dos atores sociais envolvidos. Além disso, entenderemos discurso, nessa dissertação, como forma de prática social, e não como atividade puramente individual, sob o argumento de que o discurso é socialmente constitutivo. Nas palavras de Fairclough (2016 [1992], p. 94), “O discurso é uma prática não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado”.

Na mesma direção, Foucault analisa a produção das práticas discursivas e os seus poderes, afirmando que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta” (Foucault, 2014, p. 10).

Fairclough (2016 [1992], p. 96), em *Discurso e Mudança Social*, distingue três aspectos dos efeitos construtivos do discurso, a saber: i) a construção das identidades sociais e as posições de sujeito; ii) a construção das relações sociais entre os sujeitos e iii) a construção de sistemas de conhecimento e crença.

Para Fairclough (2016 [1992]), a identidade social é estabelecida no discurso, e essa função “identitária”, denominada função “interpessoal” por Halliday (1978), liga-se a outras duas funções da linguagem, a “relacional” e a “ideacional”, as quais “coexistem e interagem em todo o discurso”. Avançando, o linguista propõe a ADC a partir de uma estrutura tridimensional, denominada *Concepção Tridimensional do Discurso*, “que interagem mutuamente de maneira que a formação do discurso tanto condiciona, quanto é condicionada pela ordem social” (Fairclough, 2016, p. 105).

Fairclough (2016) concebe o discurso como uma prática social dotada de três dimensões simultâneas e interdependentes: (1) o texto propriamente dito (dimensão textual), (2) o processo de produção e interpretação do texto (dimensão discursiva) e (3) a prática social mais ampla que dá sentido e moldura aos discursos (dimensão sociocultural). Essa abordagem permite uma leitura crítica da linguagem, pois revela como as estruturas linguísticas se articulam com os modos de produção simbólica e com os sistemas sociais de dominação.

Ao aplicar essa concepção ao tema da representação midiática da violência contra mulheres, torna-se possível desvelar os mecanismos pelos quais a linguagem jornalística não apenas relata, mas também constrói discursivamente os sentidos da violência e contribui para a sua naturalização.

3.3 Gênero, mídia e construção discursiva da violência

Este subtópico privilegia pesquisas linguísticas produzidas por mulheres. Em um campo atravessado pela violência de gênero, tanto nas práticas sociais quanto nas práticas discursivas, é fundamental visibilizar as produções de pesquisadoras as quais têm se debruçado sobre a representação midiática do feminicídio, a responsabilização (ou o apagamento) dos agentes da violência e os efeitos de sentido produzidos pelas escolhas sintáticas, como o uso das vozes verbais.

A escolha por um referencial teórico composto, majoritariamente, por linguistas do sexo feminino tem como objetivo valorizar as contribuições das mulheres no campo da ciência, um espaço sociohistoricamente marcado pela predominância masculina. Ao destacar as produções acadêmicas femininas, buscamos evidenciar a relevância e a originalidade dessas investigações, além de promover uma equidade na representação dessas vozes na pesquisa linguística. Essa seleção contribui para o reconhecimento da diversidade de perspectivas, enriquecendo o debate teórico e metodológico.

Vale ressaltar que as análises aqui empreendidas não visam emitir qualquer juízo sobre os agentes envolvidos nas matérias jornalísticas analisadas, uma vez que tal atribuição é de competência do judiciário. O objetivo desta dissertação é compreender o modo como o discurso jornalístico atua na construção de sentidos sobre a violência contra mulheres, especialmente por meio de estratégias linguísticas que naturalizam ou atenuam a responsabilização dos agressores.

Reconhecemos que as ideologias veiculadas não são necessariamente conscientes ou deliberadas por parte dos jornalistas, mas refletem estruturas sociais e simbólicas enraizadas. Trata-se, portanto, de um convite à reflexão crítica, e não à culpabilização individual dos profissionais de imprensa.

No discurso jornalístico, a escolha entre voz ativa e passiva é um recurso que pode atuar na visibilidade ou no apagamento dos atores sociais. Esse apagamento do agente é amplamente discutido por Cardoso e Freitag (2023). As autoras articulam os estudos de Van Leeuwen (1997, 2008) e Moscovici (1984) para mostrar que as estruturas de exclusão e inclusão nos textos jornalísticos, como “mulher é assassinada”, reforçam representações sociais que naturalizam a violência. Mesmo quando o agressor é mencionado, isso ocorre muitas vezes de forma vaga ou eufemística (por exemplo: “ex-companheiro”, “suspeito”).

As análises de Risdaneva (2018) sobre notícias de violência sexual reforçam esse entendimento. A autora discute como as vítimas são frequentemente apresentadas como corresponsáveis pela violência sofrida por meio de nomeações marcadas por estereótipos ou por insinuações sobre sua vida pessoal ou sua aparência. Isso se alinha à constatação de Clark (1992), que, ao estudar o tabloide *The Sun*, identificou padrões linguísticos em que mulheres são nomeadas com termos como “loira” ou “garota de programa”, enquanto os agressores aparecem como “soldado faminto por sexo” ou “marido traído”, o que desloca a culpa para a vítima e relativiza o ato violento.

Tomazi (2020) também aponta para esse fenômeno. A autora analisa o apagamento da agentividade nas manchetes jornalísticas e revela como a estrutura verbal opera para naturalizar o feminicídio. O foco, com frequência, recai sobre a vítima, muitas vezes anônima, enquanto o agressor é elidido ou apresentado tardiamente. Essas escolhas não são aleatórias: “revelam muito sobre o sistema de crenças compartilhadas pelos grupos” (Tomazi, 2020, p. 827).

Maria Amélia Saad (2018, p.141) aprofunda essa discussão, ao propor uma abordagem interseccional sobre o jornalismo. A autora demonstra que a construção das notícias sobre feminicídio íntimo é atravessada por fatores como as condições precárias de trabalho dos jornalistas e as diretrizes editoriais das empresas de comunicação. Isso resulta em coberturas

que frequentemente reforçam a culpabilização da vítima, principalmente quando ela é mulher negra, periférica ou trans. Inspirada em Butler (2010), Saad (2018, p.28-29) argumenta que essas vidas são tratadas como “não enlutáveis”, corpos matáveis cuja dor é desrealizada.

Além disso, as escolhas linguísticas e editoriais refletem desigualdades estruturais de gênero e poder. Fowler (1991) já alertava para o fato de que os jornais de qualidade tratam as mulheres como grupo marginalizado, negando-lhes o papel de falante. Segundo Fowler (1991, p. 105), “seria ingênuo aceitar que a relação entre linguagem e sociedade é meramente reflexiva”. A escassez de vozes femininas nas matérias, a atribuição de tempo de fala desproporcional e a escolha lexical marcada revelam uma prática sistemática de silenciamento; assim como diferenciação simbólica entre homens e mulheres.

Considerações finais

Este capítulo procurou evidenciar que o discurso jornalístico opera como um instrumento de significação social da violência de gênero. As estruturas sintáticas, as estratégias de nomeação, o apagamento do agente, a representação das vítimas e as condições de produção das matérias não são elementos neutros. São mecanismos discursivos que reforçam, mesmo que de forma implícita, a desigualdade de gênero e a naturalização da violência.

CAPÍTULO 4

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (Labov, 2008 [1972], p. 21).

Considerações iniciais

Neste capítulo trataremos dos pressupostos metodológicos da pesquisa: a constituição do *corpus* e a escolha das variáveis linguísticas e sociais. Nessa pesquisa variacionista, trabalhamos em função das 3 variantes estabelecidas – voz passiva com agente, voz passiva sem agente e voz ativa com sujeito manifesto – e monitoramos sete variáveis independentes. O *corpus* é composto de 140 notícias de feminicídio oriundas de 33 portais jornalísticos brasileiros entre os anos 2000 e 2024. Após a coleta dos 376 dados, foi realizada a análise do fenômeno linguístico a partir do programa estatístico GoldVarb-X, uma das ferramentas estatísticas da Sociolinguística Variacionista.

4.1 A constituição do *corpus*

O *corpus* desta pesquisa²⁶, exploratória e quantitativa, é composto por 140 textos jornalísticos publicados no período de 2000 a 2024 em 33 portais de notícias nacionais²⁷. As notícias foram selecionadas via Google Notícias, uma ferramenta que permite a busca e a seleção de conteúdos por meio de palavras-chave, assuntos, locais e fontes. Na busca, utilizamos os termos “feminicídio”, “homicídio contra mulher”, “crime passionai”, “esposa”, “marido”, bem como alguns verbos citados anteriormente neste artigo: “matar”, “morrer”, “assassinar”, “enforçar” *etc.* Selecionamos os textos aleatoriamente, sem buscar o fenômeno na estrutura da notícia, a fim de não enviesar os dados.

Após a seleção, codificamos 376 dados em função das 3 variantes estabelecidas – **voz passiva com agente, voz passiva sem agente e voz ativa com sujeito manifesto** – e monitoramos sete variáveis linguísticas/sociais ou independentes. Foram codificadas e analisadas as seguintes: *sexo do repórter, veículo, ano de publicação, localização do fenômeno*

²⁶ Os dados do *corpus* podem ser conferidos no Apêndice A.

²⁷ Os nomes dos veículos/estado de origem podem ser conferidos no Apêndice C.

na estrutura da notícia, papéis sintáticos das preposições por e após, propriedades semânticas do verbo e tempo verbal.

Inicialmente a pesquisa abarcava somente três veículos on-line (*gl*, *Metrópoles* e *UOL*), escolhidos pela credibilidade das notícias apresentadas nos sites e por serem portais de grande circulação nacional. Posteriormente, após a primeira rodada dos dados, realizada em 2019²⁸, optou-se por expandir a seleção do *corpus* para portais noticiosos brasileiros com outras visões/linhas editoriais²⁹.

A ferramenta utilizada para a interpretação dos resultados linguísticos foi o programa estatístico GoldVarb-X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), uma das ferramentas de análise linguística. A Sociolinguística Variacionista, conforme postula Labov (2008 [1972]), deve trabalhar com pesquisas empíricas e quantitativas – e não simplesmente intuitivas. A estatística, na concepção de Naro (2004, p. 25), é imprescindível para analisarmos uma variação, embora seja papel do linguista “levantar e codificar os dados empíricos corretamente e, sobretudo, interpretar os resultados numéricos dentro de uma visão teórica da língua”.

A análise estatística possibilita a investigação de um fenômeno variável a partir de uma média global, além da apresentação das variáveis que condicionam a ocorrência da variável sociolinguística focalizada: no caso em questão, o uso das vozes ativa e passiva em matérias de feminicídio.

Nesse estudo quantitativo, trabalhamos com uma variável eneária denominada dependente – voz passiva com agente, voz passiva sem agente e voz ativa –, além de sete variáveis independentes as quais compõem os grupos de fatores linguísticos e sociais. Após essa definição metodológica, codificamos todas essas variáveis na tentativa de testar as hipóteses dos condicionamentos do fenômeno variável.

Após a rodada eneária, identificamos fatores que apresentaram percentuais 100% e 0%, os chamados “*knockouts*” pelo GoldVarb-X e, por isso, foi necessária a retirada de alguns

²⁸ Em 2019, durante a graduação em Letras, iniciei um estudo das vozes verbais em matérias de feminicídio publicadas em portais jornalísticos brasileiros. Codifiquei 94 dados em função das duas variáveis dependentes (voz ativa e passiva). Dentro da variável social *veículos* trabalhei com três fatores: *gl*, *Metrópoles* e *UOL*, os quais compuseram o *corpus* na primeira fase dessa pesquisa variacionista.

²⁹ Entende-se por política editorial o posicionamento ideológico do veículo, o qual interfere na escolha do que publicado ou não nos textos. Segundo o jornalista e pesquisador Luiz Beltrão, um dos pioneiros nos estudos jornalísticos brasileiros, a linha editorial é fundamentada em alguns critérios, como as convicções filosóficas do grupo; as informações e relações que envolvem o tema proposto; as sondagens e pesquisas realizadas na área de circulação e influência do veículo; a experiência jornalística dos chefes de redação, algumas vezes mesmo reunidos em conselhos editoriais; e, finalmente, os interesses econômicos da empresa (Beltrão, 2006, p. 19). O professor da Universidade Metodista de São Paulo, José Marques de Melo, também corrobora a ideia de Beltrão sobre esse conceito. “A seleção significa, portanto, a ótica através da qual a empresa jornalística vê o mundo. Essa visão decorre do que se decide publicar em cada edição, privilegiando certos assuntos, destacando determinados personagens, obscurecendo alguns e omitindo diversos” (Marques de Melo, 2003, p. 75).

fatores e a amalgamação de outros. Os “*knockouts*” representam ocorrências categóricas de uma variante, de modo a impedir que analisemos os dados a partir do peso relativo, já que esse modelo estatístico analisa fenômenos estruturados e não categóricos. Trata-se de um método de “análise multivariada” (Guy; Zilles, 2007, p. 100), o qual “incorpora a ideia de que os processos linguísticos são influenciados simultaneamente por diversas variáveis independentes, tanto linguísticas quanto sociais”.

Por isso, é necessário o uso de pesos relativos, uma espécie de “frequência corrigida” que afere o efeito de um fator perante os outros. Segundo Pacheco (2010, p. 61), “é justamente na comparação e interação de um fator mediante os outros fatores que consiste a análise”. O percentual geral corrigido do fenômeno é chamado de *input*.

A justificativa para o uso do peso relativo, portanto, é a possibilidade de haver um “desequilíbrio” nos dados, tais como o número de ocorrências em relação às variáveis ou a distribuição irregular dos grupos de fatores. Por isso, fazemos uso dessa “análise multivariada”. De acordo com Guy e Zilles (2007), a probabilidade geral de aplicação da regra pode variar entre os valores do peso relativo de 0 e 1, sendo considerada uma variante favorecedora para o fenômeno quando o resultado está acima de 0,5. Quando está abaixo de 0,5 é porque o fator desfavorece (baixa probabilidade) o fenômeno e quando fica próximo a 0,5 é porque o fator está neutralizado – nem favorece, nem desfavorece, mas ainda assim exerce alguma influência sobre os resultados.

Após esse processo de resolução das ocorrências categóricas, chegamos a **363 dados**, sendo cinco variáveis sociais e duas linguísticas, em função das três variantes estabelecidas. A codificação da variável dependente enéaria, antes binária, foi uma escolha metodológica, a fim de contemplar a variante *voz passiva com agente*.

Quando iniciamos este estudo (Maduro; Pacheco, 2022), priorizamos a codificação dos dados com uma variável dependente binária: voz passiva, independentemente da realização do agente, e voz ativa com sujeito manifesto – visto que não havia construções ativas com sujeito indeterminado no *corpus* (“Mataram a mulher com uma facada”). Essa escolha inicial visava identificar a distribuição geral das vozes verbais no *corpus* jornalístico por meio da distinção canônica passiva x ativa no português brasileiro.

Paralelamente, a *presença/ausência do agente* foi monitorada a partir de uma variável linguística/independente. No entanto, ao analisar a distribuição dos dados, verificou-se que essa estratégia apresentava limitações metodológicas, uma vez que a variável *presença/ausência do agente* não era aplicável à voz ativa. Isso porque, por definição, na construção ativa, “o termo

que representa o agente é o sujeito do verbo; o que representa o paciente é o objeto direto” (Cunha; Cintra, 2017, p. 146). Para evitar, pois, desequilíbrios nos resultados estatísticos e restrições na interpretação das vozes verbais no *corpus*, optamos pela codificação enéaria da variável dependente com as três variantes apresentadas anteriormente: **passiva com agente, passiva sem agente e ativa com sujeito manifesto**.

4.2 A constituição da variável dependente e das variáveis independentes

Ao abrir os portais de notícias brasileiros on-line, é perceptível a ocorrência de três construções verbais prototípicas em contextos jornalísticos, conforme exemplos do *corpus*: voz ativa com sujeito manifesto (1), voz passiva sem agente (2) e voz passiva com agente (3):

- (1) Um homem de 36 anos ASSASSINOU a esposa e depois se matou com um tiro na cabeça por não aceitar o fim do relacionamento dos dois, segundo informações da Polícia Militar (*gI*, 2021).
- (2) Rayssa FOI ASSASSINADA uma semana depois de solicitar a medida protetiva, no dia 21 de setembro (*gI*, 2023).
- (3) Viviane Arronenzi FOI ASSASSINADA pelo ex-marido a facadas na frente das filhas na véspera de Natal (*Metrópoles*, 2021).

Os três enunciados são considerados variantes de uma mesma variável. Logo, a variável dependente ou o fenômeno linguístico investigado é a alternância entre as vozes verbais **ativa com sujeito manifesto, passiva sem agente e passiva com agente** – representadas, respectivamente, nos dados 1, 2 e 3.

A voz ativa pode ser identificada nos excertos a seguir, oriundos do *corpus*:

- (1) Diretor de multinacional MATA mulher a tiros e foge (*Folha de S. Paulo*, 2000).
- (2) Veterinário MATA ex-mulher no shopping (*Diário do Nordeste*, 2006).
- (3) Um homem de aproximadamente 40 anos MATOU a própria esposa *após* uma discussão (*O Taboanense*, 2008).
- (4) Inconformado com fim do relacionamento, homem MATA a mulher na Região da Pampulha (*Estado de Minas Gerais*, 2012).
- (5) Homem ASSASSINA esposa e se mata com tiro na cabeça em Delmiro Gouveia, AL (*gI*, 2021).
- (6) Femicídio: marido MATA esposa, joga carro contra caminhão e morre em acidente na cidade de Pesqueira (*gI*, 2023).

As manchetes são construções ativas com sujeito prototípico, os quais são caracterizados por um sintagma nominal (SN) explícito que ocupa a posição de sujeito. Conforme postula

Azeredo (2000, p. 159): “O SN tem a função de sujeito, e o SV tem a função de predicado, embora possa haver orações sem sujeito, formadas por verbos impessoais”.

Segundo Maria Angélica Furtado da Cunha (2000), as orações ativas são frequentemente empregadas para introduzir informações novas e noticiar o evento como foco central. No caso do contexto jornalístico de notícias de feminicídio, a voz ativa produz efeitos discursivo-pragmáticos de responsabilização, conforme vemos no exemplo “Veterinário MATA ex-mulher no shopping”. Fica evidente que o ex-cônjuge, nesse caso, é o autor do crime.

No *corpus*, não foram encontrados casos com sujeito indeterminado, o que justificou não incorporarmos essa variante no grupo das variáveis dependentes – embora saibamos que ela seria interessante para fins de comparação, dentro da construção ativa, entre os tipos de sujeito. Em matérias jornalísticas sobre feminicídio, o uso do sujeito indeterminado pode descaracterizar o crime, pois a ausência de um agressor ou de um suspeito identificado impede a atribuição precisa da autoria.

Para Cunha e Cintra (2017, p. 142), “o sujeito indeterminado acontece quando o verbo não se refere a uma pessoa determinada, não sendo possível identificar quem executa a ação, por desconhecimento ou por não haver interesse”. Em matérias de feminicídio, frases como “Mataram uma mulher em Samambaia” ou “Degolaram uma mulher no último dia 15” sugeririam não haver um agressor identificado. Sendo assim, até que a investigação do suposto crime fosse concluída, caberia interpretações diversas para o crime: feminicídio, latrocínio ou acerto de contas, por exemplo.

Além disso, há um compromisso jornalístico com a relação à apuração dos fatos. De acordo o artigo 4 do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, “o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, por isso, deve pautar seu trabalho na apuração precisa dos acontecimentos e na sua correta divulgação” (Federação, 2007, online). Isso justifica a ausência, nas notícias, de estruturas oracionais com sujeito indeterminado.

Nos dados de voz ativa analisados, portanto, prevalece a estratégia de referência direta ao agente do evento (o autor do feminicídio), embora a nomeação do sujeito tenda à generalização. Observa-se que, embora o sujeito seja manifesto, a maior parte das manchetes se estrutura com um termo genérico seguido do verbo de ação (*homem, marido, diretor*): “Um **homem** de aproximadamente 40 anos MATOU a própria esposa [...]” ou “Diretor de multinacional **MATA** mulher a tiros e foge”. Essa estrutura aparecerá em nossa análise como uma variável dependente, denominada **ativa com sujeito manifesto**.

Já nas passivas, duas construções foram identificadas no *corpus*:

- (1) Mais uma adolescente, de apenas 14 anos, FOI MORTA neste município, por motivos passionais (*Diário do Nordeste*, 2005).
- (2) Walkiria Brito FOI ASSASSINADA no local de trabalho (*UOL*, 2024).
- (3) Debora Albuquerque da Costa foi FOI ASSASSINADA em Marapoama (*gl*, 2024).
- (4) Conforme a Polícia Militar, a mulher FOI ESFAQUEADA na região do peito e não resistiu aos ferimentos (*gl*, 2024).
- (5) Tamires Ramos Nascimento, que se mudou da Bahia para São Paulo, FOI MORTA **pelo marido** (*UOL*, 2023).
- (6) Lidijane FOI MORTA em Bayeux no último domingo, **pelo companheiro** (*gl*, 2023).

Os exemplos evidenciam duas possibilidades discursivas, como aponta Camacho (2000, p. 218): “A passiva, também chamada analítica, é constituída por auxiliar, em qualquer um de seus tempos verbais, e um particípio passado, seguido ou não de um SP agentivo”.

Os exemplos 1, 2, 3 e 4, em que o agente é omitido, foi incorporada à variável dependente como **voz passiva sem agente**. Quando a menção ao agressor finalmente é realizada, isto é, quando o agente do crime já foi sentenciado, observa-se o uso preferencial da voz passiva, recurso sintático que permite deslocar o foco da ação violenta e atenuar a responsabilização do agente. “Sob o ângulo do argumento agente, a passiva é uma estratégia de impessoalização, pois na grande maioria de orações passivas a identidade do agente não é explicitada” (Furtado da Cunha, 2000, p. 111). Nossa hipótese é de que haja uma tendência discursiva de ocultação do agente nos casos de feminicídio noticiados na mídia.

A segunda possibilidade é a voz passiva com agente, a qual aparece nos exemplos 5 e 6. Em “Tamires Ramos Nascimento, que se mudou da Bahia para São Paulo, FOI MORTA pelo marido”, há a presença de um agente da passiva (pelo marido). Essa estrutura é conceituada como um “tipo de termo argumental não obrigatório”, caracterizado por ser um termo composto por preposições (contraídas ou não, tais como *por* e *pelo*) “com verbos empregados como transitivos diretos na chamada voz ou construção passiva” (Bechara, 2004, p. 223). O autor acrescenta ainda que, na transformação da passiva à ativa, o complemento paciente passa a ser agente ao apresentar função sintática de sujeito.

É importante frisar que nem todo termo introduzido pela preposição *por* funciona como agente da passiva, principalmente quando não apresenta traço animado. Nesse caso, pois, deve ser classificado como adjunto circunstancial de causa ou meio, podendo ser comutável por outra preposição (“foi morta *por/com* faca de cozinha”) ou locuções prepositivas (por causa de, *por* meio de).

No *corpus*, a preposição “por” aparece como agente da passiva e como adjunto. A fim de distinguir ambas as ocorrências, resolvemos monitorá-las separadamente. A oração “Mulher é morta **por marido desconfiado**”, por exemplo, foi incorporada na variável dependente *voz passiva com agente*. Já o exemplo “Ficou comprovado que o autor MATOU a vítima **por** não aceitar o fim do relacionamento, disse o delegado Adriano França” foi incorporado na variável linguística independente *papéis sintáticos das preposições por e após*.

A variável dependente enéaria, apresentada anteriormente, foi codificada em função de suas variáveis independentes sociais e linguísticas, as quais serão detalhadas a seguir por meio de dois quadros síntese contendo os fatores e as hipóteses que nortearam a coleta de dados.

Os contextos de realização de uma ou outra variante estão diretamente relacionados a fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam o uso dessas estruturas, considerando-se que, “para entender a difusão das mudanças, é preciso esclarecer seus condicionamentos estruturais e sociais em cada ponto do espaço linguístico” (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p. 26).

4.3 Hipóteses e fatores das variáveis sociais

As variáveis sociais analisadas pelo Goldvarb-X foram: *sexo do repórter, veículo, ano de publicação e localização do fenômeno na estrutura da notícia*. A seguir explicaremos as motivações e as hipóteses iniciais que nortearam a codificação dessas variáveis. O objetivo é apresentar as motivações para a seleção de cada uma delas, bem como dar ênfase aos fatores que as compõem.

4.3.1 Sexo do repórter

A escolha desta variável está vinculada à hipótese de que o sexo³⁰ daquele que produz a notícia impactaria no favorecimento da voz passiva ou da voz ativa. Monitorar essa variável era uma tentativa de entender se havia uma influência na escolha das vozes verbais em um texto escrito por um homem ou uma equipe composta por homens; por uma mulher ou um grupo de mulheres; por uma equipe mista entre homens e mulheres.

A hipótese é de que o homem privilegiaria o uso da voz passiva, ao passo que a voz ativa com sujeito manifesto seria favorecida pela(s) jornalista(s), com a intenção de privilegiar

³⁰A variável será analisada a partir da distinção biológica, pois as informações acerca do sexo do jornalista foram obtidas por meio dos nomes dos repórteres os quais assinaram as notícias. Fizemos a distinção a partir de nomes femininos *versus* nomes masculinos.

a responsabilização do agente/agressor. Textos sem autoria tenderiam a favorecer a voz passiva, principalmente sem agente, com o intuito de reforçarem a estratégia discursiva da topicalização da vítima e do apagamento do agressor.

Apesar da tentativa de controle dessa variável social, percebemos a predominância de textos jornalísticos sobre crimes de violência contra a mulher não assinados pelos repórteres. É comum encontrarmos matérias em que consta apenas a informação: *por gl DF, por UOL*. Christofolletti (2006), professor e pesquisador com ênfase em ética jornalística e credibilidade, chama a atenção para a ausência da assinatura de textos jornalísticos veiculados online:

Na internet, a assinatura de obra jornalística é prática pouco usual e sem qualquer normatização, o que resulta num ambiente selvagem onde se disseminam práticas como o plágio, o tráfico mundial de textos e imagens, o uso indevido e não autorizado de material autoral, e mesmo a republicação de conteúdo jornalístico por empresas do ramo sem as devidas compensações financeiras aos seus autores (Christofolletti, 2006, s/p).

Apesar da ausência da assinatura em textos jornalísticos, o autor poderá ser responsabilizado, caso os textos apresentem desvios do ponto de vista ético e moral. A questão da responsabilidade individual está detalhada na lei que regula a Liberdade de Imprensa (2.083/1953), nos artigos 26, 27 e 28 do capítulo IV, intitulado “dos responsáveis”:

Art. 26. São responsáveis pelos delitos de imprensa, sucessivamente: a) o autor do escrito incriminado; b) diretor ou diretores, o redator ou redatores-chefes do jornal ou periódico, quando o autor não puder ser identificado, ou se achar ausente do país, ou não tiver idoneidade moral e financeira; c) o dono da oficina se imprimir o jornal ou periódico; d) os gerentes dessas oficinas; e) os distribuidores de publicações ilícitas; f) os vendedores de tais publicações.

Art. 27. **Não é permitido o anonimato.** O escrito, que não trouxer a assinatura do autor, será tido como redigido pelo diretor ou diretores, pelo redator-chefe ou redatores-chefes do jornal, se publicado na parte editorial, e pelo dono da oficina, ou pelo seu gerente, se publicado na parte ineditorial. Parágrafo único. Se o jornal ou periódico mantiver seções distintas sob a responsabilidade de certos e determinados redatores, cujos nomes nelas figurem permanentemente, serão estes os responsáveis pelo que sair publicado nessas seções.

Art. 28. O ofendido poderá provar, perante qualquer juiz criminal, que o autor do escrito incriminado não tem idoneidade financeira para responder pelas **consequências civis e penais da condenação**; feita a prova em processo sumaríssimo não caberá recurso da decisão que se proferir. Poderá o ofendido exercer a ação penal contra os responsáveis sucessivos, enumerados nesta lei (Brasil, 1953, grifo nosso).

Segundo o portal *UOL* (2023), os textos publicados pelo veículo são assinados, “constando o nome do autor, sua localização ou identificação de jornalistas freelancers ou agências de notícias”. No entanto, o veículo argumenta que “há a possibilidade de o profissional não assinar o texto, por conta do sigilo da fonte ou por não haver apuração jornalística própria (UOL, 2023, s/p).

Trabalhamos, portanto, com quatro fatores dentro dessa variável: a) um homem ou uma equipe composta por homens; b) textos sem autoria especificada; c) uma mulher ou um grupo de mulheres; d) uma equipe mista entre homens e mulheres.

4.3.2 Veículo

A seleção da segunda variável foi uma tentativa de monitorar os veículos jornalísticos que favoreceriam a passiva. A hipótese é de que portais com maior alcance nacional e maior credibilidade jornalística, como o *g1* e o *UOL*, por exemplo, apresentariam maior frequência de voz ativa – conforme orientação dos manuais de redação que instruem o jornalista a “colocar o verbo, sempre que possível, na voz ativa” (Erbolato, 2004, p. 141). Já *Metrópoles* e os demais veículos utilizariam a passiva como estratégia editorial, embora essa escolha contrarie as orientações dos manuais de redação jornalísticos, conforme exposto anteriormente.

Inicialmente a pesquisa abarcava somente três veículos on-line (*g1*, *Metrópoles* e *UOL*), escolhidos pela credibilidade jornalística e por serem portais de grande circulação nacional. O *g1* foi a primeira iniciativa de conteúdo jornalístico da Globo criada e pensada para o digital. A proposta pioneira destacava-se pela ideia de um jornalismo digital com atualização contínua. O portal entrou no ar em 18 de setembro de 2006 e, dois anos depois, assumiu a liderança na audiência dos portais de notícias brasileiros. A audiência, segundo a Comscore (2023), ultrapassa os 55 milhões de usuários por mês em todo o país. Além do portal on-line, o *g1* possui aplicativo próprio, disponível para IOS e Android.

O *UOL* (*Universo Online*), fundado em 1996 e sediado em São Paulo, pertence ao Grupo Folha. Apresenta-se como um portal comprometido com a produção de um “jornalismo preciso, justo e objetivo, contemplando todos os envolvidos e ouvindo todos os lados nas reportagens” (UOL, 2023, s/p). De acordo com informações divulgadas pela empresa, nove em cada dez internautas acessam o *UOL* todos os meses, e a audiência ultrapassa 114 milhões de visitantes por mês.

O *Metrópoles*, na área “Quem Somos” da página, considera-se um veículo de comunicação “ágil, com linguagem acessível e totalmente focada no digital. Cerca de 86 milhões de usuários únicos prestigiam a página mensalmente, sobretudo no DF, o que oferece ao site o título de “mais acessado do Centro-Oeste entre os players locais” (Metrópoles, 2021, s/p).

Após as primeiras rodadas de dados com os três portais on-line, optou-se por expandir a seleção do *corpus*, a fim de agregar sites de notícias com outras visões/linhas editoriais. Para

tanto, escolhemos outros 30 veículos on-line (Apêndice C) com abrangência local, regional e nacional. Dentre os selecionados estão 3 locais, 16 regionais e 14 nacionais. Ao todo, trabalhamos com 33 páginas de notícias brasileiras.

4.3.3 Ano de publicação

O monitoramento desta variável é justificado pelo nosso interesse em saber se houve diferenciação no uso das vozes verbais dentro de um *continuum*: antes e depois da sanção da Lei do Feminicídio (13.104/2015). Para isso, por meio da ferramenta Google Notícias, selecionamos matérias jornalísticas entre 2000 e 2024 a partir da incorporação das expressões “crime passionai” e “crime por/de amor”, uma vez que, antes da tipificação do crime de feminicídio no Brasil, as narrativas jornalísticas e os gêneros jurídicos utilizavam tais conceitos para se referirem aos homicídios praticados por ciúme, adultério ou traição “sob a influência de violenta emoção” (Brasil, 1940).

A hipótese para a variável em questão é de que, antes da lei, as notícias priorizariam a construção passiva e utilizariam estratégias de apagamento do agressor e de naturalização do crime como um evento isolado ou passionai. Após a lei, acreditávamos que poderia haver um aumento gradual no uso da voz ativa, em virtude de alguns fatores: a) crescimento dos casos de violência contra a mulher (Cerqueira; Bueno, 2025),³¹ surgimento da nova tipificação penal (Lei 14.994/2024)³² e c) mudanças no discurso público sobre violência de gênero.

Inicialmente codificamos os anos de publicação das matérias jornalísticas individualmente, ano a ano, com a finalidade de verificar se o período do *continuum* (2000 a 2024) ofereceria alguma possibilidade de interpretação: o aumento de notícias jornalísticas após a sanção da Lei do Feminicídio ou durante a pandemia de Covid-19, por exemplo. Os dados estão disponíveis na rodada de frequência relativa, no Apêndice D.

Criamos, portanto, a partir da hipótese apresentada anteriormente, dois fatores para a variável *ano de publicação*: 2000 a 2014 (*antes da lei*) e 2015 a 2024 (*depois da lei*). Não houve uma tentativa de selecionar a mesma quantidade de notícias por ano, uma vez que o método de escolha dos textos – apresentado anteriormente – foi por meio do “Google Notícias.

³¹ Nos últimos onze anos (2013-2023), 47.463 mulheres foram assassinadas no Brasil, conforme registros do sistema de saúde. Somente em 2023, os registros apontam para 3.903 mulheres vítimas de homicídio, o que equivale a uma taxa de 3,5 mulheres por grupo de 100 mil habitantes do sexo feminino (Cerqueira; Bueno, 2025).

³² A Lei 14.994, sancionada em 9 de outubro de 2024, promoveu mudanças no ordenamento jurídico brasileiro no âmbito da proteção da mulher e no combate à violência de gênero. A proposta tornou o feminicídio um “crime autônomo”, o que culminou no agravamento da pena (20 a 40 anos). Além disso, as circunstâncias que caracterizam o feminicídio (como violência doméstica e familiar, menosprezo ou discriminação à condição de mulher) foram detalhadas para assegurar uma maior proteção às mulheres (Brasil, 2024).

O quadro a seguir (Quadro 4) mostra o número de notícias seleccionadas por ano e por período (antes ou depois da Lei do Feminicídio):

Quadro 4 - Quantidade de notícias por ano de publicação

Anos	Notícias
2000	2
2001	1
2003	1
2005	3
2006	7
2007	2
2008	3
2009	5
2010	2
2011	2
2012	7
2013	3
2014	4
2015	7
2016	2
2017	6
2018	6
2019	9
2020	4
2021	12
2022	3
2023	32
2024	18
Total	140
Antes da lei (2015)	41 notícias (29,3% do <i>corpus</i>)
Depois da lei (2015)	99 notícias (70,7% do <i>corpus</i>)

Fonte: Elaborado por Maduro (2025).

4.3.4 Localização do fenômeno na estrutura da notícia

A justificativa metodológica para essa variável é a tentativa de entendimento das vozes verbais na estrutura do gênero notícia. Como hipótese, acreditava-se que os títulos, os subtítulos e os lides privilegiariam a voz passiva em detrimento das outras estruturas do texto, a saber: *fotolegendas, citações, corpo da notícia e fechamento da notícia*.

Essa conjectura foi embasada na ideia de que as manchetes (os títulos) e os subtítulos, em virtude do tamanho do texto e da posição que ocupam na notícia, funcionariam como estratégias discursivas de topicalização da vítima e de apagamento do agente ao privilegiarem a voz passiva. Além disso, acreditávamos que o lide também favorecería a voz passiva, por se tratar do parágrafo introdutório do texto noticioso, o qual é responsável por fornecer a maior parte das respostas às seis perguntas básicas: **o quê, quem, quando, onde, como e por quê**.

No caso das manchetes, a hipótese é de que elas privilegiariam a voz passiva devido ao protagonismo visual que possuem em uma notícia. Os textos verbais, como o gênero notícia, são estruturados visualmente por meio da diagramação, dos elementos gráficos e das ilustrações que compõem a página. “Jornais, revistas, relatórios corporativos, livros didáticos escolares e muitos outros tipos de texto são agora desenhados e escritos de forma multimodal” (Kress; Van Leeuwen, 1998, p. 187)³³. Segundo os autores, qualquer forma de análise textual que ignore isso não será capaz de dar conta de todos os significados expressos nos textos.

Para facilitar a visualização das informações acerca das quatro variáveis sociais codificadas, sintetizamos os fatores e as hipóteses correspondentes em um quadro síntese (Quadro 5):

Quadro 5 - Quadro das variáveis sociais codificadas

Variáveis sociais	Fatores	Hipóteses
Sexo do repórter	Homem/homens Sem autoria Mulher/mulheres Homem e mulher	O sexo do jornalista influenciaria na escolha da voz verbal. A hipótese é de que o homem privilegiaria o uso da voz passiva, ao passo que a voz ativa com sujeito manifesto seria favorecida pela(s) jornalista(s), a fim de privilegiar a responsabilização do agente/agressor. Textos sem autoria tenderiam a favorecer a voz passiva, principalmente sem agente, no intuito de reforçarem a estratégia discursiva da impessoalidade.
Veículo	UOL <i>gl</i> <i>Metrópoles</i> Outros veículos	Portais com maior alcance nacional e maior credibilidade jornalística, como o <i>gl</i> e o <i>UOL</i> , por exemplo, apresentariam maior frequência de voz ativa – conforme orientação dos manuais de redação. Já <i>Metrópoles</i> e os demais veículos utilizariam a passiva como estratégia editorial.
Ano de publicação	2000 a 2014 (antes da lei) 2015 a 2024 (depois da lei)	Antes da Lei do Feminicídio, sancionada em 2015, a hipótese é de que as notícias priorizariam a construção passiva e utilizariam estratégias de apagamento do agressor e de naturalização do crime como um evento isolado ou passional. Após a lei, a hipótese seria de um aumento gradual no uso da voz ativa, em virtude da nova tipificação penal (Lei 14.994/2024) e das mudanças no discurso público sobre violência de gênero.
Localização do fenômeno na estrutura da notícia	Título, Subtítulo, Lide, <i>Fotolegenda</i> , Corpo da notícia, Citação e Fechamento da notícia	Passivas seriam mais frequentes em títulos, subtítulos e lides, pois funcionariam como estratégias discursivas de topicalização do paciente (vítima) e de apagamento do agente.

Fonte: Elaborado por Maduro (2025).

4.4 Hipóteses e exemplos das variáveis linguísticas

Passaremos para as variáveis linguísticas codificadas. No início desta pesquisa, codificamos três: *papéis sintáticos das preposições por e após*, *propriedades semânticas do*

³³Tradução livre feita pela autoria a partir do trecho: “newspapers, magazines, corporate reports, school textbooks and many other types of text are now designed and written multimodally” (Kress; Van Leeuwen, 1998, p. 187).

verbo e tempo verbal. No entanto, quando transformamos a variável dependente em eneária, optamos por suprimir a variável tempos verbais. A motivação metodológica será explicada ainda nesta seção.

4.4.1 Papéis sintáticos das preposições *por* e *após*

No excerto “Noélia foi morta, *após* marido descobrir que ela mantinha relacionamento com vizinho”, diz delegada”, é possível verificar a existência de uma motivação que age discursivamente para explicar/justificar/minimizar a ação agressora. Nessa perspectiva, a inserção da preposição (re)produz um efeito discursivo-pragmático que sugere uma relação de causalidade entre o fato de a vítima manter um relacionamento extraconjugal e sua morte, atribuindo a razão para a violência sofrida à conduta dela.

O exemplo anterior sugere que algumas preposições, como o *após*, por exemplo, operam na articulação sintático-semântica dos enunciados. Como hipótese, acreditávamos que a preposição *após* favoreceria a voz passiva sem agente, sobretudo para auxiliar na produção de um “atenuante discursivo” como estratégia de justificativa ou de minimização do crime. Por isso, incorporamos o fator *após* com sentido atenuante na tentativa de identificar, no *corpus*, dados em que a preposição minimizaria a ação agressora do agente, tais como³⁴:

- (1) Durante a audiência de custódia, Jorlan manteve a versão de que MATOU a jovem **após** ela ameaçá-lo e tentar roubá-lo (*Metrópoles*, 2024).
- (2) **Após** descobrir que era casado com uma mulher contaminada pelo vírus HIV, a Aids, um homem MATOU a sua esposa [...] (*Hoje em dia*, 2013).
- (3) Milena Dantas Bereta Nistarda, de 53 anos, FOI MORTA a facadas na tarde desta segunda-feira, em Tupã, interior de São Paulo, **após** pedir medida protetiva contra o marido [...] (*Metrópoles*, 2024).

Além disso, conforme postulam Cunha e Cintra (2017, p. 572), essa preposição pode trazer para a oração, dentro do “conteúdo significativo fundamental”, a noção de *espaço* e de *tempo*: “embora as preposições apresentem grande variedade de usos, bastante diferenciados no discurso, é possível estabelecer para cada uma delas uma significação fundamental [...] aplicável aos campos espacial, temporal e nocional”.

Nos exemplos, provenientes do *corpus*, categorizamos a preposição na oração “Mulher é morta instantes *após* marido ser filmado a ameaçando em loja” como *após* com sentido de tempo, uma vez que a unidade linguística estabelece uma sequenciação dos fatos (uma ação

³⁴ Os dados de *após* foram apresentados separadamente em uma tabela no Apêndice B.

aconteceu em seguida da outra).

Já em “Um homem de aproximadamente 40 anos matou a própria esposa *após* uma discussão”, codificamos a preposição com o *após* com sentido causal, dado que ela oferece um “significado contextual (sentido)” de que a discussão foi motivadora para o crime (Bechara, 2010, p. 290).

Como apontado por Perini (2006), essas nuances reforçam a importância da análise contextual no estudo das preposições, uma vez que sua interpretação depende da relação semântica estabelecida no enunciado.

Em virtude dessas possibilidades de uso do *após* – *atenuante, tempo e causa* – decidimos incluir esses três fatores na variável em questão. Além disso, a preposição *por* também foi selecionada para compor essa variável para fins de monitoramento, uma vez que ela pode acompanhar o agente da passiva (1), funcionar como marcador de causa (2) ou indicar meio (3):

- (1) Mulher é morta **por** marido desconfiado (*Alagoas 24h*, 2008).
- (2) Mulher assassinada no motel foi morta **por** não querer mais sustentar o namorado, diz delegada (*Estado de Minas*, 2017).
- (3) O homem, que tinha o dobro da idade dela, não aceitou o fim do romance e, às 11h15 de ontem, matou a ex-companheira com pelo menos quatro tiros disparados à queima roupa **por** uma pistola calibre .38 (*Correio Braziliense*, 2010).

No caso de *por* como integrante do agente da passiva, conforme exemplo 1, ele foi monitorado na variável dependente voz passiva com agente e será apresentado posteriormente.

Para Rocha Lima (1999, p. 432), as preposições são “palavras que subordinam um termo da frase a outro – o que vale dizer que tornam o segundo dependente do primeiro”. Márcia Berg (1997), no artigo *A natureza categorial da preposição*, categoriza essa classe gramatical como “uniforme do tipo lexical”, mas explica que essa definição não é consensual entre os autores, visto que “na literatura há controvérsias de que a preposição seja lexical ou funcional” (Berg, 1997, p. 109).

A presença de preposições, como *após* e *por*, desempenha um papel significativo na construção do sentido em enunciados, especialmente quando atuam como marcadores temporais, indicativos de causalidade ou atenuantes discursivos. As preposições são elementos coesivos essenciais, operando na articulação sintático-semântica dos enunciados (Bechara, 2010).

Para apresentar essa variável com mais detalhamento, construímos um quadro com os as hipóteses e os exemplos oriundos o *corpus*:

Quadro 6 - Hipóteses e exemplos da variável linguística *papéis sintáticos das preposições por e após*

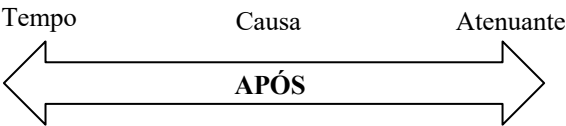
Preposição	Hipótese	Exemplo
Após/Tempo	Preposição utilizada como marcador cronológico. O objetivo, neste caso, seria o sequenciamento dos fatos.	<i>Mulher é morta instantes após marido ser filmado a ameaçando em loja.</i>
Após/Causa	Preposição utilizada para estabelecer uma relação de sequência temporal entre dois eventos em que o segundo decorre do primeiro.	<i>Um homem de aproximadamente 40 anos matou a própria esposa após uma discussão.</i>
Após/Atenuante	Preposição utilizada como estratégia discursiva para suavizar a responsabilidade do agente, deslocando o foco da ação letal para um evento anterior, o qual funcionaria como justificativa para o crime (separação, ameaça, estado emocional do agressor).	<i>Após descobrir que era casado com uma mulher contaminada pelo vírus HIV, a Aids, um homem matou a sua esposa e se matou em seguida em Caeté [...].</i>

Fonte: Elaborado por Maduro (2025).

Além disso, paralelamente, a utilização do *continuum*, representado na figura a seguir (Figura 5), contribui para ajudar a construir uma leitura não categorial dos usos da preposição *após*, o que evidencia que seus valores semântico-discursivos se distribuem ao longo de um eixo que vai do tempo à atenuação.

Ao situar *após* entre os polos de tempo, causa e atenuante, a seta explicita o caráter gradual desses efeitos de sentido e permite visualizar zonas de transição, nas quais a relação temporal passa a incorporar leituras causais e, em contextos mais marcados, estratégias de mitigação da responsabilidade do agente. Dessa forma, a representação gráfica não apenas organiza a análise, mas reforça a compreensão de como escolhas linguísticas aparentemente neutras participam da construção discursiva da violência no texto jornalístico.

Figura 5 – Continuum das relações semântico-discursivas do *após*



Fonte: Elaborado por Maduro (2025).

Nesse sentido, o uso da preposição *após*, especialmente quando situado nos pontos mais à direita do *continuum* (Figura 5), em que valores causais e atenuantes se sobrepõem, articula-se a outras estratégias discursivas que contribuem para a proteção da identidade do agressor. Ao privilegiar eventos antecedentes, estados emocionais ou circunstâncias explicativas, o texto jornalístico desloca o foco da ação violenta propriamente dita, desfocalizando o agente e reduzindo sua visibilidade discursiva.

Esse funcionamento é frequentemente reforçado pelo emprego da voz passiva sem agente ou por construções sintáticas que evitam a nomeação direta do autor do crime, produzindo efeitos de diluição da responsabilidade. Assim, o *após* não atua isoladamente, mas integra um conjunto de escolhas linguísticas que, ao organizarem a narrativa do fato, participam da construção de sentidos que preservam a identidade do agressor e atenuam a imputação de culpa.

Neste estudo, optamos por tratar o uso da preposição *após* não como categoria discreta, mas como um *continuum* semântico-discursivo, no qual os efeitos de sentido se deslocam gradualmente do valor temporal para leituras causais e, em contextos mais marcados, para estratégias de atenuação da responsabilidade do agente. Essa abordagem permite capturar zonas intermediárias, nas quais tempo e causa se sobrepõem, evitando classificações rígidas que não dão conta da complexidade dos usos observados no *corpus*, conforme observa-se no Apêndice B (p. 134).

4.4.2 Propriedades semânticas do verbo

No que se refere a essa variável, o objetivo era controlar os verbos pertencentes ao mesmo campo semântico de violência/crime e verificar quais deles privilegiariam a passiva. A partir do *corpus*, foram codificados os verbos de mudança de estado que apresentaram relação conceitual com violência. Isto é, que trouxeram, em sentido mais prototípico, a semântica de evento violento, como, por exemplo, “matar”, “assassinar”, “esfaquear”, “degolar”, “asfixiar” etc., em suas diversas formas: tempo, modo e voz verbal.

Um verbo recorrente no *corpus* é o *matar*, o qual admite dois participípios: o *matado* (regular) e o *morto* (regular). Outro verbo frequente no *corpus* é o *morrer*, lexicalmente associado ao verbo *matar*, embora não admita voz passiva. Exemplo: “Tatiana MORREU em 30 de setembro de 2019”. Nesse caso, mesmo que o verbo já traga a “semântica de estatividade e resultado (acabado)”, quando usado na voz ativa, pressupõe um agente causativo da morte,

ainda que seja suprimido: “morto por quem?” (Bertoque; Galvão, 2010, p. 81). Os três exemplos são constantes no *corpus*, como podemos observar em:

(1) Mulher É MORTA pelo marido em Pesqueira (*g1*, 2023).

(2) Femicídio: marido MATA esposa, joga carro contra caminhão e morre em acidente na cidade de Pesqueira” (*g1*, 2023).

(3) Isabel Ferreira Alves, 37 anos, MORREU *após* ser atingida com uma facada no tronco, em casa, na QNN 3 de Ceilândia Norte (Correio Braziliense, 2021).

No que tange ao *matar-morrer*, selecionamos e codificamos os dois verbos conjuntamente (com amalgamação), já que o *morrer* não admite voz passiva, o que implicaria em um “*knockout*” e impediria que analisássemos os dados a partir do peso relativo, visto que tal modelo estatístico analisa fenômenos estruturados e não categóricos.

Essa escolha metodológica justifica a nossa preferência por mantê-lo no *corpus*, mesmo sabendo que ele não possui par correspondente, tal como o *assassinar*, por exemplo, o que possibilita compararmos os dados na voz ativa (1) e na voz passiva (2):

(1) Homem ASSASSINA esposa e se mata com tiro na cabeça em Delmiro Gouveia, AL (*g1*, 2021).

(2) “Uma mulher FOI ASSASSINADA na QR 217 de Santa Maria, na tarde desta quinta-feira” (*Metrópoles*, 2019).

Além do *matar* e do *morrer*, outros 12 verbos diferentes foram identificados: *asfixiar*, *assassinar*, *atacar*, *baleiar*, *degolar*, *enforcar*, *esfaquear*, *esganar*, *espancar*, *estrangular*, *executar*, *golpear*.

A hipótese para esta variável (verbos) é de que o verbo *assassinar* privilegiaria a voz passiva, sendo precedido de os verbos lexicalmente associados *matar-morrer* em virtude da alta agentividade/letalidade. O *matar-morrer*, segundo a nossa conjectura, apareceria na voz passiva com alta frequência, pois a construção “foi morta” é prototípica das notícias jornalísticas, sobretudo as de feminicídio.

Por fim, o Quadro 7 apresenta um resumo das variáveis linguísticas codificadas, as quais foram apresentadas anteriormente. O objetivo é sintetizar as hipóteses e relacioná-las aos fatores, uma vez que o capítulo 5 exigirá essas informações para fins de análise.

Quadro 7 - Quadro das variáveis linguísticas codificadas

Variáveis linguísticas	Fatores	Hipóteses
<i>Papéis sintáticos das preposições por e após</i>	Após/tempo Após/atenuante Após/causa Por	A preposição <i>após</i> favoreceria a voz passiva sem agente, sobretudo quando apresentasse sentido de causalidade ou de atenuante discursivo. A hipótese era de que esse uso funcionaria como estratégia de justificativa ou de minimização do crime. O <i>por</i> foi selecionado para compor essa variável para fins de monitoramento, uma vez que ele pode acompanhar o agente da passiva ou funcionar como marcador de causa ou indicativo de meio (por não querer sustentar o namorado; por faca).
<i>Verbos</i>	<i>Matar-morrer, assassinar, executar, asfixiar, enforcar, esfaquear, espancar, alvejar, estrangular, esganar, degolar golpear, balear, atacar e falecer</i>	O verbo <i>assassinar</i> privilegiaria a voz passiva precedido dos verbos lexicalmente associados <i>matar-morrer</i> . A hipótese é de que o <i>assassinar</i> favoreceria a passiva em virtude da alta agentividade/letalidade. O <i>matar-morrer</i> apareceria na construção passiva com alta frequência, pois a construção “foi morta” é prototípica das notícias jornalísticas, sobretudo, de feminicídio.

Fonte: Elaborado por Maduro (2025).

As construções “é encontrada morta” e “foi encontrada sem vida” também aparecem com frequência nos gêneros pertencentes ao domínio jornalístico, mas foram retiradas da codificação, pois não são poderíamos categorizar tais dados como voz passiva e/ou ativa. conforme exemplos retirados do *corpus* e apresentados a seguir:

- (1) Uma enfermeira de 30 anos FOI ENCONTRADA MORTA com marcas de tiros, em uma estrada de chão da cidade capixaba de Alfredo Chaves (UOL, 2024).
- (2) Mulher É ENCONTRADA MORTA em SP com sinais de asfixia (UOL, 2023).
- (2) Kelly Blank da Silva FOI ENCONTRADA MORTA em casa, em São José dos Campos (UOL, 2023).
- (4) A Polícia Militar informou que ELA FOI ENCONTRADA SEM SINAIS VITAIS e que havia bastante sangue no local (UOL, 2023).
- (5) Ela contou que pulou o muro da casa e ENCONTROU A MULHER JÁ SEM VIDA (UOL, 2023).

Essa expressão é uma forma de neutralizar o feminicídio, uma vez que uma pessoa pode ser encontrada morta em inúmeras situações, envolvendo crimes ou não (“encontrada morta *após* mal súbito”, “*após* infarto”).

Para fechar os pressupostos metodológicos, apresentaremos uma discussão breve sobre a importância do método quali-quanti para a pesquisa variacionista.

4.5 A relevância do quali-quantitativo na pesquisa (socio)linguística

Ao mergulharmos na leitura de uma pesquisa variacionista, temos a convicção de que nos depararemos com tabelas, quadros, percentuais e dados. Trata-se de uma linguística quase matemática e vice-versa. Isso é verdade, no entanto, é imprescindível esclarecer a necessidade de unir as abordagens quantitativa e qualitativa, as quais são epistemologicamente distintas, evidentemente, mas necessárias para a construção de um trabalho multidisciplinar como este.

Entende-se, portanto, que essa triangulação metodológica é necessária em pesquisas sociolinguísticas. “Do contrário, assume-se uma única postura metodológica e não se reconhece a possibilidade de caminhos alternativos para lidar com a infinidade de comportamentos, olhares e [inter]ações existentes a respeito do objeto de estudo” (Cardoso, 2013, p. 155-156).

Reconhecemos o pioneirismo da nossa proposta dentro da perspectiva variacionista no momento que olhamos para um fenômeno sintático em busca de uma investigação social mais ampla dos usos linguísticos com ênfase nas dimensões discursiva e ideológica da linguagem (Eckert, 2012). Por isso, assumimos a necessidade de articulação dos métodos quali-quantitativo a fim de garantir, por exemplo, não só a descrição sistemática das variáveis e das variantes, mas também a compreensão crítica dos contextos sociais em que emergem e circulam.

Considerações finais

Nesse capítulo discorreremos sobre os pressupostos teóricos e metodológicos da pesquisa com ênfase na interface entre os métodos quali e quanti. A seguir, no capítulo 5, nos dedicaremos às análises dos resultados a partir das variáveis selecionadas e dos fatores que privilegiaram a voz passiva nas três rodadas binárias realizadas: **i) voz passiva (com e sem agente) x ativa, ii) voz passiva sem agente x ativa e iii) voz passiva com agente x ativa.**

CAPÍTULO 5

ANÁLISE DOS RESULTADOS

As pessoas fazem escolhas sobre o modelo e a estrutura de suas orações, que resultam em escolhas sobre o significado (e a construção) de identidades sociais, relações sociais e conhecimento e crença (Fairclough, 2016, p. 108).

Considerações iniciais

Este capítulo é destinado às análises dos resultados obtidos em função das três variantes estabelecidas – **voz passiva sem agente**, **voz passiva com agente** e **voz ativa com sujeito manifesto**. Apresentaremos os resultados das sete variáveis linguísticas e sociais monitoradas, bem como as hipóteses relativas a cada uma delas. Além disso, exemplificaremos os percentuais obtidos por meio de tabelas e quadros e, por fim, traremos as variáveis selecionadas e os valores obtidos nas três rodadas de peso relativo: i) voz passiva (**com** e **sem** agente) x ativa, ii) voz passiva **sem** agente x ativa e iii) voz passiva **com** agente x ativa.

5.1 Da variável dependente eneária à binária

Após a seleção do *corpus* e dos fenômenos variáveis nas notícias, codificamos 376 dados em função das 3 variantes estabelecidas – **voz passiva com agente**, **voz passiva sem agente** e **voz ativa com sujeito manifesto** – e monitoramos sete variáveis: quatro sociais (*sexo do repórter*, *veículo*, *localização do fenômeno na estrutura da notícia* e *ano de publicação*) e três linguísticas (*papéis sintáticos das preposições por e após*, *propriedades semânticas do verbo* e *tempos verbais*). Após a primeira rodada, em que realizamos a percentagem global, identificamos fatores que apresentaram percentuais 100% e 0%, os chamados “*knockouts*” pelo GoldVarb-X e, por isso, foi necessário realizar algumas amalgamações (junção de fatores) e retirar alguns fatores³⁵.

Após esse processo de resolução das ocorrências categóricas, chegamos a **363 dados**. As variáveis independentes linguísticas e sociais estatisticamente significativas, segundo o programa, foram: *verbo*, *veículo*, *papéis sintáticos das preposições por e após* e *localização do fenômeno na estrutura da notícia*. Já as variáveis não selecionadas pelo programa, em nenhuma das três rodadas, foram: *sexo do repórter* e *ano de publicação*. Por fim, a variável *tempo verbal* foi retirada da análise. As motivações serão apresentadas a seguir.

³⁵ No Apêndice D, encontra-se a rodada de frequência relativa com todos os 363 dados em função das três variáveis dependentes.

Por se tratar de uma variável enéaria, foi necessário pensar nas rodadas binárias que seriam realizadas, uma vez que o Goldvarb-X é um programa estatístico que roda apenas pesos relativos com fenômenos compostos por duas variantes dentro da variável dependente. Por isso, optamos pela realização de três rodadas binárias, a saber: **i) voz passiva (com e sem agente) x ativa, ii) voz passiva sem agente x ativa e iii) voz passiva com agente x ativa**. As três serão apresentadas nas subseções seguintes.

Na tradição variacionista, conforme postulam Guy e Zilles (2007), a significância estatística reforça a validade empírica da variação linguística observada. Segundo Tagliamonte (2006, p. 163), os valores referentes ao **nível de significância** menores que 0.05 indicam que os efeitos observados no *corpus* não são aleatórios, mas sim influenciados por padrões sistemáticos de uso. Um valor de significância inferior a 0.05 (5%),³⁶ por exemplo, indica que há evidência suficiente para rejeitar a hipótese nula, o que significa ter sido improvável que os resultados tenham ocorrido ao acaso. Uma hipótese levantada para explicar estatisticamente algum fenômeno vem associada a uma segunda hipótese que nega a primeira. Tais hipóteses são chamadas, respectivamente, de hipótese alternativa e hipótese nula.

Lembrando que o **input** é a média geral ou global de aplicação da regra que serve de base para o peso relativo. Segundo Tagliamonte (2006, p. 141), ele corresponde ao percentual geral corrigido do fenômeno, ou seja, é a frequência média de ocorrência da variável dependente antes de considerar os efeitos das variáveis explicativas (como *verbo, veículo etc.*). Nesse caso, ele reforçou a pertinência do recorte da primeira rodada, pois demonstrou que a escolha entre as vozes verbais no *corpus* não foi determinada exclusivamente por fatores extralinguísticos (*sexo, ano e localização do fenômeno na notícia, no caso*).

A fim de interpretar adequadamente os efeitos dos fatores, é fundamental distinguir os conceitos entre frequência absoluta, frequência relativa e peso relativo. A frequência absoluta é o número de dados de cada fator em relação ao total dos fatores e às variantes selecionadas (“13 dados de voz passiva **com** agente com o verbo *assassinar*”, por exemplo). Já a frequência relativa expressa, em termos percentuais, o impacto de determinada variante (em termos proporcionais) frente ao total do seu grupo (o verbo *assassinar* corresponde a 90,2% de dados de voz passiva **sem** agente, por exemplo).

No entanto, para captar de forma mais precisa esse efeito no conjunto da variação, é necessário ir além da frequência relativa (Apêndice D) e recorrer ao cálculo dos pesos relativos,

³⁶Esse valor é uma convenção bastante difundida nas ciências sociais e em outros campos. Por esse motivo, não foi estabelecido por nós.

que funcionam como uma forma de frequência ajustada. Esses pesos revelam o comportamento de um fator em interação com os demais, o que caracteriza a “lógica da análise multivariada”: compreender como cada fator contribui para a escolha da variante linguística em relação ao conjunto dos fatores condicionantes (Tagliamonte, 2006, p. 143).

É justamente essa comparação entre fatores, em um mesmo plano estatístico, que caracteriza a análise multivariada. Em vez de observar isoladamente o impacto de cada contexto, esse tipo de análise permite considerar como os fatores interagem entre si no processo de escolha linguística.

As três seções a seguir contemplarão as três rodadas binárias realizadas no GoldVarb-X, as quais analisaremos, separadamente, a partir de tabelas com exemplos das variáveis linguísticas e sociais, a frequência absoluta, o total de dados, a frequência relativa, o peso relativo e, no caso das variáveis selecionadas, o *range*.

5.2 Rodada 1: voz passiva (COM e SEM agente) x ativa

A primeira rodada de análise (Apêndice E) concentra-se em um recorte mais amplo da variável dependente, a qual comparamos as construções verbais ativas e passivas, independentemente da presença ou não do agente da passiva. Trata-se, portanto, de uma etapa inicial e exploratória, cujo objetivo é observar o comportamento geral das vozes verbais no *corpus*, com foco na escolha do padrão verbal predominante. Essa distinção básica serve como ponto de partida para verificarmos se a voz passiva é privilegiada em matérias jornalísticas de feminicídio.

O objetivo foi identificar os principais condicionamentos linguísticos e extralinguísticos da voz passiva, antes do refinamento analítico proposto nas rodadas seguintes. Os dados foram submetidos à análise multivariada, e o modelo apresentou um **nível de significância de 0.023** e um *input* de **0.56**, o que indica uma distribuição global equilibrada entre as variantes e confirma a necessidade de examinar os fatores que favorecem ou desfavorecem a voz passiva.

A hipótese era de que a voz passiva seria privilegiada, mesmo sabendo que a rodada reuniria dados com a presença e com a ausência do agente do crime. A tabela 1 apresenta o efeito das variáveis linguísticas e sociais em relação tanto à voz passiva com e sem agente quanto à voz ativa. A ordem das variáveis foi baseada na ordem de significância, e os percentuais em negrito indicam que os fatores estão acima da média em termos de frequência relativa; já os números que aparecem na cor azul e em negrito representam os pesos relativos de fatores que favorecem determinada variante.

Tabela 1 - Efeito das variáveis linguísticas e sociais em relação à voz passiva **com e sem agente** e à voz ativa

Variáveis	Voz Passiva (com e sem agente)				Voz Ativa			
	Nºdados/ Total	%	Peso	Range	Nºdados/ Total	%	Peso	Range
Verbo								
Matar/morrer	141/192	73,4%	.52	53	51/192	26,6%	.48	53
Assassinar	50/54	92,6%	.83		4/54	7,4%	.17	
Outros verbos	66/117	56,4%	.30		51/117	43,6%	.70	
Veículo								
UOL	29/38	76,3%	.68	32	9/38	23,7%	.32	32
gl	110/140	78,6%	.59		30/140	21,4%	.41	
Metrópoles	28/39	71,8%	.48		11/39	28,2%	.52	
Outros veículos	90/146	61,6%	.36		56/146	38,4%	.64	
Localização do fenômeno na notícia								
Título	61/92	66,3%	.41	41	31/92	33,7%	.59	41
Corpo da notícia	43/66	65,2%	.41		23/66	34,8%	.59	
Fechamento	13/26	50%	.30		13/26	50%	.70	
Lide	69/95	72,6%	.55		26/95	27,4%	.45	
Fotolegenda	49/56	87,5%	.71		7/56	12,5%	.29	
Subtítulo	22/28	78,6%	.59		6/28	21,4%	.41	
Ano de publicação								
2000 a 2014	67/103	65%			36/103	35%		
2015 a 2024	190/260	73,1%			70/260	26,9%		
Sexo								
Homem	49/70	70%			21/70	30%		
Sem autoria	134/183	73,2%			49/183	26,8%		
Mulher	63/95	66,3%			32/95	33,7%		
Homem/mulher	11/15	73,3%			4/15	26,7%		
Total	257/363	70,8%			106/363	29,2%		
Input			.56					

Fonte: Elaborado por Maduro (2025).

Em termos de distribuição dos dados (Tabela 1), a percentagem global do fenômeno confirma a hipótese para a primeira rodada, uma vez que a voz passiva (com e sem agente) foi privilegiada (70,8%) em relação à voz ativa (29,2%). Recorremos, portanto, à lógica da análise multivariada, a qual reside na possibilidade de avaliar simultaneamente o efeito por meio de diferentes fatores linguísticos e extralinguísticos sobre a variável dependente.

As variáveis independentes linguísticas e sociais estatisticamente significativas, segundo o programa, foram: *verbo*, *veículo*, *localização do fenômeno na estrutura da notícia* e *papéis sintáticos das preposições por e após*. Já as variáveis não selecionadas pelo programa foram *ano de publicação* e *sexo do repórter*.

A tabela da variável *papéis sintáticos das preposições por e após* foi construída separadamente, uma vez que o número de dados total em relação às demais variáveis é diferente, o que altera, consequentemente, a frequência global. A quantidade de dados é menor, pois não foram todos os dados do *corpus* que contaram com a presença das preposições *por* e *após*.

A variável *propriedades semânticas do verbo* revelou-se fortemente condicionadora da escolha verbal. O *range* (31), diferença entre o maior e o menor peso relativo, provou sua

robustez, e o nível de significância desta variável (0.000) – no *level 1* (nível 1), especificamente – demonstrou que ela não foi selecionada ao acaso. Quanto aos fatores, o *matar-morrer* apareceu com tendência para a passiva (.52). Já o fator *outros verbos* revelou forte propensão à voz ativa justificada pela frequência relativa abaixo da média em relação à passiva (56,4% - média 70,8%) e pelo peso relativo mais baixo da variável (.30).

O verbo *assassinar* apresentou o maior favorecimento à voz passiva, com 92,6% de ocorrências e peso relativo de .83, o mais alto entre os verbos – o que indica favorecimento bastante expressivo da construção passiva em relação à ativa, considerando os demais fatores. Essa hipótese para a variável *propriedades semânticas do verbo* foi, portanto, confirmada, dado que esse padrão corrobora a hipótese de que verbos fortemente carregados de agência (como o *assassinar*) são mais propensos a aparecerem em construções passivas. Acreditávamos que o *assassinar*, pelo traço + humano, bem como pela característica de alta agentividade/letalidade, favoreceria mesmo a passiva.

No caso dos verbos lexicalmente associados, *matar-morrer*, acreditava-se que eles condicionariam a voz passiva. No entanto, é interessante ressaltar que a agentividade em relação ao homem agressor aparece de diferentes maneiras. Se a voz ativa pressupõe um sujeito manifesto, por exemplo, temos a indicação do sujeito agente por meio do sexo ou da profissão: “O guarda municipal matou a ex-esposa [...]” (UOL, 2024); “Um homem de 36 anos assassinou a esposa” (g1, 2021). Tais generalizações, portanto, nos dizem pouco sobre o agente do crime, conforme aponta Tomazi (2020, p. 832): “São construções que, embora coloquem o homem agressor como agente, a agressão em si aponta para um sujeito generalizado”. Isso indica uma categorização desses agentes e enfatiza a violência contra as mulheres “que figuram como receptoras desse ato de crueldade”.

O fator *outros verbos*, por sua vez, demonstra uma tendência à ativa. Nossa hipótese é que a escolha metodológica de amalgamar essas estruturas possa ter prejudicado essa análise. Futuramente repensaremos essa escolha metodológica de juntar vários verbos que apresentam propriedade semântica de agressão, a fim de obter uma análise mais detalhada.

A variável *veículo* também condiciona a passiva, uma vez que ela foi selecionada pelo programa estatístico e mostrou-se significativa. Os portais *UOL* e *g1* apresentaram os pesos relativos .68 e .59, respectivamente, indicando um favorecimento da voz passiva. O *Metrópoles* apresentou distribuição mais equilibrada (.48), enquanto os *outros veículos* exibiram uma tendência mais evidente à voz ativa (.36).

No grupo denominado *outros veículos*, o qual reúne dados provenientes de trinta diferentes portais jornalísticos (Apêndice C), observou-se um favorecimento da voz ativa, conforme indicado pelo peso relativo (.36). Esse resultado contrasta com os padrões observados nos portais de grande circulação nacional, como o *UOL* (.68) e o *gl* (.59), nos quais predominaram o uso da voz passiva.

A necessidade de amalgamar esses dados em um único fator deveu-se à baixa frequência individual de cada portal, mas o agrupamento, ainda assim, permite levantar hipóteses interpretativas relevantes. Esse comportamento pode indicar que portais de menor alcance – possivelmente locais ou regionais – privilegiam as construções na voz ativa.

Essa hipótese está alinhada à noção de que o apagamento do agente, comumente realizado por meio da voz passiva, é um recurso discursivo praticado por grandes veículos nacionais. Portanto, ainda que não seja possível afirmar com segurança, o padrão observado sugere que o perfil editorial e a escala de circulação podem ser fatores condicionantes da escolha verbal – e merecem investigação mais aprofundada em estudos futuros.

A análise da localização do fenômeno na estrutura da notícia revelou padrões importantes. As *fotolegendas* (.71), os *subtítulos* (.59) e os *lides* (.55) apresentaram os maiores pesos relativos, o que sugere o favorecimento da construção verbal passiva em locais estratégicos do gênero notícia. Apesar de a nossa hipótese sugerir que os *títulos* também seriam os principais fatores condicionantes, os *subtítulos* ocuparam lugar de destaque na notícia.

Ainda sobre os fatores da variável, o *lide* favoreceu a passiva (.55), embora com peso e frequência maiores que os fatores *título* e *corpo da notícia* (ambos com .41). Já o *fechamento da notícia* apresentou o menor peso (.30), o que indica que, na notícia, essa estrutura tende a apresentar mais frequentemente a voz ativa – possivelmente no intuito de recuperar os agentes do crime e/ou explicitar os desdobramentos do feminicídio.

Já as *fotolegendas*, conforme conjecturamos, favoreceram a passiva (.71) em virtude do apelo visual.

No caso das fotografias, veiculadas em matérias de feminicídio, percebeu-se uma sexualização e/ou culpabilização das vítimas por meio de representações de mulheres, por vezes, associadas à sensualidade, à inconsequência ou ao adultério, o que acaba por (re)produzir uma narrativa de responsabilização da própria vítima pela violência sofrida. As *fotolegendas*, neste contexto, agem discursivamente para justificar a ação agressora (Van Dijk, 2012 [1992]).

Daí a constatação de que as escolhas feitas pelo jornalista/editor, no momento da produção e edição da notícia, são motivadas e intencionais. “Os produtores de signos utilizam

as formas que consideram adequadas para expressar seus significados, em qualquer meio no qual possam criar signos” (Kress; Van Leeuwen, 2006, p. 8).³⁷

As variáveis *sexo do repórter* e *ano de publicação* não foram selecionadas pelo modelo estatístico nesta primeira rodada de análise, razão pela qual não apresentam pesos atribuídos a elas. O sexo do repórter esteve longe de ser selecionado desde a primeira rodada (*level 1*) e o ano de publicação foi barrado na rodada 4 (*level 4*) com nível de significância 0.981³⁸. Esse resultado indica que, no recorte mais amplo da variável dependente – que contrastou voz passiva (**com** e **sem** agente) e ativa, tais fatores não exerceram efeito estatisticamente significativo no fenômeno observado.

Na última variável selecionada, *papéis sintáticos das preposições por e após*, a preposição *após* mostrou-se mais produtiva nos contextos em que ocorre a voz passiva, sobretudo quando há relações temporais ou atenuantes envolvidas. Os fatores *após/tempo* (.81) e *após/atenuante* (.60) indicaram maior associação com a passiva, já os dados com *após/causa* e *por* apresentaram pesos relativos mais baixos (.32 e .42, respectivamente), o que indicam maior ocorrência em sentenças ativas, conforme Tabela 2. Apesar de serem poucos dados, eles sugerem que a presença dessa preposição contribui discursivamente para a organização informacional e para a construção de efeitos de atenuação.

Tabela 2 - Efeito da variável linguística *papéis sintáticos das preposições por e após* em relação à voz passiva **com e sem agente** e à voz ativa

Voz Passiva (com e sem agente)					Voz Ativa			
Variável	Nº dados/ Total	%	Peso	Range	Nº dados/ Total	%	Peso	Range
Após/tempo	7/9	77,8%	.81	49	2/9	22,2%	.19	49
Após/atenuante	9/13	69,2%	.60		4/13	30,8%	.40	
Após/causa	5/16	31,2%	.32		11/16	68,8%	.68	
Por	8/18	44,4%	.42		10/18	55,6%	.58	
Total	29/56	51,8%			27/56	48,2%		
<i>Input</i>			0.56					

Fonte: Elaborado por Maduro (2025).

Para elucidar a hipótese relacionada à agentividade e à letalidade dos verbos, proporemos um *continuum* semântico-discursivo que organiza os dados da variável *propriedades semânticas do verbo* com base no grau de agentividade (ligado à presença de um agente evidente e intencional) e no traço de humanidade associado ao sujeito da ação. Assim, a

³⁷ Tradução livre feita pela autora a partir de: “in our view signs are never arbitrary, and ‘motivation’ should be formulated in relation to the sign-maker and the context in which the sign is produced, and not in isolation from the act of producing analogies and classifications. Sign-makers use the forms they consider apt for the expression of their meaning, in any medium in which they can make signs” (Kress; Van Leeuwen, 2006, p.8).

³⁸ Estas informações estão disponíveis destacadas em amarelo, no Apêndice E.

classificação apresentada no Quadro 8 foi construída a partir da análise do *corpus*, considerando tanto os traços semânticos dos verbos quanto o uso dessas estruturas no contexto discursivo das notícias de feminicídio.

Quadro 8 - Classificação dos verbos

Grau de agentividade e letalidade	Verbos	Características
alta agentividade e alta letalidade	Matar, <i>assassinar</i> , executar, degolar	dolo, premeditação, morte [+ humano]
alta agentividade e letalidade provável	esfaquear, balear, alvejar, estrangular, enforcar, asfixiar	violência direcionada à morte [+ humano]
alta agentividade e letalidade possível	espancar e golpear	violência física menos direcionada à morte [+ humano]
baixa agentividade	morrer, falecer, encontrar morta	resultado ou narrativa sem foco no agente [- humano]

Fonte: Fonte: Elaborado por Maduro (2025).

A classificação dos verbos quanto à agentividade, letalidade e traço [+ ou - humano] proposta nesta dissertação se ancora em pressupostos da linguística funcional e da semântica argumental. Conforme Halliday e Matthiessen (2004, p. 179), o sistema de transitividade permite representar “as formas pelas quais os falantes codificam os eventos, ações e estados de coisas que percebem como significativos”. Nesse sistema, a presença de um ator (ou agente) com controle e intenção define os processos materiais do tipo transitivo, com alta agentividade. Já nas construções em que o ator está ausente, a estrutura tende a representar eventos de baixa agentividade, como ocorre em expressões do tipo “foi encontrada morta”.

A gradação proposta neste trabalho segue também a perspectiva de Dowty (1991), para quem a agentividade pode ser descrita a partir de um conjunto de propriedades prototípicas, como [+ volição], [+ controle], [+ causação] e [+ humano]. Segundo Dowty (1991, p. 572), “quanto mais dessas propriedades um argumento possuir, mais próximo ele estará do papel de proto-agente”. Assim, verbos como *matar* ou *assassinar* envolvem sujeitos com alto grau de agentividade; enquanto verbos como *morrer* e *falecer* remetem a pacientes ou sujeitos não controladores, marcando baixa agentividade e geralmente traço [- humano] para o agente, quando sequer está presente.

Levin e Rappaport Hovav (2005, p. 23) reforçam que “o significado lexical dos verbos impõe restrições sobre a natureza dos seus argumentos, incluindo traços como intencionalidade e humanidade”. Isso significa que a letalidade da ação, outro eixo do *continuum*, também está codificada no verbo: há verbos cujo núcleo semântico implica a morte como resultado

inevitável (*executar, degolar*), enquanto outros apenas possibilitam esse resultado (*espancar, golpear*), havendo, ainda, aqueles que descrevem o evento da morte sem implicar agência (*falecer, ser encontrada morta*).

Dentro desta proposta, *matar, assassinar, executar e degolar* foram classificados como portadores de alta agentividade e alta letalidade, considerando-se que esses verbos pressupõem a intenção de matar e indicam, quase sempre, a consumação da morte.

No segundo grupo, incluem-se verbos como *esfaquear, balear, alvejar, estrangular, enforcar e asfixiar*. Tais verbos apresentam alta agentividade, mas letalidade provável. Embora indiquem formas de violência física extrema, não pressupõem, a priori, a morte como resultado inevitável da ação. No entanto, no *corpus*, há ocorrências como: “Mulher é estrangulada até a morte pelo ex-companheiro”, nas quais o desfecho letal é explicitado, mas depende de uma complementação discursiva. Esses verbos exigem, portanto, maior atenção ao texto para a interpretação do grau de letalidade.

Já os verbos *espancar e golpear* aparecem em uma categoria de alta agentividade com letalidade possível. São ações físicas violentas que podem resultar em morte. No *corpus*, enunciados como “Mulher é espancada e morre no hospital horas depois” sugerem que a morte decorreu da agressão, mas não foi necessariamente consequência imediata e/ou intencional.

A categoria de baixa agentividade agrupa verbos como *morrer, falecer e encontrar morta*. Esses verbos são usados, majoritariamente, em construções em que o agente da ação é suprimido ou irrelevante, conforme observamos em estruturas como “Mulher morre *após* ser atingida por facadas em Bocaiuva”. Aqui o uso do verbo inacusativo, por exemplo, desloca o foco da ação para o evento ou para a vítima, bem como promove o apagamento do agressor. Como indica o traço [- humano], o agente da ação não é identificado, o que corrobora as estratégias de silenciamento observadas na análise discursiva.

Dessa forma, a classificação dos verbos apresentada na Tabela 2 não apenas reflete um ordenamento semântico-formal, mas também explicita mecanismos discursivos de representação e de apagamento nas notícias analisadas. Em especial, os verbos de baixa agentividade revelam-se frequentes em contextos nos quais a responsabilização pelo crime é suprimida ou minimizada.

Ademais, como lembra Givón (2001, p. 137), “a escolha de estruturas com ou sem agente está ligada à saliência discursiva do participante: agentes menos salientes tendem a ser omitidos, resultando em estruturas passivas ou inacusativas”. Tal omissão pode ter implicações

ideológicas, especialmente em contextos como os da violência de gênero, em que o apagamento do agente pode implicar a minimização da ação criminosa (Fairclough, 2016).

Portanto, o *continuum* elaborado nesta pesquisa não é apenas um instrumento classificatório, mas uma proposta teórico-analítica ancorada em modelos linguísticos e discursivos que consideram a semântica dos verbos, a estrutura argumental e as estratégias de representação da ação no texto.

5.3 Rodada 2: voz passiva SEM agente x ativa

Em termos de distribuição global, a segunda rodada (Apêndice F) segue confirmando a hipótese de predominância da voz passiva. Dos 292 dados, a **voz passiva sem agente** aparece em 63,7% dos casos, enquanto a voz ativa ocorre em 36,3%. Recorremos novamente à lógica da análise multivariada, que permite observar como as variáveis linguísticas e sociais, de forma combinada, condicionam a voz verbal passiva.

As variáveis selecionadas pelo programa estatístico foram *verbo*, *veículo*, *localização do fenômeno na notícia* e *papéis sintáticos das preposições*. Já as variáveis *ano de publicação* e *sexo do repórter* não foram selecionadas, uma vez que a ordem de significância permaneceu a mesma em comparação à primeira rodada (passiva com e sem agente x ativa).

A variável *papéis sintáticos das preposições por e após* será apresentada separadamente, pois o número total de ocorrências difere do restante das variáveis (52 dados), o que impactaria diretamente a frequência global. Isso ocorre porque nem todos os dados analisados contêm preposições, o que justifica a delimitação metodológica.

A variável *propriedades semânticas do verbo* manteve-se como uma das mais robustas da análise, com nível de significância de 0.000 e *range* de 52, o maior da rodada. O verbo *assassinar* apresentou novamente forte associação à voz passiva, com 90.2% de ocorrência e peso relativo de .84 – valor mais alto da variável. Esse dado reforça a hipótese de que verbos de alta agentividade, alta letalidade e com traço [+humano] tendem a aparecer em dados que suprimem o agente, estratégia interpretada como forma de atenuar a responsabilização discursiva.

Já o *assassinar/morrer* apresentou novamente um favorecimento à passiva (.52), enquanto o grupo *outros verbos* apresentou o menor peso (.32), associado à maior frequência da voz ativa.

A variável *veículo* também se mostrou significativa nesta rodada, cujo *range* foi de 38. O portal *UOL* novamente apresentou o maior favorecimento à voz passiva, com peso relativo

em 0.72 e 74,3% de ocorrência. O *gl* também favoreceu a construção passiva, embora tenha apresentado um peso relativo mais baixo (.61). No entanto, a frequência de ambos foi quase a mesma (74.3% - *UOL* e 74.1% - *gl*). Já o *Metrópoles* apareceu um pouco abaixo da faixa de neutralidade (.45), ao passo que o grupo *outros veículos* privilegiou a forma ativa (.66).

Tabela 3 - Efeito das variáveis linguísticas e sociais em relação à voz passiva **sem agente** e à voz ativa

Variáveis	Voz Passiva (SEM agente)				Voz Ativa			
	Nºdados/ Total	%	Peso	Range	Nºdado s/ Total	%	Peso	Range
Verbo								
Matar/morrer	96/147	65,3%	.52	52	51/147	34,7%	.48	52
Assassinar	37/41	90,2%	.84		4/41	9,8%	.16	
Outros verbos	53/104	51%	.32		51/104	49%	.68	
Veículo								
UOL	26/35	74,3%	.72	38	9/35	25,7%	.28	38
gl	86/116	74,1%	.61		30/116	25,9%	.39	
Metrópoles	17/28	60,7%	.45		11/28	39,3%	.55	
Outros veículos	57/113	50,4%	.34		56/113	49,6%	.66	
Localização do fenômeno na notícia								
Título	40/71	56,3%	.39	47	31/71	43,7%	.61	47
Corpo da notícia	36/59	61%	.45		23/59	39%	.55	
Fechamento	7/20	35%	.24		13/20	65%	.76	
Lide	50/76	65,8%	.56		26/76	34,2%	.44	
Fotolegenda	36/43	83,7%	.71		7/43	16,3%	.29	
Subtítulo	17/23	73,9%	.61		6/23	26,1%	.39	
Ano de publicação								
2000 a 2014	48/86	55,8%			38/86	44,2%		
2015 a 2024	138/206	67%			68/206	33%		
Sexo								
Homem	41/62	66,1%			21/62	33,9%		
Sem autoria	96/145	66,2%			49/145	33,8%		
Mulher	43/75	57,3%			32/75	42,7%		
Homem/mulher	6/10	60%			4/10	40%		
Total	186/292	63,7%			106/292	36,3%		
Input			.50					

Fonte: Elaborado por Maduro (2025).

Os dados sugerem novamente, assim como na primeira rodada, que veículos nacionais e de grande circulação, como *UOL* e *gl*, tendem a favorecer a voz passiva. No caso dessa rodada, especificamente, há uma tendência de apagamento do agente do crime, coerente com a lógica de apagamento discursivo. Em “Walkiria Brito FOI ASSASSINADA no local de trabalho”, o fato do agente não ser explicitado não dá indícios de que o crime se trata de um feminicídio. O apagamento do indivíduo que cometeu o crime é uma escolha do autor e tem um impacto discursivo e ideológico, pois “as formas variantes são portadoras de significado social” (Pagotto, 2004, p. 132).

Entre os fatores da variável *localização do fenômeno na estrutura da notícia*, as *fotolegendas* apresentaram maior favorecimento à voz passiva (0.71), reforçando a hipótese

de que, em textos multimodais, o apagamento do agente da passiva se intensifica. Silva (2021, p. 78), em pesquisa qualitativa realizada a partir de 83 manchetes do *gl*, corrobora a nossa hipótese de que “existe uma hipersexualização na representação das mulheres por meio das manchetes e matérias dos casos de feminicídio e violência sexual” (Silva, 2021, p. 6).

Subtítulo (.61) e *lide* (.56) também favorecem a voz passiva. Já o *fechamento da notícia* teve o menor peso da variável (.24), privilegiando a construção ativa (.76), possivelmente pela função discursiva de reintroduzir os agentes do crime para esclarecer os desfechos do feminicídio (se o indivíduo está foragido, foi preso); além do fato de alguns leitores privilegiarem a leitura dos primeiros parágrafos e, em alguns casos, não lerem a notícia até o fechamento do texto (parágrafos finais). Por fim, os *títulos* e o *corpo da notícia* também desfavoreceram a voz passiva (.39 e .45, respectivamente).

As variáveis *sexo do repórter* e *ano de publicação* foram igualmente descartadas nesta segunda rodada de análise multivariada. O *sexo do repórter* esteve longe de ser selecionado desde a primeira rodada (*level* 1), pois apresentou um nível de significância de 0.598. Já o *ano de publicação* foi barrado na rodada 4 (*level* 4), cujo nível de significância foi de 0.409, o que significa dizer que determinada variável foi descartada na quarta etapa do processo de seleção de variáveis do modelo. Isso acontece porque ela não contribuiu significativamente para a explicação da variação linguística observada, em comparação com outras variáveis ainda presentes no modelo.

Em termos de frequência relativa, percebemos um pequeno aumento em relação aos dados de passiva oriundos de matérias publicadas depois da sanção da Lei do Feminicídio, em outubro de 2015. As notícias escritas antes da lei (entre 2000 e 2015) apresentaram a voz ativa em 44.2% acima da média (36.3%); já as redigidas depois (entre 2015 e 2024) apresentam mais passiva com 67% dos dados, acima da média (63.7%).

No caso da variável social *sexo do repórter*, embora não tenha sido selecionada para a rodada de peso relativo, os dados sugerem que as matérias escritas por homens apresentaram um pouco mais da voz passiva sem agente (66.1% - média: 63.7%) e os textos redigidos por mulheres, a voz ativa (42.7% - média 36.3%). Textos assinados por mulheres, por exemplo, apresentam maior propensão a empregar a voz ativa, o que poderia evidenciar uma maior inclinação à nomeação do autor da violência. As notícias escritas por grupos mistos de *homens e mulheres*, por sua vez, apresentaram mais a ativa (60%), e os não assinados (*sem autoria*) mais a passiva sem agente – 66.2%, sendo a média 63.7%. Para melhor entendimento dessa variável, teríamos de ter mais informações sobre o sexo de quem redige as notícias.

Esses resultados podem indicar um viés de gênero na escolha sintática relacionada à responsabilização do agressor, embora o monitoramento do sexo do repórter não tenha sido possível em todas as notícias em virtude de algumas não serem assinadas.

Na variável linguística *papéis sintáticos das preposições por e após*, assim como na rodada 1 (passiva com e sem agente x ativa), a preposição *após* com sentido atenuante e com sentido de tempo privilegiaram a voz passiva. Os fatores *após/tempo* (.78) e *após/atenuante* (.65) apresentaram maior tendência à passiva, já a preposição *após* com sentido de causa e o *por* favoreceram a voz ativa (pesos relativos em .74 e .55, respectivamente).

Do ponto de vista sociodiscursivo, a preposição *após* com valor temporal (.78) indica uma estratégia de atenuação da responsabilidade do agressor pela ação. Já *após* com sentido causal favoreceu a voz ativa (.74), o que sugere uma construção discursiva mais direta e causal, em que os agentes são mais facilmente identificados ou responsabilizados. Assim, os dados revelam que a escolha da estrutura verbal não é apenas gramatical, mas também reflete diferentes modos de posicionamento discursivo.

Tabela 4 - Efeito da variável linguística *papéis sintáticos das preposições por e após* em relação à voz passiva **sem** agente e à voz ativa

Voz Passiva (SEM agente)					Voz Ativa			
Variável	Nº dados/ Total	%	Peso	Range	Nº dados/ Total	%	Peso	Range
Após/tempo	6/8	75%	.78	52	2/8	25%	.22	52
Após/atenuante	9/13	69,2%	.65		4/13	30,8%	.35	
Após/causa	3/14	21,4%	.26		11/14	78,6%	.74	
Por	7/17	41,2%	.45		10/17	58,8%	.55	
Total	25/52	48,1%			27/52	51,9%		
<i>Input</i>			.50					

Fonte: Elaborado por Maduro (2025).

Quanto à hipótese, achava-se que a preposição *após* favoreceria a voz passiva sem agente, sobretudo quando apresentasse sentido de causalidade ou de atenuante discursivo. O *por*, nessa variável, foi selecionado para fins de monitoramento, uma vez que ele pode acompanhar o agente da passiva ou funcionar como marcador de causa ou indicativo de meio (“foi morta por não querer sustentar o namorado”, “foi assassinada por estrangulamento”).

5.4 Rodada 3: voz passiva COM agente x ativa

Na terceira rodada (Apêndice G), que contrapõe a voz passiva COM agente e a voz ativa, existe uma mudança no panorama: 40,1% dos dados privilegiaram a passiva com agente,

ao passo que 59,9% favoreceram a ativa (Tabela 5). Esses dados sugerem que, quando o jornalista opta por explicitar o agente, há preferência por fazê-lo por meio da voz ativa – e não da voz passiva com agente. Isso porque a construção que mais contribui para o apagamento do autor do crime é a voz passiva sem agente, que permanece como a principal estratégia gramatical para minimizar a ação agressora. A omissão do agente gramatical, especialmente em casos de feminicídio, atua, portanto, como mecanismo que atenua a responsabilização do autor do feminicídio.

Com relação à rodada de peso relativo, somente as variáveis *propriedades semânticas do verbo* e *papéis sintáticos da preposição por/após* foram selecionadas. O nível de significância foi de 0.006 e o *input* 0.12.

Tabela 5 - Efeito das variáveis linguísticas e sociais em relação à voz passiva **com** agente e à voz ativa

Variáveis	Voz Passiva (COM agente)				Voz Ativa			
	Nºdados/ Total	%	Peso	Range	Nºdados/ Total	%	Peso	Range
Verbo								
Matar/morrer	45/96	46,9%	.56	56	51/96	53,1%	.44	
Assassinar	13/17	76,5%	.86		4/17	23,5%	.14	
Outros verbos	13/64	20,3%	.30		51/64	79,7%	.70	
Veículo								
UOL	3/12	25%			9/12	75%		
gl	24/54	44,4%			30/54	55,6%		
Metrópoles	11/22	50%			11/22	50%		
Outros veículos	33/89	37,1%			56/89	62,9%		
Localização do fenômeno na notícia								
Título	21/52	40,4%			31/52	59,6%		
Corpo da notícia	7/30	23,3%			23/30	76,7%		
Fechamento	6/19	31,6%			13/19	68,4%		
Lide	19/45	42,2%			26/45	57,8%		
Fotolegenda	13/20	65%			7/20	35%		
Subtítulo	5/11	45,5%			6/11	54,5%		
Ano de publicação								
2000 a 2014	20/58	34,5%			38/58	65,5%		
2015 a 2024	51/119	42,9%			68/119	57,1%		
Sexo								
Homem	8/29	27,6%			21/29	72,4%		
Sem autoria	38/87	43,7%			49/87	56,3%		
Mulher	20/52	38,5%			32/52	61,5%		
Homem/mulher	5/9	55,6%			4/9	44,4%		
Total	71/177	40,1%			106/177	59,9%		
Input			.12					

Fonte: Elaborado por Maduro (2025).

Na variável *verbo*, o *assassinar* aparece com o maior peso relativo (.86), o que indica uma tendência à passiva quando há um agente expreso. Já o *assassinar/morrer*, nessa rodada, permanece com uma tendência à passiva (.56). No entanto, os *demais verbos* privilegiam a ativa (.70). Esse dado é curioso e será analisado posteriormente, pois precisaremos recodificar a variável a fim de monitorar e identificar quais verbos estão favorecendo a voz ativa.

Na variável *sexo do repórter*, os homens privilegiaram o uso da voz ativa em relação à passiva com agente (72,4% - média: 59,9%). As mulheres também seguiram o mesmo padrão (61,5%), ao passo que as equipes compostas por homens e mulheres (55,6%) e as notícias sem identificação de autoria (43,7%) favoreceram a passiva com agente.

Acerca da variável *papéis sintáticos das preposições por e após* (Tabela 6), a preposição *após* foi amalgamada em virtude de uma ocorrência categórica (*knockout*) no fator *após/atenuante*. A estrutura não foi identificada em nenhum dado de voz passiva **com** agente, conforme exposto na rodada eneária (Apêndice D), o que abre uma possibilidade interessante de interpretação. A passiva **com** agente não é privilegiada em dados em que vemos a *preposição após* com sentido atenuante, tal como em: “Mulher é encontrada morta dentro de caixa d’água *após* marcar encontro pela internet [...]”. Conjecturamos que há uma preferência pela passiva **sem** agente quando a frase apresenta um atenuante discursivo como esse: o fato de a vítima marcar um encontro pela internet e sair com um suposto estranho.

Tabela 6 - Efeito da variável linguística papéis sintáticos das preposições em relação à voz passiva **com** agente e à voz ativa

Voz Passiva (COM agente)					Voz Ativa			
Variável	Nº dados/ Total	%	Peso	Range	Nº dados/ Total	%	Peso	Range
Após/tempo	1/3	33,3%	.79	46	2/3	66,7%	.21	46
Após/atenuante + causa	2/17	11,8%	.56		15/17	88,2%	.44	
Por	1/11	9,1%	.33		10/11	90,9%	.67	
Total	4/31	12,9%			27/31	87,1%		
<i>Input</i>			.12					

Fonte: Elaborado por Maduro (2025).

O único fator que favoreceu a passiva com agente foi o *após* com sentido temporal (.79), seguido do *após atenuante + causa*, o qual foi privilegiado (.56). A preposição *por* apresentou alta frequência nas construções com voz ativa (.67) e baixa ocorrência nas passivas com agente (.33). Reitera-se que, neste fator, não se considera o uso da preposição como marcador de agente da passiva, como em: “Mulher é morta *por* marido desconfiado”. O *por*, que antecede o agente da passiva (“por marido”), não foi monitorado nesta variável, mas sim na variável dependente **voz passiva com agente**.

5.4.1 Tempo verbal (variável retirada da análise quantitativa)

Esta variável apresentou resultados categóricos e, portanto, não foi considerada para a análise quantitativa, tendo em vista que alguns tempos verbais monitorados só aparecem na construção passiva. Os fatores codificados foram a) *verbo auxiliar no presente + particípio*

(“Mulher é morta”); b) *verbo auxiliar no passado + particípio* (“Mulher foi morta”); c) *pretérito perfeito* (“Maria morreu com oito facadas no peito”) e d) *presente simples* (“Mulher morre após levar tiro”).

Dos 376 dados, o *verbo auxiliar no presente + particípio* apareceu em 69 notícias de voz passiva; já o segundo fator, *verbo auxiliar no passado + particípio*, apareceu em 192 textos jornalísticos. Quanto ao *pretérito perfeito* e ao *presente simples*, obtivemos 89 e 29 dados, respectivamente.

5.5 Análise contrastiva das três rodadas

A realização das três rodadas binárias, (i) voz passiva (**com e sem** agente) *versus* ativa; (ii) voz passiva **sem** agente *versus* ativa; e (iii) voz passiva **com** agente *versus* ativa, revelou sobretudo, o papel da voz passiva **sem** agente como principal estratégia de apagamento do agente da violência, o que corrobora a hipótese de apagamento discursivo.

A primeira rodada evidenciou um predomínio expressivo da voz passiva (com e sem agente) em relação à ativa (70,8% e 29,2%, respectivamente), com *input* de .56 e nível de significância de 0.023. Já na segunda rodada, ao isolarmos a voz passiva sem agente, a frequência se manteve alta (63,7% dos dados), com *input* de .50 e significância mais robusta (0.016), indicando que grande parte do favorecimento à passiva na rodada inicial decorre da sua forma sem agente, conforme antecipado. A terceira rodada, por sua vez, revelou um cenário invertido: a voz ativa foi majoritária (59,9%) frente à passiva com agente (40,1%), com *input* de .12 e significância de 0.006. Esse dado é indicativo de que, nos raros casos em que o agente do crime é expresso, na maioria dos dados, por meio de generalizações, há preferência por fazê-lo por meio da voz ativa, o que confirma a tendência ao apagamento nas demais construções.

A variável *propriedades semânticas do verbo* foi a única selecionada nas três rodadas, com peso relativo significativo (.31, .52 e .56, respectivamente), reforçando a sua força condicionadora. Em todas elas, o verbo *assassinar* favoreceu consistentemente a voz passiva: com peso relativo de .83 na rodada 1, 0.84 na rodada 2 e 0.86 na rodada 3, indicando alta associação entre verbos de alta agentividade, o que justifica a estratégia sintática do apagamento. Por outro lado, o grupo *outros verbos* apresentou pesos baixos nas três rodadas (.30, .32 e .30), o que sinalizou a preferência pela voz ativa (.70, .68 e .70).

A variável *veículo* foi selecionada apenas nas duas primeiras rodadas. Portais de grande circulação, como *UOL* e *g1*, favoreceram a voz passiva sem agente (.72 e .61 respectivamente), enquanto os veículos de menor alcance (agrupados como *outros*) apresentaram tendência à ativa

(.66). A ausência dessa variável na terceira e última rodada de peso relativo sugere que, ao se tratar da voz passiva com agente, os fatores extralinguísticos perdem força.

A *localização do fenômeno na notícia* também revelou padrões relevantes nas duas primeiras rodadas. As *fotolegendas* e os *subtítulos* favoreceram a voz passiva, sobretudo a sem agente (peso .71 e .61, respectivamente, na rodada entre a voz passiva **sem** agente e a voz ativa) e revelaram, pois, a importância da multimodalidade em certas estruturas jornalísticas na construção do apagamento discursivo (Kress; Van Leeuwen, 1998). Na rodada 1, em que juntamos os dados da voz passiva **com** e **sem** agente, as *fotolegendas* e os *subtítulos* também privilegiaram essa estrutura (.71 e .59, respectivamente, na rodada 1). Em contrapartida, o *fechamento da notícia* apresentou peso favorável à ativa (.70 na rodada 1 e .76 na rodada 2), o que indica uma tentativa de retomada da agentividade ao final da narrativa.

Quanto à variável *papéis sintáticos das preposições*, selecionada nas rodadas 1 e 2, os fatores relacionados à preposição *após* com sentidos de *tempo* (.81 na rodada 1 e 0.78 na rodada 2) e *atenuação* (.60 na rodada 1 e .65 na rodada 2) favoreceram fortemente a passiva sem agente, sugerindo um movimento discursivo de deslocamento do foco da ação para seus desdobramentos ou consequências (Fairclough, 2016; Van Dijk, 2012 [1992]). Já a preposição *por* foi pouco produtiva para a forma verbal passiva (.33), especialmente na terceira rodada (peso .33).

As variáveis *sexo do repórter* e *ano de publicação* não foram selecionadas em nenhuma rodada, ainda que os dados de frequência relativa mostrem que textos assinados por homens tendem a favorecer a voz passiva sem agente e que há aumento da passiva nos textos publicados após a Lei do Feminicídio (2015). O quadro a seguir mostra a ordem de significância das variáveis sociais e linguísticas nas três análises, bem como identifica as variáveis não selecionadas pelo GoldVarb-X com base nas rodadas binárias:

Quadro 7 - Ordem de significância das variáveis linguísticas e sociais

VARIÁVEIS	<i>Passiva (com e sem agente) x Ativa</i>	<i>Passiva SEM agente x Ativa</i>	<i>Passiva COM agente x Ativa</i>
Verbos	1º	1º	1º
Veículos	2º	2º	Variável não selecionada
Preposição <i>por/após</i>	3º	3º	2º
Localização na notícia	4º	4º	Variável não selecionada
Ano de publicação	Variável não selecionada	Variável não selecionada	Variável não selecionada
Sexo do(s) repórter(es)	Variável não selecionada	Variável não selecionada	Variável não selecionada
Nível de significância	0.023	0.016	0.006
Input	0.56	0.50	0.12

Fonte: Elaborado por Maduro (2025).

Conforme valores apresentados no Quadro 7, todos os níveis de significância e os *inputs* relacionados às três rodadas são considerados “estatisticamente significativos” (Guy; Zilles, 2007, p. 86). Além disso, é possível inferir que *verbos e papéis sintáticos da preposição por/após* têm impacto na seleção dessas variáveis entre as construções verbais analisadas.

Considerações finais

Em síntese, a análise comparativa permite concluir que: a) a voz passiva **sem** agente é a construção mais empregada nos textos jornalísticos sobre feminicídio e opera como recurso sintático-discursivo de apagamento do agente da violência; b) os verbos de alta agentividade e letalidade, como *assassinar*, favorecem a passiva, enquanto verbos mais genéricos ou menos violentos, reunidos na categoria *outros*, condicionam a ativa; c) o perfil editorial dos veículos e a estrutura multimodal da notícia interferem nas escolhas gramaticais, especialmente no favorecimento à passiva em *títulos, lides e fotolegendas*; d) A rodada 1 privilegiou a voz passiva em decorrência da presença dos dados “sem agente”. Quando retiramos esses dados (referentes ao apagamento do agressor), obtivemos um favorecimento da voz ativa (rodada 3).

Por fim, as duas primeiras rodadas (voz passiva **com/sem** agente x ativa e voz passiva **sem** agente x ativa) revelam que a voz passiva é privilegiada nas matérias de feminicídio. É a voz que silencia, portanto, o assassino. O privilégio à voz passiva nos dados não ocorre com o intuito de nomear o agente, mas sim de apagá-lo para culpabilizar, muitas vezes, a vítima. Na terceira rodada, o quadro se apresentou de forma inversa: a voz ativa predominou (59,9%) em relação à voz passiva com agente (40,1%) Esse resultado sugere que, nos casos em que o agente do crime é explicitado – em grande parte por meio de termos generalizantes, há uma preferência pelo uso da voz ativa, o que reforça a tendência ao apagamento do agente na construção passiva.

De forma geral, as escolhas gramaticais observadas nos dados analisados não se limitam a questões estilísticas ou estruturais, mas operam como recursos ideológicos. Por meio delas, o discurso jornalístico pode mitigar responsabilidades, suavizar a gravidade do ato e contribuir para a manutenção de formas simbólicas de apagamento da violência contra as mulheres.

CAPÍTULO 6

EXTRAPOLAR OS MUROS DA UNIVERSIDADE É PRECISO

Ao transformar dados empíricos e resultados estatísticos em argumentos políticos, esta dissertação propõe um modo de fazer linguística que reconhece o seu lugar no mundo. Trata-se de um trabalho comprometido com a forma que as mulheres têm sido representadas nas narrativas jornalísticas (Anna Maduro).

Considerações iniciais

Este capítulo apresenta como os resultados desta pesquisa extrapolaram os muros da universidade e se transformaram em ação social e política. A partir da análise das vozes verbais em notícias de feminicídio, foram estabelecidos diálogos com o legislativo, o que resultou na proposição de três Projetos de Lei no âmbito do Distrito Federal. Além disso, a pesquisa foi divulgada em eventos institucionais, em mesas redondas e em uma exposição na Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF) em agosto de 2025. O trabalho também alcançou repercussão em diferentes veículos de mídia, ampliando seu alcance social. Assim, reafirma-se a linguística como prática social, implicada e transformadora.

6.1 Da pesquisa à proposição legislativa

Durante uma oficina de contos, disseram que a minha escrita era “excessivamente jornalística e que não havia espaço para militância”. Na época, confesso: fiquei arrasada. “Minha escrita é política porque carrega as marcas de ser mulher neste mundo”, argumentei. Hoje, reconheço e exalto essa voz. Sou mulher, portanto, não sei fazer de outro jeito. Escrever, para mim, é um ato de coragem, de resistência e de não silenciamento.

Esta dissertação é fruto de múltiplos atravessamentos. Dói ler matérias de feminicídio. Dói, sobretudo, quando a análise exige olhar para as entrelinhas, para as escolhas lexicais, para as ausências e para os atenuantes sociodiscursivos. Dói perceber o quanto a linguagem também (re)produz violências de gênero por meio de padrões e “modos de dizer” que se naturalizam, inclusive, na cobertura midiática dos feminicídios. Entendida como prática social (Fairclough, 2016), a linguagem transforma e é transformada pelas ações dos sujeitos. E foi com base nesse entendimento que a presente pesquisa não se encerrou em si mesma, tampouco se restringiu ao campo da Linguística.

“Qual é o meu papel – como pesquisadora, como universitária, como cidadã?”. Esse questionamento me acompanhou durante grande parte do mestrado, pois, diante da minha

pequenez, eu sabia que precisava fazer algo a partir dos dados obtidos nessa pesquisa quantitativa. Como pesquisadora na área da Linguística, acredito que extrapolar as fronteiras da universidade é um movimento importante. Compartilhar dados, hipóteses, resultados e discutir políticas públicas para as mulheres, por exemplo, é uma forma legítima e necessária de devolutiva social, ainda mais considerando que esse mestrado foi realizado com apoio institucional e financiamento público.

Por isso, em janeiro de 2025, fui à Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF) para uma reunião com o deputado distrital Max Maciel (PSOL-DF). Apresentei parcialmente os dados e as análises, divulgados no capítulo 5 desta dissertação, bem como alguns projetos de leis (PLs) em tramitação e leis sancionadas, no Brasil, acerca da temática do feminicídio.

O parlamentar demonstrou interesse na pauta e colocou-se à disposição para estudar o assunto e desenvolver, junto à equipe, uma proposta legislativa viável. Nosso objetivo era sensibilizar sociedade e chamar a atenção da imprensa para uma cobertura responsável e empática dos casos de violência contra a mulher.

A partir desse encontro (Figura 6), foi possível traçar um plano de ação com três encaminhamentos principais: (i) estudo da viabilidade jurídica e legislativa da proposta, a ser realizado pela equipe do parlamentar ao longo do primeiro semestre de 2025; (ii) elaboração, por mim, de um relatório contendo dados linguísticos e um dossiê com projetos de lei sancionados no país; (iii) idealização de discurso em plenário de modo a sensibilizar a imprensa e a sociedade para a naturalização da violência nas narrativas de feminicídio.

Figura 6 - Reunião com a assessora Raiane Paulino (à esquerda) e o deputado Max Maciel



Fonte: Agência CLDF.

Cinco meses depois, em 26 de junho de 2025, recebi com entusiasmo a matéria publicada no Jornal de Brasília, assinada pelo jornalista Suzano Almeida (Figura 7):

Figura 7 - Matéria jornalística divulgada no Jornal de Brasília (JBr)



Fonte: Jornal de Brasília (2025)

A notícia fazia menção a um dos três Projetos de Lei (PLs), protocolados pelo deputado no mês de junho, os quais foram, segundo texto publicado na rede social do parlamentar, originados a partir da nossa conversa: “Os dados apresentados por ela serviram de base para que nosso gabinete apresentasse três PLs em defesa da Vida das Mulheres” (Maciel, 2025). São eles:

PL 1817/2025 – Torna obrigatória a divulgação do número do Disque 180 em sites e repartições públicas do DF, com vistas a ampliar o acesso à informação e fortalecer os mecanismos de enfrentamento à violência contra a mulher.

PL 1818/2025 – Estabelece diretrizes para a promoção de uma mídia não sexista, proibindo conteúdos que reforcem estereótipos de gênero, sexualizem ou culpabilizem mulheres vítimas de violência nos meios de comunicação, sobretudo quando financiados com recursos públicos.

PL 1819/2025 – Garante a proteção do nome, da imagem e da honra de mulheres vítimas de violência doméstica e feminicídio, vedando exposições desnecessárias e culpabilizações discursivas em canais institucionais ou jornalísticos.

Essas proposições legislativas, apresentadas na íntegra nos anexos C, D e E, foram inspiradas em dados quantitativos, analisados e divulgados no capítulo 5 dessa dissertação, a partir de uma perspectiva variacionista. Nesse sentido, a triangulação entre a pesquisa acadêmica, o discurso jornalístico e a ação político-legislativa concretizou-se como um movimento que partiu da análise (socio)linguística e culminou na prática social. Tal movimento

eco a proposta da sociolinguística, a qual ultrapassa a descrição de variáveis linguísticas para investigar os significados sociais e ideológicos da linguagem.

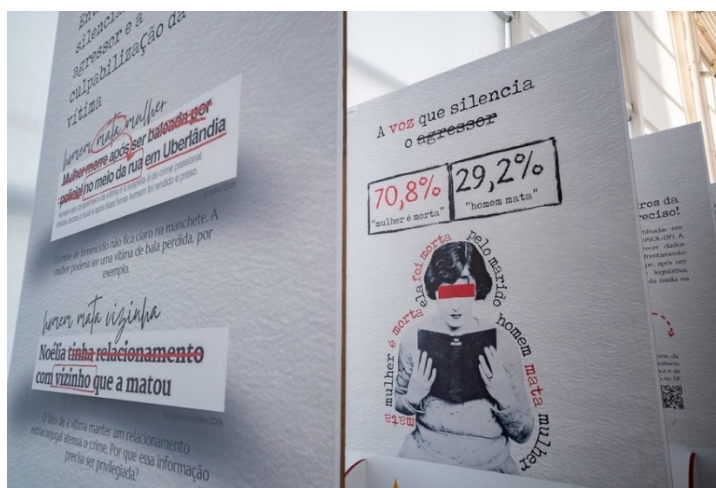
Os projetos de lei seguem em tramitação na CLDF e passarão por algumas Comissões antes de serem votados pelos deputados distritais em plenário. Estamos acompanhando a tramitação das propostas e registraremos, posteriormente, em trabalhos futuros.

6.2 Impacto social e midiático

Além da proposição dos PLs, a relevância social do trabalho foi reconhecida pela Procuradoria Especial da Mulher da Câmara Legislativa do DF, que, por meio de um ofício-convite (Anexo B), pediu que apresentássemos a presente pesquisa durante a *2ª Semana de Combate ao Femicídio*, entre os dias 11 e 15 de agosto de 2025 na CLDF, no evento *Falando Delas com Elas*. A programação e o convite encontram-se nos Anexos F e G.

À ocasião, tivemos a oportunidade de divulgar os dados e os resultados desta dissertação por meio de uma exposição em 20 painéis (1,77m x 1,18m), disponibilizados no Apêndice H. O objetivo foi tornar os dados acessíveis a públicos diversos, desde os servidores da Casa aos estudantes que visitariam a Câmara, a fim de extrapolar a lógica da dissertação acadêmica e mobilizar recursos gráficos, estatísticos e discursivos (Figura 8).

Figura 8 - Painéis expostos na CLDF



Fonte: Andressa Anholet (2025)

A abertura da exposição foi realizada no dia 11/8, às 16h30, no *foyer* do piso superior da Câmara Legislativa (Figura 9), e contou com a presença da Procuradora Especial da Mulher da Câmara Legislativa, deputada Paula Belmonte; dos deputados distritais Max Maciel e

Ricardo Vale, do secretário-executivo de Segurança Pública do DF, Alexandre Patury; da reitora da Universidade de Brasília, Rozana Naves; de representantes das forças de segurança do DF (Polícia Militar, Polícia Civil e Corpo de Bombeiros Militar) e da Delegacia de Atendimento à Mulher 1 (DEAM).

Figura 9 - Abertura de exposição na CLDF



Fonte: Andressa Anholet (2025)

Além disso, entre os dias 11 e 15, participamos de cinco mesas redondas com estudantes da rede pública de ensino (Figura 10)³⁹. O intuito do evento era sensibilizar os jovens para a temática do feminicídio e, sobretudo, promover o diálogo entre diferentes setores da sociedade por meio da presença de representantes das forças de segurança, psicólogos, jornalistas e professores.

Figura 10 – Mesa redonda com estudantes do CEM 02 de Planaltina



Fonte: Andressa Anholet (2025)

³⁹ As mesas redondas foram gravadas e estão disponíveis no Youtube. Os links encontram-se no Anexo A.

A iniciativa propiciou um espaço de escuta e reflexão coletiva, no qual as estatísticas e as análises linguísticas puderam ser apresentadas de forma acessível, aproximando os estudantes de uma compreensão crítica da maneira como a violência contra a mulher é divulgada nos meios de comunicação e nas narrativas jornalísticas.

Ao lado dos demais participantes, foi possível discutir não apenas os aspectos jurídicos e psicológicos do feminicídio, mas também o papel da linguagem na produção e na circulação de discursos que podem reforçar estereótipos de gênero ou, ao contrário, contribuir para a desconstrução de práticas de silenciamento. Essa interlocução com a comunidade escolar ampliou o alcance da pesquisa e permitiu que jovens se reconhecessem como sujeitos sociais capazes não apenas de questionar narrativas naturalizadas, mas também de propor novas formas de enfrentamento à violência.

A repercussão do trabalho também se fez presente na mídia (Anexo A). A exposição foi mencionada em nove matérias jornalísticas publicadas on-line em veículos como *Jornal de Brasília*⁴⁰ e *Correio Braziliense*⁴¹, bem como na agência de notícias da Câmara Legislativa: *Agência CLDF*⁴². Além disso, eu tive a oportunidade de dar uma entrevista para a CBN Brasília, no dia 15/8, para o Quadro *CBN Boas Ideias*⁴³. O *Correio Braziliense* também repercutiu o assunto na edição impressa do jornal, na Coluna Eixo Capital, no dia 27/7 (Figura 11):

Figura 11 – Texto publicado no Correio Braziliense



Fonte: Coluna Eixo Capital, Correio Braziliense (2025)

⁴⁰ <https://jornaldebrasil.com.br/blogs-e-colunas/do-alto-da-torre/pontes-bem-construidas/>

⁴¹ <https://blogs.correiobraziliense.com.br/cbpoder/cldf-sera-palco-da-semana-de-combate-ao-feminicidio/>

⁴² <https://www.cl.df.gov.br/-/semana-de-combate-ao-feminicidio-inicia-com-mostra-e-homenagem-a-vitimas>

⁴³ https://open.spotify.com/episode/4DyDcOjNdIP3mdDE0fLiI3?si=qcB1IX8fQJ6l7SP-9_ridw

Esses movimentos revelam que a Linguística, ao ser pensada como prática social, pode incidir em esferas mais amplas da vida pública. Como já apontava Bourdieu (1998), a linguagem não é apenas meio de comunicação, mas também instrumento de poder simbólico, capaz de legitimar ou contestar práticas sociais. Assim, ao propor uma análise da voz passiva e da voz ativa em notícias de feminicídio, esta pesquisa alcançou resultados acadêmicos e, em especial, gerou efeitos políticos, midiáticos e sociais.

Considerações finais

Ao extrapolar os muros da universidade, este trabalho reafirma que a análise sociolinguística não se limita à descrição estatística de fenômenos, mas pode produzir deslocamentos sociais concretos. Os resultados das três rodadas binárias, que evidenciaram a recorrência de passivas **sem** agente e o consequente apagamento do agressor, indicam como escolhas gramaticais reiteram práticas de culpabilização da vítima.

Essa articulação entre teoria, análise empírica e intervenção social antecipa as considerações finais desta dissertação, em que se discute criticamente o papel da Linguística como prática situada, implicada e comprometida com a transformação social. Ao transformar dados empíricos e resultados estatísticos em argumentos políticos, esta dissertação propõe um modo de fazer linguística que reconhece o seu lugar no mundo. Trata-se de um trabalho comprometido com a forma que as mulheres têm sido representadas nas narrativas jornalísticas.

CONTRIBUIÇÕES E REFLEXÕES

PARA ONDE VAMOS

A partir da análise do uso da voz ativa e da voz passiva em diferentes veículos jornalísticos, foi possível identificar padrões linguísticos recorrentes que reforçam estereótipos e desigualdades. Como sugere Labov (2008 [1972]), variações linguísticas não são apenas fenômenos estruturais, mas também refletem também significados sociais e estilísticos específicos.

Os resultados revelaram que, na primeira rodada de análise, que contrapôs a voz passiva (com e sem agente) e a ativa, a passiva foi privilegiada em 70,8% dos casos, ao passo que a ativa apareceu em 29,2% dos dados. Quando a análise foi refinada na segunda rodada, restringindo-se à voz passiva sem agente, constatou-se que essa variante representava 63,7% dos dados, contra 36,3% de voz ativa. Já na terceira rodada, a voz ativa tornou-se majoritária, com 59,9%, em oposição à voz passiva com agente, que somou 40,1%. Tais resultados confirmam que a construção mais produtiva no *corpus* foi a voz passiva sem agente, estratégia gramatical que opera discursivamente para o apagamento do autor da ação violenta.

A análise multivariada indicou que os fatores mais significativos para o favorecimento da voz passiva foram os portais *gl* e *UOL*, bem como algumas estruturas da notícia, tais como: *fotolegendas*, *subtítulos* e *lides*, com ênfase para os textos que acompanham imagens, afinal essa articulação entre o verbal e o visual potencializa o apagamento da autoria da violência (Kress; Van Leeuwen, 1998). No âmbito da variável *verbo*, o *assassinar* apareceu com o maior peso relativo nas três rodadas (.83, .84 e .86), sendo a forma mais associada à voz passiva. Tal padrão confirma a hipótese de que verbos de alta agentividade e traço [+humano] tendem a ser empregados em construções que desfocalizam o agente, sobretudo quando a escolha é pela passiva **sem** agente.

A passiva **com** agente, ao contrário, foi a menos recorrente, o que evidencia uma resistência do discurso jornalístico em explicitar o autor da ação. Quando o jornalista opta por apresentar o agente do crime, prefere a forma ativa (“Secretário de Comunicação de Belém, na PB, MATA esposa e depois tira a própria vida”), ainda que, muitas vezes, o agente seja categorizado por meio de termos genéricos, tais como “homem”, “marido” ou “companheiro”. “São construções que, embora coloquem o homem agressor como agente, a agressão em si aponta para um sujeito generalizado” (Tomazi, 2020, p. 832).

Esses resultados permitem observar ainda que a passiva **sem** agente é particularmente usada em posições de destaque informacional e visual, como *legendas* e *subtítulos*, em que o apagamento da agência humana é mais estratégico.

Outro fator revelador foi a análise das preposições *por* e *após*. A preposição *após* com sentido temporal e de atenuação favoreceu fortemente a voz passiva **sem** agente, funcionando como estratégia discursiva que desloca o foco do agente para os desdobramentos da ação. Tais construções sugerem uma organização informacional que reforça o papel da vítima e minimiza ou dilui a autoria do crime, conforme apontado por Fairclough (2016) e por Van Dijk (2012 [1992]).

A análise dos dados também apontou que os textos jornalísticos não têm sido utilizados como instrumento de conscientização pública. Das 140 matérias analisadas, apenas 5,71% continham informações sobre o serviço de denúncia *Ligue 180*, o que revela uma lacuna na função social do jornalismo. A linguagem empregada naturaliza a violência de gênero e apresenta a mulher como figura central da narrativa, muitas vezes estetizada ou sexualizada, especialmente em *fotolegendas*. Como demonstra Silva (2021), há uma teatralização da violência em que a mulher é representada como objeto sexual ou causadora do próprio destino trágico. O corpo é um fenômeno social: ele está exposto aos outros, é vulnerável por definição. Sua mera sobrevivência depende de condições e instituições sociais, o que significa que, para “ser” no sentido de “sobreviver”, o corpo tem de contar com o que está fora dele (Butler, 2015, 57-58). Tais escolhas estilísticas e editoriais violam, inclusive, o artigo 11, §2º, do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, que proíbe conteúdos de caráter sensacionalista ou contrários aos valores humanos.

O homem dificilmente aparece nas matérias jornalísticas, independentemente do enquadre em que ele foi posicionado no texto. Talvez essa seja, portanto, a justificativa para o favorecimento da passiva na *fotolegenda*, fator que mais chamou a atenção, afinal foi o peso relativo mais alto entre todas as outras estruturas do domínio jornalístico. Nas *fotolegendas*, a passiva funciona como ferramenta de apagamento discursivo do agressor ao mesmo tempo que se sexualiza ou estetiza a vítima, reforçando a crítica já feita por Van Dijk (2012 [1992]) e por Silva (2021) sobre a culpabilização simbólica das mulheres em notícias de feminicídio.

Nos dados do *corpus*, observa-se que a voz ativa tende a atribuir maior responsabilidade ao agressor, enquanto a passiva – especialmente **sem** o agente – desfocaliza ou transfere essa responsabilidade. A forma como a violência de gênero é narrada reforça a lógica patriarcal segundo a qual a mulher é propriedade do homem. Essa operação é visível em enunciados como

“Mulher foi morta *após* tentar romper com o suspeito” ou “Juíza morta por ex abriu mão de escolta”, retirados do *corpus*, nos quais se estabelece uma cadeia de causalidade que transforma a vítima em corresponsável pelo crime.

Cientes dos desafios teórico-metodológicos que envolvem a análise das vozes verbais sob a perspectiva da Sociolinguística Laboviana, essa pesquisa reafirma a importância do estudo da linguagem na desconstrução de discursos machistas e sexistas. O jornalismo, enquanto instituição formadora de consciência social, desempenha um papel crucial na construção das representações da violência contra a mulher. Assim, questionar as escolhas linguísticas desses discursos pode contribuir para uma leitura crítica mais equitativa de gênero.

Mais do que uma pesquisa acadêmica, este trabalho se consolidou como prática social. Ao identificar padrões linguísticos que (re)produzem desigualdades de gênero nas notícias sobre feminicídio, o estudo ultrapassou os limites da universidade: resultou na formulação de três Projetos de Lei protocolados pela Câmara Legislativa do Distrito Federal, os quais propõem novas diretrizes para a cobertura midiática de crimes contra mulheres. A pesquisa também deu origem a uma exposição pública com curadoria textual e visual dos dados, a qual transformou gráficos, manchetes e análises linguísticas em painéis acessíveis ao público. Dessa forma, a análise linguística, quando comprometida com a justiça social, mostra-se não apenas descritiva, mas transformadora.

Em síntese, esta dissertação mostra que o feminicídio não é apenas um problema penal ou estatístico: é um fenômeno discursivo que envolve estruturas linguísticas, ideológicas e midiáticas. Reconhecer o papel da linguagem na construção da realidade, portanto, é o primeiro passo para desestabilizar narrativas hegemônicas e promover mudanças efetivas na forma como a sociedade compreende, denuncia e combate a violência contra as mulheres.

Por fim, a análise das vozes verbais em notícias de feminicídio permite afirmar que a linguagem, compreendida como prática social (Fairclough, 2016), atua na manutenção e na reprodução de desigualdades estruturais, bem como promove um apagamento sistemático do agente masculino da violência. As escolhas gramaticais observadas no *corpus* não são neutras: são ideológicas e influenciam diretamente a maneira como a sociedade interpreta, aceita ou combate a violência contra as mulheres. A impessoalização e a supressão da identidade do agressor do feminicídio, por meio da predominância da voz passiva **sem** agente, reforçam representações hegemônicas de gênero e dificultam o enfrentamento da violência.

Diante disso, o papel da imprensa precisa ser reavaliado. A responsabilidade social dos meios de comunicação implica o compromisso com uma narrativa ética, empática e

comprometida com os direitos das mulheres. O feminicídio não pode ser tratado como um número, uma estatística ou uma pauta comercial. É um crime de ódio com raízes históricas, culturais e, sobretudo, discursivas.

Perspectivas futuras

Como todo trabalho científico, esta pesquisa não se esgota em si mesma. Há ainda múltiplas possibilidades de investigação a serem desenvolvidas a partir das questões aqui levantadas. Entre elas, destaca-se a ampliação do *corpus* para além dos feminicídios, incluindo outras formas de violência doméstica e de gênero, o que permitiria observar se os mesmos padrões discursivos se reiteram ou se apresentam especificidades.

Outro caminho diz respeito ao controle dos nomes das mulheres, de modo a avaliar em que medida a nomeação ou a omissão influencia na construção discursiva das vítimas. Também se apresentam como promissoras as abordagens experimentais baseadas em testes de percepção e avaliação, especialmente com jornalistas, que possibilitariam compreender como esses profissionais percebem e avaliam o uso da voz ativa e da voz passiva na cobertura de crimes de gênero. Tal abordagem permitiria explorar a relação entre escolhas gramaticais e valores como objetividade e imparcialidade, além de verificar se há consciência sobre o apagamento do agente/agressor em estruturas passivas sem agente.

A retomada da comparação entre narrativas de crimes cometidos contra homens e contra mulheres igualmente abre novas perspectivas para compreender os modos de representação de gênero no discurso jornalístico, revelando simetrias e assimetrias nas estratégias de construção textual.

Além disso, novas frentes de pesquisa podem incluir a análise das vozes verbais em notícias publicadas outros idiomas, como no inglês e no espanhol, a fim de investigar se existem as mesmas estratégias de apagamento/focalização e como elas manifestam em diferentes sistemas linguísticos e contextos culturais. Esse tipo de abordagem contrastiva pode contribuir para uma compreensão mais ampla da relação entre linguagem, identidade e ideologia.

Outros recursos de apagamento ou desfocalização do agente, como a nominalização e o uso de estruturas com sujeito indeterminado, também se mostram relevantes para a análise das formas de representação da violência, sendo potenciais mecanismos gramaticais de mitigação ou dispersão da agência.

Por fim, a inclusão de novos gêneros jornalísticos (reportagem televisiva, reportagem radiofônica, notícia em jornal impresso) permitiria ampliar o escopo da investigação para além

do jornalismo, possibilitando observar como diferentes esferas sociais constroem discursivamente a violência de gênero.

Essas linhas de investigação apontam para a continuidade de um campo de estudos que articula variação linguística, ideologia e crítica social e revelam a necessidade de aprofundar o entendimento sobre como a linguagem participa ativamente da (re)produção das violências de gênero e, ao mesmo tempo, oferece pistas para a sua problematização.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA Brasileira de Letras. **Vocabulário Ortográfico Da Língua Portuguesa**. Disponível em: < <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>. Acesso em 10 fev. 2025.
- ALKMIM, T. M. Sociolinguística: parte I. *In*: MUSSALIM, F.; Bentes, A. C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 1. São Paulo: Editora Cortez, 2005. p. 21-47.
- ARAÚJO, N. M. A Sociolinguística e a Análise do Discurso sob um olhar de ciência extraordinária. **Cadernos da Fucamp**, v. 14, n. 20, p. 85-99, 2015.
- AZEREDO, J. C. **Fundamentos de Gramática do Português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2012.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.
- BARROS FILHO, C. de. **Ética na Comunicação: da informação ao receptor**. São Paulo: Moderna, 2001.
- BASILIO, M. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BECHARA, E. **Gramática Escolar da Língua Portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- BELTRÃO, L. **Teoria e prática do jornalismo**. Adamantina: FAI, 2006.
- BERG, M. B. A natureza categorial da preposição. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 7, n. 1, p. 107-124, 1997.
- BERTOQUE, L. A. D. P.; GALVÃO, V. C. C. Construções de voz em títulos de notícias e em manchetes: contribuição para o ensino. **Polifonia**, v. 17, n. 21, p. 53-84, 2010.
- BORDENAVE, J. E. D. **Além dos meios e mensagens: Introdução à comunicação como processo, tecnologia e ciência**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Gabinete do Ministro. **Violência doméstica e familiar contra a mulher: Ligue 180 e tudo o que você precisa saber**. Brasília, 2020.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 13.104**, de 9 de março de 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20152018/2015/lei/l13104.htm>. Acesso em: 27 jul. 2024.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 2.848**, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal, artigo 312 a 327. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decretolei/Del2848compilado.htm>. Acesso em 02 jul. 2025.

BRASIL. **Lei nº 2.083**, de 12 de novembro de 1953. Regula a Liberdade de Imprensa. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 12 nov. 1953. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l2083.htm. Acesso em: 23 mar 2025.

BRIGHT, W. As dimensões da sociolinguística. In: Fonseca, M. S.; Neves, M. F. (Orgs). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

BUTLER, J. P. **Problemas de Gênero - Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** (S. T. M. Lamarão & A. M. Cunha, Trans.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CALVET, J. L. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, R. G. A gradação tipológica das construções de voz. **Gragoatá**, v. 11, n. 21, p. 167-189, 2006.

CAMACHO, R. G. Construções passiva e impessoal: distinções funcionais. **Alfa**: v. 44, p. 215-233, 2000.

CAMACHO, R. G. Uma reflexão crítica sobre a teoria sociolinguística. **Delta**, v. 26, n. 1, p. 141-162, 2010.

CAMACHO, R. G. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.

CARDOSO, C. R. Pesquisa quantitativa e qualitativa em Sociolinguística: dadaísmo metodológico? **Cadernos de Letras da UFF**, n. 46, p. 143-156, 2013.

CARDOSO, P. R. S.; FREITAG, R. M. K. A ordem importa: escolhas linguísticas na representação da violência contra mulheres no Brasil. **Domínios de Linguagem**, v. 17, p. 1-25, 2023.

CASTILHO, A. T. de; ELIAS, V. M. **Pequena Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CERQUEIRA, D.; BUENO, S. (Coords.). **Atlas da violência 2025**. Brasília: Ipea; FBSP, 2025. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5999-atlasdaviolencia2025.pdf>. Acesso em: maio de 2025.

CHRISTOFOLETTI, R. Assinatura e impressões digitais: pela autoria no Jornalismo. *In*: FURLANETTO, M. M.; SOUZA, O. (Orgs). **Foucault e Autoria**. São Paulo: Insular, 2006.

CLARK, K. The linguistics of blame: Representations of women in The Sun's reporting of crimes of sexual violence. *In*: TOOLAN, M. (Ed.). **Language, text and context: Essays in stylistics**. London: Routledge, 1992. p. 208-224;

COIMBRA, O. **O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura**. São Paulo: Ática, 1993.

COTRIM, G.; FERNANDES, M. **Fundamentos de Filosofia**. São Paulo: Saraiva, 2010.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, n. 41, p. 87-100, 2012.

_____. As três ondas do estudo da variação: a emergência do significado no estudo da variação sociolinguística. Tradução de Samuel Gomes de Oliveira, Livia Majolo Rockenbach e Athany Gutierrez. **Organon**, v. 37, n. 73, p. 268-291, 2022.

ERBOLATO, M. L. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora UnB, 2016.

FAIRCLOUGH, N.; MELO, I. F. de. Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica. **Linha d'Água**, v. 25, n. 2, p. 307-329, 2012.

FEDERAÇÃO Nacional dos Jornalistas. **Código de ética dos jornalistas brasileiros**. Brasília: Federação Nacional dos Jornalistas, 2007. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em 23 jan. 2023.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 2014.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **Alfa**, v. 56, n. 3, p. 917-944, 2012.

FURTADO DA CUNHA, M. A. A complexidade da passiva e as implicações pedagógicas do seu uso. **Linguagem & Ensino**, v. 3, n. 1, p. 107-116, 2000.

_____. Motivações discursivas para o uso da passiva. **Delta**, v. 10, n. 1, p. 21-27, 1994.

GIVÓN, T. The pragmatics of de-transitive voice: functional and typological aspects of inversion. (Introduction). *In*: GIVÓN, T. (Ed.). **Voice and Inversion**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1994. p. 3-46.

GUY, G.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic**. London: Edward Arnold, 1978.

JORGE, T. M. **Manual do Foca**: guia de sobrevivência para jornalistas. Contexto: São Paulo, 2010.

KENEDY, E. Gerativismo. *In*: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 127-140.

KRESS, G; VAN LEEUWEN, T. Front pages: (The critical) analysis of newspaper layout. *In*: BELL, A.; GARRETT, P. (Orgs.) **Approaches to media discourse**. Hoboken: Blackwell Publishing, 1998. p. 186-219.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Papers**, v. 44, p.43-88, 1978.

LAVANDERA, B. R. Los limites de la variable sociolinguistica. *In*: LAVANDERA, B. R. **Variación y significado**. Buenos Aires: Hachette, 1984. p. 37-46.

LEVIN, B. Semantics and pragmatics of argument alternations. **Annual review of linguistics**. Stanford University. v. 1, p. 63-83, 2015.

LIMA, J. P. R. **A emergência de construções resultativas de verbos sobre violência no português brasileiro**. 2023. 450f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

LIMA, R.C.H. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

LOPES, R. E. V. Passivas nos discursos oral e escrito. No princípio era o verbo. E o verbo se fez adjetivo? Ou o que estamos fazendo no oral! *In*: TARALLO, F. (Org.). **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas: Pontes/Editora da UNICAMP, 1989. p. 35-50.

LUFT, C. P. **Gramática resumida**: explicação da nomenclatura gramatical brasileira. 11. ed. São Paulo: Globo, 2001.

MADURO, A.; PACHECO, C. S. **O feminicídio na mídia**: uma análise das vozes verbais em notícias jornalísticas. 74ª Reunião Anual da SBPC, 2022. Disponível em: https://reunioes.sbpcnet.org.br/74RA/inscritos/resumos/1155_1ed84f2818854ef35d306a476c4f83a4b.pdf. Acesso em: 23 ago 2025.

MADURO, A.; FORESTI, A. F. Em busca da formação do jovem brasileiro na escola pública: uma proposta a partir da Educomunicação. **Educomunicação**: sua imagem está na tela. Curitiba: CRV, 2018. p.

MADURO, A.; PACHECO, C. **O feminicídio na mídia**: uma análise das vozes verbais em notícias jornalísticas. Trabalho de PIBIC — Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

MADURO, A; SANTOS, J. C. A educomunicação e a influência desse processo na construção da identidade juvenil. **Educomunicação**: sua imagem está na tela. Curitiba: CRV, 2018. p.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.; MACHADO, a. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucena, 2002.

MARQUES DE MELO, J. **Jornalismo opinativo**. 3. ed. São Paulo: Mantiqueira de Ciência e Arte Ltda, 2003.

MARTINS FILHO, E. L. **Manual de Redação e Estilo do Estado de S. Paulo**. 3. ed. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

METRÓPOLES. **Quem somos**. *Metrópoles*, 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/quem-somos>. Acesso em: 24 jul. 2025.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. **Novo Manual de Sintaxe**. Florianópolis: Insular, 2004.

MODESTO, A. T. T. Resgatando a polêmica: os limites da Teoria Variacionista. **Revista de Letras**, n. 26, v. 1/2, p. 57-59, 2004.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.) **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2020. p. 9-14.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

NEGRÃO, E. V.; SCHER, A. P.; VIOTTI, E. A competência linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à Linguística**: objetos teóricos. v. 1. São Paulo: Contexto, 2003. p. 95-119.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 15-27.

NEVES, M. H. M. **Guia de uso do português**: confrontando regras e usos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA, L. C. de. A noção de regra variável na morfossintaxe: um estudo das formas verbais espanholas “dejó” e “ha dejado”. **Working Papers em Linguística**, v. 10, n. 2, p. 21-33, 2009.

PAGOTTO, E. G. **Variação e (') identidade**. Maceió: EDUFAL, 2004.

PERINI, M. A. **Princípios de linguística descritiva**: introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Parábola editorial, 2006.

REDE PARANÁ. **Manual de Redação Jornalística**. Paraná: Rede Paraná Educativa, s/d.

RISDANEVA, R. A critical discourse analysis of women's portrayal in news reporting of sexual violence. **Studies in English Language and Education**, v. 5, n. 1, p. 126-136, 2018.

ROCHA, F. M. **As vozes verbais na gramática normativa**. 2013. 143f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. *In*: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros, teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X** – A multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref>. Acesso em: 5 mar. 2023.

SANTI, V. J. A pesquisa qualitativa no circuito das notícias. **XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, Novo Hamburgo, 2010. Anais eletrônicos.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1995 [1916].

SILVA, P. C. S.; SOUSA, A. P. de. Língua e Sociedade: influências mútuas no processo de construção sociocultural. **Revista Educação e Emancipação**, v. 10, n. 3, p. 260-285, 2017.

SILVA, R. G. **Feminismo na Comunicação**: Os casos de violência de gênero no Portal de Notícias *g1*, lembrando Lolita. 2021. 107f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2021.

TAGLIAMONTE, S. A. **Analysing sociolinguistic variation**. New York: Cambridge University Press, 2006.

TOMAZI, M. A agentividade nas manchetes sobre violência de homens contra mulheres. **Discurso & Sociedad**, v. 14, p. 823-844, 2020.

UOL. **Missão e compromisso**. São Paulo, 2023. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/missao-e-compromisso/>>. Acesso em: 9 jul. 2025.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012 [1992].

WEINER, J.; LABOV, W. Constraints on the agentless passive. **Journal of Linguistics**, v. 19, p. 29-58, 1983 [1977].

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WILLIAMS, J. L. **The Stolen Story and Other Newspaper Stories by Jesse Lynch Williams**. New York: Charles Scribner's Sons, 1899.

APÊNDICE A - DADOS DO CORPUS

Veículo	Data	Trecho
UOL	15/11/2023	Mulher É MORTA instantes após marido ser filmado a ameaçando em loja
UOL	15/11/2023	Carla Janiere da Silva Barros, 24, FOI ASSASSINADA na terça, dentro da loja onde trabalhava
UOL	15/11/2023	Mais tarde, segundo a polícia, ele retornou à loja com uma pistola e disparou contra Carla, que MORREU na hora.
UOL	16/01/2024	Uma enfermeira de 30 anos foi MORTA com marcas de tiros, em uma estrada de chão da cidade capixaba de Alfredo Chaves
UOL	26/02/2024	O guarda municipal Edvaldo Bemvindo da Silva, 52, MATOU a ex-esposa a tiros após chegar e prometer um presente de aniversário enquanto ela trabalhava numa loja no Pátio Shopping, em Maceió, na noite deste domingo.
UOL	26/02/2024	Valkiria de Brito Cavalcanti completava 40 anos ontem, quando FOI MORTA com um tiro pelo ex-marido, do qual estava separado havia 4 meses.
UOL	26/02/2024	Valkiria Brito FOI ASSASSINADA no local de trabalho.
UOL	09/11/2023	Jovem de 26 anos é ACHADA MORTA enrolada em tapete dentro de banheiro em SP
UOL	23/01/2024	Mulher MORRE após ser espancada e atropelada no RJ; família acusa ex
UOL	23/01/2024	Uma mulher de 24 anos FOI ESPANCADA, atropelada e MORREU na noite de domingo, em Santa Cruz, no Rio de Janeiro
UOL	23/01/2024	"MORREU sem nenhum dente na boca", diz irmã
UOL	17/11/2023	Jovem É MORTA após vizinho se irritar com ambulância que atendia avó dela
UOL	17/11/2023	Uma jovem FOI MORTA a facadas após uma discussão com um vizinho que se irritou com uma ambulância que atendia a avó dela em uma rua no bairro Floramar, em Belo Horizonte.
UOL	17/11/2023	Layla Karina Moreira Teles, de 23 anos, FOI MORTA no bairro Floramar, em Belo Horizonte
UOL	17/11/2023	Layla Karina Moreira Teles, de 23 anos, FOI MORTA após uma discussão com o vizinho.
UOL	15/01/2024	Eduarda Gorgik, de 25 anos, FOI MORTA na noite de ontem
UOL	15/01/2024	Polícia acredita que Sergio MATOU Eduarda.
UOL	03/11/2023	Mulher de 56 anos É MORTA em motel no interior de SP
UOL	03/11/2023	Uma mulher de 56 anos FOI MORTA em um motel do município de Olímpia (SP), a 429 km da cidade de São Paulo.
UOL	12/12/2023	Mulher É MORTA após marido acionar a PM e confessar crime
UOL	12/12/2023	Uma mulher, natural da Bahia, FOI MORTA hoje em sua casa na cidade de Jandira.
UOL	12/12/2023	Tamires Ramos Nascimento, que se mudou da Bahia para São Paulo, FOI MORTA pelo marido.
UOL	20/12/2023	Mulher É MORTA em SP com sinais de asfixia
UOL	20/12/2023	Kelly Blank da Silva FOI MORTA em casa, em São José dos Campos
UOL	20/12/2023	Uma mulher de trinta e quatro anos FOI MORTA com sinais de asfixia dentro da casa onde vivia, em São José dos Campos.
UOL	20/12/2023	A Polícia Militar informou que ELA FOI ENCONTRADA SEM SINAIS VITAIS e que havia bastante sangue no local.
UOL	20/12/2023	Ela contou que pulou o muro da casa e ENCONTROU A MULHER JÁ SEM VIDA.
UOL	22/12/2023	Mulher É MORTA com sinais de facada sem Búzios
UOL	22/12/2023	Mulher de quarenta e dois anos É MORTA dentro de casa em Búzios, no Rio de Janeiro
UOL	22/12/2023	Uma mulher de quarenta e dois anos que estava desaparecida havia dois dias FOI MORTA na noite da quinta-feira em Búzios, na Região dos Lagos, Rio de Janeiro.

UOL	22/12/2023	Ivone Sperandio Barradas do Amaral FOI MORTA dentro de casa na rua Esperança.
UOL	28/11/2023	Mulher briga com marido por temperatura de ar-condicionado e MORRE com tiro.
UOL	28/11/2023	Uma mulher de 53 anos FOI MORTA a tiros após uma discussão com o marido, suspeito do crime, motivada pela temperatura do ar-condicionado na noite de segunda-feira, em Minas Gerais.
UOL	12/01/2024	Gerente É MORTA em shopping por homem que não passou em vaga de emprego
UOL	12/01/2024	A funcionária Mayara Valeria Barros MORREU no local
UOL	12/09/2023	A contadora Kaianne Bezerra, de 35 anos, MORREU por esganadura e asfixia, segundo laudo obtido pelo com a família da vítima.
UOL	12/09/2023	A mulher FOI MORTA na casa onde morava no bairro Planalto do Sol, em Aquiraz, na noite de 26 de agosto.
UOL	12/09/2023	A família de Kaianne soube nesta terça-feira que a contadora MORREU por asfixia mecânica e esganadura
gl	09/10/2023	Lidijane Maria da Conceição FOI MORTA em Bayeux com um tiro na cabeça, e o suspeito é o companheiro da vítima, que é Guarda Municipal.
gl	09/10/2023	
gl	09/10/2023	A filha de Lidijane Maria da Conceição, mulher de 41 anos que FOI MORTA em Bayeux neste domingo, com um tiro na cabeça contou que o relacionamento entre a mãe e o atual companheiro se estendia pelos últimos sete meses e não era saudável.
gl	16/03/2024	Mulher MORRE após ser esfaqueada pelo companheiro em Avaré
gl	16/03/2024	Conforme a Polícia Militar, a mulher FOI ESFAQUEADA na região do peito e não resistiu aos ferimentos.
gl	16/03/2024	Uma mulher de 32 anos MORREU APÓS SER ESFAQUEADA pelo companheiro no bairro Bannwart, em Avaré, na manhã deste sábado.
gl	12/03/2024	Tânia Maria Bentes Passinho FOI MORTA, no quintal da casa onde morava, no Bairro Novo, em Curuçá
gl	12/03/2024	Tânia Maria Bentes Passinho FOI MORTA, no quintal da casa onde morava, no Bairro Novo, em Curuçá, no nordeste do Pará. O enterro da mulher ocorreu nesta terça.
gl	12/03/2024	Mulher É MORTA dentro de caixa d'água após marcar encontro pela internet em Jataizinho, diz polícia
gl	14/03/2024	Uma mulher de 40 anos que estava grávida FOI ASSASSINADA a facadas em Marapoama, interior de São Paulo.
gl	14/03/2024	Debora Albuquerque da Costa foi FOI ASSASSINADA em Marapoama.
gl	13/03/2024	Vítima registrou boletim de ocorrência por agressão contra o ex-companheiro em 17 de fevereiro e FOI MORTA pela família na noite seguinte.
gl	13/03/2024	Yandra FOI MORTA pela família na noite de domingo, em Avaré.
gl	13/03/2024	Yandra Nitsche Prestes FOI ENCONTRADA na noite de 18 de fevereiro, um dia após registrar boletim de ocorrência por violência doméstica contra o ex-companheiro.
gl	13/03/2024	Mulher É MORTA A FACADAS pelo ex-marido no Bairro Shopping Park, em Uberlândia; homem foi preso
gl	13/03/2024	Uma mulher de 30 anos FOI MORTA A FACADAS pelo ex-marido na manhã desta quarta-feira no Bairro Shopping Park, em Uberlândia
gl	13/03/2024	A vítima FOI ESFAQUEADA na casa da dela.
gl	26/12/2023	Feminicídio: marido MATA esposa, joga carro contra caminhão e morre em acidente na cidade de Pesqueira
gl	26/12/2023	Mulher É MORTA pelo marido em Pesqueira
gl	26/12/2023	Uma mulher de 42 anos FOI ASSASSINADA pelo marido, dentro de uma casa, na cidade de Pesqueira, Agreste de Pernambuco
gl	26/12/2023	Ao gl, a PC disse que Eliane Teixeira dos Santos estava dentro de uma residência quando FOI MORTA pelo esposo
gl	21/11/2023	Maria José FOI MORTA a tiros em Gameleira, na Ilha de Itaparica.

<i>gl</i>	21/11/2023	Na noite de segunda-feira, uma jovem de 21 anos FOI ASSASSINADA a tiros dentro de um apartamento no bairro Aviário, em Feira de Santana, a cerca de 100 km de Salvador.
<i>gl</i>	21/11/2023	No domingo, uma enfermeira FOI MORTA a tiros dentro da casa onde morava, no bairro de Mussurunga, na capital baiana.
<i>gl</i>	28/12/2023	Funcionária pública É MORTA a tiros dentro de casa no sul da Bahia e companheiro é preso suspeito do crime
<i>gl</i>	28/12/2023	Uma funcionária pública de 38 anos FOI MORTA a tiros dentro da casa onde morava na cidade Ilhéus, no sul da Bahia, na noite de quarta-feira.
<i>gl</i>	28/12/2023	Mulher É MORTA a tiros dentro de casa na Bahia e companheiro é preso suspeito do crime
<i>gl</i>	27/09/2023	Mulher É MORTA na PB-008 em João Pessoa.
<i>gl</i>	27/09/2023	Mulher É MORTA na PB-008 em João Pessoa.
<i>gl</i>	27/09/2023	Polícia não encontrou ferimentos por tiros ou faca em mulher MORTA na PB-008
<i>gl</i>	26/09/2023	Homem se entrega à PM após feminicídio em Bocaiuva; vítima FOI MORTA com golpes de faca
<i>gl</i>	26/09/2023	Mulher MORRE após ser atingida por facadas em Bocaiuva
<i>gl</i>	26/09/2023	Uma mulher MORREU após ser atingida por facadas em Bocaiuva nesta terça-feira.
<i>gl</i>	29/07/2021	Homem ASSASSINA esposa e se mata com tiro na cabeça em Delmiro Gouveia, AL.
<i>gl</i>	29/07/2021	Um homem de 36 anos ASSASSINOU a esposa e depois se matou com um tiro na cabeça por não aceitar o fim do relacionamento dos dois, segundo informações da Polícia Militar.
<i>gl</i>	29/07/2021	Quando a polícia chegou à casa da vítima, Judite já ESTAVA MORTA e Eduardo ferido no chão.
<i>gl</i>	10/09/2021	Leonisse Micheli Kobelnik FOI MORTA com mais de 40 facadas em 2019.
<i>gl</i>	10/09/2021	Leonisse Micheli Kobelnik FOI MORTA com 41 facadas.
<i>gl</i>	10/09/2021	Leonisse FOI MORTA com 41 facadas dentro de casa. De acordo com as investigações, um ácido também foi jogado no corpo da vítima.
<i>gl</i>	10/09/2021	De acordo com a denúncia, depois disso, ela FOI ESFAQUEADA mais de 40 vezes.
<i>gl</i>	09/09/2021	Simone Luz de Freitas, de 47 anos, FOI MORTA em Mazagão, em 21 de agosto.
<i>gl</i>	09/09/2021	A professora Simone FOI MORTA em um rio da comunidade São Pedro do Lago do Ajuruxi, na Zona Rural de Mazagão, em 21 de agosto, quando a vítima estava num passeio com colegas de trabalho.
<i>gl</i>	09/09/2021	Simone Luz de Freitas FOI MORTA num rio na Zona Rural de Mazagão, no dia 21 de agosto.
<i>gl</i>	08/09/2021	Mulher FOI MORTA pelo companheiro em Mauriti.
<i>gl</i>	08/09/2021	A Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social informou que a vítima foi a uma residência buscar objetos pessoais quando FOI MORTA.
<i>gl</i>	08/09/2021	Mulher FOI MORTA pelo próprio marido após discussão no CE.
<i>gl</i>	08/09/2021	A vítima, uma jovem de 20 anos, FOI ENFORCADA com uma toalha até a morte pelo então marido, segundo a Secretaria da Segurança Pública.
<i>gl</i>	21/08/2021	Thamires Oliveira FOI MORTA A FACADAS pelo companheiro em São Carlos
<i>gl</i>	21/08/2021	Uma mulher de 27 anos FOI MORTA A FACADAS pelo companheiro em São Carlos SP neste sábado.
<i>gl</i>	21/08/2021	Mulher de 27 anos É MORTA a facadas pelo companheiro em São Carlos.
<i>gl</i>	21/08/2021	Homem MATA mulher a facadas em São Carlos.
<i>gl</i>	21/08/2021	Vizinhos disseram ter ouvido pedidos de socorro, entretanto, ela não resistiu aos ferimentos e MORREU no local.
<i>gl</i>	18/10/2021	Ficou comprovado que o autor MATOU a vítima por não aceitar o fim do relacionamento, disse o delegado Adriano França.

gl	18/10/2021	No decorrer da investigação, com análise das câmeras de segurança e com base nos depoimentos das testemunhas, ficou comprovado que o autor MATOU a vítima por não aceitar o fim do relacionamento, disse o delegado Adriano França, titular da Delegacia de Homicídios da Baixada Fluminense.
gl	18/10/2021	A vítima FOI MORTA com pelo menos 13 tiros.
gl	08/10/2023	Mulher é MORTA a facadas em São Luís e há suspeita de feminicídio
gl	08/10/2023	Uma mulher identificada como Maria da Piedade Garre Rocha Lima, de 55 anos, FOI MORTA a facadas, em São Luís, e o principal suspeito é o ex-companheiro da vítima.
gl	15/11/2023	Emilly Vitória Viana Mota tinha 18 anos e FOI MORTA na segunda
gl	28/12/2023	Homem MATA ex-esposa e filha de 6 anos a facadas em distrito de Costa Marques,
gl	14/12/2023	Homem que MATOU ex-companheira em Nova Friburgo é condenado a 15 anos de prisão
gl	14/12/2023	Marcelle Monteiro, de 36 anos, FOI MORTA no dia 14 de fevereiro de 2022.
gl	14/12/2023	Marcelle, de 36 anos, FOI MORTA num barranco, perto de onde seu carro foi localizado pela PM carbonizado
gl	14/12/2023	Marcelle Oliveira, de 36 anos, FOI MORTA em fevereiro de 2022 em Nova Friburgo
gl	14/12/2023	O crime ocorreu no dia 14 de fevereiro em Mury. Marcelle, que trabalhava como cuidadora de idosos, estava indo para o trabalho quando FOI MORTA e teve o carro incendiado.
gl	09/10/2023	Jovem é MORTA em motel e homem é preso por feminicídio; pai dele chamou a PM
gl	09/10/2023	Uma jovem de 22 anos FOI MORTA dentro de um motel no bairro da Imbiribeira, na Zona Sul do Recife
gl	09/10/2023	O criminoso colocou "a mão e o braço no pescoço da vítima, que teria se engasgado" e MORREU no local.
gl	15/10/2023	Mulher é MORTA dentro de casa em Cajazeiras, PB, com sinais de asfixia; polícia investiga feminicídio
gl	15/10/2023	Mulher FOI MORTA dentro de casa na cidade de Cajazeiras
gl	15/10/2023	Uma mulher de 28 anos FOI MORTA dentro de casa na cidade de Cajazeiras, no Sertão da Paraíba, neste domingo
gl	15/10/2023	Ianny FOI ACHADA MORTA no próprio quarto.
gl	13/11/2023	Homem é condenado a mais de 34 anos por feminicídio na Bahia; vítima FOI ASSASSINADA com golpes de facas na frente da filha de 5 anos
gl	25/09/2023	Mulher É MORTA a facadas e o filho de 11 anos fica ferido em Salvador; caso é investigado como feminicídio e suspeito é procurado.
gl	25/09/2023	Uma mulher de 34 anos FOI MORTA a facadas e o filho dela, de 11 anos, ficou ferido, na noite de domingo, no bairro da Massaranduba, em Salvador.
gl	25/09/2023	O crime aconteceu dentro de uma casa, na rua Tubarão. A vítima, identificada como Raquel da Silva Almeida, MORREU ainda dentro do imóvel.
gl	25/09/2023	Betinho Barros, secretário de Comunicação de Belém, na PB, MATA esposa e depois tira a própria vida
gl	09/11/2023	Mariza Rocha de Santana FOI ASSASSINADA em Santa Cruz das Palmeiras; Valdenor Caruaíba de Souza é suspeito do crime
gl	09/11/2023	Segundo o boletim de ocorrência, ela FOI MORTA E ESQUARTEJADA pelo ex-marido dela, o trabalhador rural Valdenor Caruaíba de Souza, de 64 anos, que foi preso na casa de uma sobrinha na noite da sexta-feira.
gl	09/11/2023	Pertences da mulher que FOI ASSASSINADA em Santa Cruz das Palmeiras
gl	09/11/2023	Mariza Rocha de Santana FOI ESPANCADA E ESQUARTEJADA em Santa Cruz das Palmeiras
gl	25/09/2023	Bibliotecária vítima de feminicídio era servidora de Abreulândia e dona de bar onde MORREU.

<i>gl</i>	25/09/2023	Segundo informações, ela também era proprietária do posto de combustível, onde fica o bar em que FOI ASSASSINADA pelo ex-marido, identificado como Odair José Inácio de Sousa.
<i>gl</i>	21/10/2023	Mais de 40 mulheres FORAM ASSASSINADAS de janeiro a agosto de 2023
<i>gl</i>	21/10/2023	De janeiro a setembro, 23 mulheres já foram vítimas de feminicídios e, no total, 48 mulheres FORAM ASSASSINADAS, incluindo, além da qualificadora do gênero, outros casos como homicídios e latrocínios.
<i>gl</i>	21/10/2023	Ela FOI ASSASSINADA a tiros e o suspeito é o ex-marido, Oberto Nóbrega de Barro Oliveira, que tirou a própria vida após o feminicídio.
<i>gl</i>	21/10/2023	Rayssa FOI ASSASSINADA uma semana depois de solicitar a medida protetiva, no dia 21 de setembro
<i>gl</i>	28/11/2023	Idosa É MORTA a facadas em Curitiba; polícia suspeita de feminicídio
<i>gl</i>	28/11/2023	Idosa É MORTA a facadas em Curitiba
<i>gl</i>	28/11/2023	Uma idosa, de 65 anos, FOI MORTA na noite de segunda-feira, na própria casa, no bairro Alto Boqueirão, em Curitiba. A
<i>gl</i>	28/11/2023	A polícia informou que a vítima FOI MORTA a facadas e suspeita que o autor do crime seja o namorado dela.
<i>gl</i>	28/11/2023	Ainda de acordo com a polícia, o ex-marido da idosa a ENCONTROU MORTA na entrada da residência.
<i>gl</i>	09/10/2023	Quatro mulheres SÃO ASSASSINADAS em três dias na Paraíba
<i>gl</i>	09/10/2023	O primeiro assassinato registrado no final de semana ocorreu no bairro de Paratibe, na zona sul de João Pessoa, na sexta-feira, quando uma mulher, ainda não identificada, FOI MORTA a tiros
<i>gl</i>	09/10/2023	Na madrugada do sábado, uma mulher de 53 anos FOI MORTA com golpes de faca pelo próprio marido, no bairro de Mangabeira, em João Pessoa.
<i>gl</i>	09/10/2023	Ainda segundo a PM, o homem estava numa granja com a vítima, quando por volta das quatro horas a mulher queria ir embora, mas após o pedido ele ESFAQUEOU ELA com um golpe de faca.
<i>gl</i>	09/10/2023	Já no domingo (8), durante à tarde, em Mamanguape, uma mulher FOI ASSASSINADA A TIROS e os suspeitos fugiram após o crime
<i>gl</i>	09/10/2023	E no final da tarde do domingo, em Bayeux, na Grande João Pessoa, uma mulher de 41 anos, identificada como Lidijane Maria da Conceição, FOI MORTA com um tiro na cabeça.
<i>Metrópoles</i>	13/03/2024	“Mãe, eu morri, tchau”, escreveu homem que MATOU mulher e se suicidou
<i>Metrópoles</i>	13/03/2024	Rogério Rodrigues, 47, MATOU a esposa, de 24, na frente dos três filhos dela e depois se matou; casal havia se separado na semana passada.
<i>Metrópoles</i>	13/03/2024	A jovem Cely Jhenifer Gomes de Sousa, de 24 anos, FOI ASSASSINADA a tiros, na frente dos filhos, pelo companheiro, Rogério Rodrigues, 47, na manhã dessa terça-feira, no bairro Cidade Tiradentes, zona leste paulistana.
<i>Metrópoles</i>	13/03/2024	Mãe, eu morri, tchau, te amo, MATEI a Cely e vou me assassinar e vou mandar a localização.
<i>Metrópoles</i>	13/03/2024	A menina afirmou à parente, chorando, que Rogério, seu padrasto, HAVIA MATADO a mamãe”.
<i>Metrópoles</i>	10/01/2024	Feminicídio: mulher É ASSASSINADA a tiros pelo ex na frente da filha
<i>Metrópoles</i>	10/01/2024	Tainara Kellen Mesquita da Silva, de 26 anos, FOI MORTA na tarde desta quarta-feira.
<i>Metrópoles</i>	01/01/2024	Feminicídio: mulher É MORTA a facadas na véspera de Ano-Novo no DF
<i>Metrópoles</i>	01/01/2024	Jaqueline Reis, 29 anos, FOI MORTA a facadas em Planaltina pelo ex-companheiro, na noite desse domingo
<i>Metrópoles</i>	15/01/2024	Feminicídio: mulher É MORTA ESTRANGULADA pelo companheiro em Ceilândia
<i>Metrópoles</i>	15/01/2024	Diana Farias FOI Morta na manhã desta segunda, na QNM 24 de Ceilândia. Kelsen Oliveira de Macedo fugiu após cometer feminicídio
<i>Metrópoles</i>	15/01/2024	Uma mulher FOI MORTA, estrangulada pelo companheiro, por volta das 8h35 desta segunda-feira

<i>Metrópoles</i>	27/02/2024	Mulher É MORTA a facadas e tem órgãos removidos em SP; marido é preso
<i>Metrópoles</i>	27/02/2024	Milena Dantas Bereta Nistarda, de 53 anos, FOI MORTA a facadas na tarde desta segunda-feira, em Tupã, interior de São Paulo, após pedir medida protetiva contra o marido, Marcelo Nistarda Antoniassi, de 49.
<i>Metrópoles</i>	16/11/2023	Mulher É MORTA na frente do filho de 3 anos: “Machucaram minha mãe”
<i>Metrópoles</i>	16/11/2023	Uma mulher de 27 anos FOI MORTA na frente do próprio filho, de 3, na noite dessa quarta-feira, em Presidente Prudente, no interior de São Paulo.
<i>Metrópoles</i>	14/11/2019	DF: mulher É MORTA a facadas por ex na frente do filho de 8 anos
<i>Metrópoles</i>	14/11/2019	Uma mulher FOI ASSASSINADA na QR 217 de Santa Maria, na tarde desta quinta-feira
<i>Metrópoles</i>	14/11/2019	De acordo com informações da Polícia Militar, a manicure Necivânia Eugênio de Caldas, 37 anos, FOI MORTA pelo ex-marido, Francisco Dias Borges, 37, no meio da rua.
<i>Metrópoles</i>	14/11/2019	Depois, A ESFAQUEOU no peito, embaixo do braço esquerdo e do direito.
<i>Metrópoles</i>	14/11/2019	O filho viu o momento em que a mãe FOI ASSASSINADA a facadas e saiu gritando por socorro.
<i>Metrópoles</i>	15/11/2019	Estudante de enfermagem FOI ASSASSINADA a facadas pelo ex-companheiro na frente do filho de 8 anos, nesta quinta-feira.
<i>Metrópoles</i>	24/10/2019	PCDF ouve casal que estava com mulher ACHADA MORTA em oficina
<i>Metrópoles</i>	24/10/2019	Noélia tinha relacionamento com vizinho que A MATOU
<i>Metrópoles</i>	24/10/2019	Vendedora FOI ASSASSINADA com um tiro no rosto. Suspeito identificado como Almir Evaristo Ribeiro foi preso na manhã desta quinta
<i>Metrópoles</i>	24/10/2019	Ainda não sabemos se ela FOI MORTA no veículo
<i>Metrópoles</i>	24/10/2019	Noélia foi MORTA na última sexta-feira no Assentamento 26 de Setembro, em Vicente Pires.
<i>Metrópoles</i>	25/10/2019	Para polícia, Noélia FOI MORTA após tentar romper com suspeito.
<i>Metrópoles</i>	25/10/2019	Almir foi preso nessa quinta-feira. Ele não confessa o feminicídio. No entanto, segundo a PCDF, as investigações o colocam na cena onde Noélia FOI ACHADA MORTA com um tiro no rosto, no Assentamento 26 de Setembro, em Vicente Pires.
<i>Metrópoles</i>	25/10/2019	Após a prisão de Almir, a PCDF busca descortinar detalhes da bárbara execução, como saber se a vítima FOI ASSASSINADA ainda dentro do carro, e procurar a arma usada pelo suspeito.
<i>Metrópoles</i>	25/10/2019	Adriana Romana ressalta ainda que Almir foi o último a ver Noélia com vida, na quinta-feira. A polícia faz uma varredura para tentar achar o celular, a bolsa da vítima e a arma usada no crime. Inclusive na área onde a comerciante FOI ACHADA MORTA.
<i>Metrópoles</i>	25/10/2019	O sobrinho também rebateu comentários de pessoas nas redes sociais que criticam o fato de Noélia ter supostamente se relacionado com o suspeito, mesmo sendo casada. “Desonram a imagem da minha tia. ELA FALECEU, não tem mais poder de voz. Então, pedimos para que pelo menos respeitem a memória dela”, desabafou.
<i>Metrópoles</i>	19/01/2024	Em áudio, empresário detalha como MATOU mulher trans em MT
<i>Metrópoles</i>	19/01/2024	Ele ASFIXIOU a jovem até ela ficar imóvel.
<i>Metrópoles</i>	19/01/2024	O delegado João Batista Ribeiro Torres informou que Jorlan confessou que contratou serviços sexuais com a mulher, a levou para casa e depois A MATOU.
<i>Metrópoles</i>	19/01/2024	Durante a audiência de custódia, Jorlan manteve a versão de que MATOU a jovem após ela ameaçá-lo e tentar roubá-lo
<i>Metrópoles</i>	19/01/2024	Mayla Rafaela Martins FOI MORTA em uma fazenda de Sorriso, próximo a MT-485, nessa terça.
<i>Metrópoles</i>	24/09/2021	Tatiana Luz da Costa, 35 anos, MORREU queimada pela companheira.
<i>Metrópoles</i>	24/09/2021	A tendência é que as mulheres MORRAM nas mãos de homens dentro de relacionamentos, e a gente precisa entender isso para criar estratégias de prevenção, mas isso não quer dizer que não vamos olhar para casos que estão fora desse padrão.
<i>Metrópoles</i>	24/09/2021	Ela lutou até o final. Foi guerreira. E não podemos silenciar isso, porque muitas mulheres ainda MORREM por causa dos seus relacionamentos

<i>Metrópolis</i>	26/12/2020	Viviane Arronenzi FOI ASSASSINADA pelo ex-marido a facadas na frente das filhas na véspera de Natal. Corpo será cremado neste sábado
<i>Metrópolis</i>	26/12/2020	A magistrada FOI MORTA pelo ex-companheiro, nessa quinta-feira (24/12), na Avenida Rachel de Queiroz, na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro.
<i>Metrópolis</i>	26/12/2020	A juíza Viviane Vieira do Amaral Arronenzi FOI ASSASSINADA a facadas pelo ex-marido, o engenheiro Paulo José Arronenzi, na véspera de Natal, abriu mão da escolta oferecida pelo Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro por “pena” dele, relatou uma colega da magistrada.
<i>gl</i>	22/05/2009	A mulher de 29 anos que foi morta pelo ex-marido a tesouradas na manhã desta sexta-feira (22) na Universidade Santa Cecília (Unisanta), em Santos, a 73 km de São Paulo, havia terminado o casamento de 11 anos no domingo (10).
<i>gl</i>	22/05/2009	A mulher chegou a dar entrada na Santa Casa de Santos com vida, porém não resistiu aos ferimentos e morreu por volta das 13h30
<i>gl</i>	22/05/2009	Carro da Polícia Militar em frente do prédio da Universidade Santa Cecília (Unisanta), em Santos, onde mulher de 29 anos foi assassinada nesta sexta-feira (22) com três tesouradas no pescoço
Correio do Estado	06/02/2009	Mulher é morta com seis facadas em Iguatemi
Correio do Estado	06/02/2009	Mulher é morta com seis facadas em Iguatemi
Correio do Estado	06/02/2009	Uma mulher de 30 anos foi assassinada a facadas quando chegava em casa, no final da tarde de ontem (5) em Iguatemi
Terra	18/07/2009	Assim que começou a trabalhar, às 10h06, Shirlene, 27 anos, vendedora de uma loja de celulares, foi assassinada por Ismênio
Gazeta do Povo	15/02/2009	Mulher é assassinada com nove tiros em Roncador
Gazeta do Povo	15/02/2009	Uma mulher foi assassinada durante a noite de sábado com nove tiros.
Alagoas 24h	30/03/2008	Ana Rúbia foi estrangulada – de acordo com as primeiras informações levantadas pela Polícia Militar de Alagoas – pelo marido, que – conforme os bilhetes encontrados no local pelos policiais – desconfiava que estava sendo traído por ela
Alagoas 24h	30/03/2008	Para se vingar da mulher, o esposo revoltado a estrangulou e ainda escreveu em sua barriga a palavra “Gaera” (gíria que identifica mulheres que possuem um relacionamento, mas saem com outros homens).
Alagoas 24h	30/03/2008	Provavelmente, a mulher foi morta durante a noite.
Alagoas 24h	30/03/2008	Mulher é morta por marido desconfiado.
Zero Hora	28/12/2014	Mulher é morta a pedradas pelo companheiro em Rio Grande
Zero Hora	28/12/2014	Patrícia Cilene de Oliveira, 30 anos, foi morta na frente de casa
Zero Hora	28/12/2014	Uma mulher de 30 anos foi morta a pedradas na manhã deste domingo (28), na Vila Maria, em Rio Grande. O crime aconteceu por volta das 7h.
Zero Hora	28/12/2014	Segundo informações da Brigada Militar, a estudante de administração Patrícia Cilene de Oliveira, 30 anos, foi morta, com ferimentos na cabeça, em frente de sua residência, na Rua Guadalajara
Extra Globo	26/06/2013	Talita foi morta a marteladas e o principal suspeito é o marido
Extra Globo	26/06/2013	A bancária Talita Juliane Peixoto Paiva, de 24 anos, foi morta a marteladas, na manhã dessa terça-feira, no apartamento onde morava, na Rua Souza Franco, em Vila Isabel, Zona Norte do Rio
Extra Globo	26/06/2013	Talita, que era bancária, foi morta no seu apartamento, em Vila Isabel
<i>gl</i>	11/10/2016	Mulher é morta pelo marido na frente das filhas em Anápolis, diz delegado
<i>gl</i>	11/10/2016	Edivânia Pereira, de 34 anos, morreu esfaqueada dentro de casa.
<i>gl</i>	11/10/2016	Edivânia Mota Pereira, 34, foi morta a facadas na frente das filhas, em Anápolis
<i>gl</i>	11/10/2016	A dona de casa Edivânia Mota Pereira, de 34 anos, foi morta a facadas na casa em que morava, em Anápolis, a 55 km de Goiânia.

<i>gl</i>	11/10/2016	De acordo com o delegado Renato Rodrigues de Oliveira, titular do Grupo de Investigação de Homicídios (GIH) da cidade, o principal suspeito é o marido dela, o pensionista Jansen Ricardo Gazoli, de 40, que "matou a esposa na frente da filha do casal, de 4 anos, e da filha mais velha de Edivânia de outro relacionamento, que tem 10 anos".
<i>gl</i>	11/10/2016	Quando a menina percebeu que ele não ia voltar, pediu ajuda a uma vizinha, que foi até a casa e acionou a polícia, mas a vítima morreu ainda no local", relatou.
Extra Globo	05/06/2015	Mulher é morta por ex-marido no meio da rua, na Paraíba
Extra Globo	05/06/2015	Uma mulher de 23 anos foi morta a facadas pelo ex-marido na cidade de Guarabira, na Paraíba, na última quarta-feira.
Extra Globo	05/06/2015	De acordo com a Polícia Civil, Maurício Lima desferiu quatro golpes contra Dayane Moura, de 23 anos, que morreu no local.
<i>gl</i>	26/03/2016	Mulher é morta asfixiada na Grande Natal; ex-companheiro é suspeito
<i>gl</i>	26/03/2016	Síntia Nadia de Souza Silva, de 25 anos, foi asfixiada
<i>gl</i>	26/03/2016	Uma mulher foi morta asfixiada na noite desta sexta-feira (25) em São Gonçalo do Amarante, na Grande Natal.
Extra	17/08/2015	Marciane foi morta a marteladas por um colega de trabalho
Extra	17/08/2015	Marciane Just, de 42 anos, foi morta a marteladas por Sérgio André dos Santos, de 41 anos, dentro do centro de distribuição de linha têxtil em que trabalhavam
Extra	17/08/2015	Mulher é morta a marteladas por colega de trabalho em Santa Catarina
R7	07/10/2015	Uma mulher foi morta, parcialmente enterrada em uma área de mata, nesta terça-feira (6), atrás do conjunto habitacional CDHU Maria de Lourdes, em Guarulhos, região metropolitana de São Paulo
Extra	07/08/2015	Mulher é morta pelo próprio marido no Paraná; após o crime, homem se matou
Extra	07/08/2015	Uma mulher de 28 anos foi morta pelo próprio marido na manhã desta quinta-feira na cidade de São José dos Pinhais, no Paraná
Extra	07/08/2015	De acordo com o delegado, Elisângela morreu no local
UOL	18/05/2012	Renata Araújo foi morta após ter dois pedidos de medida protetiva negados por juiz em Belo Horizonte
UOL	18/05/2012	A vítima foi morta por estrangulamento.
O Tempo	20/01/2020	A cabeleireira Maria Islaine de Moraes, 31, morreu na hora.
R7	25/09/2014	Mulher é estrangulada pelo marido durante visita íntima no CDP de Ribeirão Preto
R7	25/09/2014	Uma mulher morreu após ser estrangulada pelo marido durante uma visita íntima no CDP (Centro de Detenção Provisória) de Ribeirão Preto, no interior de São Paulo, onde ele estava preso.
Jornal da Paraíba	17/03/2012	Jovem é morta pelo ex-marido.
Jornal da Paraíba	17/03/2012	Dona de casa foi esfaqueada pelo ex-marido e morreu na hora. Com esse, crime 28 assassinatos registrados este ano contra a mulheres.
Jornal da Paraíba	17/03/2012	Na manhã de ontem, a dona de casa Jéssica Fernanda Santos de Oliveira, 18 anos, foi morta na frente dos dois filhos e da mãe no bairro Santa Rosa, em Campina Grande.
Jornal da Paraíba	17/03/2012	Ela morreu segurando meu neto de 1 ano no colo.
Diário do Nordeste	09/02/2014	Na madrugada de quinta-feira, a jovem Clauduína de Souza, 28, foi estuprada e morta
Diário do Nordeste	09/02/2014	Em apenas 37 dias de 2014, 33 mulheres foram mortas no Ceará, sendo 29 delas somente na Capital e na RMF
Diário do Nordeste	09/02/2014	Somente em Fortaleza, 21 jovens e adolescentes do sexo feminino foram assassinadas, no período entre o dia 1º de janeiro e o dia 6 de fevereiro.
Diário do Nordeste	09/02/2014	Outras oito foram mortas em Municípios da Região Metropolitana (duas em Caucaia, duas no Eusébio, uma em Maranguape, uma Maracanaú e outra em Pacajus) e outras quatro executadas no Interior do Estado (duas em Juazeiro do Norte, uma em Crateús e outra em Araripe).
Campo Grande News	31/01/2011	Luciana foi morta com dois tiros nas costas, no quarto onde o policial estava morando, no bairro Coophavila.

Campo Grande News	31/01/2011	Luciana foi morta com dois tiros.
Campo Grande News	31/01/2011	A mulher morreu no posto de saúde.
Veja	17/07/2015	Homem mata a mulher e esconde o corpo em parede
Veja	17/07/2015	Silvio Paulo dos Santos matou a esposa Ana Katarina da Silva Sousa e escondeu seu corpo em uma parede.
Veja	17/07/2015	Após a briga, Santos matou a mulher e seguiu para o trabalho.
Folha de Vila Prudente	25/11/2014	Mulher é morta ao sair de casa na Vila Prudente
Folha de Vila Prudente	25/11/2014	Alpina, porém, não resistiu ao ferimento no peito e faleceu
Alagoas 24h	21/06/2024	Elizabete foi morta pelo ex-companheiro
gl	27/10/2015	Mulher morre após ser baleada por policial no meio da rua em Uberlândia.
gl	27/10/2015	Uma mulher de 36 anos morreu no fim da manhã desta terça-feira no Bairro Santa Mônica, em Uberlândia, depois de ter sido baleada no meio da rua pelo companheiro, que é policial.
gl	26/11/2015	Outro detalhe divulgado pelo delegado nesta quinta-feira é que Elisângela foi assassinada no domingo e não sábado, como previamente divulgado.
gl	26/11/2015	No domingo de manhã, Francisco Roberto esvaziou o freezer, levado os filhos para a casa de familiares e só depois matou a mulher, segundo o delegado.
gl	26/11/2015	A hipótese é que o casal não conseguiu se entender e no dia seguinte o homem matou a mulher.
O Tempo	20/01/2010	Mulher é assassinada pelo ex-companheiro dentro de salão de beleza no bairro Santa Mônica
Estado de Minas	28/06/2012	Mulher assassinada no motel foi morta por não querer mais sustentar o namorado, diz delegada
Estado de Minas	28/06/2012	A polícia acredita que Márcia Cristina dos Santos, de 44 anos, assassinada no último domingo dentro do Motel Royale, no Bairro Santa Branca, Região da Pampulha, foi morta por não querer mais sustentar o namorado, com quem tinha um relacionamento há aproximadamente três anos.
Estado de Minas	28/06/2012	O laudo da perícia que vai indicar o modo com o qual a mulher foi morta deve sair nos próximos dias.
O Tempo	06/01/2011	Vendedora é morta a tiros dentro de um shopping em Uberlândia.
O Tempo	06/01/2011	Uma vendedora foi morta com pelo menos cinco tiros dentro de uma loja de calçados no principal shopping de Uberlândia, no Triângulo Mineiro.
O Tempo	28/12/2009	Homem mata esposa e dois filhos com golpes de machado e tenta suicídio em Juiz de Fora
O Taboanense	12/08/2008	Homem mata a própria esposa a facadas em Itapeverica da Serra
O Taboanense	12/08/2008	Um homem de aproximadamente 40 anos matou a própria esposa após uma discussão.
Diário Gaúcho	10/09/2012	Homem mata companheira a facadas em Porto Alegre.
Diário Gaúcho	10/09/2012	Na Capital, homem assassinou a facadas a companheira e uma amiga que tentavam impedi-lo de usar crack.
Diário Gaúcho	10/09/2012	Ao tentar impedir que o companheiro continuasse a se drogar, a auxiliar de telemarketing Karina Teixeira Gonçalves, 23 anos, foi morta a facadas
Diário Gaúcho	10/09/2012	A amiga que tentou intervir também foi assassinada.
Diário Gaúcho	10/09/2012	A companheira morreu no quarto do casal.
Diário do Norte	19/01/2013	Homem mata a ex-mulher na frente dos filhos e depois foge
Diário do Norte	19/01/2013	Ele passou a corda no pescoço dela e, segundo as crianças, pegou um pedaço de pau e rodou essa madeira no pescoço dela, até que ela morreu.
Diário do Norte	19/01/2013	Seu corpo foi encontrado por volta das 9 horas da manhã daquele mesmo dia com sinais de que morreu sufocada por enforcamento, na noite do domingo.
Hoje em Dia	22/10/2013	Homem mata esposa e se mata após descobrir que vítima tinha Aids em Caeté

Hoje em Dia	22/10/2013	Após descobrir que era casado com uma mulher contaminada pelo vírus HIV, a Aids, um homem matou a sua esposa e se matou em seguida em Caeté, na região Central de Minas, na tarde desta terça-feira
Correio Braziliense	22/05/2010	Homem mata ex e se suicida no Guará
Correio Braziliense	22/05/2010	O homem, que tinha o dobro da idade dela, não aceitou o fim do romance e, às 11h15 de ontem, matou a ex-companheira com pelo menos quatro tiros disparados à queima roupa por uma pistola calibre .38
Correio Braziliense	22/05/2010	A gerente do restaurante Fulô do Sertão, localizado na 404 Norte, Ana Paula Mendes de Moura, 33 anos, foi morta a facadas pelo ex-companheiro, o vigilante Marcelo Rodrigues Moreira, 33
Correio Braziliense	22/05/2010	Aglinhaeth morreu a caminho do hospital.
Correio Braziliense	22/05/2010	O policial civil Luciano André Barbosa, 40 anos, matou a mulher Monali do Nascimento, 41, com tiros na cabeça e, em seguida, retirou as crianças de dentro de casa e cometeu suicídio.
Estado de Minas Gerais	14/02/2012	Inconformado com fim do relacionamento, homem mata a mulher na Região da Pampulha
Estado de Minas Gerais	14/02/2012	Inconformado com o fim do relacionamento, um homem matou a mulher a tiros na Rua Juscelina da Conceição, no Bairro São Thomaz, na Região da Pampulha
Estado de Minas Gerais	14/02/2012	A perícia constatou que a mulher foi morta com um tiro na cabeça
Estado de Minas Gerais	14/02/2012	No começo de fevereiro, a procuradora da União Ana Alice Moreira de Melo, de 34 anos, foi morta a facadas pelo marido dentro da mansão onde morava, em um condomínio de Nova Lima, na Região Metropolitana de Belo Horizonte.
Descalvado Agora	13/01/2013	Mulher é assassinada por companheiro no Jardim Albertina
Descalvado Agora	13/01/2013	Um crime bárbaro aconteceu nesse domingo (13), onde Edson Alexandre Ricci de 27 anos matou sua companheira Fernanda Feracini de 31 anos, na Rua Rio Grande do Sul, no Jardim Albertina.
Descalvado Agora	13/01/2013	Ao chegar ao local os policiais puderam verificar por uma abertura na janela que Fernanda estava deitada em sua cama, com sinais de que fora assassinada.
Descalvado Agora	13/01/2013	Imediatamente a Polícia Científica foi chamada e após arrombarem a porta do quarto do casal foi possível constatar que Fernanda foi esganada, além de estar com as pernas e os braços amarrados com fios elétricos.
PerfilNews	14/10/2005	Mulher é morta a marretadas em Engenheiro Schmidt
PerfilNews	14/10/2005	Nereide Aparecida de Carvalho, 8 anos, foi morta com golpes de marreta na cabeça e várias facadas.
Hojemais	21/06/2019	Fernanda Santos, de 26 anos, foi assassinada agora há pouco na cidade de Junqueirópolis.
Hojemais	21/06/2019	Fernanda Santos, de 26 anos, foi assassinada agora há pouco na cidade de Junqueirópolis.
Sudoeste Bahia	11/11/2018	Mulher é morta a facada por ex-marido na zona rural de Caetité
Sudoeste Bahia	11/11/2018	Uma mulher foi brutalmente morta com golpes de faca na tarde deste domingo 11, por volta das 16h, na Comunidade de Cachoeirinha, zona rural de Caetité.
Diário do Nordeste	11/06/2005	Servidor público executou a companheira e ocultou o corpo
Diário do Nordeste	11/06/2005	João Elias da Cruz, o 'João Nino', matou a própria mulher a marteladas e escondeu o cadáver numa fossa. Fugiu para Cajazeiras, na Paraíba, onde terminou sendo preso há dois dias
Diário do Nordeste	11/06/2005	A dona-de -casa Juscicleide Norberto dos Santos, de 30 anos, foi sumariamente morta com várias marteladas na cabeça
Diário do Nordeste	11/06/2005	'João Nino' disse que assassinou a mulher - com quem vivia maritalmente há 13 anos - porque não agüentava mais as 'saídas' dela
Diário do Nordeste	11/06/2005	Já à noite, voltou para casa e executou a mulher com marteladas na cabeça, deixando o crânio da vítima completamente esfacelado

Diário do Nordeste	11/06/2005	Na semana passada, outro crime passionai ocorreu no Interior, quando a jovem Daniele Ferreira de Sousa foi morta a tiros pelo namorado que, em seguida, praticou o suicídio.
Folha de S. Paulo	02/09/2003	Caixa é morta a tiros dentro de shopping
Folha de S. Paulo	02/09/2003	Uma funcionária da loja C&A do Shopping Center Norte, que fica na Vila Guilherme (zona norte de São Paulo), foi assassinada a tiros ontem à noite dentro do próprio estabelecimento
gl	27/12/2006	Mulher é assassinada um dia antes de dar à luz
gl	27/12/2006	A jovem Adriana da Silva, de 25 anos, grávida de nove meses, foi morta com oito tiros buscar um dia antes de dar à luz, em Tatuí, na região de Sorocaba
Folha de S. Paulo	22/03/2000	Filha de juiz é morta pelo marido em GO
Diário do Grande ABC	20/04/2001	Faxineira é assassinada em montadora
Diário do Grande ABC	20/04/2001	Ela foi espancada com golpes de pedaços de madeira e de ferro e estava caída sobre uma poça de sangue, com a cabeça, os braços e os pés cobertos por sacos plásticos usados para coleta de lixo, presos por fitas adesivas automotivas
Folha de S. Paulo	03/04/2000	Diretor de multinacional mata mulher a tiros e foge
F5 News	20/12/2019	Mulher é assassinada a tiros em Nossa Senhora do Socorro
F5 News	20/12/2019	Uma comerciante identificada como Eva Neire de Souza, de 52 anos, foi morta na tarde desta quinta-feira (19), na Prainha de Porto Grande, que fica no município de Nossa Senhora do Socorro, na Grande Aracaju.
Folha de Pernambuco	24/06/19	Mulher morre após ser empurrada de apartamento por companheiro no Recife
Folha de Pernambuco	25/06/19	Mulher é morta e tem corpo jogado na beira de rio em Olinda
Folha de Pernambuco	25/06/2019	Uma mulher identificada pela Polícia Civil de Pernambuco como Janaína Santos Silva, de 37 anos, foi morta a tiros na noite dessa segunda-feira (24), em Peixinhos, em Olinda, na Região Metropolitana do Recife
Diário do Nordeste	28/08/2007	Mulher é assassinada por ex-amante no motel
Diário do Nordeste	28/08/2007	Armado com um estilete, o metalúrgico Antônio Antenor Silva, 45 anos, matou sua ex-namorada, a dona-de-casa Daniele Rodrigues Leitão, 29.
Diário do Nordeste	28/08/2007	. Ele a matou com um grande golpe no pescoço, atingindo a jugular”, disse o PM.
Diário do Nordeste	28/08/2007	Várias vezes ele a espancou.
Diário do Nordeste	30/08/2007	A mulher morreu na hora, na presença do irmão mais novo.
Diário do Nordeste	03/11/2008	Este ano, 77 mulheres já foram mortas no Ceará.
Diário do Nordeste	03/11/2008	O mais recente ocorreu há uma semana, em Fortaleza, quando a cozinheira Ana Paula Fernandes Leite, 36, foi morta, a facadas, dentro de um restaurante, no bairro Jacarecanga
Diário do Nordeste	03/11/2008	Fabilene Leandro Marculino, 32, também foi assassinada pelo ex-marido, Evangelista Gomes Brasil, 34, que está foragido.
Diário do Nordeste	03/11/2008	A mãe da comerciária, Teresa Maia, 47, foi enfática: “Minha filha morreu porque não teve a devida proteção.”
Diário do Nordeste	03/11/2008	Conseguiu chegar ao quarto onde Claudiane dormia e a estrangulou, sem dar-lhe nenhuma chance de defesa.
Diário do Nordeste	03/11/2008	Porteiro matou esposa e foi para casa da mãe
Diário do Nordeste	03/11/2008	Ela havia sido assassinada, com um tiro na nuca, quando dormia na cama ao lado do filho menor.
CNN	15/07/2021	Em geral, o agressor é uma pessoa conhecida: 81,5% dos assassinos eram companheiros ou ex-companheiros, enquanto 8,3% das mulheres foram mortas por outros parentes.

O Globo	10/11/2017	Raphaella Noviski foi morta com mais de dez tiros no rosto
O Globo	10/11/2017	A adolescente foi morta dentro da sua escola, em Goiás, por um cara de 19 anos que acabou com a vida da menina porque ela não quis ficar com ele.
O Globo	10/11/2017	"Quando a mulher é morta por alguém motivado por esse sentimento de propriedade sobre ela, por um homem que quis se vingar após uma rejeição ou por alguém que a odiava pelo simples fato de ela ser mulher, é preciso distinguir o caso como feminicídio", diz a defensora Arlanza Rebello.
O Globo	10/11/2017	Quando um crime acontece com tanta frequência, a sociedade normaliza, não percebe que a vítima foi morta por ser mulher
O Globo	06/11/2017	Jovem que matou estudante em Goiás será indiciado por feminicídio
O Globo	06/11/2017	Misael Pereira de Olair, de 19 anos, que matou nesta segunda-feira a estudante Raphaella Noviski, de 16 anos, com mais de 10 tiros no rosto dela, dentro de uma escola, em Goiás, será indiciado por feminicídio.
O Globo	06/11/2017	Como, por exemplo, quando um homem mata uma ex-namorada por ciúmes ou após ser rejeitado.
Correio B.	14/09/2020	A criança de 4 anos presenciou o momento em que o suspeito golpeou Shirley Rúbia, de 39 anos
Correio B.	14/09/2020	A mulher esfaqueada pelo ex-companheiro na tarde desta segunda-feira (14/9) foi assassinada dentro da sala de um pediatra, no Hospital São Francisco, em Ceilândia, durante a consulta da filha do casal, de 4 anos.
Correio B.	14/09/2020	A equipe médica da unidade encaminhou Shirley ao centro cirúrgico, mas ela não resistiu aos ferimentos e morreu
Correio B.	14/09/2020	Mulher foi esfaqueada, nesta segunda-feira, pelo ex-companheiro em hospital na Ceilandia
gl	07/12/2021	Feminicídio: mulher encontrada próximo a estação do Metrô-DF foi morta com 59 facadas, diz polícia
gl	07/12/2021	Drielle Ribeiro da Silva, de 34 anos, foi morta a facadas em Samambaia, no DF
O Globo	13/12/2006	Mulher é morta a facadas pelo ex-marido em Botafogo
O Globo	13/12/2006	Uma mulher de 38 anos foi esfaqueada e morta pelo ex-marido na manhã desta quarta-feira em Botafogo
O Globo	13/12/2006	Aglais Pereira de Oliveira foi atacada por André Terto da Costa Sobrinho, de 39 anos, quando chegava ao prédio da Dataprev (Empresa de Tecnologia e Informações da Previdência Social) na Rua Paulino Fernandes, em Botafogo, na Zona Sul da cidade
CNN	27/11/2020	Estudante é morta por namorado após ser mantida refém em faculdade no RJ
CNN	27/11/2020	Mayara Pereira de Oliveira Fernandes foi morta após levar um tiro no rosto, depois de cerca de duas hora e meia sendo mantida refém pelo namorado em carro
CNN	27/11/2020	Mayara Pereira de Oliveira Fernandes foi morta após levar um tiro no rosto, depois de cerca de duas hora e meia sendo mantida refém pelo namorado, dentro de um carro, no estacionamento da universidade.
Extra	25/09/2019	Mulher é morta a facadas no Morro da Providência; polícia investiga
gl	07/02/2017	Mulher achada enterrada com filho foi morta por estrangulamento, diz laudo
gl	07/02/2017	A mulher de 30 anos, morta com o filho de dois anos enterrados no quintal de casa em Iacri (SP), na segunda-feira (6), foi morta por estrangulamento, segundo laudo do Instituto Médico Legal (IML)
gl	08/11/2021	Mulher é morta a tiros dentro de bar e ex-companheiro é suspeito de cometer crime em Barra de Guabiraba
gl	08/11/2021	Fabiana Barbosa da Silva estava trabalhando como garçoneiro quando foi assassinada.
gl	08/11/2021	Uma jovem de 26 anos foi morta a tiros dentro de um bar em Barra de Guabiraba, no Agreste de Pernambuco.
Correio B.	10/01/2021	Isabel Ferreira Alves, 37 anos, morreu após ser atingida com uma facada no tronco, em casa, na QNN 3 de Ceilândia Norte
Correio B.	10/01/2021	Em dos um dos crimes mais chocantes, mãe e filha foram assassinadas, em dezembro
Correio B.	10/01/2021	No momento do crime, Marcos estava sob efeito de álcool e de drogas quando matou a mulher, afirmam os vizinhos

Correio B.	10/01/2021	Depois disso, ele disse que a matou com, ao menos, uma facada”
O Tempo	06/02/2006	Moacir Moraes matou a esposa, há cinco anos, com três tiros, em frente ao DiamondMall, em Belo Horizonte.
O Tempo	06/02/2006	Moacir Moraes matou a esposa, há cinco anos, com três tiros, em frente ao DiamondMall, em Belo Horizonte.
O Tempo	06/02/2006	Na ocasião em que a professora foi morta, Moraes e Márlia, que ficaram casados durante 39 anos, estavam em processo de separação litigiosa.
O Tempo	06/02/2006	A vítima foi morta com três tiros.
Tribuna	14/04/2006	Ela foi degolada por seu ex-marido, o encarregado de produção Marcelo Martins Marcelino, 24 anos, no portão da casa dele, na Rua Rio Iapó, Bairro Iguaçu II, em Fazenda Rio Grande.
Diário do Nordeste	14/01/2006	Durante mais um desentendimento, o corretor de imóveis Edmauro Gomes Rufino, 38 anos, espancou até a morte sua companheira, a jovem Romênia Melo Garcia, de 22, mãe de três crianças
Diário do Nordeste	14/01/2006	Outra informação é de que Edmauro baleou a primeira esposa, deixando-a com diversas seqüelas.
gl	11/04/2018	Na tarde de segunda-feira (9), uma mulher de 32 anos foi assassinada com 10 facadas em uma casa no bairro Jardim Higienópolis.
Diário do Nordeste	05/07/2006	Veterinário mata ex-mulher no shopping
Diário do Nordeste	05/07/2006	Armado com um canivete de aço, o veterinário mineiro, Márcio Alves, 50 anos, matou sua ex-esposa, Célia Marilac de Oliveira, 47, assistente administrativa da Universidade Federal do Ceará e que trabalhava como secretária da Reitoria daquela instituição.
Diário do Nordeste	05/07/2006	Agora, voltou e a matou.
Diário do Nordeste	03/11/2005	Mais uma adolescente, de apenas 14 anos, foi morta neste município (distante 495 quilômetros de Fortaleza), por motivos passionais.
Diário do Nordeste	03/11/2005	A também estudante de 14 anos, Rosimeire Oliveira Cirino, foi assassinada a tiros de revólver que a atingiram na cabeça e na perna
gl	19/06/2017	Por ciúmes, homem mata esposa com facão e fere oito pessoas no AM, diz família
gl	19/06/2017	A mulher não resistiu aos ferimentos e morreu por volta das 2h desta segunda-feira (19).
Montanhas Capixabas	27/03/2017	Homem mata esposa estrangulada e é preso pela Polícia Militar em Venda Nova do Imigrante
Montanhas Capixabas	27/03/2017	Sob efeito de cocaína e bebidas alcoólicas, um homem estrangulou e sufocou a própria companheira até a morte
Montanhas Capixabas	27/03/2017	Segundo Valéria Quirino, sua mãe foi morta pelo companheiro, cujo nome não aparece no Boletim de Ocorrência, e colocada em cima da cama do quarto do casal com sinais de esganadura.
gl	20/06/2017	Homem mata esposa com tiro na cabeça e comete suicídio em São Sebastião
gl	20/06/2017	Vítima de 36 anos foi morta no sofá da casa da mãe
gl	20/06/2017	Um homem matou a esposa com um tiro na cabeça e depois cometeu suicídio na madrugada desta terça-feira (20) no bairro São Francisco em São Sebastião, no litoral norte de São Paulo
gl	20/06/2017	Vítima foi morta na casa da mãe no bairro São Francisco
Zero Hora	27/03/2018	Homem mata a mulher e o sogro a facadas na zona norte de Porto Alegre
Zero Hora	27/03/2018	Um homem matou a companheira e o sogro a facadas na manhã desta terça-feira (27) no bairro Passo das Pedras, na zona norte de Porto Alegre
gl	11/06/2018	Mulher é morta com mais de 20 facadas pelo companheiro, diz delegado
gl	11/06/2018	Câmera de segurança registrou o momento em que a vítima é esfaqueada
gl	11/06/2018	Mulher morre após ser esfaqueada por companheiro em Itai
gl	11/06/2018	Uma mulher de 36 anos morreu após ser esfaqueada pelo companheiro enquanto estava em um posto de combustíveis, na noite deste domingo (10), na Vila Salvador, em Itai (SP).
gl	11/06/2018	Ela foi socorrida pelo Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu), mas não resistiu aos ferimentos e morreu antes de chegar ao hospital.
gl	11/06/2018	Mulher é morta com facadas pelo companheiro em Itai

<i>gl</i>	27/03/2018	Jovem de 22 é morta a facadas em SC; ex-companheiro é preso e confessa crime, diz PM
<i>gl</i>	27/03/2018	Mulher é morta a facadas em Xanxerê, Oeste de SC; ex-companheiro é suspeito
<i>gl</i>	27/03/2018	A jovem Indianara Aparecida de Moura, de 22 anos, foi morta a facadas na noite de segunda-feira (26) em Xanxerê, no Oeste catarinense
<i>gl</i>	20/03/2018	Mulher é morta pelo ex-marido com 14 facadas no meio da rua nesta segunda (19) em Natal
<i>gl</i>	20/03/2018	O homem matou a ex-companheira com 14 golpes de faca nesta segunda-feira (19).
<i>gl</i>	20/03/2018	Isolda Claudino de Almeida tinha 53 anos e foi assassinada na Zona Norte de Natal
<i>gl</i>	10/12/2023	Mulher é baleada pelo ex-marido em espetaria de Nova Odessa
<i>gl</i>	10/12/2023	Mulher É BALEADA com dois tiros por ex-marido em Nova Odessa
<i>gl</i>	10/12/2023	Uma mulher FOI BALEADA pelo ex-marido, na noite deste sábado, em uma espetaria de Nova Odessa.
Estado de Minas	28/10/2022	Mulher É MORTA com cinco tiros pelo ex-companheiro em Ubá
Estado de Minas	28/10/2022	Vítima FOI ASSASSINADA pelo ex, em Ubá
Estado de Minas	28/10/2022	Uma mulher de 23 anos FOI ASSASSINADA na noite dessa quinta-feira (27/10) no Bairro Peluso, em Ubá, na Zona da Mata Mineira
Correio Braziliense	28/10/2022	Mulher é ASSASSINADA a facadas; 2º caso em menos de 24h no DF
Correio Braziliense	29/06/2022	Uma mulher de 33 anos FOI MORTA a facadas dentro de casa, em Taguatinga Norte, nesta quarta-feira (29/6).

APÊNDICE B - PREPOSIÇÃO **APÓS**

Mulher É MORTA dentro de caixa d'água após marcar encontro pela internet em Jataizinho, diz polícia.
Para polícia, Noélia FOI MORTA após tentar romper com suspeito.
Durante a audiência de custódia, Jorlan manteve a versão de que MATOU a jovem após ela ameaçá-lo e tentar roubá-lo.
Homem MATA esposa e se mata após descobrir que vítima tinha Aids em Caeté.
Após descobrir que era casado com uma mulher contaminada pelo vírus HIV, a Aids, um homem MATOU a sua esposa e se matou em seguida em Caeté, na região Central de Minas, na tarde desta terça-feira.
O guarda municipal Edvaldo Bemvindo da Silva, 52, MATOU a ex-esposa a tiros após chegar e prometer um presente de aniversário enquanto ela trabalhava numa loja no Pátio Shopping, em Maceió, na noite deste domingo.
Jovem É MORTA após vizinho se irritar com ambulância que atendia avó dela.
Uma jovem FOI MORTA a facadas após uma discussão com um vizinho que se irritou com uma ambulância que atendia a avó dela em uma rua no bairro Floramar, em Belo Horizonte.
Uma mulher de 53 anos FOI MORTA a tiros após uma discussão com o marido, suspeito do crime, motivada pela temperatura do ar-condicionado na noite de segunda-feira, em Minas Gerais.
Yandra Nitsche Prestes FOI MORTA na noite de 18 de fevereiro, um dia após registrar boletim de ocorrência por violência doméstica contra o ex-companheiro.
Milena Dantas Bereta Nistarda, de 53 anos, FOI MORTA a facadas na tarde desta segunda-feira, em Tupã, interior de São Paulo, após pedir medida protetiva contra o marido, Marcelo Nistarda Antoniassi, de 49.
Renata Araújo FOI MORTA após ter dois pedidos de medida protetiva negados por juiz em Belo Horizonte.
Mulher É MORTA instantes após marido ser filmado a ameaçando em loja.
Mulher É MORTA após marido acionar a PM e confessar crime.
Mulher É MORTA dentro de caixa d'água após marcar encontro pela internet em Jataizinho, diz polícia.
Uma mulher de 32 anos MORREU após SER ESFAQUEADA pelo companheiro no bairro Bannwart, em Avaré, na manhã deste sábado.
Ela FOI ASSASSINADA a tiros e o suspeito é o ex-marido, Oberto Nóbrega de Barro Oliveira, que tirou a própria vida após o feminicídio.
Ainda segundo a PM, o homem estava numa granja com a vítima, quando por volta das quatro horas a mulher queria ir embora, mas após o pedido ele ESFAQUEOU ela com um golpe de faca.
Já no domingo (8), durante à tarde, em Mamanguape, uma mulher FOI ASSASSINADA a tiros e os suspeitos fugiram após o crime.
Diana Farias FOI MORTA na manhã desta segunda, na QNM 24 de Ceilândia. Kelsen Oliveira de Macedo fugiu após cometer feminicídio.
Imediatamente a Polícia Científica foi chamada e após arrombarem a porta do quarto do casal foi possível constatar que Fernanda FOI ESGANADA, além de estar com as pernas e os braços amarrados com fios elétricos.
Estudante É MORTA por namorado após ser mantida refém em faculdade no RJ.
Mulher MORRE após ser espancada e atropelada no RJ; família acusa ex.
Layla Karina Moreira Teles, de 23 anos, FOI MORTA após uma discussão com o vizinho.
Mulher MORRE após ser esfaqueada pelo companheiro em Avaré.
Homem se entrega à PM após feminicídio em Bocaiuva; vítima FOI MORTA com golpes de faca.

Mulher MORRE após ser atingida por facadas em Bocaiuva.
Mulher FOI MORTA pelo próprio marido após discussão no CE.
Mulher É MORTA pelo próprio marido no Paraná; após o crime, homem se matou.
Uma mulher MORREU após SER ESTRANGULADA pelo marido durante uma visita íntima no CDP (Centro de Detenção Provisória) de Ribeirão Preto, no interior de São Paulo, onde ele estava preso.
Após a briga, Santos MATOU a mulher e seguiu para o trabalho.
Mulher MORRE após SER BALEADA por policial no meio da rua em Uberlândia.
Um homem de aproximadamente 40 anos MATOU a própria esposa após uma discussão.
Mulher MORRE após ser empurrada de apartamento por companheiro no Recife.
Mayara Pereira de Oliveira Fernandes FOI MORTA após levar um tiro no rosto, depois de cerca de duas hora e meia sendo mantida refém pelo namorado em carro.
Isabel Ferreira Alves, 37 anos, MORREU após SER ATINGIDA COM UMA FACADA no tronco, em casa, na QNN 3 de Ceilândia Norte.
Mulher MORRE após SER ESFAQUEADA por companheiro em Itaí.
Uma mulher de 36 anos MORREU após SER ESFAQUEADA pelo companheiro enquanto estava em um posto de combustíveis, na noite deste domingo (10), na Vila Salvador, em Itaí (SP).

APÊNDICE C - LISTA DE VEÍCULOS ONLINE QUE COMPÕEM O *CORPUS*

Veículo	Cobertura	Estado
Alagoas 24h	Regional	AL
Campo Grande News	Regional	MS
CNN Brasil	Nacional	-
Correio Braziliense	Regional/Nacional	DF
Correio do Estado	Regional	MS
Descalvado Agora	Local	SP
Diário do Grande ABC	Regional	SP
Diário do Nordeste	Regional	CE
Diário do Norte	Regional	PR
Diário Gaúcho	Regional	RS
Estado de Minas	Regional/Nacional	MG
Extra Globo	Nacional	-
F5 News	Regional	SE
Folha de Pernambuco	Regional	PE
Folha de S. Paulo	Nacional	-
Folha de Vila Prudente	Local	SP
Gazeta do Povo	Nacional/Regional	PR
Hoje em Dia	Regional	MG
Hojemais	Local/Regional	SP / MS
Jornal da Paraíba	Regional	PB
Montanhas Capixabas	Regional	ES
O Globo	Nacional	-
O Taboanense	Local	SP
O Tempo	Regional/Nacional	MG
PerfilNews	Local/Regional	MS
R7	Nacional	-
Sudoeste Bahia	Regional	BA
Terra	Nacional	-
Veja	Nacional	-
Zero Hora	Regional	RS

APÊNDICE D – RODADA DE FREQUÊNCIA COM VARIÁVEL ENEÁRIA

TABELA 1 - SEXO DO REPÓRTER

Group	p	c	a	Total	%
p: passiva sem agente c: passiva com agente a: ativa					
l (2)	p	c	a		
h N	41	8	21	70	19.3 (homem/homens)
%	58.6	11.4	30.0		
^ N	96	38	49	183	50.4 (sem autoria)
%	52.5	20.8	26.8		
m N	43	20	32	95	26.2 (mulher/mulheres)
%	45.3	21.1	33.7		
d N	6	5	4	15	4.1 (homem e mulher/homens e mulheres)
%	40.0	33.3	26.7		
Total N	186	71	106	363	
%	51.2	19.6	29.2		

TABELA 2 – VEÍCULOS

2 (3)	p	c	a		
u N	26	3	9	38	10.5 (UOL)
%	68.4	7.9	23.7		
g N	86	24	30	140	38.6 (gl)
%	61.4	17.1	21.4		
e N	17	11	11	39	10.7 (Metrópoles)
%	43.6	28.2	28.2		
# N	57	33	56	146	40.2 (Outros veículos)
%	39.0	22.6	38.4		
Total N	186	71	106	363	

% 51.2 19.6 29.2

TABELA 3 - ANO DE PUBLICAÇÃO

3 (4)	p	c	a	
e N	138	51	68	257 70.8 (Depois da lei)
%	53.7	19.8	26.5	
a N	48	20	38	106 29.2 (Antes da lei)
%	45.3	18.9	35.8	
Total N	186	71	106	363
%	51.2	19.6	29.2	

TABELA 4 - LOCALIZAÇÃO DO FENÔMENO NA ESTRUTURA DA NOTÍCIA

4 (5)	p	c	a	
C N	40	21	31	92 25.3 (título)
%	43.5	22.8	33.7	
G N	36	7	23	66 18.2 (corpo da notícia)
%	54.5	10.6	34.8	
H N	7	6	13	26 7.2 (fechamento da notícia)
%	26.9	23.1	50.0	
E N	50	19	26	95 26.2 (lead)
%	52.6	20.0	27.4	
B N	36	13	7	56 15.4 (<i>fotolegenda</i>)
%	64.3	23.2	12.5	
D N	17	5	6	28 7.7 (subtítulo)
%	60.7	17.9	21.4	
Total N	186	71	106	363
%	51.2	19.6	29.2	

TABELA 5 - PRESENÇA DE PREPOSIÇÃO

5 (6)	p	c	a	
q N	6	1	2	9 16.1 (após/tempo)
%	66.7	11.1	22.2	
t N	9	0	4	13 23.2 (após/atenuante)
%	69.2	0.0	30.8	* KnockOut *
r N	3	2	11	16 28.6 (após/causa)
%	18.8	12.5	68.8	
o N	7	1	10	18 32.1 (por)
%	38.9	5.6	55.6	
Total N	25	4	27	56
%	44.6	7.1	48.2	

TABELA 6 – VERBOS SEM AMALGAMAÇÃO

6 (7)	p	c	a	
T N	64	12	14	90 23.9 (2023)
%	71.1	13.3	15.6	
U N	20	10	16	46 12.2 (2024)
%	43.5	21.7	34.8	
R N	16	6	12	34 9.0 (2021)
%	47.1	17.6	35.3	
P N	16	3	4	23 6.1 (2019)
%	69.6	13.0	17.4	
Q N	2	6	3	11 2.9 (2020)
%	18.2	54.5	27.3	
j N	6	2	2	10 2.7 (2009)

	%	60.0	20.0	20.0	
--	---	------	------	------	--

f	N	4	3	6	13	3.5	(2008)
	%	30.8	23.1	46.2			

x	N	8	2	2	12	3.2	(2014)
	%	66.7	16.7	16.7			

v	N	5	1	6	12	3.2	(2013)
	%	41.7	8.3	50.0			

w	N	5	1	3	9	2.4	(2016)
	%	55.6	11.1	33.3			

z	N	2	7	9	18	4.8	(2015)
	%	11.1	38.9	50.0			

s	N	7	3	6	16	4.3	(2012)
	%	43.8	18.8	37.5			

n	N	5	0	1	6	1.6	(2011)
	%	83.3	0.0	16.7			* KnockOut *

k	N	0	2	4	6	1.6	(2010)
	%	0.0	33.3	66.7			* KnockOut *

S	N	1	0	0	1	0.3	(2022)
	%	100.0	0.0	0.0			* KnockOut *

&	N	4	1	4	9	2.4	(2005)
	%	44.4	11.1	44.4			

O N 7 4 6 17 4.5 (2018)

% 41.2 23.5 35.3

\$ N 1 0 0 1 0.3 (2005)

% 100.0 0.0 0.0 * KnockOut *

@ N 2 0 0 2 0.5 (2003)

% 100.0 0.0 0.0 * KnockOut *

b N 4 4 7 15 4.0 (2006)

% 26.7 26.7 46.7

> N 0 1 1 2 0.5 (2000)

% 0.0 50.0 50.0 * KnockOut *

< N 2 0 0 2 0.5 (2001)

% 100.0 0.0 0.0 * KnockOut *

c N 0 1 4 5 1.3 (2007)

% 0.0 20.0 80.0 * KnockOut *

y N 5 2 9 16 4.3 (2017)

% 31.2 12.5 56.2

Total N 186 71 119 376

% 49.5 18.9 31.6

TABELA 6 – VERBOS COM AMALGAMAÇÃO

6 (7) p c a

X N 95 45 1 141 38.8 (*assassinar/morrer*)

% 67.4 31.9 0.7

4	N	37	13	4	54	14.9 (<i>assassinar</i>)
	%	68.5	24.1	7.4		
3	N	54	13	101	168	46.3 (outros verbos)
	%	32.1	7.7	60.1		
Total	N	186	71	106	363	
	%	51.2	19.6	29.2		

TOTAL	N	186	71	106	363	
	%	51.2	19.6	29.2		

APÊNDICE E – RODADA 1 (PASSIVA COM/SEM AGENTE X ATIVA)

Non- Apps – ATIVA

Apps – PASSIVAS (COM AGENTE E SEM AGENTE)

Group		Non-Apps	apps	Total	%

1 (2)					
h	N	49	21	70	19.3 (homem/homens)
	%	70.0	30.0		
^	N	134	49	183	50.4 (sem autoria)
	%	73.2	26.8		
m	N	63	32	95	26.2 (mulher/mulheres)
	%	66.3	33.7		
d	N	11	4	15	4.1 (homens/mulheres)
	%	73.3	26.7		

Total N	257	106	363
%	70.8	29.2	

2 (3)					
u	N	29	9	38	10.5 (uol)
	%	76.3	23.7		
g	N	110	30	140	38.6 (gl)
	%	78.6	21.4		
e	N	28	11	39	10.7 (Metrópoles)
	%	71.8	28.2		
#	N	90	56	146	40.2 (outros)
	%	61.6	38.4		

Total N	257	106	363
%	70.8	29.2	

3 (4)					
e	N	190	70	260	71.6 (depois da lei)
	%	73.1	26.9		
a	N	67	36	103	28.4 (antes da lei)
	%	65.0	35.0		

Total N	257	106	363
%	70.8	29.2	

4 (5)				
C	N	61	31	92 25.3 (título)
	%	66.3	33.7	
G	N	43	23	66 18.2 (corpo)
	%	65.2	34.8	
H	N	13	13	26 7.2 (fechamento)
	%	50.0	50.0	
E	N	69	26	95 26.2 (lide)
	%	72.6	27.4	
B	N	49	7	56 15.4 (<i>fotolegenda</i>)
	%	87.5	12.5	
D	N	22	6	28 7.7 (subtítulo)
	%	78.6	21.4	
Total N		257	106	363
	%	70.8	29.2	

5 (6)				
q	N	7	2	9 16.1 (após/tempo)
	%	77.8	22.2	
t	N	9	4	13 23.2 (após/atenuante)
	%	69.2	30.8	
r	N	5	11	16 28.6 (após/causa)
	%	31.2	68.8	
o	N	8	10	18 32.1 (por)
	%	44.4	55.6	
Total N		29	27	56
	%	51.8	48.2	

6 (7)				
X	N	141	51	192 52.9 (<i>assassinar/morrer</i>)
	%	73.4	26.6	
4	N	50	4	54 14.9 (<i>assassinar</i>)
	%	92.6	7.4	
3	N	66	51	117 32.2 (outros)
	%	56.4	43.6	
Total N		257	106	363

%	70.8	29.2	

TOTAL N	257	106	363
%	70.8	29.2	

Name of new cell file: .cel

• BINOMIAL VARBRUL • 13/07/2025 18:30:34
 Name of cell file: .cel

Averaging by weighting factors.
 Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:
 Convergence at Iteration 2
 Input 0.708
 Log likelihood = -219.231

----- Level # 1 -----

Run # 2, 4 cells:
 Convergence at Iteration 4
 Input 0.709
 Group # 1 -- h: 0.489, ^: 0.529, m: 0.447, d: 0.530
 Log likelihood = -218.483 Significance = 0.685

Run # 3, 4 cells:
 Convergence at Iteration 4
 Input 0.714
 Group # 2 -- u: 0.563, g: 0.595, e: 0.505, #: 0.392
 Log likelihood = -213.947 Significance = 0.015

Run # 4, 2 cells:
 Convergence at Iteration 4
 Input 0.709
 Group # 3 -- e: 0.527, a: 0.433
 Log likelihood = -218.104 Significance = 0.142

Run # 5, 6 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.719
 Group # 4 -- C: 0.434, G: 0.422, H: 0.281, E: 0.509, B: 0.732, D: 0.589
 Log likelihood = -210.881 Significance = 0.007

Run # 6, 5 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.523
Group # 5 -- q: 0.761, t: 0.672, r: 0.293, o: 0.422
Log likelihood = -211.075 Significance = 0.001

Run # 7, 3 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.730
Group # 6 -- X: 0.505, 4: 0.822, 3: 0.323
Log likelihood = -205.534 Significance = 0.000

Add Group # 6 with factors X43

----- Level # 2 -----

Run # 8, 12 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.732
Group # 1 -- h: 0.451, ^: 0.541, m: 0.457, d: 0.507
Group # 6 -- X: 0.509, 4: 0.822, 3: 0.318
Log likelihood = -204.544 Significance = 0.582

Run # 9, 12 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.739
Group # 2 -- u: 0.646, g: 0.608, e: 0.482, #: 0.364
Group # 6 -- X: 0.522, 4: 0.832, 3: 0.293
Log likelihood = -197.661 Significance = 0.002

Run # 10, 6 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.733
Group # 3 -- e: 0.537, a: 0.407
Group # 6 -- X: 0.509, 4: 0.826, 3: 0.314
Log likelihood = -203.555 Significance = 0.048

Run # 11, 18 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.742
Group # 4 -- C: 0.424, G: 0.433, H: 0.267, E: 0.517, B: 0.737, D: 0.573
Group # 6 -- X: 0.502, 4: 0.830, 3: 0.323
Log likelihood = -197.144 Significance = 0.007

Run # 12, 14 cells:
Convergence at Iteration 8
Input 0.560
Group # 5 -- q: 0.747, t: 0.649, r: 0.351, o: 0.393
Group # 6 -- X: 0.500, 4: 0.817, 3: 0.334
Log likelihood = -198.427 Significance = 0.005

Add Group # 2 with factors uge#

----- Level # 3 -----

Run # 13, 35 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.740

Group # 1 -- h: 0.502, ^: 0.510, m: 0.473, d: 0.543

Group # 2 -- u: 0.652, g: 0.605, e: 0.479, #: 0.366

Group # 6 -- X: 0.523, 4: 0.830, 3: 0.292

Log likelihood = -197.494 Significance = 0.953

Run # 14, 19 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.740

Group # 2 -- u: 0.659, g: 0.622, e: 0.498, #: 0.344

Group # 3 -- e: 0.483, a: 0.542

Group # 6 -- X: 0.523, 4: 0.831, 3: 0.292

Log likelihood = -197.426 Significance = 0.495

Run # 15, 57 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.749

Group # 2 -- u: 0.650, g: 0.583, e: 0.510, #: 0.379

Group # 4 -- C: 0.421, G: 0.427, H: 0.319, E: 0.523, B: 0.716, D: 0.570

Group # 6 -- X: 0.518, 4: 0.839, 3: 0.293

Log likelihood = -191.604 Significance = 0.037

Run # 16, 39 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.547

Group # 2 -- u: 0.674, g: 0.613, e: 0.453, #: 0.359

Group # 5 -- q: 0.756, t: 0.607, r: 0.362, o: 0.408

Group # 6 -- X: 0.519, 4: 0.829, 3: 0.299

Log likelihood = -189.993 Significance = 0.003

Add Group # 5 with factors qtro

----- Level # 4 -----

Run # 17, 74 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.549

Group # 1 -- h: 0.520, ^: 0.496, m: 0.487, d: 0.539

Group # 2 -- u: 0.675, g: 0.617, e: 0.440, #: 0.358

Group # 5 -- q: 0.759, t: 0.609, r: 0.358, o: 0.408

Group # 6 -- X: 0.519, 4: 0.828, 3: 0.300

Log likelihood = -189.903 Significance = 0.981

Run # 18, 50 cells:
Convergence at Iteration 9
Input 0.547
Group # 2 -- u: 0.685, g: 0.624, e: 0.467, #: 0.342
Group # 3 -- e: 0.486, a: 0.535
Group # 5 -- q: 0.761, t: 0.600, r: 0.368, o: 0.403
Group # 6 -- X: 0.520, 4: 0.828, 3: 0.299
Log likelihood = -189.831 Significance = 0.585

Run # 19, 104 cells:
Convergence at Iteration 8
Input 0.562
Group # 2 -- u: 0.677, g: 0.587, e: 0.482, #: 0.375
Group # 4 -- C: 0.416, G: 0.406, H: 0.298, E: 0.547, B: 0.713, D: 0.583
Group # 5 -- q: 0.805, t: 0.598, r: 0.319, o: 0.420
Group # 6 -- X: 0.515, 4: 0.834, 3: 0.301
Log likelihood = -183.407 Significance = 0.023

Add Group # 4 with factors CGHEBD

----- Level # 5 -----

Run # 20, 169 cells:
Convergence at Iteration 8
Input 0.568
Group # 1 -- h: 0.519, ^: 0.510, m: 0.466, d: 0.504
Group # 2 -- u: 0.679, g: 0.584, e: 0.489, #: 0.376
Group # 4 -- C: 0.415, G: 0.406, H: 0.294, E: 0.548, B: 0.718, D: 0.580
Group # 5 -- q: 0.809, t: 0.604, r: 0.312, o: 0.420
Group # 6 -- X: 0.515, 4: 0.832, 3: 0.302
Log likelihood = -183.203 Significance = 0.938

Run # 21, 123 cells:
Convergence at Iteration 11
Input 0.563
Group # 2 -- u: 0.694, g: 0.606, e: 0.505, #: 0.347
Group # 3 -- e: 0.478, a: 0.555
Group # 4 -- C: 0.415, G: 0.400, H: 0.297, E: 0.552, B: 0.713, D: 0.588
Group # 5 -- q: 0.814, t: 0.589, r: 0.327, o: 0.411
Group # 6 -- X: 0.516, 4: 0.832, 3: 0.301
Log likelihood = -183.063 Significance = 0.425

No remaining groups significant

Groups selected while stepping up: 6 2 5 4
Best stepping up run: #19

Stepping down...

----- Level # 6 -----

Run # 22, 192 cells:

Convergence at Iteration 12

Input 0.567

Group # 1 -- h: 0.520, ^: 0.504, m: 0.475, d: 0.511

Group # 2 -- u: 0.694, g: 0.603, e: 0.503, #: 0.351

Group # 3 -- e: 0.481, a: 0.548

Group # 4 -- C: 0.414, G: 0.401, H: 0.294, E: 0.552, B: 0.716, D: 0.585

Group # 5 -- q: 0.816, t: 0.595, r: 0.320, o: 0.412

Group # 6 -- X: 0.516, 4: 0.831, 3: 0.302

Log likelihood = -182.954

----- Level # 5 -----

Run # 23, 123 cells:

Convergence at Iteration 11

Input 0.563

Group # 2 -- u: 0.694, g: 0.606, e: 0.505, #: 0.347

Group # 3 -- e: 0.478, a: 0.555

Group # 4 -- C: 0.415, G: 0.400, H: 0.297, E: 0.552, B: 0.713, D: 0.588

Group # 5 -- q: 0.814, t: 0.589, r: 0.327, o: 0.411

Group # 6 -- X: 0.516, 4: 0.832, 3: 0.301

Log likelihood = -183.063 Significance = 0.974

Run # 24, 147 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.583

Group # 1 -- h: 0.497, ^: 0.536, m: 0.441, d: 0.454

Group # 3 -- e: 0.533, a: 0.417

Group # 4 -- C: 0.417, G: 0.415, H: 0.265, E: 0.538, B: 0.737, D: 0.570

Group # 5 -- q: 0.795, t: 0.651, r: 0.279, o: 0.430

Group # 6 -- X: 0.502, 4: 0.826, 3: 0.324

Log likelihood = -187.382 Significance = 0.035

Run # 25, 169 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.568

Group # 1 -- h: 0.519, ^: 0.510, m: 0.466, d: 0.504

Group # 2 -- u: 0.679, g: 0.584, e: 0.489, #: 0.376

Group # 4 -- C: 0.415, G: 0.406, H: 0.294, E: 0.548, B: 0.718, D: 0.580

Group # 5 -- q: 0.809, t: 0.604, r: 0.312, o: 0.420

Group # 6 -- X: 0.515, 4: 0.832, 3: 0.302

Log likelihood = -183.203 Significance = 0.486

Run # 26, 88 cells:

Convergence at Iteration 12

Input 0.548

Group # 1 -- h: 0.520, ^: 0.492, m: 0.494, d: 0.545

Group # 2 -- u: 0.686, g: 0.630, e: 0.450, #: 0.341

Group # 3 -- e: 0.486, a: 0.536
Group # 5 -- q: 0.763, t: 0.602, r: 0.366, o: 0.402
Group # 6 -- X: 0.519, 4: 0.827, 3: 0.300
Log likelihood = -189.748 Significance = 0.019

Run # 27, 156 cells:
Convergence at Iteration 11
Input 0.750
Group # 1 -- h: 0.499, ^: 0.518, m: 0.463, d: 0.524
Group # 2 -- u: 0.670, g: 0.590, e: 0.535, #: 0.361
Group # 3 -- e: 0.483, a: 0.544
Group # 4 -- C: 0.418, G: 0.424, H: 0.313, E: 0.526, B: 0.722, D: 0.570
Group # 6 -- X: 0.521, 4: 0.835, 3: 0.292
Log likelihood = -190.990 Significance = 0.001

Run # 28, 126 cells:
Convergence at Iteration 12
Input 0.535
Group # 1 -- h: 0.556, ^: 0.494, m: 0.467, d: 0.513
Group # 2 -- u: 0.606, g: 0.601, e: 0.508, #: 0.374
Group # 3 -- e: 0.481, a: 0.548
Group # 4 -- C: 0.432, G: 0.379, H: 0.298, E: 0.550, B: 0.712, D: 0.591
Group # 5 -- q: 0.828, t: 0.649, r: 0.248, o: 0.439
Log likelihood = -196.501 Significance = 0.000

Cut Group # 1 with factors h^md

----- Level # 4 -----

Run # 29, 75 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.572
Group # 3 -- e: 0.530, a: 0.425
Group # 4 -- C: 0.419, G: 0.411, H: 0.269, E: 0.538, B: 0.736, D: 0.571
Group # 5 -- q: 0.792, t: 0.638, r: 0.292, o: 0.428
Group # 6 -- X: 0.500, 4: 0.827, 3: 0.327
Log likelihood = -188.186 Significance = 0.017

Run # 30, 104 cells:
Convergence at Iteration 8
Input 0.562
Group # 2 -- u: 0.677, g: 0.587, e: 0.482, #: 0.375
Group # 4 -- C: 0.416, G: 0.406, H: 0.298, E: 0.547, B: 0.713, D: 0.583
Group # 5 -- q: 0.805, t: 0.598, r: 0.319, o: 0.420
Group # 6 -- X: 0.515, 4: 0.834, 3: 0.301
Log likelihood = -183.407 Significance = 0.425

Run # 31, 50 cells:
Convergence at Iteration 9
Input 0.547

Group # 2 -- u: 0.685, g: 0.624, e: 0.467, #: 0.342
 Group # 3 -- e: 0.486, a: 0.535
 Group # 5 -- q: 0.761, t: 0.600, r: 0.368, o: 0.403
 Group # 6 -- X: 0.520, 4: 0.828, 3: 0.299
 Log likelihood = -189.831 Significance = 0.019

Run # 32, 78 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.750

Group # 2 -- u: 0.667, g: 0.602, e: 0.532, #: 0.352

Group # 3 -- e: 0.478, a: 0.556

Group # 4 -- C: 0.420, G: 0.421, H: 0.317, E: 0.527, B: 0.717, D: 0.574

Group # 6 -- X: 0.519, 4: 0.837, 3: 0.293

Log likelihood = -191.216 Significance = 0.001

Run # 33, 73 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.529

Group # 2 -- u: 0.612, g: 0.595, e: 0.519, #: 0.375

Group # 3 -- e: 0.478, a: 0.556

Group # 4 -- C: 0.433, G: 0.380, H: 0.299, E: 0.548, B: 0.710, D: 0.597

Group # 5 -- q: 0.827, t: 0.639, r: 0.256, o: 0.439

Log likelihood = -196.958 Significance = 0.000

Cut Group # 3 with factors ea

----- Level # 3 -----

Run # 34, 49 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.573

Group # 4 -- C: 0.419, G: 0.410, H: 0.251, E: 0.538, B: 0.741, D: 0.585

Group # 5 -- q: 0.798, t: 0.643, r: 0.298, o: 0.413

Group # 6 -- X: 0.496, 4: 0.823, 3: 0.335

Log likelihood = -189.336 Significance = 0.009

Run # 35, 39 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.547

Group # 2 -- u: 0.674, g: 0.613, e: 0.453, #: 0.359

Group # 5 -- q: 0.756, t: 0.607, r: 0.362, o: 0.408

Group # 6 -- X: 0.519, 4: 0.829, 3: 0.299

Log likelihood = -189.993 Significance = 0.023

Run # 36, 57 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.749

Group # 2 -- u: 0.650, g: 0.583, e: 0.510, #: 0.379

Group # 4 -- C: 0.421, G: 0.427, H: 0.319, E: 0.523, B: 0.716, D: 0.570

Group # 6 -- X: 0.518, 4: 0.839, 3: 0.293

Log likelihood = -191.604 Significance = 0.001

Run # 37, 60 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.528

Group # 2 -- u: 0.593, g: 0.577, e: 0.497, #: 0.403

Group # 4 -- C: 0.433, G: 0.386, H: 0.301, E: 0.543, B: 0.710, D: 0.592

Group # 5 -- q: 0.818, t: 0.646, r: 0.250, o: 0.448

Log likelihood = -197.352 Significance = 0.000

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: 1 3

APÊNDICE F – RODADA 2 (PASSIVA SEM AGENTE X ATIVA)

TABELA 1 - SEXO DO REPÓRTER

Group	p	a	Total	%
-------	---	---	-------	---

p: passiva sem agente

c: passiva com agente

a: ativa

l (2)	p	a		
h N	41	21	62	21.2 (homem/homens)
%	66.1	33.9		
^ N	96	49	145	49.7 (sem autoria)
%	66.2	33.8		
m N	43	32	75	25.7 (mulher/mulheres)
%	57.3	42.7		
d N	6	4	10	3.4 (homem e mulher/homens e mulheres)
%	60.0	40.0		
Total N	186	106	292	
%	63.7	36.3		

TABELA 2 – VEÍCULOS

2 (3)	p	a		
u N	26	9	35	12.0 (UOL)
%	74.3	25.7		
g N	86	30	116	39.7 (gl)
%	74.1	25.9		
e N	17	11	28	9.6 (Metrópoles)
%	60.7	39.3		
# N	57	56	113	38.7 (Outros veículos)
%	50.4	49.6		
Total N	186	106	292	
%	63.7	36.3		

TABELA 3 - ANO DE PUBLICAÇÃO

3 (4)	p	a		
e N	138	68	206	70.5 (Depois da lei)
%	67.0	33.0		

a	N	48	38	86	29.5 (Antes da lei)
	%	55.8	44.2		

Total N	186	106	292
%	63.7	36.3	

TABELA 4 - LOCALIZAÇÃO DO FENÔMENO NA ESTRUTURA DA NOTÍCIA

4 (5)	p	a	
C	N	40	31
	%	56.3	43.7
		71	24.3 (título)
G	N	36	23
	%	61.0	39.0
		59	20.2 (corpo da notícia)
H	N	7	13
	%	35.0	65.0
		20	6.8 (fechamento da notícia)
E	N	50	26
	%	65.8	34.2
		76	26.0 (lead)
B	N	36	7
	%	83.7	16.3
		43	14.7 (fotolegenda)
D	N	17	6
	%	73.9	26.1
		23	7.9 (subtítulo)
Total N	186	106	292
%	63.7	36.3	

TABELA 5 - PRESENÇA DE PREPOSIÇÃO

5 (6)	p	a	
q	N	6	2
	%	75.0	25.0
		8	15.4 (após/tempo)
t	N	9	4
	%	69.2	30.8
		13	25.0 (após/atenuante)
r	N	3	11
	%	21.4	78.6
		14	26.9 (após/causa)
o	N	7	10
	%	41.2	58.8
		17	32.7 (por)
Total N	25	27	52
%	48.1	51.9	

TABELA 6 - VERBOS

6 (7)		p	a		
X	N	96	51	147	50.3 (<i>assassinar/morrer</i>)
%		65.3	34.7		

4	N	37	4	41	14.0 (<i>assassinar</i>)
%		90.2	9.8		

3	N	53	51	104	35.6 (<i>outros verbos</i>)
%		51	49		

Total N	186	106	292
%	63.7	36.3	

TOTAL N	186	106	292
%	63.7	36.3	

• BINOMIAL VARBRUL • 26/06/2025 19:01:33 •.....

Name of cell file: Rodada final_eneária_ajustesVERBOS_final.cel

Averaging by weighting factors.

Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:

Convergence at Iteration 2

Input 0.637

Log likelihood = -191.299

----- Level # 1 -----

Run # 2, 4 cells:

Convergence at Iteration 4

Input 0.638

Group # 1 -- h: 0.526, ^: 0.527, m: 0.433, d: 0.460

Log likelihood = -190.347 Significance = 0.598

Run # 3, 4 cells:

Convergence at Iteration 4

Input 0.644

Group # 2 -- u: 0.614, g: 0.612, e: 0.461, #: 0.360

Log likelihood = -183.340 Significance = 0.002

Run # 4, 2 cells:

Convergence at Iteration 4

Input 0.638

Group # 3 -- e: 0.535, a: 0.418

Log likelihood = -189.683 Significance = 0.077

Run # 5, 6 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.646

Group # 4 -- C: 0.414, G: 0.461, H: 0.228, E: 0.513, B: 0.737, D: 0.608

Log likelihood = -182.171 Significance = 0.005

Run # 6, 5 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.477

Group # 5 -- q: 0.767, t: 0.712, r: 0.231, o: 0.435

Log likelihood = -183.978 Significance = 0.004

Run # 7, 3 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.656

Group # 6 -- X: 0.497, 4: 0.829, 3: 0.353

Log likelihood = -180.068 Significance = 0.000

Add Group # 6 with factors X43

----- Level # 2 -----

Run # 8, 12 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.657

Group # 1 -- h: 0.496, ^: 0.536, m: 0.447, d: 0.395

Group # 6 -- X: 0.499, 4: 0.830, 3: 0.350

Log likelihood = -179.176 Significance = 0.623

Run # 9, 12 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.667

Group # 2 -- u: 0.695, g: 0.623, e: 0.457, #: 0.325

Group # 6 -- X: 0.528, 4: 0.842, 3: 0.306

Log likelihood = -169.034 Significance = 0.000

Run # 10, 6 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.658

Group # 3 -- e: 0.548, a: 0.386

Group # 6 -- X: 0.507, 4: 0.835, 3: 0.336

Log likelihood = -177.295 Significance = 0.019

Run # 11, 18 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.665

Group # 4 -- C: 0.410, G: 0.462, H: 0.213, E: 0.523, B: 0.738, D: 0.599

Group # 6 -- X: 0.493, 4: 0.837, 3: 0.353

Log likelihood = -171.141 Significance = 0.005

Run # 12, 14 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.511

Group # 5 -- q: 0.743, t: 0.693, r: 0.277, o: 0.417

Group # 6 -- X: 0.489, 4: 0.819, 3: 0.369

Log likelihood = -174.230 Significance = 0.009

Add Group # 2 with factors uge#

----- Level # 3 -----

Run # 13, 34 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.667

Group # 1 -- h: 0.569, ^: 0.502, m: 0.446, d: 0.453

Group # 2 -- u: 0.700, g: 0.629, e: 0.464, #: 0.317

Group # 6 -- X: 0.527, 4: 0.838, 3: 0.310

Log likelihood = -168.188 Significance = 0.643

Run # 14, 19 cells:

Convergence at Iteration 11

Input 0.667

Group # 2 -- u: 0.716, g: 0.648, e: 0.485, #: 0.290

Group # 3 -- e: 0.470, a: 0.571

Group # 6 -- X: 0.528, 4: 0.841, 3: 0.307

Log likelihood = -168.525 Significance = 0.318

Run # 15, 56 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.676

Group # 2 -- u: 0.706, g: 0.602, e: 0.480, #: 0.337

Group # 4 -- C: 0.395, G: 0.468, H: 0.262, E: 0.533, B: 0.718, D: 0.590

Group # 6 -- X: 0.525, 4: 0.849, 3: 0.305

Log likelihood = -162.414 Significance = 0.022

Run # 16, 37 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.489

Group # 2 -- u: 0.711, g: 0.627, e: 0.420, #: 0.325

Group # 5 -- q: 0.742, t: 0.654, r: 0.290, o: 0.439

Group # 6 -- X: 0.522, 4: 0.832, 3: 0.320

Log likelihood = -163.077 Significance = 0.009

Add Group # 5 with factors qtro

----- Level # 4 -----

Run # 17, 69 cells:
Convergence at Iteration 10
Input 0.498
Group # 1 -- h: 0.582, ^: 0.489, m: 0.458, d: 0.456
Group # 2 -- u: 0.712, g: 0.637, e: 0.416, #: 0.316
Group # 5 -- q: 0.744, t: 0.668, r: 0.282, o: 0.433
Group # 6 -- X: 0.519, 4: 0.830, 3: 0.326
Log likelihood = -162.235 Significance = 0.645

Run # 18, 48 cells:
Convergence at Iteration 12
Input 0.490
Group # 2 -- u: 0.730, g: 0.648, e: 0.446, #: 0.293
Group # 3 -- e: 0.474, a: 0.562
Group # 5 -- q: 0.748, t: 0.646, r: 0.299, o: 0.433
Group # 6 -- X: 0.522, 4: 0.832, 3: 0.320
Log likelihood = -162.709 Significance = 0.409

Run # 19, 98 cells:
Convergence at Iteration 8
Input 0.504
Group # 2 -- u: 0.719, g: 0.605, e: 0.447, #: 0.337
Group # 4 -- C: 0.390, G: 0.448, H: 0.244, E: 0.557, B: 0.713, D: 0.606
Group # 5 -- q: 0.783, t: 0.647, r: 0.258, o: 0.451
Group # 6 -- X: 0.518, 4: 0.839, 3: 0.321
Log likelihood = -156.014 Significance = 0.016

Add Group # 4 with factors CGHEBD

----- Level # 5 -----

Run # 20, 154 cells:
Convergence at Iteration 8
Input 0.516
Group # 1 -- h: 0.573, ^: 0.505, m: 0.442, d: 0.416
Group # 2 -- u: 0.720, g: 0.608, e: 0.463, #: 0.331
Group # 4 -- C: 0.390, G: 0.444, H: 0.242, E: 0.558, B: 0.717, D: 0.608
Group # 5 -- q: 0.787, t: 0.666, r: 0.247, o: 0.444
Group # 6 -- X: 0.515, 4: 0.836, 3: 0.326
Log likelihood = -155.127 Significance = 0.626

Run # 21, 114 cells:
Convergence at Iteration 13
Input 0.503
Group # 2 -- u: 0.739, g: 0.630, e: 0.478, #: 0.300
Group # 3 -- e: 0.470, a: 0.571
Group # 4 -- C: 0.391, G: 0.440, H: 0.243, E: 0.564, B: 0.709, D: 0.612

Group # 5 -- q: 0.793, t: 0.639, r: 0.267, o: 0.442
Group # 6 -- X: 0.518, 4: 0.837, 3: 0.322
Log likelihood = -155.573 Significance = 0.362

No remaining groups significant

Groups selected while stepping up: 6 2 5 4
Best stepping up run: #19

Stepping down...P

----- Level # 6 -----

Run # 22, 171 cells:
Convergence at Iteration 15
Input 0.514
Group # 1 -- h: 0.577, ^: 0.496, m: 0.453, d: 0.425
Group # 2 -- u: 0.738, g: 0.635, e: 0.484, #: 0.295
Group # 3 -- e: 0.473, a: 0.565
Group # 4 -- C: 0.391, G: 0.436, H: 0.241, E: 0.565, B: 0.711, D: 0.613
Group # 5 -- q: 0.796, t: 0.657, r: 0.256, o: 0.435
Group # 6 -- X: 0.514, 4: 0.835, 3: 0.327
Log likelihood = -154.787

----- Level # 5 -----

Run # 23, 114 cells:
Convergence at Iteration 13
Input 0.503
Group # 2 -- u: 0.739, g: 0.630, e: 0.478, #: 0.300
Group # 3 -- e: 0.470, a: 0.571
Group # 4 -- C: 0.391, G: 0.440, H: 0.243, E: 0.564, B: 0.709, D: 0.612
Group # 5 -- q: 0.793, t: 0.639, r: 0.267, o: 0.442
Group # 6 -- X: 0.518, 4: 0.837, 3: 0.322
Log likelihood = -155.573 Significance = 0.668

Run # 24, 138 cells:
Convergence at Iteration 7
Input 0.535
Group # 1 -- h: 0.534, ^: 0.539, m: 0.420, d: 0.328
Group # 3 -- e: 0.550, a: 0.381
Group # 4 -- C: 0.395, G: 0.448, H: 0.219, E: 0.541, B: 0.744, D: 0.603
Group # 5 -- q: 0.780, t: 0.707, r: 0.210, o: 0.456
Group # 6 -- X: 0.494, 4: 0.833, 3: 0.354
Log likelihood = -161.060 Significance = 0.008

Run # 25, 154 cells:
Convergence at Iteration 8
Input 0.516

Group # 1 -- h: 0.573, ^: 0.505, m: 0.442, d: 0.416
 Group # 2 -- u: 0.720, g: 0.608, e: 0.463, #: 0.331
 Group # 4 -- C: 0.390, G: 0.444, H: 0.242, E: 0.558, B: 0.717, D: 0.608
 Group # 5 -- q: 0.787, t: 0.666, r: 0.247, o: 0.444
 Group # 6 -- X: 0.515, 4: 0.836, 3: 0.326
 Log likelihood = -155.127 Significance = 0.427

Run # 26, 82 cells:
 Convergence at Iteration 14
 Input 0.496
 Group # 1 -- h: 0.585, ^: 0.482, m: 0.469, d: 0.466
 Group # 2 -- u: 0.728, g: 0.661, e: 0.433, #: 0.285
 Group # 3 -- e: 0.475, a: 0.561
 Group # 5 -- q: 0.750, t: 0.661, r: 0.292, o: 0.426
 Group # 6 -- X: 0.518, 4: 0.829, 3: 0.326
 Log likelihood = -161.910 Significance = 0.015

Run # 27, 138 cells:
 Convergence at Iteration 13
 Input 0.676
 Group # 1 -- h: 0.564, ^: 0.506, m: 0.444, d: 0.432
 Group # 2 -- u: 0.728, g: 0.628, e: 0.524, #: 0.296
 Group # 3 -- e: 0.473, a: 0.565
 Group # 4 -- C: 0.396, G: 0.457, H: 0.260, E: 0.539, B: 0.718, D: 0.596
 Group # 6 -- X: 0.523, 4: 0.844, 3: 0.310
 Log likelihood = -161.131 Significance = 0.008

Run # 28, 119 cells:
 Convergence at Iteration 14
 Input 0.481
 Group # 1 -- h: 0.613, ^: 0.478, m: 0.448, d: 0.498
 Group # 2 -- u: 0.661, g: 0.649, e: 0.451, #: 0.312
 Group # 3 -- e: 0.468, a: 0.577
 Group # 4 -- C: 0.403, G: 0.422, H: 0.247, E: 0.568, B: 0.702, D: 0.618
 Group # 5 -- q: 0.816, t: 0.707, r: 0.198, o: 0.444
 Log likelihood = -165.301 Significance = 0.000

Cut Group # 1 with factors h^{md}

----- Level # 4 -----

Run # 29, 72 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.522
 Group # 3 -- e: 0.543, a: 0.397
 Group # 4 -- C: 0.398, G: 0.443, H: 0.222, E: 0.546, B: 0.741, D: 0.594
 Group # 5 -- q: 0.781, t: 0.679, r: 0.227, o: 0.460
 Group # 6 -- X: 0.493, 4: 0.833, 3: 0.355
 Log likelihood = -162.646 Significance = 0.005

Run # 30, 98 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.504

Group # 2 -- u: 0.719, g: 0.605, e: 0.447, #: 0.337

Group # 4 -- C: 0.390, G: 0.448, H: 0.244, E: 0.557, B: 0.713, D: 0.606

Group # 5 -- q: 0.783, t: 0.647, r: 0.258, o: 0.451

Group # 6 -- X: 0.518, 4: 0.839, 3: 0.321

Log likelihood = -156.014 Significance = 0.362

Run # 31, 48 cells:

Convergence at Iteration 12

Input 0.490

Group # 2 -- u: 0.730, g: 0.648, e: 0.446, #: 0.293

Group # 3 -- e: 0.474, a: 0.562

Group # 5 -- q: 0.748, t: 0.646, r: 0.299, o: 0.433

Group # 6 -- X: 0.522, 4: 0.832, 3: 0.320

Log likelihood = -162.709 Significance = 0.015

Run # 32, 75 cells:

Convergence at Iteration 12

Input 0.676

Group # 2 -- u: 0.726, g: 0.628, e: 0.511, #: 0.299

Group # 3 -- e: 0.469, a: 0.574

Group # 4 -- C: 0.396, G: 0.460, H: 0.261, E: 0.539, B: 0.714, D: 0.596

Group # 6 -- X: 0.525, 4: 0.848, 3: 0.307

Log likelihood = -161.911 Significance = 0.008

Run # 33, 71 cells:

Convergence at Iteration 12

Input 0.470

Group # 2 -- u: 0.665, g: 0.627, e: 0.473, #: 0.327

Group # 3 -- e: 0.467, a: 0.578

Group # 4 -- C: 0.404, G: 0.424, H: 0.244, E: 0.563, B: 0.703, D: 0.626

Group # 5 -- q: 0.818, t: 0.688, r: 0.203, o: 0.453

Log likelihood = -166.826 Significance = 0.000

Cut Group # 3 with factors ea

----- Level # 3 -----

Run # 34, 47 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.522

Group # 4 -- C: 0.403, G: 0.437, H: 0.203, E: 0.546, B: 0.741, D: 0.618

Group # 5 -- q: 0.791, t: 0.690, r: 0.232, o: 0.438

Group # 6 -- X: 0.484, 4: 0.827, 3: 0.372

Log likelihood = -164.611 Significance = 0.001

Run # 35, 37 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.489

Group # 2 -- u: 0.711, g: 0.627, e: 0.420, #: 0.325

Group # 5 -- q: 0.742, t: 0.654, r: 0.290, o: 0.439

Group # 6 -- X: 0.522, 4: 0.832, 3: 0.320

Log likelihood = -163.077 Significance = 0.016

Run # 36, 56 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.676

Group # 2 -- u: 0.706, g: 0.602, e: 0.480, #: 0.337

Group # 4 -- C: 0.395, G: 0.468, H: 0.262, E: 0.533, B: 0.718, D: 0.590

Group # 6 -- X: 0.525, 4: 0.849, 3: 0.305

Log likelihood = -162.414 Significance = 0.007

Run # 37, 58 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.472

Group # 2 -- u: 0.638, g: 0.600, e: 0.439, #: 0.370

Group # 4 -- C: 0.404, G: 0.433, H: 0.245, E: 0.555, B: 0.708, D: 0.619

Group # 5 -- q: 0.809, t: 0.696, r: 0.196, o: 0.463

Log likelihood = -167.416 Significance = 0.000

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: 1 3

Best stepping up run: #19

Best stepping down run: #30

SEM AMALGAMAÇÃO DA VARIÁVEL PREPOSIÇÃO

ORDEM DE RELEVÂNCIA DAS VARIÁVEIS: verbos, veículos, preposição por/após e localização do fenômeno

Groups selected while stepping up: **6 2 5 4** (verbos – 6; veículos – 2; preposição – 5; localização do fenômeno – 4).

Best stepping up run: #19

Run # 19, 98 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.504

Group # 2 -- UOL: 0.719, *gl*: 0.605, *Metrópoles*: 0.447, outros: 0.337

Group # 4 -- título: 0.390, corpo da notícia: 0.448, fechamento: 0.244, lead: 0.557, *fotolegenda*: 0.713, subtítulo: 0.606

Group # 5 -- após tempo: 0.783, após atenuante: 0.647, após causa: 0.258, por: 0.451

Group # 6 -- *assassinar*/morrer: 0.518, *assassinar*: 0.839, outros: 0.321

Log likelihood = -156.014 Significance = 0.016

COM AMALGAMAÇÃO DA VARIÁVEL PREPOSIÇÃO

ORDEM DE RELEVÂNCIA DAS VARIÁVEIS: verbos, veículos, preposição por/após e localização do fenômeno

Groups selected while stepping up: **6 2 5 4** (verbos – 6; veículos – 2; preposição – 5; localização do fenômeno – 4).

Best stepping up run: #19

Run # 19, 95 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.505

Group # 2 -- UOL: 0.734, *gl*: 0.602, *Metrópoles*: 0.473, outros: 0.329

Group # 4 -- título: 0.391, corpo da notícia: 0.451, fechamento: 0.248, lead: 0.561, *fotolegenda*: 0.706, subtítulo: 0.596

Group # 5 – após tempo: 0.783, após atenuante/causa: 0.436, por: 0.452

Group # 6 – *assassinar*/morrer: 0.527, *assassinar*: 0.843, outros: 0.307

Log likelihood = -157.610 Significance = 0.018

APÊNDICE G – RODADA 3 (PASSIVA COM AGENTE X ATIVA)

TABELA 1 - SEXO DO REPÓRTER

Group c a Total %

p: passiva sem agente

c: passiva com agente

a: ativa

l (2)	c	a		
h N	8	21	29	16.4 (homem/homens)
%	27.6	72.4		
^ N	38	49	87	49.2 (sem autoria)
%	43.7	56.3		
m N	20	32	52	29.4 (mulher/mulheres)
%	38.5	61.5		
d N	5	4	9	5.1 (homem e mulher/homens e mulheres)
%	55.6	44.4		
Total N	71	106	177	
%	40.1	59.9		

TABELA 2 – VEÍCULOS

2 (3)	c	a		
u N	3	9	12	6.8 (UOL)
%	25.0	75.0		
g N	24	30	54	30.5 (gl)
%	44.4	55.6		
e N	11	11	22	12.4 (Metrópoles)
%	50.0	50.0		
# N	33	56	89	50.3 (Outros veículos)
%	37.1	62.9		
Total N	71	106	177	
%	40.1	59.9		

TABELA 3 - ANO DE PUBLICAÇÃO

3 (4)	c	a		
e N	51	68	119	67.2 (Depois da lei)

	%	42.9	57.1	
a	N	20	38	58 32.8 (Antes da lei)
	%	34.5	65.5	
Total	N	71	106	177
	%	40.1	59.9	

TABELA 4 - LOCALIZAÇÃO DO FENÔMENO NA ESTRUTURA DA NOTÍCIA

4 (5)		c	a		
H	N	6	13	19	10.7 (fechamento da notícia)
	%	31.6	68.4		
E	N	19	26	45	25.4 (lead)
	%	42.2	57.8		
G	N	7	23	30	16.9 (corpo da notícia)
	%	23.3	76.7		
C	N	21	31	52	29.4 (título)
	%	40.4	59.6		
B	N	13	7	20	11.3 (fotolegenda)
	%	65.0	35.0		
D	N	5	6	11	6.2 (subtítulo)
	%	45.5	54.5		
Total	N	71	106	177	
	%	40.1	59.9		

TABELA 5 - PRESENÇA DE PREPOSIÇÃO

5 (6)	c	a			
t	N	2	15	17	54.8 (após/atenuante + causa)
	%	11.8	88.2		
o	N	1	10	11	35.5 (por)
	%	9.1	90.9		
q	N	1	2	3	9.7 (após/tempo)
	%	33.3	66.7		
Total	N	4	27	31	
	%	12.9	87.1		

TABELA 6 - VERBOS

6 (7)	c	a
-------	---	---

3	N	13	51	64	36.2 (outros verbos)
	%	20.3	79.7		
X	N	45	51	96	54.2 (<i>assassinar</i> -morrer)
	%	46.9	53.1		
4	N	13	4	17	9.6 (<i>assassinar</i>)
	%	76.5	23.5		
Total	N	71	106	177	
	%	40.1	59.9		

TOTAL	N	71	106	177
	%	40.1	59.9	

Name of new cell file: Rodada binária - passiva COM agente x ativa.cel

Name of new cell file: .cel

• BINOMIAL VARBRUL • 27/06/2025 08:16:22 •

Name of cell file: .cel

Averaging by weighting factors.

Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:

Convergence at Iteration 2

Input 0.401

Log likelihood = -119.204

----- Level # 1 -----

Run # 2, 4 cells:

Convergence at Iteration 4

Input 0.399

Group # 1 -- h: 0.365, ^: 0.539, m: 0.485, d: 0.653

Log likelihood = -117.517 Significance = 0.345

Run # 3, 4 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.399

Group # 2 -- u: 0.334, g: 0.546, e: 0.601, #: 0.470

Log likelihood = -117.777 Significance = 0.425

Run # 4, 2 cells:
Convergence at Iteration 4
Input 0.400
Group # 3 -- e: 0.529, a: 0.441
Log likelihood = -118.629 Significance = 0.287

Run # 5, 6 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.396
Group # 4 -- H: 0.413, E: 0.527, G: 0.317, C: 0.508, B: 0.738, D: 0.559
Log likelihood = -114.397 Significance = 0.090

Run # 6, 4 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.121
Group # 5 -- t: 0.494, o: 0.422, q: 0.785
Log likelihood = -113.125 Significance = 0.004

Run # 7, 3 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.390
Group # 6 -- 3: 0.286, X: 0.580, 4: 0.836
Log likelihood = -107.931 Significance = 0.000

Add Group # 6 with factors 3X4

----- Level # 2 -----

Run # 8, 12 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.386
Group # 1 -- h: 0.320, ^: 0.555, m: 0.476, d: 0.698
Group # 6 -- 3: 0.271, X: 0.589, 4: 0.844
Log likelihood = -105.213 Significance = 0.151

Run # 9, 11 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.388
Group # 2 -- u: 0.416, g: 0.567, e: 0.560, #: 0.456
Group # 6 -- 3: 0.284, X: 0.583, 4: 0.831
Log likelihood = -106.958 Significance = 0.589

Run # 10, 6 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.389
Group # 3 -- e: 0.537, a: 0.424
Group # 6 -- 3: 0.284, X: 0.579, 4: 0.843
Log likelihood = -107.090 Significance = 0.196

Run # 11, 17 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.386
Group # 4 -- H: 0.437, E: 0.535, G: 0.367, C: 0.474, B: 0.743, D: 0.475
Group # 6 -- 3: 0.300, X: 0.565, 4: 0.849
Log likelihood = -104.384 Significance = 0.216

Run # 12, 10 cells:
Convergence at Iteration 7
Input 0.124
Group # 5 -- t: 0.556, o: 0.329, q: 0.791
Group # 6 -- 3: 0.298, X: 0.563, 4: 0.857
Log likelihood = -102.307 Significance = 0.006

Add Group # 5 with factors toq

----- Level # 3 -----

Run # 13, 27 cells:
Convergence at Iteration 7
Input 0.124
Group # 1 -- h: 0.315, ^: 0.541, m: 0.513, d: 0.649
Group # 5 -- t: 0.566, o: 0.322, q: 0.775
Group # 6 -- 3: 0.285, X: 0.571, 4: 0.865
Log likelihood = -100.172 Significance = 0.238

Run # 14, 27 cells:
Convergence at Iteration 7
Input 0.117
Group # 2 -- u: 0.483, g: 0.583, e: 0.549, #: 0.440
Group # 5 -- t: 0.565, o: 0.309, q: 0.814
Group # 6 -- 3: 0.296, X: 0.565, 4: 0.857
Log likelihood = -101.113 Significance = 0.497

Run # 15, 17 cells:
Convergence at Iteration 7
Input 0.115
Group # 3 -- e: 0.547, a: 0.404
Group # 5 -- t: 0.571, o: 0.315, q: 0.775
Group # 6 -- 3: 0.298, X: 0.560, 4: 0.866
Log likelihood = -101.060 Significance = 0.120

Run # 16, 35 cells:
Convergence at Iteration 8
Input 0.106
Group # 4 -- H: 0.417, E: 0.578, G: 0.340, C: 0.457, B: 0.759, D: 0.456
Group # 5 -- t: 0.526, o: 0.330, q: 0.882
Group # 6 -- 3: 0.316, X: 0.545, 4: 0.868
Log likelihood = -97.935 Significance = 0.125

No remaining groups significant

Groups selected while stepping up: 6 5

Best stepping up run: #12

Stepping down...

----- Level # 6 -----

Run # 17, 112 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.102

Group # 1 -- h: 0.324, ^: 0.553, m: 0.498, d: 0.586

Group # 2 -- u: 0.548, g: 0.495, e: 0.599, #: 0.472

Group # 3 -- e: 0.521, a: 0.456

Group # 4 -- H: 0.460, E: 0.577, G: 0.320, C: 0.456, B: 0.749, D: 0.478

Group # 5 -- t: 0.547, o: 0.299, q: 0.887

Group # 6 -- 3: 0.300, X: 0.555, 4: 0.874

Log likelihood = -95.300

----- Level # 5 -----

Run # 18, 80 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.100

Group # 2 -- u: 0.493, g: 0.532, e: 0.594, #: 0.458

Group # 3 -- e: 0.519, a: 0.461

Group # 4 -- H: 0.462, E: 0.580, G: 0.317, C: 0.464, B: 0.748, D: 0.434

Group # 5 -- t: 0.545, o: 0.296, q: 0.896

Group # 6 -- 3: 0.314, X: 0.545, 4: 0.873

Log likelihood = -96.823 Significance = 0.395

Run # 19, 95 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.105

Group # 1 -- h: 0.334, ^: 0.545, m: 0.494, d: 0.644

Group # 3 -- e: 0.533, a: 0.432

Group # 4 -- H: 0.450, E: 0.571, G: 0.338, C: 0.454, B: 0.739, D: 0.500

Group # 5 -- t: 0.545, o: 0.313, q: 0.866

Group # 6 -- 3: 0.300, X: 0.553, 4: 0.878

Log likelihood = -95.579 Significance = 0.906

Run # 20, 102 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.100

Group # 1 -- h: 0.321, ^: 0.542, m: 0.517, d: 0.596

Group # 2 -- u: 0.573, g: 0.520, e: 0.610, #: 0.450

Group # 4 -- H: 0.464, E: 0.579, G: 0.317, C: 0.452, B: 0.752, D: 0.483

Group # 5 -- t: 0.546, o: 0.294, q: 0.898

Group # 6 -- 3: 0.300, X: 0.557, 4: 0.871
Log likelihood = -95.397 Significance = 0.669

Run # 21, 62 cells:
Convergence at Iteration 9
Input 0.118
Group # 1 -- h: 0.329, ^: 0.547, m: 0.499, d: 0.622
Group # 2 -- u: 0.510, g: 0.522, e: 0.513, #: 0.482
Group # 3 -- e: 0.536, a: 0.426
Group # 5 -- t: 0.575, o: 0.310, q: 0.773
Group # 6 -- 3: 0.284, X: 0.569, 4: 0.870
Log likelihood = -99.118 Significance = 0.182

Run # 22, 97 cells:
Convergence at Iteration 12
Input 0.380
Group # 1 -- h: 0.326, ^: 0.578, m: 0.447, d: 0.635
Group # 2 -- u: 0.441, g: 0.459, e: 0.592, #: 0.510
Group # 3 -- e: 0.538, a: 0.422
Group # 4 -- H: 0.462, E: 0.531, G: 0.357, C: 0.472, B: 0.736, D: 0.506
Group # 6 -- 3: 0.286, X: 0.575, 4: 0.851
Log likelihood = -101.138 Significance = 0.005

Run # 23, 84 cells:
Convergence at Iteration 11
Input 0.111
Group # 1 -- h: 0.360, ^: 0.557, m: 0.490, d: 0.471
Group # 2 -- u: 0.453, g: 0.483, e: 0.671, #: 0.473
Group # 3 -- e: 0.515, a: 0.470
Group # 4 -- H: 0.424, E: 0.566, G: 0.271, C: 0.500, B: 0.760, D: 0.515
Group # 5 -- t: 0.430, o: 0.473, q: 0.881
Log likelihood = -104.270 Significance = 0.000

Cut Group # 2 with factors uge#

----- Level # 4 -----

Run # 24, 51 cells:
Convergence at Iteration 8
Input 0.101
Group # 3 -- e: 0.538, a: 0.423
Group # 4 -- H: 0.438, E: 0.576, G: 0.334, C: 0.466, B: 0.743, D: 0.448
Group # 5 -- t: 0.542, o: 0.313, q: 0.873
Group # 6 -- 3: 0.315, X: 0.542, 4: 0.877
Log likelihood = -97.209 Significance = 0.362

Run # 25, 75 cells:
Convergence at Iteration 8
Input 0.107
Group # 1 -- h: 0.323, ^: 0.536, m: 0.513, d: 0.666

Group # 4 -- H: 0.435, E: 0.573, G: 0.344, C: 0.444, B: 0.754, D: 0.508
Group # 5 -- t: 0.535, o: 0.322, q: 0.873
Group # 6 -- 3: 0.300, X: 0.556, 4: 0.872
Log likelihood = -96.078 Significance = 0.324

Run # 26, 40 cells:
Convergence at Iteration 8
Input 0.120
Group # 1 -- h: 0.328, ^: 0.553, m: 0.489, d: 0.624
Group # 3 -- e: 0.545, a: 0.408
Group # 5 -- t: 0.574, o: 0.315, q: 0.762
Group # 6 -- 3: 0.284, X: 0.569, 4: 0.872
Log likelihood = -99.152 Significance = 0.212

Run # 27, 72 cells:
Convergence at Iteration 7
Input 0.381
Group # 1 -- h: 0.330, ^: 0.558, m: 0.463, d: 0.705
Group # 3 -- e: 0.531, a: 0.437
Group # 4 -- H: 0.464, E: 0.526, G: 0.367, C: 0.468, B: 0.726, D: 0.536
Group # 6 -- 3: 0.281, X: 0.576, 4: 0.858
Log likelihood = -101.440 Significance = 0.005

Run # 28, 60 cells:
Convergence at Iteration 7
Input 0.110
Group # 1 -- h: 0.374, ^: 0.536, m: 0.495, d: 0.592
Group # 3 -- e: 0.525, a: 0.448
Group # 4 -- H: 0.407, E: 0.557, G: 0.295, C: 0.495, B: 0.743, D: 0.563
Group # 5 -- t: 0.434, o: 0.478, q: 0.862
Log likelihood = -105.099 Significance = 0.000

Cut Group # 1 with factors h^{md}

----- Level # 3 -----

Run # 29, 35 cells:
Convergence at Iteration 8
Input 0.106
Group # 4 -- H: 0.417, E: 0.578, G: 0.340, C: 0.457, B: 0.759, D: 0.456
Group # 5 -- t: 0.526, o: 0.330, q: 0.882
Group # 6 -- 3: 0.316, X: 0.545, 4: 0.868
Log likelihood = -97.935 Significance = 0.233

Run # 30, 17 cells:
Convergence at Iteration 7
Input 0.115
Group # 3 -- e: 0.547, a: 0.404
Group # 5 -- t: 0.571, o: 0.315, q: 0.775
Group # 6 -- 3: 0.298, X: 0.560, 4: 0.866

Log likelihood = -101.060 Significance = 0.179

Run # 31, 30 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.386

Group # 3 -- e: 0.530, a: 0.439

Group # 4 -- H: 0.451, E: 0.533, G: 0.363, C: 0.480, B: 0.733, D: 0.467

Group # 6 -- 3: 0.298, X: 0.564, 4: 0.856

Log likelihood = -103.890 Significance = 0.002

Run # 32, 28 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.109

Group # 3 -- e: 0.528, a: 0.442

Group # 4 -- H: 0.399, E: 0.560, G: 0.296, C: 0.502, B: 0.745, D: 0.528

Group # 5 -- t: 0.436, o: 0.473, q: 0.864

Log likelihood = -106.129 Significance = 0.000

Cut Group # 3 with factors ea

----- Level # 2 -----

Run # 33, 10 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.124

Group # 5 -- t: 0.556, o: 0.329, q: 0.791

Group # 6 -- 3: 0.298, X: 0.563, 4: 0.857

Log likelihood = -102.307 Significance = 0.125

Run # 34, 17 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.386

Group # 4 -- H: 0.437, E: 0.535, G: 0.367, C: 0.474, B: 0.743, D: 0.475

Group # 6 -- 3: 0.300, X: 0.565, 4: 0.849

Log likelihood = -104.384 Significance = 0.003

Run # 35, 17 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.112

Group # 4 -- H: 0.385, E: 0.564, G: 0.297, C: 0.496, B: 0.757, D: 0.532

Group # 5 -- t: 0.431, o: 0.476, q: 0.874

Log likelihood = -106.590 Significance = 0.000

Cut Group # 4 with factors HEGCBD

----- Level # 1 -----

Run # 36, 3 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.390

Group # 6 -- 3: 0.286, X: 0.580, 4: 0.836
Log likelihood = -107.931 Significance = 0.006

Run # 37, 4 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.121
Group # 5 -- t: 0.494, o: 0.422, q: 0.785
Log likelihood = -113.125 Significance = 0.000

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: 2 1 3 4
Best stepping up run: #12
Best stepping down run: #33

ORDEM DE RELEVÂNCIA DAS VARIÁVEIS: verbos e preposição por/após

Groups selected while stepping up: 6 5
Best stepping up run: #12

Run # 12, 10 cells:
Convergence at Iteration 7
Input 0.124
Group # 5 – após/atenuante e causa: 0.556, por: 0.329, após/tempo: 0.791
Group # 6 *assassinar*-morrer: 0.563, outros verbos: 0.298, *assassinar*: 0.857
Log likelihood = -102.307 Significance = 0.006

APÊNDICE H – PÔSTERES



voz ativa
HOMEM MATA A
MULHER OU *voz passiva*
MULHER É MORTA
PELO MARIDO?
agente da passiva

Os dados revelam que a escolha linguística não é neutra: carrega efeitos discursivo-pragmáticos. Na manchete "mulher é morta após traição", por exemplo, há o apagamento do agente do crime pela ausência do agente da passiva, bem como a minimização da responsabilidade do agressor.

A vítima, nesse caso, é apresentada como culpada, o que contribui para a sociedade enxergar o feminicídio como algo justificável. Construções verbais na voz passiva são privilegiadas nos textos jornalísticos e aparecem em 70,8% dos dados analisados.

Entre o silenciamento do agressor e a culpabilização da vítima

homem mata mulher
Mulher morre após ser baleada por
polícia no meio da rua em Uberlândia
Homem era companheiro da vítima e a suspeita é de crime passionai.
 Polícia cercou o local e após duas horas homem foi rendido e preso.

O crime de feminicídio não fica claro na manchete. A mulher poderia ser uma vítima de bala perdida, por exemplo.

homem mata vizinha
Noélia tinha relacionamento
com vizinho que a matou

O fato de a vítima manter um relacionamento extraconjugal atenua o crime. Por que essa informação precisa ser privilegiada?

A **VOZ** que silencia
 o **agressor**



Projeto de lei pretende
proibir exposição de vítimas
de feminicídio na mídia

Extrapolar os muros da **universidade** é preciso!

As reflexões divulgadas nesta exposição foram compartilhadas em fevereiro, deste ano, com o deputado distrital Max Maciel (PSOL-DF). A ideia era ultrapassar os limites da universidade e oferecer dados quantitativos para possíveis políticas públicas voltadas ao enfrentamento da violência contra a mulher. O parlamentar e a sua equipe, após um trabalho comprometido de pesquisa e de viabilidade legislativa, protocolaram três projetos de lei voltados à sensibilização da mídia na cobertura de crimes de feminicídio.

PL 1819/2025

PL 1818/2025

Garante a proteção do nome, da imagem e da honra de mulheres vítimas de violência doméstica e de feminicídio no DF. Conheça o PL:

Dispõe sobre diretrizes para a promoção de uma mídia não sexista e o respeito aos direitos das mulheres no DF. Leia o PL:

Dos dados apresentados, apenas 5,71% das matérias jornalísticas analisadas fazem menção ao **Disque 180**, uma Central de Atendimento à Mulher que recebe denúncias 24h por dia. As notícias, portanto, não têm sido utilizadas como ferramenta de conscientização social e coletiva sobre a erradicação da violência contra as mulheres.

Como mudar esse cenário?

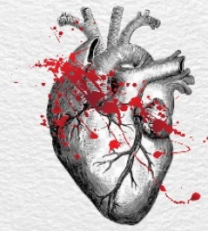
por meio de um Projeto de Lei que sensibilize a imprensa, logo, a sociedade.

PL 1817/2025

O Projeto de Lei (nº 1817/2025) garante a divulgação do Disque 180 em "matérias sobre violência doméstica e feminicídio e define penalidades para o descumprimento". Leia o PL:



A Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF) possui tantas e tantas representantes engajadas/as no combate à violência contra a mulher, este estudo reconhece a importância da CLDF neste cenário e parabeniza a Procuradoria Especial da Mulher pela promoção da 2ª Semana de Combate ao Feminicídio.

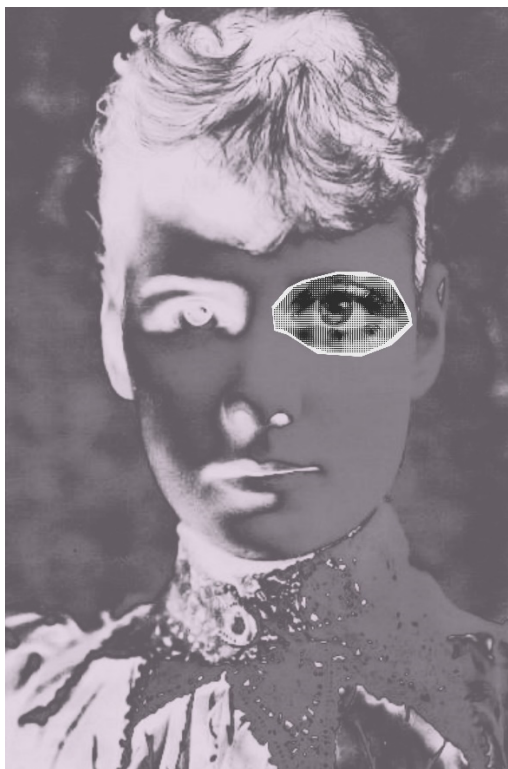


O que você pensa sobre este assunto?

Leia a nossa pesquisa na íntegra e participe do debate sobre as vozes verbais em notícias de feminicídio.



Se você teve acesso a este trabalho e sofreu ou presenciou algum tipo de violência contra as mulheres, existe uma central de atendimento que recebe denúncias 24h por dia: o Disque 180. Caso prefera fazer contato via WhatsApp, há também essa possibilidade por meio do número (61) 9600-0380. A Central de Atendimento à Mulher funciona de forma gratuita e sigilosa, 24 horas por dia, incluindo finais de semana e feriados. O serviço oferece orientação, acolhimento e encaminhamento em todo o território nacional.



Sobre a pesquisadora



Anna Maduro é mestranda em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB), especialista em Revisão de Textos, graduada em Jornalismo e licenciada em Letras-Português. Integra atualmente o Projeto Variação Linguística no Centro-Oeste (VALCO) e o Grupo de Estudos Avançados em Sociolinguística (GEAS), ambos na Universidade de Brasília (UnB).

Atualmente é professora do curso de Letras no Centro Universitário UDF e consultora educacional no Instituto Kaplun. Obteve uma indicação ao Prêmio Destaque de Iniciação Científica no 27º Congresso de Iniciação Científica da Universidade de Brasília e no 18º Congresso de Iniciação Científica do Distrito Federal com o trabalho de cunho varacionista: O feminicídio na mídia - uma análise das vozes verbais em notícias jornalísticas (2021).



A cada **2 horas e 24 minutos**, uma mulher é **assassinada** no Brasil.

*Os dados acima são referentes ao ano de 2023, embora tenham sido publicados em 2025. Fontes: Atlas da Violência (2025) e 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2024).

A casa é o lugar menos seguro para a mulher.

64,3% dos assassinatos acontecem dentro do próprio **lar**.

*Os dados acima são referentes ao ano de 2023, embora tenham sido publicados em 2025. Fontes: Atlas da Violência (2025) e 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2024).

De 2013 a 2023, **47.463** mulheres foram **assassinadas** no Brasil.

Em dez estados, a **taxa de feminicídio** cresceu, incluindo o **Distrito Federal**.

Em um ano, quase 4 mil
mulheres foram
vítimas de
feminicídio. 68,2%
das vítimas eram
pretas ou pardas.

*Os dados acima são referentes ao ano de 2023, embora tenham sido publicados em 2025. Fontes: Atlas da Violência (2025) e 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2024).

Para cada homicídio
de uma mulher não
negra, ocorreram,
proporcionalmente,
70% mais homicídios
de mulheres negras.

*Os dados acima são referentes ao ano de 2023, embora tenham sido publicados em 2025. Fontes: Atlas da Violência (2025) e 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2024).

Em um ano, 276 mil
registros de
violência contra
mulheres são
realizados. 37,4% são
de violência física.

*Os dados acima são referentes ao ano de 2023, embora tenham sido publicados em 2025. Fontes: Atlas da Violência (2025) e 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2024).

ANEXO A – CLIPPING

Matéria Correio Braziliense 27/7: <https://blogs.correiobraziliense.com.br/cbpoder/cldf-sera-palco-da-semana-de-combate-ao-feminicidio/>

Matéria Agência CLDF 7/8: <https://www.cl.df.gov.br/web/guest/-/procuradoria-da-mulher-da-cldf-promove-semana-de-combate-ao-feminicidio>

Matéria Jornal de Brasília 11/8: <https://jornaldebrasil.com.br/brasil/cldf-abre-semana-de-combate-ao-feminicidio-com-exposicao-e-memorial-as-vitimas/>

Matéria Agência CLDF 11/8: <https://www.cl.df.gov.br/-/semana-de-combate-ao-feminicidio-inicia-com-mostra-e-homenagem-a-vitimas>

Matéria Jornal de Brasília 12/8: <https://jornaldebrasil.com.br/blogs-e-colunas/do-alto-da-torre/pontes-bem-construidas/>

Matéria Agência CLDF 13/8: <https://www.cl.df.gov.br/web/guest/-/falando-delas-com-eles-roda-de-conversa-busca-conscientizar-jovens-sobre-violencia-contr-a-mulher-no-df>

Matéria Agência CLDF 15/8: <https://www.cl.df.gov.br/web/guest/-/manifestacao-no-eixo-monumental-encerra-semana-de-combate-ao-feminicidio>

GIRO DISTRITAL | Episódio 172 (15/8) - TV Câmara Distrital (00:06:59 a 00:12:10)
<https://www.youtube.com/watch?v=bPb32yY7mkA&t=731s>

Reportagem Agência CLDF (15/8) | CLDF é palco de debates sobre proteção a mulher e enfrentamento ao machismo (00:00:53 a 00:01:20)
<https://www.youtube.com/watch?v=NCcVLk38qRc>

CBN Brasília - Quadro *Boas Ideias* | Pesquisa analisa o papel da mídia na divulgação de feminicídios
https://open.spotify.com/episode/4DyDcOjNdIP3mdDE0fLiI3?si=qcB1lX8fQJ6l7SP-9_ridw

ANEXO B – OFÍCIO-CONVITE



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL
PROCURADORIA ESPECIAL DA MULHER



OFÍCIO Nº 169/2025-PEM

Brasília, 11 de julho de 2025.

À Vossa Senhoria
Senhora Anna Cléa Maduro

Assunto: Solicitação de apoio à 2ª Semana de Combate ao Feminicídio - CLDF.

Senhora Anna Cléa Maduro,

Cumprimentando-a cordialmente, a Procuradoria Especial da Mulher da Câmara Legislativa do Distrito Federal (PEM/CLDF) manifesta reconhecimento pela relevância acadêmica e social de sua obra "*Feminicídio na mídia: um estudo variacionista das vozes verbais em notícias jornalísticas*", cuja abordagem crítica e sensível representa uma importante contribuição para o enfrentamento da violência de gênero no Brasil.

Neste sentido, solicita-se o apoio de Vossa Senhoria para a exposição da referida obra durante a **2ª Semana de Combate ao Feminicídio**, que será realizada entre os dias 11 e 15 de agosto de 2025, nas dependências desta Casa Legislativa, com abertura prevista para o dia 11 de agosto, às 16h30, no Foyer Térreo Superior.

Adicionalmente, convida-se Vossa Senhoria a compor as rodas de conversa com estudantes do ensino médio da rede pública, que ocorrerão diariamente, no período matutino, entre os dias 12 e 15 de agosto. As atividades integram a programação educativa da Semana e têm por objetivo promover o respeito entre os gêneros, fomentar uma cultura de paz e ampliar a consciência coletiva acerca dos impactos da violência contra a mulher, especialmente entre os jovens.

Para fins de organização, solicita-se a gentileza de confirmação **até o dia 18 de julho de 2025**, pelo telefone (61) 3348-8296 ou pelo e-mail procuradoriadamulher@cl.df.gov.br.

Renovam-se os cumprimentos de elevada consideração.

Atenciosamente,

PAULA BELMONTE

Procuradora Especial da Mulher
Câmara Legislativa do Distrito Federal



Documento assinado eletronicamente por **PAULA MORENO PARO BELMONTE** - Matr. **00169**, Procuradora Especial da Mulher, em 11/07/2025, às 18:35, conforme Art. 30, do Ato da Mesa Diretora nº 51, de 2025, publicado no Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal nº 62, de 27 de março de 2025.

ANEXO C – PROJETO DE LEI 1817/2025



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL
Gabinete do Deputado Max Maciel - Gab 02



PROJETO DE LEI Nº, DE 2025

(Autoria: Deputado Max Maciel)

Garante a divulgação do Disque 180 em matérias sobre violência doméstica e feminicídio, e define penalidades para o descumprimento.

A CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL decreta:

Art. 1º Os veículos de comunicação, públicos e privados, que veicularem matérias, reportagens, entrevistas ou qualquer outro tipo de conteúdo sejam eles impressos, virtuais ou televisivos, relacionado à violência doméstica ou feminicídio, deverão divulgar, de forma clara e destacada, o número do Disque 180 (Central de Atendimento à Mulher), serviço de denúncia e orientação, como forma de promover a conscientização e o apoio às vítimas.

Parágrafo único. O número do Disque 180 deverá ser divulgado de forma destacada, clara e visível, no mesmo espaço e contexto da matéria ou reportagem.

Art. 2º O descumprimento desta Lei sujeita o infrator às seguintes penalidades:

I – Advertência, em caso de infração pela primeira vez;

II – Multa de até R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais), em caso de reincidência ou infração grave, a ser aplicada conforme os critérios de gravidade da infração e o porte do veículo de comunicação.

Parágrafo único. O valor das multas arrecadadas será destinado exclusivamente ao Fundo de Assistência Social do Distrito Federal (FAS), para a execução de programas de apoio e proteção às mulheres vítimas de violência doméstica e feminicídio, incluindo, mas não se limitando, a casas de acolhimento, serviços de apoio psicológico e campanhas educativas. .

Art. 3º O Governo do Distrito Federal (GDF) poderá exigir, nos contratos administrativos de prestação de serviços de comunicação, que as empresas contratadas cumpram a obrigação prevista no Art. 1º desta Lei, ou seja, a divulgação do Disque 180 em todas as matérias, reportagens ou conteúdos relacionados à violência doméstica e feminicídio.

Parágrafo único. O descumprimento da obrigação prevista no Art. 1º por parte das empresas contratadas impedirá a renovação ou celebração de novos contratos com o GDF, até que se regularize a situação, sem prejuízo da aplicação de outras penalidades previstas na legislação.

Art. 4º O Poder Executivo regulamentará esta Lei, estabelecendo critérios específicos para a aplicação das penalidades e a destinação dos valores arrecadados, conforme disposto no **Parágrafo único** do Art. 2º.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

O Projeto de Lei visa garantir que as matérias sobre violência doméstica e feminicídio divulgadas nos veículos de comunicação incluam a divulgação do número do Disque 180, promovendo a orientação e a conscientização de forma acessível e eficaz para todas as mulheres em situação de violência.

A penalização do descumprimento da lei busca garantir o cumprimento das disposições, com a advertência para a primeira infração e a aplicação de multa para reincidência, com valores que se ajustam à gravidade da infração e ao porte do veículo de comunicação infrator. O valor das multas será destinado ao Fundo de Assistência Social do Distrito Federal (FAS), que já possui a infraestrutura e a regulamentação necessária para aplicar tais recursos em programas de assistência e proteção às mulheres vítimas de violência doméstica e feminicídio, respeitando a legislação vigente e sem a necessidade de criação de novos fundos.

Além disso, a previsão de regulamentação pelo Poder Executivo assegura que os critérios para aplicação das penalidades e destinação dos recursos sejam definidos de forma técnica, transparente e adequada à realidade do Distrito Federal.

Este projeto de lei está em consonância com os princípios constitucionais da autonomia dos Poderes e do respeito à competência legislativa do Distrito Federal, e visa contribuir para o combate à violência doméstica e ao feminicídio, incentivando a denúncia e a proteção das mulheres que estão em situação de violência. Nesse sentido, peço o apoio dos colegas parlamentares para a aprovação deste importante projeto de lei.

Sala das Sessões, ...

DEPUTADO MAX MACIEL

Praça Municipal, Quadra 2, Lote 5, 2º Andar, Gab 2 - CEP: 70094902 - Brasília - DF - Tel.: 6133482022
www.cl.df.gov.br - dep.maxmaciel@cl.df.gov.br



Documento assinado eletronicamente por **MAX MACIEL CAVALCANTI - Matr. Nº 00168, Deputado(a) Distrital**, em 24/06/2025, às 19:54:10, conforme Ato do Vice-Presidente e da Terceira Secretária nº 02, de 2020, publicado no Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal nº 284, de 27 de novembro de 2020.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site
<https://ple.cl.df.gov.br/#/autenticidade>
Código Verificador: **304110**, Código CRC: **a14d980a**

ANEXO D – PROJETO DE LEI 1818/2025



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL
Gabinete do Deputado Max Maciel - Gab 02



PROJETO DE LEI Nº, DE 2025

Autoria: Deputado Max Maciel

Dispõe sobre diretrizes para a promoção de uma mídia não sexista e o respeito aos direitos das mulheres no Distrito Federal. .

A CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL decreta:

Art. 1º Esta Lei estabelece diretrizes para a atuação dos meios de comunicação, impressos e eletrônicos, no Distrito Federal, visando a promoção de uma mídia não sexista e o respeito aos direitos das mulheres.

Art. 2º Para os fins desta Lei, considera-se mídia não sexista aquela que:

I - Abstém-se de divulgar conteúdos que reforcem estereótipos de gênero, discriminem a mulher ou promovam a violência contra ela;

II - Prioriza a abordagem da violência de gênero com foco na responsabilização do agressor e na análise das causas estruturais, evitando a revitimização da vítima;

III - Utiliza linguagem inclusiva e não sexista, que promova a igualdade entre homens e mulheres;

IV - Incentiva a participação de mulheres em todas as etapas da produção de conteúdo e em cargos de decisão;

V - Divulga informações precisas e contextualizadas sobre violência de gênero, incluindo dados estatísticos, serviços de apoio e formas de denúncia.

Art. 3º O Poder Executivo, em parceria com entidades da sociedade civil e representantes da mídia, poderá:

I - Promover ações de educação e conscientização sobre a importância da mídia não sexista, dirigidas a jornalistas, estudantes de comunicação e à sociedade em geral;

II - Incentivar a criação ou a adesão a códigos de conduta ou ética que contemplem os princípios desta Lei;

III - Reconhecer e divulgar as iniciativas de veículos de comunicação que se destaquem pela promoção da mídia não sexista;

IV - Estabelecer parcerias com a mídia para a realização de campanhas informativas sobre os direitos das mulheres e o enfrentamento à violência de gênero;

V - Criar um fórum ou conselho consultivo com representantes da mídia, do governo, da sociedade civil e de especialistas em gênero para discutir e monitorar a implementação desta Lei.

Art. 4º O cumprimento das diretrizes estabelecidas nesta Lei não exclui a observância de outras normas legais e éticas aplicáveis à atividade jornalística.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

O Projeto de Lei visa, A presente proposição legislativa visa estabelecer diretrizes para a promoção de uma mídia não sexista e o respeito aos direitos das mulheres no Distrito Federal. A iniciativa se justifica pela necessidade de combater a persistente misoginia e a violência de gênero presentes em muitos conteúdos midiáticos, que reforçam estereótipos, revitimizam as mulheres e contribuem para a perpetuação da desigualdade.

A Constituição Federal de 1988 assegura a liberdade de expressão e de imprensa, mas essa liberdade não é absoluta e encontra limites nos direitos fundamentais de outras pessoas, incluindo o direito à igualdade e à dignidade. A Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) reconhece a violência psicológica como uma das formas de violência doméstica, e a exposição da mulher na mídia de forma vexatória ou discriminatória pode configurar essa violência,

Este PL busca, portanto, orientar a atuação dos meios de comunicação, sem impor censura ou restringir a liberdade de imprensa. As diretrizes propostas visam incentivar práticas jornalísticas responsáveis, que promovam a igualdade de gênero, combatam a violência contra a mulher e contribuam para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária,

A proposição se insere na competência concorrente do Distrito Federal para legislar sobre proteção dos direitos das mulheres e políticas de enfrentamento à violência de gênero, conforme os arts, 24, IX, da Constituição Federal, e arts 32, § 1º, e 30, I, da Lei Orgânica do Distrito Federal. Além disso, não invade a iniciativa privativa do Chefe do Poder Executivo, pois se limita a traçar diretrizes e objetivos programáticos,

A aprovação desta Lei representa um avanço na promoção dos direitos das mulheres e no combate à violência de gênero, contribuindo para a construção de uma mídia mais ética, responsável e comprometida com a igualdade, e, portanto, conto com a contribuição dos colegas parlamentares para a aprovação dele.

Sala das Sessões, ...

DEPUTADO MAX MACIEL

Praça Municipal, Quadra 2, Lote 5, 2º Andar, Gab 2 - CEP: 70094902 - Brasília - DF - Tel.: 6133482022
www.cl.df.gov.br - dep.maxmaciel@cl.df.gov.br



Documento assinado eletronicamente por **MAX MACIEL CAVALCANTI - Matr. Nº 00168, Deputado(a) Distrital**, em 24/06/2025, às 19:54:10, conforme Ato do Vice-Presidente e da Terceira Secretária nº 02, de 2020, publicado no Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal nº 284, de 27 de novembro de 2020.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site

<https://ple.cl.df.gov.br/#/autenticidade>

Código Verificador: **304105**, Código CRC: **0f311d2d**

ANEXO E – PROJETO DE LEI 1819/2025



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL
Gabinete do Deputado Max Maciel - Gab 02



PROJETO DE LEI Nº, DE 2025

(Autoria: Deputado Max Maciel)

Garante a proteção do nome, da imagem e da honra de mulheres vítimas de violência doméstica e de feminicídio, no âmbito do Distrito Federal.

A CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL decreta:

Art. 1º A divulgação ou exposição indevida do nome ou da imagem de mulheres vítimas de violência doméstica ou de feminicídio, por autores ou por seus familiares, em mídias, propagandas ou entrevistas, sejam virtuais ou impressas, constitui forma de violência psicológica, nos termos do art. 7º, inciso III, da Lei n.º 11.340, de 7 de agosto de 2006 – Lei Maria da Penha.

Art. 2º Os órgãos da administração pública direta e indireta do Poder Executivo do Distrito Federal, no âmbito de suas competências, deverão:

I – Adotar providências administrativas cabíveis, respeitados os direitos fundamentais e os princípios legais, para coibir e prevenir a exposição indevida do nome ou da imagem de mulheres vítimas de violência doméstica ou de feminicídio;

II – Promover campanhas educativas e ações de conscientização sobre os impactos da exposição pública indevida de vítimas de violência, especialmente nos casos de feminicídio;

III – Garantir atendimento prioritário às mulheres em situação de violência e aos familiares de vítimas de feminicídio nos serviços públicos de apoio psicológico, jurídico e social, quando houver exposição indevida que agrave o sofrimento ou a revitimização,

Art. 3º Os órgãos referidos no art. 2º poderão elaborar protocolos de atuação integrada com vistas à proteção da imagem, da honra e da dignidade das mulheres vítimas de violência.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

A presente proposição legislativa visa instituir medidas protetivas de urgência específicas para salvaguardar o nome, a imagem e a honra de mulheres vítimas de violência doméstica e de feminicídio no âmbito do Distrito Federal. A iniciativa se justifica pela crescente constatação de que autores de violência, em um padrão perverso de controle e subjugação, frequentemente utilizam a exposição da vítima como forma de violência psicológica, mesmo após a consumação do ato violento ou durante o período de medidas protetivas já existentes. Essa exposição indevida também ocorre em meios de comunicação, redes sociais e campanhas, que por vezes promovem nova forma de violência psicológica, revitimização e sofrimento a familiares.

A Lei n.º 11.340/2006 (Lei Maria da Penha) já define a violência psicológica em seu artigo 7º, inciso III, abrangendo condutas que causem dano emocional e diminuição da autoestima ou que visem degradar ou controlar as ações, comportamentos, crenças e decisões da mulher. Contudo, a experiência prática demonstra que a exposição indevida do nome e da imagem da vítima, seja por meio de mídias tradicionais ou plataformas digitais, configura uma grave forma de violência psicológica com consequências deletérias para a saúde mental e a segurança da mulher e de seus familiares. A exposição do nome e da imagem da vítima pelo agressor ou por seus familiares pode configurar essa violência, especialmente quando há intenção de humilhar, constranger, justificar a agressão ou atingir a memória da vítima em casos de feminicídio.

No contexto da violência doméstica, a divulgação não consentida de informações pessoais e da imagem da vítima pode ser utilizada como tática de intimidação, humilhação e desmoralização, visando isolá-la socialmente, minar sua credibilidade e perpetuar o ciclo de violência. Mesmo após a concessão de medidas protetivas de afastamento ou proibição de contato, o agressor pode continuar a exercer controle e causar sofrimento à vítima através da exposição midiática, muitas vezes utilizando familiares ou terceiros para disseminar informações sensíveis ou difamatórias. Nos casos de feminicídio, a exposição do nome e da imagem da vítima, promovida pelo autor ou seus familiares, agrava a dor e o sofrimento dos entes queridos, revitimiza a mulher assassinada e pode perpetuar narrativas que buscam justificar ou minimizar o crime. A memória da vítima e o luto de seus familiares merecem ser protegidos contra a exploração e a exposição indevida.

A presente proposição busca, portanto, preencher uma lacuna na legislação existente, explicitando que a exposição do nome ou da imagem da vítima configura violência psicológica e estabelecendo medidas protetivas de urgência específicas para coibir essa prática. A determinação da imediata retirada do nome e da imagem de mídias, propagandas ou entrevistas, sejam virtuais ou impressas, representa um instrumento eficaz para interromper a violência psicológica e garantir a dignidade e o respeito à vítima. A possibilidade de requerimento dessas medidas protetivas pela própria mulher em situação de violência ou por familiares de vítima de feminicídio assegura a proteção dos direitos em diferentes contextos. A tramitação e a concessão dessas medidas seguirão os ritos já estabelecidos na Lei Maria da Penha, garantindo a celeridade e a efetividade necessárias em casos de violência doméstica e feminicídio.

Do ponto de vista da competência legislativa, a presente norma insere-se no campo da proteção dos direitos das mulheres, das políticas públicas de enfrentamento à violência de gênero, e do atendimento público e campanhas educativas, temas de competência concorrente e suplementar do Distrito Federal, conforme os arts. 24, IX, da Constituição Federal, 32, §1º, e 30, I, da Lei Orgânica do Distrito Federal. Além disso, a proposição não invade a iniciativa privativa do Chefe do Poder Executivo, pois não cria cargos, nem estrutura administrativa, tampouco determina providências orçamentárias. Ao contrário, limita-se a traçar diretrizes e objetivos programáticos, de acordo com a jurisprudência consolidada do Supremo Tribunal Federal (ADI 1923/DF, ADI 3746/DF, ADI 5241), que admite leis de iniciativa parlamentar que orientem a atuação administrativa do Estado sem impor obrigações executivas específicas.

A viabilidade da medida está ancorada na estrutura já existente da rede distrital de enfrentamento à violência contra a mulher, composta por órgãos como a Secretaria da Mulher, a Secretaria de Justiça e Cidadania, os CRAS e os CREAS, e o sistema de saúde e assistência social.

A aprovação desta lei representa um avanço significativo na proteção integral das mulheres vítimas de violência, reconhecendo e combatendo uma forma insidiosa de violência psicológica que causa danos profundos e duradouros. Ao garantir a proteção do nome, da imagem e da honra, esta proposição contribui para a construção de uma sociedade mais justa e para a efetivação dos direitos fundamentais das mulheres. Por tudo isso, a presente proposição é legal, constitucional, viável e necessária. Representa um avanço na proteção integral das mulheres, especialmente no combate às formas contemporâneas de violência

simbólica e psicológica, reafirmando o compromisso do Distrito Federal com a dignidade humana, a memória das vítimas e os direitos fundamentais.

Sala das Sessões, ...

DEPUTADO MAX MACIEL

Praça Municipal, Quadra 2, Lote 5, 2º Andar, Gab 2 - CEP: 70094902 - Brasília - DF - Tel.: 6133482022
www.cl.df.gov.br - dep.maxmaciel@cl.df.gov.br



Documento assinado eletronicamente por **MAX MACIEL CAVALCANTI - Matr. Nº 00168, Deputado(a) Distrital**, em 24/06/2025, às 19:54:10, conforme Ato do Vice-Presidente e da Terceira Secretária nº 02, de 2020, publicado no Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal nº 284, de 27 de novembro de 2020.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site

<https://ple.cl.df.gov.br/#/autenticidade>

Código Verificador: 304100, Código CRC: 6342fd28

ANEXO F – CONVITE DA EXPOSIÇÃO



ABERTURA DA EXPOSIÇÃO FEMINICÍDIO NA MÍDIA

ANNA CLEA MADURO
FOYER TÉRREO SUPERIOR
11 DE AGOSTO - 16H30

PEM
PROCURADORIA
ESPECIAL DA MULHER



CÂMARA
LEGISLATIVA
DISTRITO FEDERAL

ANEXO G – CONVITE DA SEMANA DE COMBATE AO FEMINICÍDIO DA CLDF

Semana de Combate ao FEMINICÍDIO

FALANDO DELAS COM ELES

reflexão, diálogo e empatia

11 a 15 de agosto de 2025

11 DE AGOSTO
16h30 ABERTURA DA EXPOSIÇÃO FEMINICÍDIO NA MÍDIA - ANNA CLEA MADURO - FOYER TERREO SUPERIOR

12 DE AGOSTO
8H30 ÀS 11H FALANDO DELAS COM ELES - MESA DE DEBATE COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO NA SALA DE COMISSÕES

13 DE AGOSTO
8H30 ÀS 11H FALANDO DELAS COM ELES - MESA DE DEBATE COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO NA SALA DE COMISSÕES
19H SESSÃO SOLENE COM ENTREGA DE MOÇÕES DE LOUVOR NO AUDITÓRIO

14 DE AGOSTO
8H30 ÀS 11H FALANDO DELAS COM ELES - MESA DE DEBATE COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO NA SALA DE COMISSÕES

15 DE AGOSTO
8H30 ÀS 11H FALANDO DELAS COM ELES - MESA DE DEBATE COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO
11H ENCERRAMENTO COM ATO SIMBÓLICO DE COMBATE AO FEMINICÍDIO NA PRAÇA DO SERVIDOR

coord. de comunicação - claudia lima - atendimento: 0800 301 1000

www.cl.df.gov.br



PEM
PROCURADORIA
ESPECIAL DA MULHER



CÂMARA
LEGISLATIVA
DISTRITO FEDERAL